

Echo da Juventude

170-A
PRAT: 339

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA À LITTERATURA.



INTRODUÇÃO.

O homem, esta gota de orvalho pensante, como disse o profundo Pascal, recebendo das mãos do Creador, uma alma com tres propriedades inteiramente diferentes e superiores as de todos os outros animaes, está na restricta obrigação de pôr em movimento estes sublimes donativos da Divindade: E eis a razão pela qual o seo todo Harmonico lhe annuncia que se deve arrojarse, caminhar, com todo afan em prol do desenvolvimento moral, em prol da perfectibilidade. Elle é um ente pensante, e isto não necessita demonstração; é axiomático: logo o homem deve pensar, cultivar o espirito, cavar a luz, que é o mais gigante *fiat* da intelligenciã, pois a luz é a verdade, e na verdade se resume tudo; porque n'ella se achão incluídos os tres objectos que formão a missão da humanidade no mundo.

Desde todos os tempos, em todos os lugares, no meio do emaranhado turbilhão dos interesses materiaes, que em seo estrepitoso mirchar parece querer após si tudo varrer, sempre houve homens, que reconhecendo o mais sublime encargo do genero humano sobre a face do globo, jamais, consentirão na derrota da santa causa da intelligencia e da vontade, da causa da verdade.

E realmente, alguns filhos da Caldéa trabalhando na astronomia; do Egypto n'esta na geometria, e outras sciencias; Moysés na historia; Confucio inebriando a China com seo genio assombroso, cercado de seos tres mil discipulos; Platão, quando em vão se definhava Athenas para impor seo jugo, quando o templo de Delphos era profanado em suas terras, e que

Philippe arrancava triumphos das ruinas de Olynthia, insalando as nações e a liberdade da Grecia, Platão, recolhendo-se á sombra do ságrado bosque de Minerva, na pasmosa contemplação d'esses mares azulados, atravez dos quaes se erguião as soberbas torres de Delos, pensando, e trabalhando na fusão da unidade do mundo; Pytágoras, ora no silencio dos vales da grande Grecia, e ora iniciando-se nas sciencias Egypcias, offerecendo hecatombes pela hypothenusa; Socrates sorvendo a cicuta dos mãos da patria, são pregões tão eloquentes que não nos deixão cahir em falta.

Nós, pois convictos destas verdades fundamentais, conscios destas antigas praticas, ousamos hoje appresentar ao publico maranhense o—*Echo da Juventude*— que tem por fim, na defesa da verdade, percorrer orbita puramente litteraria. E parece-nos não ser isto fóra de proposito; porque no meio dessa quasi geral apathia que quotidianamente vai enervando a influencia, e bom gosto pelas lettras, entendemos que a geração nascente não devia, de braços crusados, extasiar-se na contemplação de locomotivas industriaes, e sim preparar-se para um dia levantar a voz, como estão fazendo os que meditão no silencio dos gabinetes. Recontecendo porém a exiguidade de nossos conhecimentos, somos os primeiros a confessar, que a defesa da ingente e difficil causa que nos propomos á advogar não é ainda para as nossas pennas, mas convictos do muito profundo e certo pensamento de Lacordaire, que o homem é um ente ensinado, procuramos, como disse Confucio, polir a razão, este espelho que recebemos do céu, e habilitar-nos.

Somos novos soldados, que ardendo

VOLUME I.

SAN LUIZ, 11 DE DEZEMBRO DE 1864.

NUMERO 1.

pelos combates a favor da grande causa universal, nos apresentamos na arena da luta á exercitar-nos e pelejar ao mesmo tempo. Nossos golpes são debeis porem não-de vibrar a favor do util. E caia embora nossa espada mas appareça em defesa do justo. Somos fracos, e por isto implorando auxilio á todos que repartem o pão da sciencia, e aos amantes do progresso em geral; qual ostentos filhinhos da aguia que se abrigão á suas azas para aprender a voar, e retalhar do vacuo immenso a massa espessa, procuramos armar-nos aos fortes, para que nos ensinem a pelejar na boa pelega do bello, e a voar pelo azulado céu da litteratura.

A causa pela qual do alto da imprensa fracamente pugnamos é commum, e pois esperamos communs esforços, communs auxilios, e a victoria será certa. Apenas a iniciativa foi que partio dos principiantes; pôrem nada nos pertence exclusivamente. Coragem pois, e vamos avante, avante que:

«Na grande imprensa até a queda é nobre.»

F.

GONÇALVES DIAS E O MONUMENTO.

Ainda fervidos aljofares derramão os rubros cilios dos Maranhenses, ainda em seu peito roe devoradora saudade. Jamais a mão consumidora do tempo apagará de sua memoria uma pungente reminiscencia, jamais de seu coração se arredará o enorme peso da dôr. Perdurará agro tormento, duradoura afflicção será a sua, pois magua tam dorida acompanhará sempre o palpitar do seu coração, que a immensa perda reclama eterno sofrer.

Solte tambem o—*Echo da Juventude*— threnos de saudade pela prematura morte do Dr. Antonio Gonçalves Dias. Foi como a luzente estrella engastada no firmamento, que, depois de brilhante scintillar em noute sombria, é surprehendida pelos ar-

dentos raios do sôl, que neutralisão seu resplendor: como o regato, que serpeando por verdes campinas encontrara leve declive, e em doce murmurio deslisa-se brandamente, e vae confundir suas doces aguas com as amargas do oceano.

Sua existencia foi o nascer e gyra de um astro vivificador e benefico, que, com o salutar conforto do exemplo, restaurou a poesia nacional, prestes a naufragar nas perigosas syrtes da mythologia. Gonçalves Dias imprimio o genio e tendencias da patria nas immorredouras paginas de seus cantos, e assim honrou seu berço, illustrou sua patria, e immortalisou seu nôme, e para mais ennobrecêl-o, o destino eternisou seu tumulo. E' que os grandes genios pedem vasto espaço para suas excursões: os antigos gladiadores combatião em extensas arenas: pequena era a arêa de uns palmos de immunda argilla para encerrar as venerandas reliquias do primeiro genio do Brazil, e as argenteas ondas invejosas nos roubarão tam preciosos depositos.

E hoje nem um sumptuoso cenotaphio, ou uma campã singela, ou um monticulo de barro, com sua modesta cruz, demonstra o jasigó do christão. A alma piedosa, que visitar o lugubre cemiterio, lançando a vista pelos sepulchros, nessa região de mortos não encontrará o menor vislumbre, a mais singela inscripção, e não fará uma prece pdo repouso eterno do poeta!

O estrangeiro, que percorrer a formosa cidade de S. Luiz, tendo ouvido outrora fallar em G. Dias, sabendo que fóra Maranhense passará indignado, por sua terra natal não conservar delle a lembrança! Seu nome será esquecido; sua memoria não passará d'amanhã; suas obras olhadas com desdem?! Não.

O Maranhão jamais accarretará para o futuro com o pungente mathema d'ingrato, jamais legará aos vindouros a divida da geração presente. Em breve será levantado um monumento consagrado ac-

genio da poesia, rememorando aos povos do porvir o acrysolado merito do distincto poeta. Amigos extremosos, esses cujo coração ainda lateja pela dôr, convidão seus illustres compatriotas para tam louvavel fim.

Lembremo-nos, que se não trata da solução de uma divida d'amizade, é antes um tributo ao primeiro poeta da America, á illustração, ao genio.

Eia, Maranhenses, secundae os generosos esforços dos dignos cavalheiros, que iniciarão a grandiosa empresa.

Eia, Brasileiros, que a gloria é vossa. G. Dias não era somente desta abençoada parte do Imperio, era do Brazil. Todos nós depositemos, pois, o nosso obolo: todos concorrámos para, perpetuando no marmore ou bronze a memoria desse vulto, faze-lo lembrado do futuro.

Pois se grandes politicos como Machiavel e Passos, fundadores como Pedro, guerreiros como Napoleão, descobridores como Colombo, merecerão essas honras, não são menos dignos os grandes Poetas, esses Reis da harmonia como Camões, Dias, Bocage &c &c.

P.

ABOLIÇÃO DA PENA ULTIMA EM PORTUGAL.

Portugal, o gigante que dormia com a fronte cingida de gloriosas corôas, despertou ha muito, e o seu acordar foi seguido de brilhantes successos. Paz e liberdade foram os magnificos estandartes que arvorou: e o ancião do passado em seu rejuvenecimento não cessa de mostrar, que em suas arterias gira o ardente sangue da verdadeira civilização e philosophia.

Portugal, pois, no meado do presente século, e em presença do pomposo espectáculo, que exhibem os povos para repeller as algemas da tyrania, acaba de dar uma grande lição ás nações contemporaneas. O cadafalso, terror das gerações

presentes, e ignominia das passadas, horrivel espectro de ignorancia, instrumento de barbaria, anachronismo do século XIX, o cadafalso, phantasma das trévas, é pulverisado em Portugal.

Estava reservado á esta nação portentosa iniciar o fadario, que deviam ter os cadafalsos—a fogueira. Bem-o fez: a forca não é sómente um supplicio corporal: a razão espavorida jamais poderá contemplal-a sem horrorisar-se.

E por certo, não se concebe a existencia de um patibulo arvorado em a praça de qualquer cidade civilisada, não se apadrinha semelhante castigo senão com theorias barbarescas.

O espectáculo sanguinolento, ou antes o sacrificio humano, que se reproduz de tempos em tempos, na maioria senão universidade das nações, esse holocausto deshumano e barbaro, de homens lançarem os alentos vitæ cercados de seus concidadãos, uns mergulhados em lagrimas, outros obrigados pelo dever, outros movidos por curiosidade, é o mais solemne protesto contra as apregoadas luses do seculo.

Os avanços soberbos da philosophia, os santos e candidos sentimentos do christianismo de ha muito, que bradam contra o patibulo, e apesar de seus instantes reclamos o cadafalso, injuria da civilização moderna, persiste.

Um homem, cuja testa começa cingirse com gloriosa aureola, cuja cabeça verga com o peso de tantos louros, profundo philosopho, eminente poeta, e mais que tudo—christão convicto, Lamartine, extrenuo impugnador da pena de morte, com a eloquencia arrebatadora que o distingue, diz: «A abolição da pena capital, será a preservação mais poderosa, que se possa procurar para a sociedade contra o homicidio. Algumas gotas de sangue derramadas de tempos em tempos, como para conservar-lhe o gosto, serão menos efficases do que essa proclamação solemne da—inviolabilidade da vida hu-

mana, que se fizer á face do mundo abolido o cadafalso.»

Outro escriptor contemporaneo, Victor Hugo, cuja philantropia é assás conhecida, sempre se faz ouvir da imprensa em decidido antagonismo á força. Por muitas vezes suas vozes tem chegado ao solio dos monarchas intercedendo por infelizes votados ao patibulo: muitas vidas tem arrancado ao carrasco.

E' impossivel haver homens, que se arrojem sustentar ou a moralidade, ou a necessidade dessa monstruosidade. E para bem da humanidade as nações harmonisadas devião riscar de seus codigos este aresto horrivel, que tantas lagrimas e sangue tem causado. Um dia virá e talvez já lobriguemos seus horisontes, que o cadafalso seja apenas uma lembrança medonha.

Seja o seculo presente, este seculo soberbo, que tantos problemas tem resolvido, o eclipsador dessa infamia. Seja a nossa esperancosa patria a primeira á iniciar na America a propaganda incetada em Portugal, seu ascendente. Decem os timoneiros da nação Brasileira o necessario termo ao projecto apresentado por um illustre deputado maranhense. Sancione o magnanimo Monarcha por um acto do poder o, que tem estabelecido pela pratica generosa e christã de não confirmar a imposição do flagello.

S. Laiz—1864.

R. Lemos.

ORIGEM DA LINGUAGEM.

A questão da origem da linguagem, a não ser encarada pelo lado biblico, e somente discutida com os dados que offerece a logica, é de summa importancia e alta transcendencia, é um problema de grande momento para a philosophia. E nós como descobrimos um campo vasto e bastante fértil, escudando-nos principalmente nas luses da razão avançaremos

alguns passos, e arriscaremos algumas considerações.

Sustentão alguns ser a linguagem de origem divina, outros porem humana, e parte d'estes deslumbrados pela diversidade de linguas, attribuido a criação do homem ao acaso, ou a terra humida e escaldada pelos raios do sol (Deodr. Sicul) sustentão, que creados assim, não tinham a principio signaes, nem linguagem alguma para se explicar: mas pelo correr dos tempos inventarão sons figurativos, e insensivelmente a linguagem articulada, segundo o acaso, temperamento, usos, e costumes.

*Cum prorepserunt primis animalia terris
Mutum, et turpe pecus, glandem atque cubilia propter
Unguibus et pugnis... pugnabant
Donec verba quibus voces sensusque notarent,
Nominaque invenere.*

Para Lucrecio é ponto inconcusso que a linguagem é invenção do homem, e algures diz que diversos grupos de homens creados em differentes logares, cada um foi fallando sua lingua diversa das de outros, no que ha muita facilidade; porque diz elle:

*Putare aliquem tum nomina distribuisse
Rebus et inde homines didicisse vocabula prima
Desipere est. (Luc. l. 5. v. 1040. Vide Vitruv. de
Archit.) Primos homines sine sermonis articulati
usu, diu in cavernis terra ferarum instar
habuisse ac crebris natibus, Spiritu vocali, et voce
rudi animi sensa designasse ac sic demum ex
eadem voce de eadem re sepius repetita, ac sermo-
num usu ortum esse.*

A natureza formou sons e a necessidade os nomes que se dá as cousas.

*At varios linguæ sonitus nature subegit,
Mittere et utilitas expressit nomine rerum.*

Citaremos finalmente, por amor a brevidade o sabio philosopho V. Cousin, que não seguindo em tudo aos citados, cre entretanto que a linguagem é de instituição humana, diz elle: Que de paradoxos não

se tem avançado sobre a questão da origem da linguagem e dos signaes! A escola theologica para rebaixar o espirito humano pretende que somente Deos poderia inventar a linguagem! Mas a difficuldade não está em ter signaes, os sons, os gestos, nosso rosto, todo o nosso corpo exprime nossos sentimentos instinctivamente, e muitas vezes sem que o saibamos. Eis os dados primitivos da linguagem, signaes naturaes que Deos fez assim como a todas as cousas. Agora para converter estes signaes naturaes em verdadeiros signaes, e instituir a linguagem é necessaria outra condição: é preciso que em lugar de fazer de novo tal gesto instinctivamente como a principio, tendo nos mesmos notado, que de ordinario estes movimentos exteriores seguião tal e tal movimento d'alma, os repitamos voluntariamente com intenção de fazel-os exprimir o mesmo sentimento, a repetição voluntaria de um gesto, de um som produsido a principio por instincto, e sem intenção, tal é a instituição do signal propriamente dito, da linguagem.

Esta repetição voluntaria é a convenção primitiva, sem a qual impossivel é toda convenção ulterior com os homens. Ora absurdo é o empregar-se Deos para fazer esta convenção primeira em nosso lugar. A instituição da linguagem por Deos repugna, descolloca a questão, e não resolve a difficuldade. Signaes feitos por Deos não serião para nós verdadeiros signaes, mas sim cousas que elle teria elevado á cathegoria de signaes, ligando-lhes tal e tal significação. Recapitulemos agora o pensamento de Cousin. Sustenta pois elle que a principio vivião os homens articulando sons, produzindo movimentos, mais tudo instinctivamente, e a semelhança dos irracionais que se movem, e soltão sons, sem ter consciencia de taes actos; porem *um dia reparando nós que taes movimentos e sons correspondião aos movimentos internos, desde então só os reproduzimos com intenção de exprimir sentimentos d'alma; e eis a*

linguagem instituida pelo homem—logo ella é de instituição humana. Cousin é um genio, é um destes homens que até a sciencia parece ter orgulho ao pronunciar-se seo nome, é um dos mais robustos pensadores, e maior philosopho dos tempos modernos. Sua razão muitas vezes tão robusta como o silencio d'esse desterro onde estive por alguns annos parece querer ultrapassar as luzes de seo seculo, sua linguagem tão vibrante como estes ares que lá bebo arrebatada, mas Cousin cahio em muitos erros gravissimos, os quaes se tornão temiveis, não só porque se oppoem a doutrina do Christianismo como mesmo elle os reveste de um certo sal logico, adornados com a mais soberba eloquencia, e como já dissemos, aprimorado estylo, que não se tornão faceis de ser solvidos pelos principiantes, e a leitura de suas obras é perigosissima. A passagem citada é uma prova exuberante, pois n'ella debaixo da mais refinada capciosidade quasi que faz gerar convicção, e entretanto é um completo erro contra um dos livros do historiador hebreo, contra a philosophia. Nós o provaremos. A vista pois do exposto já vê o leitor que somos de opinião contraria aos auctores que temos citado devidamente, e com especialidade Cousin que foi o unico que deo alguma cõr á sua opinião.

(Continúa).

F.

O INDIFFERENTISMO DO SEGULO.

Se prevois que les libertines, et les esprites fortes pourront être decrédités, non par aucune horreur de leur sentiments, mais parce qu'on tiendra tout dans l'indifférence, excepte les plaisirs et les affaires.

BOSSUET.

I

Não nos doe tanto no intimo da alma vêr as grandes revoluções do mundo, a lucta incarnicada entre a verdade e o erro, o anhelar sem limites pelo triumpho com-

pleto das idéas, a sede de dominação, a revolta, o fanatismo social, tudo: nada nos scandalisa, nos assusta tanto como o progresso e as proporções gigantescas, que de dia para dia vae tomando a indiferença! E' contra o indifferentismo religioso; que clamamos, e se fosse nossa rasão bastante esclarecida, se nossa penna alguma autoridade tivesse, estamos convicto, que logicamente persuadiríamos, que a indiferença, esse cancro terrivel, que corrompe e destroe interior e exteriormente a nossa sociedade, essa idéa vaga, despida de sentido e interesse, asquerosa producção, parto hidiondo de espiritos acanhados, philosophos miopes, deistas, idolatras, hereges, atheus, não pode ser abraçada sem graves inconvenientes para a sociedade em geral, como ainda sem grande offensa para o Pae, Filho, e Espirito Santo, cuja Trindade Perfeitissima reconhecemos e adoramos.

A prova do que levamos dito daremos com a simples exposição dos absurdos principios, que folgão de espalhar os soberbos e arrogantes panegyristas da doutrina indifferentista — os indifferentes. Mas provavelmente nos perguntarão quaes são estes principios? Para responder poderíamos deixar, que Bergier e Laménais fallassem, porem sendo nossa mira a brevidade, julgamos conveniente apanhar e só *per altum* o sentido do primeiro. Eil-o: Sustentão os indifferentes em materia de religião, pois são os de que fallamos, sêr licito e mais consentaneo á natureza humana crêr ou deixar de crêr na existencia e unidade de Deus, e crendo prestar ou deixar de prestar culto, ou o que vem á ser o mesmo presta-o á nosso bel-prazer; e accrescentão, á não sêr possivel negar a liberdade do homem, jamais se poderá sustentar a obrigação de abraçar antes uma, que outra religião, pois seria isto negar a propria liberdade inherente á sua natureza, visto como não é o homem que a dá; concluindo nada ser mais bello, e natural, que seguir cada um suas inclinações, respeitando quanto lhe parecer

respeitavel, dispresando quanto lhe parecer desprezivel, sem attender ao que outros homens chamão sagrado, divino, sublime.

Do exposto vê-se que elles querem um Deus á seu modo, sujeito á vicissitudes, influencia de climas, tempo, lugar, e vontade de cada um; ou para diser tudo, querem faser-se deuses áfim de poder, quando lhes aprouver, pôr em mesma linha, pintar com mesmas tintas o bem e o mal, o justo e o injusto, o util e o inutil, o santo e o profano: e assim querem para bem da humanidade, e para que a paz dos povos seja uma realidade! . . .

Porem quem não descobre ao mais ligeiro lance de vista o labyrintho onde se nos pretende enredar? Quem o laço não conhece, que nos armão, e não alcança a falsidade e sensaboria de principios taes? Quem ao observar um indifferente em seus floreios não se figura vêr as astucias da serpente de Virgilio, occulta em macia e avelludada relva; ou no terreal Paraiso a da Escriptura tentando a mãe commum do genero humano com promessas de inapreciaveis dons? Quem fazendo uma leve reflexão não prevê de subito os males que provirão a humanidade na admissão dessas theorias? . . . Quanto á nós a religião seria um sonho, a moral um phantasma, o merito um gracejo, a justiça, a lei, o direito, a modestia, o pudor, a honestidade, puras chimeras, verdadeiros productos da phantasia, ou apenas articulações de palavras, sons sem significação alguma, visto como, por via de regra, diser que não ha bem ou mal real, Deus verdadeiro ou falso, religião boa ou má, culto perfeito ou imperfeito, é logicamente fallando, negar bem e mal, Deus, religião, culto, é discreditar de tudo, que não fôr materia, ou reduzindo o sêr intelligente á materialidade, e equiparal-o ás cousas inanimadas, ou pelo menos aos irracionais!

(Continua).

A. Fernandes S. Queiroz.

BIBLIOGRAPHIA—APONTAMENTOS PARA O DICIONARIO HISTORICO—PELO DR. CEZAR A. MARQUES.

Mais um livro util sahido dos prelos maranhenses. Com o modesto epitheto de—*apontamentos*—temos lido um trabalho precioso, que derrama muita luz, e fornece documentos de subido alcance ao litterato, que pela ventura venha á compor a historia da nossa provincia. Um maranhense distincto, pela sua robusta e viciosa intelligencia, é seu auctor, o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques. Conhecido já entre nós por trabalhos desta ordem, veio ainda esta vez firmar sua brilhante reputação de homem conhecedor das cousas patrias, publicando um rico thesouro, abundante de veridicas noticias, e revelando o que até hontem estava sumido no pó. E⁷ sobremaneira digno de fervorosos applausos o proceder do talentoso maranhense. Em quanto muitas intelligencias aproveitaveis chafurdão-se em o lamaçal de uma politica pretençiosa e esteril, homens ha, que, apesar de raros, com sua fecundez de ideas, aaturado estudo, e tenacidade em trabalhar, no silencio de seu gabinete, após horas de enfadonho lidar, consagrão o restante tempo em obras de summa utilidade. O illustrado auctor dos *apontamentos* é um desses poucos, que como o padre Pompéo, digno senador pelo Ceará, entrega-se á estudos historicos.

O livro do Sr. Dr. Cezar Marques é desses que interessão á toda casta de leitores. A historia é um estudo que deve occupar a universalidade dos homens, á menos que se deseje vejetar em crassa ignorancia do passado, vivendo á semelhança dos meninos, que somente cuidão do presente. O passado é a lente do futuro, se o desprezarmos tactearemos cegos em perpetua escuridão.

Na carencia de dados para conhecermos as cousas patrias, porque as fontes onde poderiamos beber alguma instrucção são desconhecidas ou longinquas; ou por não haver um archivo onde se consulte valiosos manuscriptos, ou por estes anda-

rem espalhados por bibliothecas estrangeiras, ou por estarem os escassos que temos pela capital e provincias do Imperio, ou em ciosas mãos de particulares: o veridico é, que hoje será difficil senão impossivel achar com facilidade um livro melhor, que o publicado e cuja importancia nos limitamos annunciar aos leitores.

Uma rapida leitura persuadio-nos sêr elle uma bibliotheca portatil, um viatico accomodado á todos os paladares, accessivel ao mais obscuro leitor, um livro, enfim, eminentemente popular.

O valor intrinseco da obra é de primeira intuición. Noticias circumstanciadas das nossas cidades, villas, aldeas, edificios, monumentos, tudo ahi se acha com claresa, methodo, precisão. O auctor confessa ter se esforçado por dal-o mais perfeito que podesse, reconhece mesmo que haverá lacunas: estas são comtudo desculpaveis, por quanto propondo-se á escrever *apontamentos*, não fez Dicionario completo. Sem duvida, que com as successivas edicções far-lhe-ha as necessarias correções, e dará um maior desenvolvimento.

Saudamos o distincto auctor desta excellent obra, e aconselhamos sua aquisição aos nossos leitores.

S. Luiz—1864.

P.

A EGREJA.

Se Deus (em seu profundo arbitrio) soffre
Que seja perseguida a Egreja sua,
Nunca aos demõnios deixa o attribuirem-so
Essa culpavel gloria; e humilha sempre.
Anjos revoca, quando os christãos castiga.
(CHATEAUBRIAND.—Trad. Felinto Elysio.)

Oh do Diluvio sobranceira! oh arca!
Egreja Santa! respeitoso eu hoje
Venho ousado empunhar minha lyra
A pedir-te me des pomposo um canto,
Em que mostre os trophéos e as glorias tuas.
Sei que débil mortal de luzes pobre
Chegar não hei poder onde eu quisera . . .
Mas tu, que des christãos Mãe carinhosa
Has dado provas des que á luz vieste,
Ajuda-me e perdoa-me se assim mesmo
Por meus peccados te offender cantando.
Ah! quem me dêra te elevar tam alto,

Que aos céos ter fosses donde á nós vieste?
 Quem... das mães, ó Mãe, ó inclyta Esposa,
 Do Deus que rege o mar, e o valle, e o monte,
 Do Deus p'ra quem nada ha impossivel,
 P'ra quem é nada a terra, e o céo mui pouco?

.....
 Quem? Só teu Esposo poderia tanto.....
 Mas eu quem sou p'ra merecer tal premio?

.....
 Oh! des que o Christo te deixou na terra,
 Á guarda entregue do divino Pedro,
 Inda até hoje não sumio-se um dia
 Sem proteger-te nas difficeis quadras!
 Embalde os Neros, Domicianos, Decios,
 Hão seus esforços contra ti voltado:
 Por ti triumphá das humanas forças,
 Como se ellas em teu auxilio fossem!
 Os teus inimigos perseguindo elevam-te!
 E os filhos charos que te abraçam querem
 Além dos mundos ir colher mil flôres,
 Sem que trepidem, sem que a morte ao menos
 Lhes mova o peito: lhes detenha o passo!...

.....
 ...E jamais faltaram nas fleiras tuas
 Os Pedros, Paulos, Polycarpus, grandes,
 Cletos e Linos, Irinéos, Pionios,
 Nem Joãoes, e Iagos, defensores validos
 Das leis sagradas, da doutrina Santa,
 Que só tu sabes ministrar ás gentes.

.....
 Oh! Luz das luzes, sol dos sóes, Igreja!
 Qual é do mundo a região longinqua
 Aonde não tenhas diffundido ainda
 Bençãos e graças, animações e vida?
 Não sei que haja no Unívsero inteiro.
 Na Asia, Betynta, Groelandia e Ponto,
 Roma, Carthago, Macedonia, Smyrna,
 Africa e Grecia, Gram-Bretanha, Epiro,
 Jerusalem... no mundo novo e antigo,
 Em toda parte... que brilhantes scenas!
 Que testemunhos, que milhões ds martyres
 Não hão provado que dos céos vieste?!..
 Que fogo vivo, que valor immenso,
 Teus filhos mostram nos maiores p'rigos?!

.....
 Na pyra morrem, são queimados vivos,
 Dão-lhe pancadas, deslocam membros,
 Sob'elles fazem quant'ordena o inferno.
 Enforcam, rasgam, seduccões empregam,
 Impios invocam, que te deixem e vivam...
 Mas tudo embalde, porque morrem crontes,
 Sem blasphemar-te, sem dizer ao menos:
 Morremos martyres! Que infelizes somos!

.....
 Maravilhas taes e tam guerreiros feitos,
 Valor tamanho... nunca teve o humano.
 A humanidade é fraca, e o sangue, e a carne,

Não deram nunca, nem darão tal força,
 Vem pois do alto.... E não és na terra
 A fonte limpida, o caudaloso rio
 Onde estancamos nossa séde ardente,
 Bebendo alentos que perdidos tinhamos?
 Bem como os cervos, animaes e aves
 A séde estancam em clara lympa e pura,
 Que fugitiva se desliza e corre
 Entre seixinhos que o regato forrão?
 Mãe carinhosa, Univeral Raiuha,
 Do Eterno Filha, de Jesus Esposa,
 Quem não se acólhe no teu casto seio
 Ou recusa a gloria, ou tem gelado o peito,
 Porque é impossivel, que a não ser só gelo,
 Não busque o homem ser teu filho o amar-te;
 Porque é impossivel, que teus dons recuse
 Quem sente a vida, quem viver deseja!
 Vivo e respiro, e só me é grata a vida
 Porque em ti vivo, porque o leite sugo,
 Saudavel leite com que aos teus confortas.
 Se tu de glorias meu padrão não fôras
 Eu juro: a vida ser-me-hia um fardo!
 Ai! sim, um fardo, um despraser eterno;
 Que a sepultura levar-me-hia e cedo,
 Onde um cadaver é redusido á terra,
 Depois de a vermes haver servido em pasto.

.....
 Arvore gigante das mansões etheras,
 Frondente arvore, cujos longos ramos
 Se estendem providos d'orienté á Occaso,
 Fólgo de á sombra descansar propicia,
 Que me offereceste liberal e pródiga:
 Fólgo sim, e me dilato em goso,
 Pois que de todas gerações do mundo
 Contemplo filhos, que á teu seio correm,
 Fugindo ás lavas de voraz incendio,
 Que as cinzas volve os miserandos entes,
 Que longe vivem da influencia santa,
 Da fresca sombra que só dão teus ramos:
 Fólgo sim, fólgo porque as furias vejo,
 Do inferno vindas vomitando raios,
 Vencidas todas recuar tremendo
 Ante os invictos defensores teus,
 Ante o só brilho, que te abrange toda,
 Brilho tamanho que eu dizer não posso!
 Unam-se as forças do Unívsero inteiro,
 E por terra os montes ver-se-hão desfeitos:
 Mas tu mil outras desdenhar bem podes
 Pois d'orco furias, anjos mãos, demonios,
 E a mais caterva de Satan raivosos,
 Junta aos humanos deste *deus* proselytos,
 Exforços baldos contra ti voltando—
 Cahem exangues se te a ruina buscam.

.....
 (Continúa.) A. FERNANDES S. QUEIROZ.

.....
 Assigna-se para este jornal nesta ty-
 pographia a dois mil reis por 3 meses

.....
 Imp. na Typ. de B. de Mattos—rua da Paz, 7.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA À LITTERATURA.

AS LEIS HUMANAS OBRIGÃO EM CONSCIENCIA.

I.

A lei é o palladio das instituições: a consagração do dever: o thermometro dos actos humanos. Não ha povo sem lei, eis um facto: a lei é a vida dos povos, eis uma verdade.*

Sob o imperio da lei, sob sua acção, prosperão os homens, medrão as sociedades, florescem os imperios e reinos. Os imperios e reinos, grandes communhões de individuos, alargão as espheras da vida, fecundão sua intelligencia, fertilisão seus campos, cobrem os mares de navios, policião suas cidades, segurão a propriedade, garantem a liberdade da patria, a segurança da familia, tendo por norte a lei, por santelmo a justiça. A justiça e a lei são, pois, a alma do corpo social, são irmãs tam unidas, tão homogeneas, como no homem a alma e o corpo: a lei deve ser justa, por força da expressão; a justiça é a lei, por identidade; pois, como se expressa o doutor da graça, santo Agostinho, o que injustamente faz-se não se pode chamar direito.

Os mesmos factos, que quotidiana e continuamente testemunhamos, queixas e invasões aos mais sagrados direitos, nos fazem latentes os motivos imperiosos de constituirmos, acima de nós, homens investidos de grandes prerogativas, taes são os legisladores. Abdicando nossa vontade, delegando nossos poderes e cercando de prestigio á esses, que, depositarios de nossos poderes, senhores de nossa vontade, são nossas cabeças e por nós pensão; são nossos guias e por nós marchão; são nossos legisladores é por nós legislão. E' esta uma função privativa de taes homens; pois, conhecedores de nossas necessida-

des melhor que nós, as estudão, conhecem, providencião. O legislador é a intelligencia do corpo social. Sentado na cadeira de Licurgo, seus preceitos são sagrados mandamentos, são leis, que apenas promulgadas, exigem obediencia. Eis a grande questão, se obrigão em consciencia.

Vamos por principios. O homem é livre, a liberdade constitue o mais rico apanagio do ente racional: seu berço, sua vida, a sociedade, a religião, J. Christo, Deus, todos lhe dizem, és livre. Com effeito, jamais lhe contestarão tam sublime direito. Mas a liberdade crea victimas. Adão era livre, peccou: Cain era tambem livre, peccou: e assim a liberdade accarretou dissabores. A terra foi á principio o vasto e unico patrimonio do genero humano. Nenrod foi por ventura o primeiro fundador, porem tambem o primeiro usurpador; consequentemente, desconhecendo o direito de propriedade, roubou o campo, a séara, e o trabalho do visinho: desejou dilatar o circulo de seu reino, a força e o arbitrio, a vontade e a liberdade forão os direitos, que conheceu para patrocinar sua ambição. Pela ambição, diz Volney, o homem arma-se contra o homem, a familia contra a familia, a tribu contra a tribu, e a terra metamorphosea-se em theatro sanguinario de discordias e roubos.

Foi o que aconteceu. A familia humana retalhou-se, prematuras contendas houve, e em vez de amplexos fraternaes que devião reinar no lar domestico, observou-se, como em um circo de feras, homens dilacerarem-se em guerras e desordens.

A vontade individual era mau chefe. Foi mister a instituição de arbitros, que,

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 18 DE DEZEMBRO DE 1864.

NUMERO 2.

revestidos de autoridade, servissem de medianeiros entre os povos. Mas para se não tornarem os meios inexequíveis e improficuos, e pelo contrario produzirem o almejado resultado, a segurança, vida, força e prosperidade á sociedade, era de indeclinavel necessidade, que, abdicando a vontade e liberdade illimitadas, cada individuo tivesse em vista o mutuo bem estar, e se sujeitasse aos órgãos da justiça e depositarios do poder.

Ceder, porem, o homem uma porção de sua liberdade, sujeitar-se aos dictames, obedecer ás ordens de um segundo, que considera seu igual, sobre sêr um acto eminentemente generoso, é um rasgo de acrisolada virtude; pois máo grado bradar-lhe a razão, que todos os homens são livres e iguaes á face da terra, que o nobre e plebêo, rico e pobre, estão todos no mesmo nivel, elle, sêr intelligente, julga de seu dever—curvar a cerviz, dobrar a vontade á lei, que emana de seu semelhante. Respeitar, portanto, o mandato do superior, cumpri-lo com satisfação, acolhel-o com prazer, ter robusta convicção, que seu acto é bom, é sancto, procedente d'autoridade legitima, eis o mais importante dever do homem social, visto como chamou conductores para seos passos, estabeleceu guias para seu proceder, e sacrificou os commodos de uma liberdade licenciosa, que lhe não podia augurar felicidade duradoura, pelas doces venturas da sociedade.

A razão, pois, que constitue a autonomia do homem, lhe dictará estes principios de summa verdade, e assim podemos dizer, que as leis, ainda as que partem do homem, obrigão em consciencia. A sua força d'obrigar nasce não pelo medo de um castigo, ou flagello, que as autoridades publicas podessem indlingir aos refractarios da lei, ou pelo receio do braço secular e vigoroso da justiça humana, não; sua força d'obrigar provem da razão, da reflexão, da convicção, emfim, que nutrimos de venerarmos e obedecermos ao principio d'authoridade,

que acha suas raizes não aqui mas no alto.

Ha alias factos tam communs e vulgares na sociedade, que se reproduzem, e provão cabalmente a theoria, que sustentamos. O individuo, por exemplo, que tendo projectado em sua negra mente, qual outro Nostradamus, incendiar uma cidade, e, depois de figural-a crepitar em ardentes chammas, vêr o povo de tropel correr espavorido para os campos, no meio de terrivel desolação; depois de á seus olhos desenvolver esse quadro facticio de morte, miserias, e fumo, susta na occasião de perpetrar o crime,—quem, perguntamos, agarrou o braço criminoso, quem extinguiu o facho incendiario? Forão por ventura os homens, os agentes da policia publica, que, sondando os arcanos d'aquelle malevolo coração, algemarão-lhe os pulsos, e com inesperada prisão inibirão a realisação do attentado? . . .

Ha, portanto, um motivo superior mais poderoso que os ferros, mais timivel que os carceres, que nos impelle e obriga á respeitar a lei. Convençamo-nos, pois, que seria aviltar o homem, nivelal-o ao irracional, considerando-o capaz de somente obedecer o, que faz tremmer o bruto. Em nós, dentro de nós, existe um tribunal soberano e infallivel, cujos juizos são inexoraveis e ai! de nós se não ouvirmos sua incessante voz; ai! de nós se não recearmos seu recto bradar!

A consciencia, esse espelho lozido, onde as accões humanas estampão-se e reflectem como são, ou puras e nos enchem de praser, ou feias e nos causão remorsos, é o que recciamos, que, como juiz neste mundo transitorio, começe á aguilhoar-nos constantemente.

Proseguiremos.

S. Luiz, 1864.

R. Lemos.

A ORIGEM DA LINGUAGEM.

(Continuado do n. 1.)

II.

Appresentando em o n. passado alguns philosophos que sustentão ser a linguagem de instituição humana, trez pontos ahi deve o leitor ter encontrado; um capital, e que é propriamente nossa these, e dois incidentes, mas que nos cumpre *per accidens* tocar nelles.

Sustentando a *instituição da linguagem pelos homens*, fundarão-se para tal affirmar, no grande espectáculo que apresenta a diversidade de linguas, e esta na criação fortuita dos homens em diferentes lugares.

Eis pois os tres pontos que nós reportamos: 1.º os homens não forão creados por Deus: 2.º creados em diversos lugares, cada grupo fallou a seu modo conforme circumstancias locais: 3.º quem a ser uma conclusão—a linguagem é de instituição humana.—

Quanto ao 1.º ponto nada diremos; porque hoje é uiversalmente reconhecido e acceto o dogma da existencia de um ente supremo que a tudo creou, Deos; e o demorar-mos em refutar a theoria que sustenta o contrario seria abusar da paciencia do leitor.

Na mesma chimera da criação do homem pela terra, ou pelo *acaso*, vê-se a verdade, alterada apenas pelas fabulas.

A escriptura sagrada diz que o homem foi formado do barro; e a fabula que pelo barro, não ha pois mais do que uma pequena alteração nas palavras, porém tudo, segundo as induções da exegetica, concorre para demonstrar a veracidade da tradição genesiaca; porquanto, a terra como inerte que é, está na impossibilidade mathematica de crear entes taes como o homem.

O 2.º ponto, isto é, *que creados os homens, em diversos lugares, cada grupo fallou a seu modo conforme circumstancias locais*, como toca mais de perto a nossa these, imprasamos ao leitor para um melhor desenvolvimento em outro lugar; onde esta questão virá mais a proposito.

III.

Todos os philosophos que temos citado são porem concordes em que a linguagem é de instituição humana; e n'este numero está certamente Cousin, o padre Condillac, e outros. Vejamos se tem razão:

A linguagem é de instituição divina; porque sendo ella tão ligada ao pensamento, que se tornão inseparaveis, e tendo a mesma ordem chronologica (1); segue-se que o auctor do pensamento é o auctor da linguagem, pois ambos partem de um mesmo principio.

É impossivel pensar sem fallar; porquanto para exprimirnos o que pensamos, forçoso é que pensemos, o que queremos diser.

O dr. Magalhães em sua obra intitulada *Factos do Espirito Humano*, arguindo a Cousin diz: Como poderia o homem inventar, a linguagem sendo indispensavel para tal invenção pensamentos preexistentes, e, para exprimir esses pensamentos, palavras preexistentes á invenção e á convenção?

E, como se explica Bonald, o homem pensa a sua palavra antes de fallar o seu pensamento.

Herder, que prestou seu grande talento e vasta erudição á escola do sensualismo, recuou diante desta difficuldade.

A fallar a verdade, diz elle, a historia da especie humana apresenta grande numero de factos, que impossivel me é comprehender sem o soccorro de uma influencia divina. Por exemplo, parece-me inexplicavel que pudesse o homem commegar a carreira do aperfeiçoamento e inventar a linguagem sem um guia superior.

Este trecho do auctor das *Ideias philosophicas sobre a historia da humanidade* mostra ao menos que não é com o espirito superficial do empirismo que se resolvem questões de tanta transcendencia. Tudo é facil para quem se contenta com as apparencias.

Segundo a theoria de um grande philologo allemão, o barão Guilherme de Humboldt, a linguagem não é nem um puro dom, nem uma invenção, mas um resultado necessario, e espontaneo da organização do homem. A palavra, diz elle, segundo minha convicção, deve realmente ser considerada como inherente ao homem; *porque se se a considera como a obra de sua intelligencia na simplicidade de seu conhecimento nativo, é absolutamente inexplicavel...* A linguagem não podia inventar-se sem um typo pre-existente no homem. E em outra parte escrevendo a Abel Remusat: Antes de assignar á todas as linguas uma marcha uniforme e mecanica, que as arrastaria passo a passo, desde o commeco o mais grosseiro até seu aperfeiçoamento,

(1) E realmente, se ha alguma prioridade entre a linguagem e o pensamento é tão rapido que escapa a intelligencia.

abraçarei a opinião d'aquelles que sustentão ser a origem das linguas uma revêlção da divindade.

Para sustentar-se que a linguagem é de instituição humana seria necessario retroceder alguns passos, e derribar muitos principios que teem projectado profundas raises no animo de todos.

Seria necessario provar-se, 1º que o homem não é um ente social, e que para tal não foi creado; 2º que nem sempre elle foi intelligente e livre; porque a instituição da linguagem pelo homem, e como querem Cousin e Condillac destróe a ordem social, prestabelecida pela Providencia, a liberdade e a intelligencia do homem.

1. A instituição da linguagem pelo homem destróe a sociedade; porque se para tal fim nasceu elle, devia ter as qualidades necessarias, para ahi viver, pois os irracionaes que não teem uma missão, nem uma hierarchia qual o homem, quando nascem já é com pouco mais ou menos, todas as propriedades para percorrer a orbita que lhes demarcou a providencia; e então o homem que é a creatura mais perfeita, (não fallamos dos anjos) que tem gravado em seu rosto o lume do Senhor, é que seria o mais infeliz na partilha da criação, e não receberia os requisitos necessarios para viver com seus semelhantes? Isto é incompativel com a justiça e bondade infinita.

O que acabamos de expor em conjecturas, por assim dizer, é solidificado na mais radiante evidencia.

O homem desde sua criação foi destinado para a sociedade.

Sua constituição está altamente proclamando esta verdade; porque no estado selvagem elle degenera, e pouco falta para confundir-se com os irracionaes, ao passo que na sociedade desenvolve-se e aperfeiçoa-se. «Ponhamos em toda claresa, diz Roselly de Lorgues, uma verdade que os philosophos fingem que ignorão, ou que não conhecem.

O homem nasceu para a sociedade; tal é seu destino; por conseguinte forão-lhe simultaneamente confiadas todas as faculdades necessarias para sua existencia social.»

O homem foi creado para a sociedade; diz o cardeal de Bonald (legisl. Prim. t. 1. notas p. 248) e seus vicios o isolão.

Nossos philosophos, ao contrario, commençaõ por isolar o homem, e o fazem inventar a sociedade.

Seria hom que fosse claros sobre esta questão.

Cre-se que em tempo algum podesse o homem nascer pela energia da materia em fermentação, e que recebesse o estupendo mecanismo da organisação de seu corpo, e o prodigio de sua intelligencia?

Se os partidarios de Condillac repellem esta hypothese, porque ahi formão a base de seu systema? Se admittem um Deus creador porque recusar um Deus legislador, ou conservador?

Para que recorrer a absurdos, para explicar o exercicio necessario de faculdades necessarias ao homem? Póde admittir-se que uma intelligencia infinita creasse o homem, e como auctor negligente abandonasse sua existencia social ao acaso de suas invenções, de sorte que se um homem não tivesse bastante espirito para inventar a palavra, o genero humano seria hoje em um estado muito a quem do dos irracionaes?»

Orá se o homem é um ente social, como nos parece ter demonstrado, e se a palavra é um dos elementos necessarios para a reunião dos homens é constituição da sociedade, segue-se que antes das obstruzas supposições de Cousin, Condillac, Lucrecio e outros, já existia a linguagem pela qual se entendiam os homens e formavam sociedade, e não podendo ser o homem auctor d'ella—logo é de instituição divina.

«O principio movel das relações, o agente principal, a lei organica da sociedade, é a palavra, diz um escriptor. A palavra em sua origem deve ter sido completa e espontanea, porque o pensamento e ella são a tal ponto identicos que seria impossivel separa-los. A união de um e d'outro é tão necessaria como indissolavel. A palavra é uma necessidade physica do homem. Ella constitue o typo essencial e divino da humanidade. Assim o sagrado escriptor com uma simplicidade sublime chama o homem *alma fallante*, para differença-lo dos mudos animales.»

Quanto a esta parte parece-nos poder concluir que, o homem sempre foi um ente social, e para tal creado, e este principio repelle a instituição da linguagem pelo homem, porque a não negar-se a existencia da sociedade desde que houve homens, deve-se necessariamente admittir a preexistencia da linguagem. E muito acertado andou o Dr. Magalhães quando disse: Se antes da repetição voluntaria e intencional (o auctor refere-se á theoria de Cou-

sin) exprimio o homem voluntaria e instinctivamente os seus pensamentos e sentimentos, e do mesmo modo foi percebido, claro está que antes da repetição voluntaria, a linguagem e a convenção naturalmente se fiseram por inspiração divina, e essa é para nós verdadeiramente a linguagem e a convenção natural e primitiva, sem a qual não se daria a convenção voluntaria.»

Passemos agora ao segundo ponto.

2º *A doutrina de Cousin* (que é tambem a de Condillac) *destróe a liberdade, a intelligencia do homem, e põe-se em contradicção consigo.* «Pois é claro que se não fosse o homem intelligente e livre desde sua primeira percepção, não poderia repetir intencionalmente o primeiro signal, palavra ou gesto, fosse o que fosse, para exprimir-se; e esta repetição suppõe necessariamente intelligencia, vontade, e signaes pre-existentes; e sem a intervenção divina nada disso se explica.»

Realmente, se o homem sempre foi intelligente e livre, como dizem os mais sólidos principios da Philosophia, e do Christianismo, segue-se que elle sempre pensou, e se pensou, fallou, porque pensar é, como disse Bonald, *fallar baixo*, e fallar a alguém é pensar em voz alta.

Quem nunca falla. Eu fórho raciocínios, planejo viagens, leio um livro, e prestando attenção aos meus actos parece-me ouvir minhas palavras, e se assim é, e o homem sempre foi intelligente e livre, é monstruosa inconsequencia dizer-se que elle pensava e ao mesmo tempo não sabia o que fazia, se fallava e exprimia seu pensamento, e *um dia por um salto mortal foi que veio* a dar com este grande thesouro!

Sendo o homem um ente volente, esta qualidade inherente á sua alma se devia manifestar, desde que lhe foi dada pelo creador: logo devia querer pensar: ora elle o não faria senão com o fim de exprimir seus pensamentos—logo, accetando estes principios que reputamos verdadeiros, o homem desde que recebeu intelligencia e vontade pensou, fallou voluntariamente, e com intenção de manifestar seus sentimentos—a linguagem; pois, não é de instituição humana; porque destróe a intelligencia e liberdade, donativos da Divindade, innatos n'alma.

IV

«Por si mesmo nunca o homem poderia inventar uma linguagem, e a admittirmos suppo-

sição meramente gratuita, que podésse inventar o substitivo ser-lhe-hia impossivel atinar com o verbo, que abarca o tempo, encerra a lembrança e a previsão; o verbo que está na mesma paridade com o discurso como a alma com o corpo; o primeiro vivificante com a razão applicado á palavra por excellencia, *verbum*, pois que logo que elle fallece em qualquer phrase, como observa, Plutarco, o homem não falla, não murmura. É preciso palavras para pensar suas idéas.» A faculdade de pensar, diz um moderno escriptor, é nativa em nós, pois que ella é nós mesmos, e não se pôde conceber um homem sem faculdade de pensar; mas a arte do fallar é adquirida e nos vem dos outros (2); pois vê-se homens que não fallão, visto como não houvem fallar, ao passo que todos aquelles que ouvem os outros fallarem, fallão tambem. (3)

Um e outro são inseparaveis em sua operação mutua, e se exercem simultaneamente.

Se a linguagem é de instituição humana como a bussula, a imprensa, a palavra não é necessaria ao homem em sociedade; porque nada do que inventa é necessaria á sociedade, visto como esta existia antes da invenção.

A mesma sociedade domestica, não é mais necessaria ao homem; porquanto a concordia livre entre pae e mãe, para conservação do filho, suppõe vontade, pensamento, expressão por consequencia, e se o homem inventou a linguagem, inventou já não digo o casamento mas a familia.

Quando digo a linguagem deve entender-se a expressão do pensamento, mesmo pelos gestos, palavra d'aquelle que não tem outra, mas transmittida, como outra, por via do commercio humano; porque os animaes não teem gestos, se hem que movimentos; os cegos não teem gestos, ainda que a palavra:

Meninos abandonados, e segregados de qualquer communicação com os entes fallantes não

(2) Adiante explicaremos esta proposição que á principio parece oppôr-se a opinião que sustentamos.

(3) «Os mudos fallam por gestos, porque pensam por imagens, e o gesto é a expressão da imagem, como a palavra é da idéa. Justiça é uma idéa, arvore é uma *imagem*. Os surdos-mudos podem receber a palavra pela escriptura; porém não a ouvem, e isto é objecto da educação que se lhes dá. Esta nota parece-me necessaria para evitar qualquer objecção tirada dos surdos-mudos que poderia deter o leitor.»

farião gestos imitativos, ainda mesmo que tivessem movimentos animaes, e dessem signaes involuntarios de praser, dôr, ou necessidades.

Para fazer gestos imitativos, deliberados, e com intenção é preciso ter presenciado acções para imitar, ter visto que tal gesto corresponde á tal acção, e ter permanecido em sociedade com seres que pensão e se exprimem.

F.

(Continúa.)

A ESCRAVATURA NO BRASIL.

I.

Duas palavras antes de principiar:

A escravidão, esse desgraçado estado, que ha tantos seculos foi inteiramente desconhecido no mundo social; essa transfiguração atrevida do homem pelo homem, só teve origem pela deshumanidade, avaresa, e fanatismo, de que se deixarão possuir os descendentes do velho Adão.

E de facto, ou remontemos ao berço do genero humano, ou percorramos folha por folha a volumosa historia do mundo, desde sua criação até nós, em vão buscaremos os principios em que se firmarão os homens, as leis em que se fundarão, para de seus semelhantes, de seus iguaes em tudo, tirar aquillo que lhes dera o Creador, e somente elle, attendendo ao seu illimitado poder é licito tirar, a liberdade.

Foi por tanto demasiadamente arbitrario esse direito que assacarão á si os homens, porquanto, senão ha sobre a terra ente algum que possa alterar nossa organização material, da mesma maneira, ou com maior força de rasão, não ha quem possa dispor da nossa liberdade, pois como sabemos pertence ella a parte moral, parte em que absolutamente fallando, não tem o homem poder de alteração.

Sabemos que a liberdade, o primeiro caracter que depois da rasão distingue o homem do irracional, foi-nos dada pela sabedoria increada não por mera formalidade, mas para podermos dispôr de nós mesmos segundo a nossa vontade, e assim

merecer um julgamento: pois ninguem ignorará que é por ella e só por ella, que nos aproximamos, ou nos afastamos da Divindade, segundo as virtudes ou crimes, que commetemos: é por ella e só por ella, que o homem se faz merecedor de elogios, ou atroses censuras, de maneira que o escravo não a possuindo, não está sujeito a todas essas phases para que foi creada a humanidade, deixando de por isso pertencer ao tronco d'onde descendem todos os homens.

Se porém, esse ente a quem chamão —escravo—, é um homem; se possui todas as faculdades que lhes são proprias; se no momento de transmittir-lhe Deus a vida, deu-lhe como a qualquer outro, o pensar, o sentir, o querer, como ousarão os homens sem nenhum remorso, em botar destes miseros viventes aquillo, que sendo tão inherente a alma, a morte com seu herculeo braço não extingue; que a terra com sua natureza destruidora não consome, a liberdade? como ousaram sem o menor vislumbre de poder, faser uma transformação real no homem, tornando-o de um ente moral, um ser todo material? transformando-o em uma pedra ou qualquer outro objecto da mesma natureza, que não se move por vontade propria, mas é movido por força exterior? . .

E poderão os homens se conservar indifferentes praticando semelhantes attentados, elles que admirando a natureza, suas maravilhas, seus prodigios, seus insondaveis mysterios, concebem, a vista de tão portentoso espectaculo, um braço superior ao seu, um poder illimitado, uma sabedoria infinita, um Deus finalmente? onde sua sciencia, sua piedade, sua religião? foi tudo obscuricido pela densa e negra nuvem da ambição, da avaresa e da loucura: qual tigre, que esfaimado delacera suas proprias entranhas por não encontrar alimento que o satisfaça, assim o homem impellido pela fome de ouro, esse cruel inimigo da humanidade, delacerou, não suas proprias entranhas, mas

as de seus semelhantes, privando-os do mais sagrado de seus thesouros, do mais importante de seus dotes, da—liberdade.

Releva porem notar que entre o tigre e o homem grande differença se manifesta, por quanto, o primeiro não tem o que a philosophia chama rasão, para discernir sobre a bondade ou maldade de seu obrar, tornando-se por isso digno de desculpa; porém o homem, o rei de todo o creado, já pela liberdade, já pelo amor e já pela intelligencia, é exactamente o que nos admira, nos revolta, e mesmo não acreditaríamos se os factos de tantos seculos não confirmassem.

Os propugnadores da existencia da escravidão, entre outros argumentos de que lanção mão para fundamentar sua opinião, dizem que os homens a quem chamão escravos assim nascerão. Escutemos ao grande A. Raynal destruindo semelhante absurdo. Diz elle; «A quem, barbaros, fareis comprehender que um homem possa ser a propriedade de um soberano, um filho a propriedade de um pai; uma mulher a propriedade de um marido; um domestico a propriedade de um senhor; um escravo a propriedade de um lavrador? sêr suberbo, que desconheces teus proprios irmãos, não comprehendes que este desprezo recae sobre ti mesmo? não sabes que tua verdadeira gloria, consiste como na delle, em ter um pai commum, uma alma immortal, uma felicidade futura?»

E com effeito, se todos nós descendemos de um só tronco, se todos os descendentes desse tronco tem um pai commum—, Deus—, uma alma immortal, e esperarão uma felicidade futura, como conciliar-se tudo isso com a escravidão, em cujo estado não se é «esposo, pai, nem amigo? não se tem patria, nem Deus?...»

Se todos somos filhos do mesmo pai, como julgarem-se uns com autoridade e autoridade absoluta sobre os outros? como uns absorverem á si o poder de mercadejar o sangue de seus irmãos? como julgarem-se com direito de tirar até a pro-

pria vida desses infelizes? eis o que a rasão bem esclarecida jámais explicará, senão como absurdo, impiedade e irreligião.

Mas perguntaremos a nós mesmos: como é que sendo a existencia da escravatura, uma grande chaga no direito natural; um anachronismo manifesto, ainda não pôde o correr de tantos seculos faser apparecer a luz a verdade, que sendo uma centelha da Divindade, offuscará sempre ao seu miseravel antagonista? como é que os escravos ainda não reclamarão o attentado que contra suas personalidades fiserão e continuão a faser os homens?...

A estas difficuldades que tão certamente se antolhão ao nosso espirito, responderemos facilmente.

Assim como no vasto oceano um navio rompendo as ondas inutilmente trabalhará para abicar ao porto que demanda, sem que sua carreira seja dirigida pelo leme, á cuja mercê está entregue o seu destino: assim o homem, por um argumento de paridade, jámais attingirá a luz sem que para esse fim ponha em andamento a intelligencia.

O homem pois é um navio, o porto que demanda a—luz, e o leme a—intelligencia.

Porem, como não basta ao navio o leme, mas tambem, que se lhe dê o competente movimento, para consecução de seus fins, da mesma maneira ao homem, para o conhecimento da verdade, não basta tão somente a intelligencia, mas sim, o seu cultivo, que consiste no estudo, no conhecimento da sciencia. Aos escravos porem foi muito de proposito negada essa instrucção, e eis porque ainda não derão elles fim ao sacrilego jogo que os opprime.

Desde o momento que, ao escravo fôr dado o cultivo da intelligencia, essa tendencia geral dos espiritos, elles descobrirão a luz, esta lhes mostrará seus direitos, e a humanidade remontará ao primitivo estado, a—liberdade universal.

(Continúa.)

V. de Carvalho.

A EGREJA.

(Conclusão.)

Tudo se extingue, e gasta tudo o tempo.
As leis são estas que o Universo regem;
Mas tu floresces duplamente e sempre...
Eras hontem bella? Encantadora és hoje!
E assim dos tempos a ampulheta corre,
E tu remóças com o correr dos tempos...
Hoje tyrannos te encadeiam horridos,
Mas após logo dos tyrannos zombas,
E altiva surges de trophéus coroada,
Tam pura, e casta, e tam ridente, e bella,
Como se os ferros concorrido houvessem
Contra a natura p'ra tornar-te esplendida!

.....
A flôr do Libano se definha, e murcha-se;
Porem tu nem murchas, nem belleza perdes;
Pois tens por timbre mocidade eterna!
E Eterna és tu, e os teus preceitos todos,
Alem de eternos,—vigorosos,—candidos
Bem como candido, e vigoroso e forte
E' o Braço ingente, que por ti peleja,
E o robusto Genio que te-as leis dictára.
—Não foi um genio desses genios pobres
Que o pó da terra (*) levantou do nada
Para que ousado percorresse o espaço,
Mas foi o Genio, que produz os genios,
Que fez os astros, as estrellas todas,
E o sol, e a lua,—e o firmamento mesmo,
E a ave, e o peixe, e o animal e o incéto,
E o reptil, e a arvore, e a floresta espessa,
E mil florinhas de saudavel cheiro,
E arbustos lindos, e verde escura gramma,
E o mar, e os rios, e a planicie, e o monte.

.....
E, sobre tudo, Egreja, instituída foste,
Á bem das almas que bafeja o CHRISTO,
Uma... infallivel—misteriosa... tudo...
Tudo!!.....

.....
Justo é, que eu cale, sem dizer mais nada,
Pois que inda mesmo que mil annos viva
Com lyra em punho te apontando as glorias
Hei ver dos annos esgotar-se o praso
Sem dos triumphos te apontar metade

Justo é que eu cale:—e findo já dizendo:—
—O' Santa Egreja, O' Luz, O' Maravilha
Linda Mae,—linda Esposa, e linda Filha,
Tu és a gloria do Universo inteiro.
Appareceste...—Tudo é já luzeiro.

S. Luiz—1864.

A. FERNANDES S. QUEIROZ.

Erratas a poesia—a Egreja.—

P. 7, v. 3—empunhar minha lyra, diga-se—a
minha lyra—p. 8, v. 16—não ha impossivel, diga-
se—quem não ha nada impossivel—v. 26—
Por ti triumpho—Por que triumphas...—v. 30—
ir colher...—vão colher—v. 54—deslocam mem-
bros—e deslocam membros—v. 65—Enão és
na terra... E não es tu na terra—v. 70...
em clara lympha pura—v. 78—Não busque o ho-
mem ser teu filho e amar-te—v. 95.—Folgo sim,
—Folgo, sim, folgo.—v. 114—Esforços baldos...
—Exforços baldão.

PENSAMENTOS.

A educação dá ao homem uma nova
vida, corrige seus defeitos, fortalece seu
phisico: dá mais profunda penetração á
seus pensamentos, solidez á seus juisos,
força á sua razão: purifica o seu cora-
ção, garante seus direitos pela pratica
dos seus deveres, desde seu nascimento
até o fim da sua vida.

O pensamento é a séde do nosso po-
der. Vem-nos das regiões que habitão a
verdade, a belleza, a ordem, a grandeza,
tudo o que faz do homem um sér divino,
e do menino um sér que tem vocação de
tornar-se homem.

A legislação é o primeiro elemento de
vida de um povo, e na legislação o pri-
meiro objecto á considerar é a mesma
constituição da lei.

Lacordaire.

Assigna-se para este jornal nesta ty-
pographia a dois mil reis por 3 meses.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1864.

* O pó da terra é os homens.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA À LITTERATURA.

AVE, REX!

Ante o berço d'um Deus, pae da egualdade,
Me prosto, grave e mudo;
Salve, aurora christã da liberdade:
Bethlem, eu te saúdo!

Rojo a fronte no pó, que lá desponha
O Sol da Redempção;
Adoro a Luz, que apaga a eterna affronta
D'esse herdado grilhão!

Cantae, vozes do mar, vozes da serra,
Um cantico profundo:
Eis o Senhor! Jesus nasce na terra.
No Céu renasce o mundo!

Cura aos homens, Jesus, nóva ferida
—De nova escravidão;
Que em vez da antiga mácula remida
Ficou-lhes a ambição!

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

A REVELAÇÃO.

I.

A rasão humana no apogeo de exaltação, tudo tem querido abranger, e quantas veses sem o devido exame! fatal cegueira!...

Sem base em que se possa firmar, vacilla a rasão, desperta o desejo, e afinal torna-se victima de pertinaz incredulidade.

O *racionalismo* contesta, despresa, ridicularisa—a isso que nós chámamos revelação.

O *philosophismo* esse composto de contradicções, esse horrivel inimigo das ideias conhecidas, e *apadrinhador* das projectadas, foi sempre incansavel destruidor da revelação, desse archote luminoso, que

com seu fulgurante resplendor afugenta as trevas da escabrosa via da depravação, assim como a columna luminosa de Moyses, que com vivo clarão conduzia por entre os medonhos desertos os filhos de Israel.

A *grei* de philosophos modernos com suas explicações methaphisicas e dogmaticas, mostrarão-se tão adiantados sobre esses negocios como os antigos; assim podemos diser, que as pretensões da philosophia, não são mais do que variações da rasão humana.

O *philosophismo* concidera a rasão como um robusto athleta, que por si só prescruta e descobre.

Por si só absolutamente não tem esse poder a rasão; e se pôde alguma cousa, sem uma revelação especial, deve ao ensino pratico ou theoricó, que é de alguma maneira revelação.

Os *modestissimos philosophos*—quando disem que a rasão tudo pode, não devem avaliar o seu poder extrinseco, ou aquelle que não parte de si mesma, mas sim o que em si contem.

Deixemos o homem entregue a—os unicos recursos de sua rasão, e elle que faça por si só, sem nada querer aprender, que *prestará um grande serviço a humanidade*.

O homem não ensinado é o homem degenerado, é o homem *simibestial*, que mendiga o saber, que exorça para avançar um passo,—e pelo contrario retrograda.

É verdade que a rasão pode muita cousa, porem é necessario que seja alimentada com o valioso auxilio da revelação.

A rasão sem o socorro da revelação, é o meŝmo que sochote sem lume, que tendo em si valor intrinseco, com tudo

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 25 DE DEZEMBRO DE 1864.

NUMERO 3.

não poderá chegar ao seu objecto, sem que uma mão estranha una o archote ao lume.

A razão é o archote, a revelação é o lume; o archote é o instrumento, o lume é a realidade.

A revelação tem o mesmo poder que o lume, o lume afasta as trevas do globo terrestre, a revelação as da intelligencia; o lume esclarece o espaço para que não tropeçemos em algum barranco, a revelação esclarece a razão para que não nos precipitemos nos horrores do crime e da depravação.

A razão está para a revelação em uma tal dependencia e necessidade, que com difficuldade podemos comprehendel-a funcionando della separada.

A revelação existe, e a necessidade da sua existencia justifica-se pela da razão do homem.

A razão é verdade pode existir sem a revelação, porem não é mais do que uma razão desvaírada, obsecada e corrompida.

A razão quando não é auxiliada pela revelação em suas indagações, traz um passo moroso, e vacillante, á maneira d'um cego que caminha em terreno desconhecido, e se não cahiu em algum precipicio ao menos disso não tinha consciencia.

O ser racional, que quer obrar com consciencia de seus actos, é preciso vencer-se e dizer: como um verme limitado que sou, nem tudo posso comprehender por mim mesmo, e se tenho algum conhecimento das cousas de Deus, só a elle o devo.

Homem presunçoso, comprehende o teu nada, e não queiras saber o que só a Deus pertence.

(Continúa.)

J. M. LUSTOSA.

O INDIFFERENTISMO DO SECULO,

II.

(Continuação.)

Julgamos não ser possível menos-cabar de Deus de uma maneira mais desa-

brida e redicula! Vemos nos principios sustentados pelos indifferentes os caracteres distinctivos de uma offensa da maior grandesa por ser, ao que nos parece—directa e indirecta.—Cremol-a directa quando diz respeito a Deus-mesmo; e indirecta quando se arremessa contra as leis, o culto, a moral &c.—E na verdade suppondo nós cabalmente demonstrada (por ser principio inconcusso) a existencia de um Deus unico, de um só Ente supremo, infinito, omnipotente, universal, confessado pela propria natureza, respeitado e obedecido pelos céos, pelo sol, e por um sem numero de milhões de luminosos astros, que são outros tantos brilhantes engastados na celeste abobada pela mão do Artifice do Universo, como o tem supposto todos os vultos da humanidade verdadeiramente grandes, desde Adam, primeiro simile do Creador, até nós; e suppondo tambem por consequencia anniquilada a opinião contraria a esta, se é que isto é admissivel entre os seres livres e dotados da luz pura e brilhante de uma intelligencia inda mesmo sem cultivo, veremos se é ou não paradoxal e monstruosa a doutrina, que subscrevem os propugnadores, e panegyristas da indifferença religiosa,—Percorramos os annaes da historia, remontemos ao primeiro homem e vejamos se tendo sido formado para dominar na terra, com capacidade para conhecer o seu Creador, distinguir o bem do mal, o justo do injusto, o santo do profano, foi tãobem autorisado a proceder com plena e absoluta liberdade em todo e qualquer sentido; por que, se assim foi, é claro que assim o deverá ser em todos os tempos até a consummação dos seculos; porem se ao contrario, seguir devemos por um caminho diverso, pensando diversamente. Ora consultando o mais antigo monumento historico, o unico que falla judiciosamente da humanidade em seu berço, o Genesis, vemos que elle não é favoravel a aquelle principio, porque nos representando Adam no paraiso terreal, cercado de delicias e

encantos, nol-o faz ver tambem desde logo limitado pela vontade suprema do Autor da Natureza, o qual lhe diz: «do fructo porem da arvore da sciencia do bem e do mal não comerás, e se o fiseres terás por castigo de tua desobediencia a morte: *De ligno autem scientiæ boni et maline comedas.—In quocumque enim die comederis ex eo morte morieris.* (1)

D'aquí fica patente, que não é sem limites a liberdade do homem, que ha balizas alem das quaes elle não pode avançar um passo sem pôr o pé n'um abysmo, sem se tornar culpado de um crime perante o juiz dos juizes: logo, não pode ser o mesmo amar ou deixar de amar, conhecer ou desconhecer, adorar ou negar adoração, obedecer ou recusar obediencia ao Architetor Supremo. E nem imagine alguém ser esta a razão unica que milita a nosso favor, pois tambem não foi só esse o preceito que Deus impoz a suas creaturas, ao contrario, elle segue passo a passo o homem, vai impondo-lhe novos preceitos, infligindo-lhe novas penas, do que dão testemunho irrefragavel e assombroso o diluvio por causa da corrupção da terra, as cidades abraçadas pelo fogo ceieste, as pragas do Egypto e outros. E nem devemos perder de vista, que essés successos estupendos, essas scenas dolorosas, cuja só recordação nos faz arrancár do mais profundo de noss'alma gritos de reprovação e dôr, tiverão lugar muito antes que sobre o mais alto do Sinai, ribombando o trovão, e fuzilando horrivel o relampago, fossem por Deus em letras d'ouro gravados sobre a pedra os dez sublimissimos mandamentos, que por sua propria bôca se dignou elle explicar ao filho do Nilo, Moyses, legislador sem igual e prototypo de heroismo e valor, para que este por sua vez os explicasse tambem ao grande povo, de que era chefe.

Não devemos esquecer, que tudo isto se deu antes que pelo primeiro d'aquel-

les dez mandamentos nos fizesse Deus a prohibição expressa e solemne de possuir outros deuses na presença sua: *Non habebis, deos alienos coram me.* (2)

Não sabemos, pois, como a vista de tanta luz, de uma manifestação tão clara se possa ainda ignorar que Deos quer ser adorado, e não permite outras divindades, exigindo culto do homem!

Agora, que este culto deve ser como elle mesmo estabeleceu, e ordenou, e como seus ministros prescrevem, digão-nos por nós, fállem sem rodeios, se é que podem—os Nadabes, Abius, Osas, Corés, Dathans, Abirons, e outrós de que faz menção a historia Santa em suas paginas d'ouro. Provas da natureza das apontadas, e que poderíamos, se fosse este nosso intento, produzir ao infinito, factos não menos admiraveis e numerosos, nos leva á condemnar-nos o indifferentismo, e á vêr nelle a maior offensa que se pode faser ao creador, faz que apupemos, votemos ao desprezo, estigmatisemos e repillamos o homem indifferente em materia de religião; maxime por sabermos, que elle, diz o distincto e profundo Lamenais, não pode ser verdadeiramente indifferente senão sobre aquillo que ignora, ou antes sobre o que á seu respeito não existe. (3)

(Continúa.) A. Fernandes S. Queiroz.

A SOBERBA.

Soberba é o appetite desordenado da propria excellencia. Assim como é o mais antigo peccado é tambem o maior e mais perigoso.

Remontando ao berço da humanidade, e estudando-a em suas primeiras vergon-teas, nós encontramos a soberba estabelecendo uma lucta com a timidez da mulher da qual triumphava.

O espirito tentador revoltado contra o

(1) Gen. c. 2. v. 17.

(2) Exod c 20—3.

(3) Lamen. ess. sobre indiff. 1 1º p. 46.

Supremo Senhor do Universo; sob a figura de serpente, e possuido de audaciosa soberba, faz suas primeiras conquistas no Eden, abusando do sexo fragil da mã commum do genero humano. Esta, dominada tambem pelo vicio da soberba, deixa-se seduzir, e originou com seu esposo a funesta queda de seus descendentes encerrados nelles.

O homicidio de Abel, a espantosa construcção da immensa torre de Babel, cuja memoria se conserva em todos os paizes fãõ consequencias da soberba: todos os males que se observa na origem e progresso do mundo tem por causa occasional este terrivel peccado. Triumphando sempre, ou melhor produzindo seus desastrosos effeitos, a soberba fez rolar do pedestal de sua grandesa importantes povos.

Athenas de hoje é um simulacro de Athenas do passado; Roma gemeu sob o peso de suas ruinas; Babilonia, Troya, sãõ apenas reminiscencias, que nos conserva a Historia. E' que o dedo da Providencia aponta o occaso onde somem-se as glorias ephemeras, que se escorãõ na soberba! Portanto é ella o inimigo mais perigoso do homem. Devemos fugil-a como da serpe venenosa que inocula terrivel peçonha, como da lingua de fogo, que reduz á cinzas o corpo mais solido. Não tem o homem motivo algum para alimentar soberba. Considerado o mais indigente dos seres, a confissão de seu nada é seu importante dever. Querer elevar-se sobre os mais, julgando-os inferiores, desprezando-os, é rematada loucura. Nascidos do mesmo pó, em momentos mui curtos tem de desempenhar um papel neste mundo, e depois voltãõ ao pó donde procederãõ. Um lugar eminente, uma posição mais lisongeira, não julgamos sufficiente motivo de orgulho.

As posições e honras perdem-se, visto não serem duradouras e nem constituir verdadeira felicidade. E quando o homem com a cabeça altiva parece ameaçar céos e terra, desejando mais do que

merece, zumbaias e turiferações, alem de tornar-se rediculo, é sobremodo reprehensivel sua conducta, pois expõe-se ás justas arguições de Deus, e censuras dos homens.

Ao homem verdadeiro christão deve a soberba causar horror. Lembre-mo-nos destas memoraveis palavras do Santo Tobias á seu filho: «Nunca consintas que a soberba domine nos teus pensamentos, ou nas tuas palavras: porque nella teve principio toda perdição.» E na verdade pode-se considerar o germen de todos os vicios.

Ella tem assecclas perigoços que convem eyitar. O maior antidoto á este inimigo do homem é a humildade. Ella distrõe os perniciosos effeitos da soberba, e suspende o homem a borda do abysmo em que está prestes á submergir-se. A humildade, pois, seja a conductora fiel dos nossos passos, a reguladora de nossos actos.

Maranhão—1864.

D. Elias C. Moraes.

AS LEIS HUMANAS OBRIGÃO EM CONSCIENCIA.

II.

Se não dedusimos argumentos assaz frisantes pelos quaes pretendiamos demonstrar pelas luzes da razão, que as leis humanas obrigãõ em conseia, hoje abrindo os codigos sagrados da nossa fé, em passagens claras e terminantes mostraremos o testemunho conspicuo, que dão os livros santos desta verdade.

Abramos a Biblia, apresentemos os lugares, que isso nos ensina, e curvemo-nos ante esses respeitaveis oraculos, pois, como diz S. Leão Magno, quando o espirito de Deus ensina, aprende-se tudo com extrema facilidade, sem que preciso seja nem tempo, nem experiencia, nem commentarios.

A Biblia é um robusto alicerce da religião; sendo esta e o governo politico, na

phrase do grande Bossuet, os dous polos onde gyrão todas as cousas humanas; sendo estes dous poderes, espirital e temporal, dous grandes luminares para regerem o mundo; como diz o Sabio Marquez de S. Cruz, sómente na sua reciproca harmonia e influencia pode repousar a tranquillidade dos povos: assim pois, estabelecemos a conclusão da nossa demonstração sobre a Religião, por estarmos convictos, que sem ella, na expressão de um sabio, não pode haver a grande virtude da obediencia aos poderes humanos; por ser nossa crença, que a Religião é a barreira mais forte contra todos os crimes, a sanção de todos os deveres, e a columna inconcussa do edificio politico.

Machiavel, o politico mais astuto e perverso dos modernos tempos, Machiavel mesmo, reconhecendo a influencia da Religião sobre a sociedade, disse «que Roma fora mais devedora á Numa, que lhe ensinou a Religião, que á Romulo que a fundara.» Onde não houver religião, diz um philosopho não menos perigoso, Portalis, não haverá nem sociedade, nem patria, para homens, que, reivindicando sua liberdade e independencia, somente terão força para abusar.

E' esta a voz do universo e da razão esclarecida, menos desses desvairados philosophos, que para soltar as velas á devassidão e ao erro, tem propalado o novo methodo de impiedade com o titulo de luz! «Luz fatidica e sinistra, sim, que mais se assemelha á phosphorecencia dos tûmulos!...»

Voltemos ao assumpto.- Pela religião, ou melhor por seus oraculos conheceremos, que «os poderes humanos exercem os direitos do mesmo auctor da natureza, em qualidade de seus tenentes» no diser de um moderno escriptor: pela religião somente nos compenetraremos do dever de sujeitarmos-nos ás autoridades, conforme a expressão de S. Paulo: Obedecei aos superiores não só bons como mãos.

Respeitemos, portanto, acatemos, e nos

sujeitemos á lei, pois os legisladores são na terra enviados de Deus, e seus dictames reverberos dos eternos mandamentos.

Qualquer que seja a crença do legislador em materia de religião, diz o Eminentissimo Sr. Cardeal T. Gousset, na sua Theologia Moral, a lei, quando justa em seu objecto, obriga os sudditos. Não são os homens que ligão as consciencias, é Deus, de quem procede todo poder; é elle que nos ordena a submissão á lei.

Não menos expresso é S. Thomaz, o anjo da escola: As leis humanas, diz o doutor Angelico, se são justas, tem a força de obrigar no fôro da consciencia, porque derivão-se da lei eterna, segundo este principio: Per me reges regnant, et legum conditores justa decernunt.

Tal é, porem, a obediencia e obrigação que se exige no cumprimento exacto da lei, que no dizer do Apostolo, quem resiste á Potestade, resiste á ordenação de Deus: e os que lhe resistem, á si mesmos trazem a condemnação.

Este preceito, pois, é universal, é extensivo á toda humanidade. Assim, qualquer que seja a fórma de governo, as leis organisadas e promulgadas de harmonia com as constituições do estado, obrigam, se aliás não são nocivas á justiça e á religião independentemente de sua acceitação da parte dos sudditos, diz judiciosamente M. Gousset.

O scopo da lei é a manutenção da ordem, policia, tranquillidade publica do estado, e fixar os direitos respectivos dos cidadãos.

Nenhuma injuria é para o homem viver sob o seu imperio: longe de ser uma cadêa pezada, que o opprima, é pelo contrario o phanal que o conduz á felicidade: deve á ella approximar-se para evitar os escolhos onde baqueará irremissivelmente se soltar-se á sua liberdade discricionaria. É pensamento da Escripura: «Todo o homem esteja sujeito ás Potestades superiores».

Portanto, seria utopia querer formar uma sociedade sem leis; um sonho es-

tabelecer leis sem firmarem-se na religião. Semelhante sociedade seria mais inconstante que a vontade do homem, mais volúvel que as areias do mar. O edificio social não persistiria mais que um dia, se tanto.

Logo—«É absolutamente necessario, diz o impio Volney, para segurança dos principes e dos povos, que a idéa de um ser supremo, creador, governador, remunerador, e vingador, seja profundamente gravada em todos os espiritos». Assim falla o impio! É notavel que profira estas palavras um homem, cuja perversidade arrojou-o á querer demonstrar a falsidade de todas as religiões!...

Logo—é necessario, que, nos obrigando ao cumprimento da lei,—o façamos, como diz S. Paulo, não pelo temor do castigo, mas por obrigação de consciencia.

S. Luiz—1864.

R. LEMOS.

ESTUDOS GEOGRAPHICOS.

Redondeza da terra—Antipodas.

Á cerca da forma do globo terrestre houve na antiguidade mui excentricas opiniões, algumas das quaes, todavia, foram professadas por philosophos, cujo nome a posteridade sempre saudou com respeito. Homero considerava a terra como um plano circular; Anaximenes e Xenofanes disiam, que tinha a figura de uma montanha, cuja base se estendia ao infinito, e que os astros gyravam em roda da montanha; Heraclides dava-lhe a forma de um barco; Leucippo a de um tambor; Anaximandro pensava que era semelhante á de um cylindro. Houve finalmente quem lhe desse a forma cubica, e a forma hemispherica. Tão estranhos absurdos provinhão da imperfeição das sciencias cosmographicas daquelles tempos, ou da direcção dellas.

Talvez alguém julgue desacertado, escrever-se um artigo em pleno seculo de-

senove, para se ensinar ao publico, que a terra tem a forma spherica ou redonda. Na verdade todos sabem dizer, que a terra é uma bola, e que ha antipodas; mas quantos haverá, que nesta doutrina mais nada saibam, nem um só dos argumentos, que affiançam a veracidade de seu dito? São estes argumentos ou provas, que vamos apresentar concisamente, mas com sufficiente claresa para de todos serem entendidos.

Quando estamos no meio d'uma vasta planicie, em qualquer lugar da superficie do globo, e lançamos a vista em roda de nós, parece que occupamos o centro d'um circulo, que tem por circunferencia uma linha em que o céu encontra a terra. A medida que caminhamos em qualquer direcção, descobrimos uma porção nova de terreno da parte para onde caminhamos, e do lado opposto deixamos de ver uma porção igual; mas sempre parece que o lugar que occupamos é o centro d'um circulo terminado pelo encontro do céu com os limites do horisonte. Semelhantes apparencias nunca poderiam verificar-se á não sêr convexa a superficie da terra.

Quando collocados em uma praia, em que a vista possa alongar-se, por um largo horisonte, assistimos a partida de um navio, e continuamos á observal-o sobre as ondas, notamos, que passado certo tempo, lhe não vimos o casco, e que progredindo elle em sua derrota, na mesma direcção, os mastros se nos vão escondendo, até que afinal a embarcação desapparece de todo do nosso horisonte. Phenomenos inversos presenciamos, quando o navio voga directamente para o lugar em que nos achamos. O que primeiro vemos nos confins do horisonte são as extremidades dos mastros, e é á medida que a embarcação se aproxima, que vamos vendo de cima para baixo todas as outras partes. Os mesmos phenomenos se offercem á contemplação do navegador, quando se affasta e se aproxima das costas. No primeiro caso são as partes mais baixas dos edificios as que primeiro se lhe

furtão á vista; no segundo caso apparecem primeiro as partes mais elevadas.

Observações terrestres da mesma ordem das que acabamos de citar, fornecem resultados analogos; e umas e outras provão a convexidade da superficie em que são feitas

Outra prova é dada pelas numerosas viagens, que se hão feito em roda do mundo, depois que João Sebastião de Elcano, que acompanhára a infausta expedição do portuguez Fernão de Magalhães, arribara á Hespanha em 1521, tendo ido pelo occidente, e vindo pelo oriente. Com effeito, grande numero de navegadores tem descoberto, em suas longinquas viagens, outro céu com outras estrellas, vendo a parte opposta da esphera celeste; e isto em qualquer direcção que levem a sua derrota. Accessiveis estão ao nauta todos os pontos da terra, se exceptuarmos as regiões visinhas dos polos, onde as circumstancias climatericas não consentem organisações humanas.

É fundados na conscienciosa idéa da sphericidade da terra, que os navegantes ousão sulcar a vasta extensão dos mares. E' nessa mesma idéa que elles baseam os calculos, que lhes fazem cada dia saber o logar em que se achão, quando, nas solidões do oceano nenhuma outra cousa os pode dirigir senão a presença dos astros. E tão certa é a sphericidade do nosso planeta, que tomando esta por base de seus calculos não se enganão em suas mais delicadas determinações.

Estabeleçamos agora a hypothese de ser a terra plana e vejamos as consequências deduzidas della, concernentes aos phenomenos celestes, as quaes não exprimindo estes phenomenos que observamos, indicarão o absurdo da hypothese. Pelo contrario, as consequências tiradas da hypothese da sphericidade da terra, sendo a expressão exacta daquelles phenomenos, demonstrão a realidade desta outra hypothese.

Supponhâmos, pois, que a terra é plana em direcção da linha norte-sul. Em

qualquer ponto desta linha que um observador se achasse, as duas linhas representadas pelo raio visual dirigido ao polo, e pela vertical offerecer-lhe-iam sempre o mesmo angulo, porque as verticaes do observador seriam paralelas, se elle caminhasse n'uma superficie horisontal, e paralelos são os raios dirigidos ao pólo attenta a infinita distancia deste, como provaremos no artigo seguinte. Tambem os circulos descriptos pelas estrellas, nesta hypothese, conservariam constantemente a mesma inclinação sobre o horisonte, pelas mesmas razões; pois estando esses circulos á uma distancia infinita, os dois raios que a estrella nos envia quando occupa os dois pontos do meridiano superior e inferior, formam sempre o mesmo angulo. Mas nada disto é o que se observa.

A' medida que vamos caminhando para o norte, o polo se vae elevando sobre o nosso horisonte, e tambem os circulos que as estrellas descrevem. Demais, avançando para o norte, observamos que as estrellas, que no logar de nossa partida mergulhavão no horisonte, agora se conservam sempre sobre elle; isto para o lado do norte. Para o lado do sul notamos, que não se veem agora estrellas, que no logar d'onde partimos, ainda viamos descrever parte de suas orbitas sobre o nosso horisonte. Todos estes phenomenos são perfeitamente explicaveis na supposição da sphericidade da terra.

Outra ordem de observações astronomicas se tem feito para prevenir a objecção de que as observações precedentes só provão a redondeza da terra no sentido norte-sul, mas que podia ella não ser assim no sentido leste-oeste. Observado de diferentes lugares do globo um phenomeno celeste instantaneo, contão a mesma hora os habitantes do mesmo meridiano; mas os que tem meridianos diversos, contão mais ou menos horas, segundo estão mais para oriente, ou mais para o occidente, uns á respeito dos outros. Isto importa a idéa de que o sol nasce mais

cedo para os povos que habitam ao oriente, porque se nascesse ao mesmo tempo para todos, todos contariam a mesma hora na occasião do phenomeno celeste; e assim devia ser se ella não fôra curva de oriente para occidente, porque o sol principiaria ao mesmo tempo á allumiar todos os povos que habitam, nessa direcção. De tudo isto se infere a curvatura da terra de oriente para occidente.

(Continúa).

N'UM ALBUM.

Pedis ao bardo, senhora,
Que em vosso album mimoso
Deponha um canto viçoso
Que falle muito de amor!
Que pinte as flôres da vida
Viçosas, puras, suaves...
Que imite o canto das aves
O canto do trovador.

Que seja toda esperança
Como um sorriso fugindo
De uns labios puros de virgem
Que fallam de amor sorrindo!
Que não pinte a desventura
De um peito frio, gelado!
Que nem seja repassado
Do negro fel d'amargura.

.....

Quizêra o bardo submisso
Cumprir tam almo desejo;
Mas nem já sente um lampejo
De amor no peito sequer!
Cantar assumpto tam bello
Devêra outra lyra, agora!
Quereis um canto tristonho?
Assim o farei, senhora:

Amor!.. na lyra não canta
O bardo, exausto de amar!
Do peito as flôres já murchas
Não pôdem mais vigorar!
Lutou muito!.. mas debalde,
Cansou da luta e descreu!

Fôra uma vida bem negra
Essa que o bardo viveu.

Buscou a sombra dos tumulos
E lá sentou-se gemendo!
Julgára fantasma horrendo
Quem visse seu vulto alli!..
Nem doce brisa passando
Seus labios seccos molhou!
Ardia-lhe o peito em chammas;
Que a febre immensa ateiou.

Alli... as flôres da vida
Ao gélido orvalho cahiram!
Dò vento ao sopro fugiram
Beijando campa por campa!
Depois brotaram sinistras
Nesse lugar mortuario!
Não eram lyrios, nem rosas,
Eram goivos de sudario.

Taes são as flôres que vivem
Do bardo no peito, agora!
Quereis um goivo, senhora?
Pois vinde ao peito colhê-to...
É flôr que infunde tristeza
Que lembra a morte ao reve-la;
Mirai a flôr que vos trago,
Direis então—*não é bella.*

Perdão, se o bardo, senhora,
Em vez de acacias, de rosa;
Vos deu a flôr luctuosa
Que entre os sepulchros vegeta!
Não fôra delle o desejo,
Mas fôra-lhe o sentimento!
Se por vós não fôr acceito
Mais vigora o desalénto.

Buseai nos labios do triste
Ligeiro sorriso de goso...
Pedi ao sol que desponta
Que esconda o disco fogoso!
Porém ao bardo que sente
O peito exausto de amor;
Nunca lhe peças um canto
Que esse não seja de dôr.

M. A. PINTO. DE SAMPAIO.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1864.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA À LITTERATURA.

A REVELAÇÃO.

II.

Qual o homem que pode viver sem religião?

Qual outro meio, que não a religião, será capaz de satisfazer o vacuo insaciavel do coração humano?

Qual outro antidoto, que não a pratica dos preceitos Evangelicos, será capaz de fazer resvalar o punhal hervado da maledicencia?

Nenhum a não ser ella.

Pois se a religião é o unico preventivo desses horrosos males que a cada passo parecem precipitar o homem, é claro que existe a religião para elle.

A religião como uma instituição Divina, e um remedio efficaz para tantos males, devia ter sido ensinada ao ente que della necessita pelo Sér Supremo, Deus.

Uma religião que não fosse revelada, não seria uma religião; por que das cousas de Deus, só a Deus compete saber.

Talvez alguém me venha diser, que a religião, é uma instituição natural, e se é natural—não necessita d'um soccorro sobre-natural como a revelação para que a conheçamos.

Que a religião seja uma instituição natural, nada mais certo.

Porem note-se que a naturalidade da religião não consiste em poder ser ella conhecida por meios meramente naturaes—como pela razão.

A religião é natural, por que nos foi dada de conformidade com a nossa natureza.

E' natural; por que não repugna com a existencia do homem.

E' natural ainda, porque todo homem tendo necessidade de procurar o seu

bem estar, e não podendo encontral-o em outra qualquer parte, que não na religião, é claro que ella exista naturalmente para o homem; a fim de que elle encontreahi o que lhe foi promettido.

A religião como uma instituição natural, e ainda mais positiva, teve a sua existencia com o berço do genero humano, e ao mesmo tempo a revelação.

A religião é revelada porque é positiva.

Deus não achou-se indigno de crear o homem; por isso não pode haver indignidade de o ter ensinado. O ensino de Deus é justamente o que chamamos—revelação.

Deus como pai carinhoso e zelador dos caros filhinhos, nunca os abandonou com suas sabias lições.

Nas primeiras idades a elles illustrava, por intermedio dos patriachas e chefes de familias; escolhia os governos, e mostrava d'um modo especial a sua santa vontade, ensinava os mysterios, fazia allianças; assim praticou com Abrão, Izaac, Jacob, Noé e Adão; foi nesta epocha, o tempo do ensino ou revelação primitiva.

No seguir dos tempos firmou um novopacto com o povo escolhido, com aquelle que lhe tinha sido fiel durante o captiveiro, não se deixando arrostar pelas abominações da idolatria; e para galardoar tanta fidelidade, excita-lhe o propheta e historiador Moyses, que os subtrahindo do cativeiro, os conduz a terra promettida, offerecendo-lhes ao mesmo tempo um complexo de leis sabias e preceitos moraes. Eis—Moyses fallando e ensinando por Deus; e por esta razão, chamou-se esta a epocha da revelação mosaica.

Até que afinal teve a religião, com o genero humano, o completo desenvolvimento—com Deus a vida do Homem.

Deus—Jesus Christo, ou com a revelação christã ou evangelica.

Assim a religião com a revelação marchão *pari passu* com o tempo, tomando de conformidade com elle diversos nomes, que não são mais do que documentos authenticos do passado.

A revelação em sua essencia é a mesma, não obstante as variações nominaes.

A revelação primitiva não é mais do que a manifestação de Deus aos patriarchas, ou aos primeiros homens.

A mosaica marca o tempo da missão de Moyses, até a vinda do Messias.

A christã ou evangelica, é a que nos foi confiada pelo filho do Eterno.

Estes diversos nomes formão apenas differenças accidentaes, que em nada affectão a revelação.

Nós não trataremos da revelação considerada debaixo desta ou aquella epocha; mas sim da revelação em geral.

(Continua.)

J. M. Lustosa.

O INDIFFERENTISMO DO SEculo.

III.

(Conclusão.)

Acresce, e é o que faz subir de ponto a nossa antipathia, que o indifferente desprezando tudo quanto é bom, ama até o fanatismo os praseres carnaes, e é quasi sempre arrastado por uma desenfreada cubica de ouro, com a qual, diz judiciosamente um escriptor francez, tudo se compra porque tudo se vende, consciencia, honra, religião, opiniões, dignidade, poder, considerações, respeito, tudo: immenso naufragio de todas as verdades!

Deus eterno! Que luctosas scenas, que mania incômprehensivel do indifferentismo! Pois não foi sufficiente, que de uma virgem fisseseis nascer o filho vosso? que Jesus Christo, Cordeiro sem mancha, revestido da figura humana, viesse por meio de prodigios immensos, incompreensiveis, porém visivelmente operados,

dar um testemunho solemne, e sempre memoravel de vossa omnipotencia, da santidade de vossos preceitos, da sublimidade de vossa sabedoria, e providencia? Não foi sufficiente, que elle, lançando mão de pobres pescadores os elegeisse apóstolos, lhes desse o dom das linguas, os enviasse, rudes como erão, ensinar todos os povos, baptisando-os e instruindo-os na observancia de todas as cousas? que em seu nome elles operassem mil maravilhas, resuscitassem á mortos, curassem cegos, possessos e paralyticos?

Não foi sufficiente que Jesus Christo fundasse a Igreja, sociedade por excellencia, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno, e que, segundo um escriptor de nota, tem capacidade para acolher em seu seio todos os individuos, quasquer que sejam suas condições, homens ou mulheres, velhos ou moços, de tal ou tal seculo, comtanto que faça parte da humanidade, porque a realza de Jesus Christo, a Igreja, não conhece fronteira, não ha para ella nem continente, ilha, montanha, valle, mar, regato, zona, nem parte alguma do mundo? (J. Philipps.)

Não foi sufficiente, perguntamos, o estabelecimento desta admiravel sociedade, para á qual a condição social é cousa indifferente? para quem nomadas, civilizados, obreiros, guerreiros, principes, vassallos, são distincções humanas, com que ella se não inquieta, pois para pertencer-lhe basta ser humano? (Lamenais).

Não foi sufficiente tudo isto, disemos, para convencer aos homens que a verdade é uma, porque não pode sér multipla, visto como a unidade forma a idea do completo, absoluto? Assim, só ha um Deus, e este não pode deixar de existir: uma Igreja, uma Religião verdadeira que pot sér sublime devemos abraçal-a, e á cujos ministros, representantes de Jesus Christo, todo respeito.

Logo, não é a mesma cousa sér baptisado ou pagão, adorar á um idolo ou á Deus: porém dever rigoroso pautar nos

sas acções, nossa vida, pela moral divina, leis immutaveis do Eterno, sacrificando assim a materia, nossos desejos terrenos, em beneficio do espirito, cujo fim principal é unir-se ao principio eterno d'onde partio.

A indifferença é sobretudo uma reprehensivel ingratidão, e o procedimento do indifferente inqualificavel.

Pois será ella a recompensa que se pretende dár á aquelle cujo sangue despendido do alto da Cruz, outr'ora infame patibulo, hoje frondosa arvore, mysterioso symbolo de redempção jorrou sobre a terra do Calvário á fim de resgatar-nos, quebrar nossas algemas, levantar-nos do pó?

E' essa a recompensa para quem por nós se sujeitou, podendo á seu bel praser vencer, como venceu, a mesma morte? Miséria! . . .

E ainda há quem professe a indifferença, e finja desconhecer a luz no meio da luz! quem negue adoração ao seu creador, não ame e respeite á quem lhe deu a vida, e restituiu-lhe a doce liberdade?

Não sei, por certo, se deva chamar á estes indifferentes—ou seres intelligentes, ou vis insectos! . . . Pois desenove seculos de triumphos assombrosos, milhões de martyres e santos, visivel providencia, e robusta proteção Divina, conquistas sempre novas, sempre crescentes do christianismo, sua luz offuscante espalhada pelo universo, não têm tido assaz poder para despertar os miseros humanos do seu somno de morte?! . . .

Mão grado nosso, porém, com fundamento dizemos, nunca o indifferetismo teve proporções maiores, jamais lavrou com tanta impetuosidade. Hoje infelizmente tudo é agradável e sublime, tudo é grandioso e surprehendedor, menos o que devera sêr, e na realidade é. E nem se assuste alguém termos avançado tanto, pois talvez o provemos facilmente; para isso, pois, algumas linhas mais.

Antigamente era o bailar um crime; a virgem, que bailava e folgava nos salões,

perdia sempre muito, decaia consideravelmente de seu esplendor, visto como disião os seguidores do Christo, os mestres da moralidade, esses genios robustecidos pela crença, e cujas purissimas doutrinas acatamos, que a modestia e a honestidade, tão cogenitas á virgindade, soffrião nos bailes, que são, por assim dizer, a reunião de todos os combustiveis para despertar paixões e produzir incendio na alma mais pura, casta, e modesta.

Diversa, porém, é a moral do nosso seculo: as luzes espancarão as trevas, e aquillo que foi crime é virtude, o indecoroso e repellente metamorphosearão-se em decoroso e appetecivell

Progresso! é a palavra fagueira e seductora. Hoje toda flôr que se cresta adquire novo brilho, remoça, rehabilita-se; por tanto, a virgem, que não baila é tola e grosseira, por que é no dilirio da walsa, e nos perfumes de dourados salões, que ella, como astro, pode luzir: é ahi que seus dotes e encantos vão tornar-se brilhantes, e rutilão quaes estrellas, que nos ceus fulgôr espargem: é ahi, em uma palavra, que a belleza vai colher triumphos e receber corôa.

A devoção, modestia, recolhimento, são pêtas, *carollas*. A donzella devota e reconcentrada é hypocrita, flôr perdida, uma perola nas entranhas da terra! Que são principios, pensamentos grandes, descoberta gigante!

Consectarios com estes principios dirão, talvez, que a Virgem Mãe de Deus, symbolo de candura, e purêsa não comprehendeo bom methodo de vida, pois mais bella que a flôr e lyrio do valle, mais resplandecente que o sol e as estrellas, se occultou do mundo, profanos olhos evitou, á prece entregou-se e vãos atavios repellio. . . .

Mas, quaes são os investigadores d'estas verdades, os auctores desta moral nova, e sublime? São os indifferentes, esses insignes discipulos de Satan, hoje tão cegamente seguidos, já não disemos na Europa onde os Lutheros, Calvinos, Rous-

seaus, Voltaires, confundirão tudo e tudo arruinarão, mas em todo o mundo; não porém no mundo civilisado.

Perguntai a um brasileiro, para não sair do nosso paiz, porque não vai á Missa, porque não frequenta esse angusto mysterio, esse holocausto santo onde se rememora todos os dias o sacrificio da Cruz? Porque não se confessa? Porque não estuda a Religião?

Elle vos responderá: Não vou a Missa para não perder o meo precioso tempo; não me confesso por não ver a quem, e sendo Deos bom pai deve necessariamente salvar seos filhos em qualquier situação que seja: não estudo a Religião porque me não permitem as negociações de lucro e os interesses vitaes de minha casa.

Eis como impera o glacial gelo na mór parte dos corações humanos, como extinguiu-se o mysterioso fogo da Religião, que encorajava os martyres, como se prefere o corpo á alma, Satan á Deos!

Nescios! Não sabeis que na Hostia do Altar está o corpo e o sangue do Redemptor da humanidade! Desconheceis a sublimidade do mais imponente acto da religião catholica! Aprendei, pois, indifferestes, o que querem dizer a oblação do pão e do vinho, o sacrificio da Missa, e a profundidade occulta sob estas especies.

As valentes palavras da consagração, proferidas por Jesus Christo no momento da cêa: *Hoc est corpus meum. . . . Hic est enim sanguis meus*, estas santas palavras repetidas pelos ministros de Deus, ao passo que destroem o pão e o vinho, produzem a mysteriosa transsubstanciação, convertendo as especies consagradas em corpo e sangue do Filho Eterno, tal como realmente está no céu.

Diz Jesus Christo em S. João: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comberdes a carne do Filho do Homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. O que come a minha carne, e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o resuscitarei no ultimo dia. Porque

a minha carne verdadeiramente é comida: e o meu sangue verdadeiramente é bebida: o que come a minha carne, e bebe o meu sangue, esse fica em mim, e eu nelle.» Cap. 6, v. 54, á 59.

Ora, se não frequentar-mos a Eucharistia, onde se realisão esses phenomenos divinos, onde se cumprem as palavras do Senhor, nós ficaremos privados desses gosos sublimes, que nos promete. Se nos arredar-mos dos templos sagrados onde se nos patentea a bondade e misericordia de Deus por certo não gosaremos dos santos e salutaes effeitos da Missa. «A Missa, diz o eloquente abade Genoude, é o sacrificio do tempo e da eternidade; nella acha-se o amor perfeito de Jesus Christo, Deus, e da humanidade. Neste momento os anjos e os homens, todos os côros celestes, adorão por ella, porque este sacrificio é a expressão mais frisante da omnipotencia, sabedoria, amor infinito de Deus por sua creatura, e da adoração da creatura para seu Deus.

Loucos! Desconheceis a sublimidade da Confissão sacramental!

Não vistes a Deos perguntando á Adão onde estava? Seria possivel que elle desconhecesse o seo delicto? Não; pois é omnisciente. E o que queria então? A Confissão.

No Novo Testamento dá Jesus Christo á seus discipulos o poder de ligar e desligar no fôro interno, ou da consciencia, mas como ser isto se o culpado não confessasse suas faltas?

S. Thiago diz: Confessai-vos uns aos outros. S. Lucas: Se não tiveres penitencia morrereis:—logo, a Confissão é de instituição divina, e ninguem se pode furtar á ella sem furtar-se á um dos mais santos preceitos do Catholicismo: logo, indifferentes, a Confissão é necessaria.

Cegos! Feixai os olhos a luz da Religião, e desprezais instruir-vos em seos preceitos! Curvai-vos pois ante os triumphos da Filha da Cruz do Golgotha, no espaço de 19 seculos! . . . Vede ao menos como o insuspeito Pascal censura vossa

negligencia, diz elle: Não trata-se de pequeno interesse de alguma pessoa estranha, trata-se de nós mesmos, de nosso todo; assim nosso primeiro dever é esclarecer-nos sobre nossa Religião donde depende nossa felicidade. Nada descobre tanto a fraqueza de espirito como o não conhecer qual seja a desgraça do homem sem Religião; nada assignala mais extrema baixeza de coração do que não desejar a verdade das promessas eternas; nada é mais cobarde que mofar da Religião; e reconheço haver em fim duas classes de pessoas que se podem chamar racionais: ou aquelles que servem á Deos de todo seo coração porque o conhecem, ou aquelles que o procurão de todo seo coração porque o não conhecem.

Vêde, indifferentes, como sois batidos por aquelles mesmos que militão nas vossas fileiras! Ainda ousareis sem abrigo sem uma vóz que vos auxilie, que vos dê uma fagueira esperança, correr sem termo, sem destino?....

Não! não continueis nessa escada medonha que conduz á um futuro desconhecido. Chegai-vos a Igreja Catholica, unica verdadeira, unica que dá luz e salvação, ouvi seu ensino, frequentae seus sacramentos, observaee suas praticas. Estudae o christianismo, e tereis robusta fé, e feliz viver nesta vida e além do tumulo.

A vossa marcha é cega, deixai-a; vossa vida é um hyeroglypho indecifrável; vosso destino futuro é incerto. Vede que vos não aconteça, após um peregrinar dubio neste mundo de illuzão, ir bater ás portas da Eternidade, e uma vóz robusta vos responda:

«Eu sou a Justiça e porque não fostes justo não entrarás na minha caza.

«Eu sou a Verdade e te não recebo, porque a Verdade applaude aquelles que a amão.

«Eu sou a Paz, e não ha paz para o ímpio!»

A. Fernandes S. Queiroz.

A ORIGEM DA LINGUAGEM.

(Continuado do n. 2.)

V.

Dissemos no final de nosso ultimo artigo, provando a impossibilidade da instituição da linguagem pelo homem, que *para fazer gestos imitativos, deliberados, e com intenção, é preciso ter presenciado acções para imitar, ter visto que tal gesto corresponde a tal acção, e ter permanecido em sociedade com seres que pensão e se exprimem.*

Apresentaremos, pois, algumas provas que não só fundamentão a incontestavel verdade deste trecho, como tambem mostrão que a linguagem não podia ser inventada pelo homem.

Conta Herodoto, que Psametichus, rei do Egypto, querendo saber qual o povo mais antigo, imaginou um meio bem excepcional: deu á um pastor dois meninos recém-nascidos, ordenando-lhe, os creasse segregados de toda communicação humana, afim de ver que idioma fallarião; e conforme os primeiros ensaios em uma lingua, concluiria ser esta a primitiva, e o povo, ou povos que a fallassem serião os mais antigos. (1)

Crescidos assim, e ja em estado de começar as primeiras balbuciações, observou o pastor os meninos todas as vezes que o vião gritarem: *Béccos*. Isto foi participado ao rei, que presenciou o facto: e inquirindo em qual lingua *Béccos* significava alguma cousa, disserão-lhe na Phrigia significar—pão—e d'ahi concluiu o rei, serem os Phrigios os mais antigos povos do mundo.

Euganou-se porem Psametichus, porque os meninos nada fallavão, e apenas articulavão: *Béc*, imitando ao berro dos rebanhos; por quanto, a terminação—*cos*—segundo as conjecturas do muito erudito D. Calmet é grega, e foi ajustada por Herodoto.

Constantino Manasses traz o mesmo facto que Herodoto, trocando apenas o nome do rei, chamando-o Bochoris, mas foi um lapso de memoria.

Purchas conta uma experiencia feita por Melahdin Echebar, rei do Indostão, de um meni-

(1) Não julque o leitor ser vã esta curiosidade de Psametichus; porque entre as antigas nações havia o orgulho em cada uma ser a mais idosa no mundo, e d'ahi é que vem a diversidade nas chronologias, dos antigos cada qual remontando á tempos mais remotos.

no que fez: crear longe de toda communicação, o qual permaneceu sem fallar.

João Radvitz diz que em 1661 na floresta da Lithuania, em a Polonia, foram encontrados dois jovens de 19 annos, pouco mais ou menos, entre um bando de ursos. Prenderão a um com difficuldade, e este não tinha o uso da palavra. E assim outros muitos, como a moça de que nos falla Racine filho, etc.

Ora a vista de tão numerosos factos em que um só de tantos infelizes não pode inventar a linguagem, concluímos as supposições de Condillac, Cousin, e outros serem infundadas, e o mais leve sopro as desfaz, como o fumo no espaço.

Pois se um homem usando de suas unicas forças, teve bastante poder para inventar a linguagem, como tantos miseráveis morrendo sob a pressão da natureza sempre rigorosa, e o mais leve sopro as desfaz, como o fumo no espaço, não tiveram igualmente?

Não, Cousin, o homem é um ente ensinado; eis uma verdade que o voraz pé do tempo jamais destruirá; e a linguagem sem um typo primitivo era impossível ao homem: e para prova lancemos os olhos sobre essas innumeráveis legiões de selvagens que divagão perdidos, ora atravez desses bosques sombrios, que algumas vezes parecem articular com o perpassar dos ventos; ora saltando de rochedo em rochedo, que avermelhados imitam a côr do sol, e vejamos que progresso teem feito na lingua que fallão!

Nem um só passo avante!

E como esses homens que além de viverem em sociedade, estão no mais immediato contacto com a natureza, não se teem podido desenvolver?

Ora se esses que teem uma linguagem articulada, e permanecem em sociedade, na carreira de tantos seculos ainda não fiserão o menor progresso, como poderião os primeiros homens que não possuíam linguagem, elevar-se por suas proprias forças, até a invenção da palavra, que suppõe reflexão, e combinações muitas vezes complicadissimas?

Logo um ente superior ao homem, Deos, ensinou a linguagem ao primeiro creado.

E assim é que fallão os factos, e a boa logica; ficando porem o primeiro ensinado na restricta obrigação de transmittir o dom a geração contemporanea, e assim successivamente, de sorte que o dom permanece innato, não no homem, porem na sociedade; por quanto elle

muitas vezes pode deixar de achar-se em todos os homens, o que ja provamos com factos, e ao contrario, jamais fallará na sociedade, pois não ha alguma sem a palavra.

Assim o homem entrando nella,ahi encontra este dom como um cofre sempre aberto á seu proveito.

Quando sustentamos que a linguagem é um dom divino, não perdemos de vista as consequencias que appresentão os factos, e ei-las:

Se a linguagem é a de instituição divina, com a palavra recebeo o homem o perfeito conhecimento das verdades moraes.

Ha, pois, uma lei organica, uma lei soberana e immutavel, *lex princeps*, como disse o grande luseiro de Roma, Cicero, uma lei que o homem não fez, e máo grado a iniquidade, permanece firme, e o homem não a pode derrogar.

Ha, por consequencia uma sociedade prestebelecida e necessária, uma ordem necessaria de verdades e deveres.

A sustentação da instituição da linguagem pelo homem é o maior padrão que se pode erguer á favor do sensualismo, o mais soberbo hymno, o mais odorifero incenso, que se pode queimar ao filho de Aristoteles, Locke, e Condillac; porque se a linguagem é de instituição humana, nada de razão e liberdade; as idéas necessarias e absolutas desapareção; a moral é um phantasma, que não tem realidade além deste mundo e nada mais é que o interesse. Em esthetica é a negação do bello ideal, confundindo-o com o prazer que o acompanha, em politica é o despotismo, o absolutismo imaginado por T. Hobbes; a historia é um theatro de sangue e acções fortuitas; a lei um impotente freio as tendencias naturaes, e tudo finalmente o homem pode aniquilar, porque suas creações suas.

Sim, é preciso não perder de vista a doutrina de Cousin, que deixamos estampada no 1.º n.º, e á qual principalmente refutamos.

Cousin colloca o homem no estado de selvagem, ignorando tudo, e apenas movendo-se instinctivamente a maneira dos irracionais.

Ora n'este estado, é impossivel conceber-se que podesse o homem elevar-se á invenção da palavra; porque, ou elle tinha conhecimento das idéas que representão as palavras, ou não se tinha não era o homem selvagem de Cousin e Condillac, e já por consequencia manifestava essas idéas, exprimia-se, etc: logo fallava, e por consequencia não foi elle que

inventou a linguagem; e se não tinha, não podia elevar-se à invenção desta; porque nós só temos idéa sobre as cousas que realmente existem, ou podem existir em alguma parte. Assim, concebo uma arvore, que realmente existe, uma montanha de ouro, um rio de leite, que não existem mas podem existir em algum lugar.

Ao contrario porem se nos disserem *causa*, e *efeito*, e não tivermos conhecimento do que é efeito e causa, jamais ligaremos idéa alguma á estas palavras.

Se fallarmos da *hypothenus* a um menino, que não tem os rudimentos da geometria, não seremos comprehendidos: logo se a principio os homens estavam em estado brutal, sem idéas, e conhecimentos, como disserão Cousin, Lucecio, Condillae, e outros, não podia comprehender, e conhecer idéas que para elles não existião, e quando alguém, se conseguisse romper esta difficuldade, ella subsistiria para os outros; pois os animaes teem os mesmos órgãos que nós, e entretanto não fallão, não obstante nos ouvir. E porque? Porque não teem o typo dado pela Divindade, o germen fecundador, esse typo que pelo Espirito Eterno nos foi communicado nas azas da luz, atravez do espaço immenso do céu.

Concedido, porem, gratuitamente, que podessem os primeiros homens representar as idéas das cousas que caem sob os sentidos, seria impossivel a respeito de certo grupo de idéas; como por exemplo: a de substancia, que «não sendo uma qualidade abstracta, nem formada por uma reunião de qualidades, não é imaginaria», as de causa, espaço tempo, do justo, do bello, etc: todas essas idéas que como as de substancia, em geral, são absolutas, e puras concepções da razão.

«E ninguem, a não ser algum philosopho sensualista, confundirá o espaço infinito e sempre duradouro, com os objectos finitos que o occupão; o tempo eterno com a successão dos phenomenos; o justo em si com as imposições das leis positivas, mais ou menos convenientes; o bello idéal com o praser que elle causa, etc.»

Para se ter pois conhecimentos d'estas idéas foi necessario a palavra.

E eis a razão, como já dissemos, pela qual com a palavra foram transmittidas as verdades moraes, certas verdades fundamentaes, o que nega a theoria da instituição da linguagem pelo homem.

VI.

Se a linguagem é de instituição humana, a palavra produziu o pensamento: logo todas as vezes que for articulada uma palavra, uma idéa deve despertar-se; porem felizmente é o contrario que se vê na pratica; porque se não soubermos uma lingua não entenderemos os que a fallarem. Uma palavra sem significação, é um som, um rumor no ouvido: logo á linguagem não é de instituição humana.

Com quanto dissessemos que o pensamento e a linguagem parecem ter a mesma ordem, chronologica, cremos, contudo, que o pensamento a precede: «e d'ahi vem o dizer-se: *ligar* uma idéa a um sentido, a uma expressão; e logo que se não pode *ligar* idéa a palavra, esta só vale como som, e não serve ao discurso, semelhante a estas moedas estrangeiras, ou desacreditadas que são recebidas no commercio, somente pelo peso.

«Mas senão podemos *fallar sem pensar*, isto é, sem ligar uma idéa ás nossas palavras, nem ser percebidas dos outros sem que liguem os mesmos pensamentos ás palavras que lhes dirigimos, não podemos *pensar sem fallar* em nós mesmos, isto é, sem ligar *palavras* á nossos pensamentos, verdade fundamental do ser social!... Assim pensar é fallar a si, como fallar, é pensar para os outros, pensar altamente.» (Bonald. *leg. prim. t. 2, p. 143.*)

Ora o homem sempre foi um ser pensante, como já provamos, porem quem pensa, falla, pois a palavra é a manifestação do pensamento e do mesmo homem; porque a assim como Deus, intelligencia suprema, não é conhecido senão por seu verbo, expressão e imagem de sua substancia, assim tambem o homem, intelligencia finita não é conhecido senão por sua palavra expressão de seu espirito, o que val o mesmo dizer, que o ser pensante se exprime pelo ser fallante»: segue-se pois do exposto, que o actor do pensamento é o actor da linguagem; ora o actor do pensamento é Deus: logo a linguagem é de instituição divina.

VII

Temos até aqui tratado, a questão pelo lado philosophico, aventuremos agora algumas palavras quanto a questão do facto.

«Quando demonstrar a historia como começou a especie humana, é o Dr. Magalhães quem falla, se pelo estado de uma desvalida infancia, ou si pelo vigoroso estado da puberdade; ignorando tudo, e sem servir-se de cousa alguma

no meio de um bosque inhospito, a mercê das feras, ou n'um paraizo, com todos os recarros para não morrer antes de tempo de fome, de sede, e de frio, ou envenenado por algum fructo; saberemos então de facto se os nossos primeiros pais, destinados á perpetuar a sua especie appareceram mudos e selvagens n'este mundo, fazendo tregeitos, e soltando gritos discordes, como as creanças actualmente, ou se fallando e intendendo-se naturalmente. Mas estou persuadido que a sabia Providencia não faria tristes ensaios, como o cavalleiro da Mancha com seo elmo de papelão, que não resistio ao primeiro golpe de espada.»

A linguagem é de instituição humana, bradão os preconisadores do sensualismo. Mas, ah! como é facil affirmar-se sem produzir provas!

Nós porem vemos os factos fallando diametralmente oppostos!

Vimos a Leibnitz, no meio de um paiz civilisado, e elle proprio um genio assombroso, empallidicer e offuscar-se ante a pretensão da invenção de uma lingua nova!

Aos Cesares, esses homens que dispunhão, por assim dizer, de Roma, não lhes vale tanta influencia, tanto poder quando querem ajuntar trez letras ao alphabeto, e o projecto morre no nascedouro!

E nós quando attrahidos pela sublimidade d'esse livro de Moysés, descemos dessas alturas immensas do céu até nós, e ao primeiro homem creado tal como o disem os factos, a narração simples e brilhante desse livro onde se acha a historia primitiva do homem, e nos mostra o Creador ensinando-o a fallar, conhecemos que ella está de accordo com o que naturalmente sentimos.

Com effeito, não poderia ser senão assim, ou como seria possivel outra impressão, quando consideramos o papel que Deus lá representa, o de um pai que ensina á seus filhos os rudimentos da linguagem!

Concluiremos o presente paragrapho com o inabalavel testemunho da escriptura sacra: *Fostes vós*, diz Deus a Job, *que tomastes a argilla, e firmando o ser animado, lhe destes a palavra?* (Vers. dos septen. ch. 38 v. 14.)

No § seguinte demonstraremos finalmente a veracidade da opinião que defendemos pela unidade das linguas.

(Continua.)

RAYMUNDO A. DA FONSECA.

RECITATIVO.

Á ARMINDA.

Consente, Arminda, que meu peito amante,
Por um instante, com intenso ardor,
Te exprima os votos de minh'alma pura,
Que só procura te fallar de amor.

Vaguei no mundo, mas vaguei sem tino,
Qual peregrino, n'um continuo error;
Jamais um anjo eu encontrei perfeito,
Que cá no peito me inspirasse amor!

Vasto jardim ante meus olhos tendo,
Mil flores vendo de jasmineo alvor,
Nunca me derão, sim verdade eu fallo,
Um leve abalo, que indicasse amor!

Sim, dessas flores, que eu outr'ora via,
Ah! não sentia o mais ligeiro odôr;
Não sei que tinham, erão todas bellas,
Nenhuma dellas me dizia—amôr!

Emfim do tempo desdohrou-se o manto;
Lá n'um recanto vi mimosa flor!
Era singela, mais que a rosa—linda,
Oh! minha Arminda, eis que sinto amor!

Fiquei sorpreso por gentis encantos;
São elles tantos, que não sei te expôr;
Só sei diser-te que já no imo peito
Com grato effeito me labora amor!

Sabes, ó bella, que flor meiga é esta?
Pura, modesta—de morena côr?
Oh! esta flor, que é tão fragrante e linda,
És tú, Arminda, meu ditoso amôr.

Amar-te é, pois, meu cordial desejo,
Em ti só vejo divinal primôr!
Serei ditoso, se meu peito amante
Fruir constante teu sincero amôr!

A vida é agra, se um amôr não temos,
Então vivemos em cruel torpôr,
A vida é doce, de praser é cheia,
Se nos enleia—divinal amôr!

É niada a vida, se o amôr fallece,
Murcha, entristece; é solitaria flor:
A vida é tudo, tem domnosso encanto,
Se no entretanto nos afaga amor!

Desses teus olhos—que me adoce a vida
Dá-me, ó querida, languido fulgor;
Só quero um gesto, que me traga um riso,
Quero um sorriso, que me traga amôr!

A. R.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1864.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA À LITTERATURA.

ESQUELHOS DA LITTERATURA BRASILEIRA.

I.

Aventurando algumas linhas sobre a litteratura do Brasil, a primeira difficuldade á superar é, sem duvida, demarcar a época da qual devamos assignar o seu nascimento.

O Brasil, arrastando por tres seculos as algemas do captivo, sendo escravo de uma nação grande e illustrada, por esse facto não constituia economia propria e independente de sua oppressora: necessitando do solidô elemento da liberdade, não fundava edificios, que lhe pertencessem.

Portugal, senhor da nossa patria absorvia nossas riquezas, senhoreava nossos ascendentes, desfructava nossos labores: os filhos do Brasil erão seus filhos, as glorias da nossa patria erão suas glorias.

Os brasileiros, portanto, ou tivessem impresso na frente o sello do genio, ou a natureza lhes sonegasse as galas do talento, ainda que a terra do Cruzeiro lhes prodigalisasse um leito de flores, e as brisas embalassem seu berço no Brasil, não tendo patria sua, abrigavão-se á sombra da metropole.

Nós, porém, não affiliamos estas idéas. Distinguindo o que nos pertence, faremos enumeração dos litteratos brasileiros, sem distincção dos tempos coloniaes, considerando Brasileiro o que no Brasil nasceu.

Nessa classificação não iremos longe: nem descendo ao seculo XV, seculo apenas do descobrimento do Brasil, ou melhor—de sua aurora; nem nos daremos ao arduo trabalho de catar suas esperanças vergenteas do seculo XVI; nem os

formosos rebentões do seculo XVII, que presagiavão um risonho e auspicioso futuro.

Será, pois, para nós de maior consideração uma epocha de apurado progresso em Portugal, e virilidade no Brasil; essa epocha assignalada na moderna Historia como uma das mais portentosas pelas maravilhas, que o espirito humano ha operado, o seculo XVIII.

Das nossas palavras, porém, se não tome um hymno ou epopea á todas as idéas do seculo que admiramos; á seu respeito pensamos com V. Cousin: Não adoremos como cegos, não ultrajemos como ingratos o grande seculo que acaba de passar.

Ha no seculo XVIII duas faces, duas feições distinctas: a frente e o reverso, o bom e o máo promiscuamente. A Historia o conserva e o transmite com suas bellezas e horrores, seus bens e males.

«A Historia, observa Victor Cousin, não diz somente o bem, refere tambem o mal; assim o deve fazer, mas não abafar o bem sob a descripção do mal; deixo portanto as extravagancias aos extravagantes, os crimes aos criminosos, e affasto os olhos desse sangue, e desse tremedal. . . .»

Condemnando as más ideas e principios do seculo XVIII, haveria injustiça não consideral-o o bruxolear da civilização nascente, idade de regeneração e vida: proscrevendo o mal, vêr-se-há que não somos cegos preconisadores de seus absurdos, de suas aberrações: confessamos, porém, com Villemain e Guizot, ser o seculo XVIII um dos maiores que há apparecido no mundo.

E na verdade o foi: contamos d'ahi o arrebol das luzes que gosamos, o amanhecer de hoje, o sól fecundador do se-

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 8 DE JANEIRO DE 1865.

NUMERO 5.

culo XIX. Convictos de sua importancia nos fastos do Brazil e Portugal, nelle lancemos nossas vistas, e apreciemos os motivos de começar nelle, e não nos antecedentes, ou no consequente o bosquejo da nossa litteratura.

II.

Há uma serie de acontecimentos momentosos no seculo XVIII, que sobremodo influirão no desenvolvimento litterario de Portugal e facturos destinos do Brazil, factos que a Historia dos dous povos nos indigita como de summa importancia.

Já o jugo servil da Hespanha, lançado sobre Portugal, e as cadéas que roxeavão os pulsos dos portuguezes estalarão alfim, pelos generosos esforços de patriotas da tempera de João Pinto Ribeiro, e pulverisada foi no Terreiro do Paço a tyrannia dos Filippes, Olivares, e Vasconcellos: Portugal ufano collocava no solio de sua antiga monarchia o oitavo Duque da casa de Bragança, D. João IV, cognominado o Restaurador....

Este movimento revolucionario de tam abençoados successos (1640) foi seguido da expulsão dos Hollandezes do Brazil, epocha nacional tam gloriosa para os nossos maiores, em a qual está ligada a fama de varões tam distinctos.

Os povos d'aquem e além mar respiravão liberdade: estes uma liberdade reconquistada, aquelles uma liberdade ephemera, e apparente: governos pacificos proporcionavão os melhores recursos de solida prosperidade para ambos os povos: dir-se-lia mesmo que ambos progredião harmonicos para perpetuar seu bem estar.

Porém, somente Portugal era livre: o Brazil gemia sob ferros. O espetaculo de um povo novo, os Americanos do norte, feria seus olhos: o sentimento de liberdade, connato no homem, despertou-lhe fortemente: do intimo de sua alma saia um grito espontaneo: acorda! surge!

Mais tarde uma nação illustrada, a

França, auxiliadora da emancipação dos Estados-Unidos, a França, que depura sua liberdade em cadinhos rigorosos, já sentada sobre um volcão revolucionario, e digirindo as tumidas procellas de tantas idéas em fermentação, a França levanta-se, e occasiona o famoso 93, ainda com as idéas não sazoadas, burlando destarte bem fundadas esperanças.

A prematura revolução de 1793, é verdade, não produziu completamente os almejados sonhos de seus corypheos: permaneceu, porém, o triumpho da idéa: a liberdade agitou os povos: este sentimento dominou a epocha, diffundio-se, generalisou-se.

Vemos com dôr successos tragicos: Paris, Vendée, Marselhe, quasi toda França mergulhada em o sangue dos insurgentes, e abalada em seus fundamentos: vemos rolar do patibulo a cabeça do venerando Luiz XVI, da sua virtuosa esposa Marie Antoniete, e suspensa no chuzo dos facinoras a de Lamballe, e de tantas victimas innocentes: vemos á par dos vultos serenos de Vergniaud, Barnave, e Lafayette, o sanguinario Marat, tímido Danton, e ambicioso Robspierre: tudo vemos: porém a idéa subsiste pura, e triumphante, a idéa da liberdade.

Esta revolução foi geral; diz Victor Cousin, sobre as ruinas do passado, ella plantou por toda a parte os seus principios. Se não fôra geral, faltára á sua missão, porque todas as revoluções parciaes consummadas tendiam para uma revolução geral; era esse seu character necessario. Ora, como a generalisação é o elemento mesmo da propagação e diffusão, a revolução Franceza, generalisando o principio de liberdade, o disseminou por toda a parte.

O Brazil, pois, sentio os reverberos dessa luz, destacados de França: o choque electrico da liberdade tocou aos Brazileiros, e devia ser seguido de resultados beneficos. Presagiando o grito do Ypiranga, ensaiou-se mais de uma tentativa de emancipação.

O bardo de Villa-Rica, o infeliz amante de Marília, desventurado como Gilbert, regou o lagedo das prisões do Moçambique com sentidas lagrimas do exilio; ahí seu cerebro extenuou-se; uma zona abrasadora deu-lhe morte precoce; e antes que o tumulo se abrisse para encerral-o, a razão fugio-lhe: a loucura foi seu termo!

Irmão nas glorias litterarias, soffrego de liberdade, Claudio Costa, martyr da independencia da patria, é subjugado á ferros, e sem alento para supportar uma dorida existencia, como Chatterton, finalisa seus dias com o pavoroso suicidio.

Xavier, o intrepido Tira-dentes, e tantos outros, que avidos da livre autonomia da patria, tanto trabalharão e soffrerão, são immolados, ou ao patibulo, ou expatriados, ou sepultados em horrozos carceres, onde difinhavão, até que a morte viesse attenuar seus males.

E assim a mimosa flôr da liberdade murchava no Brazil, crestando tambem esperanças risonhas, inoculando terror á qualquer tentativa. E quem ousaria falar e pregar liberdade, que não fosse logo ameaçado com o holocausto da vida?

A instrucção, esse pendôr do ente racional, era sobremaneira negada pelo governo colonizador. Se os Jesuitas, esses modernos apóstolos, não subministrassem o pão espirital do ensino, vegetar-se-hia em crassa ignorancia. Calculadamente feixava-se o cerebro do Brasileiro, monopolisando-se o saber, dando-se uma educação parca, escassa, e incompleta.

Os venerandos discipulos de Loyola, essa milicia santa, que em todo o universo ha plantado o labaro da caridade, fazendo-a brilhar em todos os seus actos, os Jesuitas, dominadores da sciencia no seculo XVIII, semearão no Brazil a fecunda semente da instrucção, devotando-se com sacrificio á causa moral de um povo ainda joven e esperançoso.

Os Brasileiros, pois, ou a bebessem aqui com escassez, ou fossem longe da patria

buscal-a, fazião rapidos progressos. O estudo da nossa Historia nos indica personagens distinctos poucos annos após o descobrimento do Brazil.

A tentativa de fundação d'academias litterarias prova, que já havia copia de homens, illustrados, e amor pelas letras. Na Bahia fundára-se uma sob o governo do conde Sabugosa, de pouca duração: outras houve de igual successo.

Com a vinda de Luiz de Vasconcellos e Sá para vice-rei, no Rio de Janeiro despertou-se vivo calor e enthusiasmo pela litteratura. Prova-o a existencia da Academia, creada pelos bellos talentos de então, secundados pelo vice-rei. Sua duração, porem, foi momentanea, visto como a cega mania das trevas apoderouse do successor de Vasconcellos, que dispersou-a, perseguindo os academicos, aferrolhando-os em prisões, e depreciando seu merito!

Havia verdadeira antithese. Todo o governo deseja ver a civilisação diffundir seus beneficos raios; o colonial, porem, ama a escuridão, para conservar esse torpôr d'espírito. Tinha razão: a liberdade é opposta *ex diametro* á ignorancia: era ao menos consequente.

Ao passo que na metropole plantavão-se nucleos de luz, e acclimavão-se novos focos de instrucção, e aperfeiçoavão-se os existentes, aqui enraizava-se o estacionario systema de ignorancia, temendo-se projectarem seus reverberos as escolas scientificas sobre os Brasileiros. No entretanto Reis de magnificencia, que modelavão os grandes principes, animavão as letras, e fazião celebres seus reinados por actos de acrisolado merito.

D. João V, o Augusto dos modernos tempos, ou o Luiz XIV de Portugal, consagrou sua vida á causa das letras. Monarca de saber e generosas idéas acerrou-se de estadistas eminentes, que, não o dirigindo cegamente, aconselhão-no. Assim este soberano fundou a Academia de Historia, ordenou a creação de cursos militares em todas as provincias do

reino para o florecimento das sciencias mathematicas.

Prestou á Religião muitos serviços, creando o patriarchado de Lisboa, erigindo sumptuosos templos, favorecendo mesmo instituições importantes de Roma, e abrindo cursos de sciencias sagradas, para disseminar a instrucção religiosa. O Pontifice Benedicto XIV em recompensa á seus serviços, e attendendo ser Portugal até então fiel á Religião do Crucificado, conferio para elle e seus successores o titulo de *Fidelissimo*, que ainda conservão os soberanos portuguezes.

Liga-se necessariamente aos fastos do reinado de D. João V o nome do respeitavel brasileiro Alexandre de Gusmaõ, cujos feitos apenas poderão ser apreciados em artigo especial.

A successão de D. José I no throno portuguez dá lugar a nova apreciação de factos, e occupa um eminente lugar na Historia de Portugal, no seculo XVIII. Seu reinado é uma cadêa de acontecimentos importantes, que influirão muito no progresso moral e material dos dous povos.

A sombra deste rei cresceu, dominou, e reinou um homem de vistas vastas, e que seria mais celebre se não reunisse as qualidades de impio e perfido.

Como na França fez sua epócha Richieu, arrimado ao sceptro de Luiz XIII, em Portugal um despota, o Marquez de Pombal, reflectia a imagem deste estadista, surprehendendo a pusilaminidade de D. José I.

Elivado, infelizmente, das idéas pessimias de seu seculo, Pombal não teve melhores successos na sua mal encaminhada politica, prestando seu auctorisado nome á sanção de inauditos escandalos.

A par de actos meritorios de Pombal, como a reforma e reorganisação da universidade de Coimbra, a fundação da academia dos Arcades, o impulso ao commercio, animação á lavoura e industria, as fontes de riqueza nacional que explo-

rou e desenvolveu, a solução de momentosas questões, e o modo como se houve na reedificaçãõ de Lisboa, destruida pelo terremoto de 1755, á par destes actos, que podião honra-lo, avulta, e se ergue o despotismo deste ministro *omnipotente*, que offusca e impallidece sua gloria.

Pombal, que se ostentava protector das lettras, e tentava comproval-o com reformas, depois de bramir contra o ensino *sophistico* dos Jesuitas, depois de representar o horrivel papel de traidor, talvez carregado de remorsos, e em convulsão, assignou o aresto *expatriando* de Portugal e seus dominios os Jesuitas!

Passo gigantesco! O famoso padrinho das lettras proscribe e expulsa os Jesuitas das plagas portuguezas, quando conhece perfeitamente serem elles os homens mais scientificos do seu seculo, quando sabe serem os conventos d'então verdadeiros cenaculos de luz!

Erão somente *perniciosos* em Portugal? Não. O ministro Pombal, cujo dedo poderoso intromettia-se nos negocios do continente todo, acoroçoou a selvagem guerra de exterminio levantada no seculo XVIII contra essa phalange sagrada, que em todos os paizes, em todos os tempos, desde seu apparecimento, havia derramado sobre a humanidade o orvalho de sua salutar influencia.

Pombal, que fundava uma academia para soerguer as lettras patrias, e dar lustre a poesia nacional decaída, Pombal faz defoihar, em um carcere infecto, um poeta seu contemporaneo e de renome, Pedro Antonio Corrêa Garção, somente por *leve culpa* de não incençal-o em seus versos!...

Eis que o dedo da Providencia arreda da scena portugueza esse tyranno, dando ingresso ao illustre solio de Portugal a santa e piedosa D. Maria I, de saudosa memoria, destinada por Deus á curar as chagas que a perversidade tinha aberto.

Esta virtuosa soberana ligou em seu reinado muita importancia ás lettras, das

quaes confessou-se inclyta protectora, e de facto o foi, visto como, cuadjuvando os estabelecimentos de educação existentes, fundou novos, e prestou-lhes animação...

Estamos no vestibulo do seculo XIX. São estes os mais importantes reinados pelos quaes passou o Brasil no seculo XVIII: são elles prenhes de factos, que, ou incitando os Brasileiros ás conquistas da intelligencia, ou despertando-lhes os brios, fé-los appresentar no banquete de sua moderna litteratura, vultos litterarios do quilate de Thomaz A. Gonsaga, Sousa Caldas, Basilio da Gama, e outros, que teremos occasião de apreciar em subseqüentes artigos.

Contemplando, pois, no seculo XVIII tantos Brasileiros opulentos de genio, e saber, entendiamos injurial-os, e a nossa patria, se dando um salto ao seculo XIX os deixasse no olvido, sem mencional-os como os patriarchas da nossa nascente e auspiciosa litteratura, satisfasendo-nos apenas com a enumeração da pleiade que fulgura no presente.

Considerando mais, que é realmente para o Brasil uma epocha de subido valor o seculo XVIII, forçoso nos foi faser uma digressão ao passado, visto como factos contemporaneos ligão-se, e explicão-se por elles, e muito concorrerão para a actual situação.

Ordenando assim nossos pensamentos, convidamos ao leitor para observar a litteratura brasileira em alguns de seus mais distinctos ornamentos.

R. LEMOS.

A REVELAÇÃO.

III.

Tendo-nos comprometido a tratar da revelação em geral, temos de haver-nos com os deistas e racionalistas, que pretendem poder o homem sem um soccorro exteriore e sobrenatural conhecer sufficiente-

mente a lei natural, na parte em que diz respeito a nossos deveres para com Deos, para com os semelhantes e a sociedade.

Para o verdadeiro desenvolvimento da presente these, estabeleceremos as seguintes proposições: o espirito humano sem o soccorro da revelação conheceria satisfatoriamente a lei natural? Os erros em que tem cahido o genero humano não provão a necessidade da revelação? A philosophia poderia supprir a necessidade da revelação?

A primeira proposição já se acha sem força, com o desenvolvimento *per accidens* que temos dado a presente questão.

Já avaliamos o quanto pode a razão por si mesma.

A razão tem (justiça se lhe faça) proporções para grande desenvolvimento, porem este, nunca lhe chegará sem um auxilio exterior.

Quando tratamos de determinar até que ponto pode elevar-se a razão humana, não devemos dirigir-nos aos patriarchas, á quem Deus se revelou de uma maneira especial, e extraordinaria, para a instrução dos povos; nem aos Judéos, que forão testemunhas durante quinze seculos dos prodigios do Todo Poderoso; nem tam pouco aos Christãos, que tem por si a resplandecente luz do Evangelho, este sol de justiça, que esclarece a todos que a este mundo vem; nem assim aos genios da antiguidade pagã, ou por que ainda conservavão uma ideia mais ou menos confusa da tradição primitiva, ou por que tiverão conhecimento pelo que lerão nos livros de Moysés.

O unico meio de conhecer o que o homem pode em materia de religião, é examinar o que conheceo fóra de toda tradição religiosa.

Ora, como chegar a este resultado, quando mesmo entre os gentios encontramos vestigios da revelação primitiva?

O homem no estado de sociedade, qualquer que seja ella, tem mais ou menos conhecimento da revelação.

Por isso, considerado debaixo deste

ponto de vista, não é este o homem, que procuramos para prova da nossa questão.

Se aos patriarchas, Judéos, Christãos e de todo qualquer homem, que esteja connexo aos laços da sociedade, não podemos nos servir; por que mais ou menos tem conhecimento da tradição primitiva, é claro, que nos devemos servir da rasão sequestrada do ensino, ou do homem insociavel.

Não proseguirei, para não fatigar ao leitor, em dizer o que seja e o que póde o homem insociavel.

E' verdade, que me podem dizer, que tem havido philosophos e theologos, que passarão uma vida insociavel; não obstante, novas e importantes descobertas fizeram.

Não será este subterfugio, que faça cahir a proposição enunciada.

Estes philosophos e theologos não estão comprehendidos no numero daquelles que chamamos insociaveis; quando dizemos insociavel, tratamos daquelles que nunca pertencerão e nem tem a menor ideia do que seja sociedade.

E quem me dirá que esses philosophos e theologos não sabem o que seja sociedade quando já elles fizeram parte della, e adquerirão o que lhes era mister adquerir?

O insociavel de origem, por mais esforço de razão que faça sempre será um ser imbecil, que não pode ter o menor vestigio da lei natural.

Segunda proposição—os erros em que tem cahido o genero humano não provão a necessidade da revelação?

Deus preparou a luz, (a revelação) para que o genero humano na sua senda não tropeçasse no barrancoso caminho da vida; e de tempos a tempos ia afrouxando-a á maneira de um candieiro, que se vai desatarraxando o parafuso pouco e pouco, para que maior resplendor haja, com o fim de afugentar as espéssas trevas que o circundão; assim a luz da revelação pouco e pouco se augmentava,

para destroço do mal, que com passo gigantesco avançava.

Não obstante tão proficuo soccorro, não deixou de apparecer, (como sempre scepticos, que abandonando a via recta, que os conduzia a verdade, forão se enxafurdar no lamaçal das abominações da idolatria.

Os Gentios, que receberão como os deus mais a primeira luz, desconhecerao o seu augmento.

Elles, guiados por uma luz tão fraca como a primitiva, e de mais a mais em contraposição com aquelles, que erão melhores guiados, o resultado seria: ceder ou desvairar. Não cederão—desvairarão.

Fatal é a condição do homem em tal estado!

Que ainda tendo um vislumbre de verdade, na occasião de a expôr corrompe-a dando-lhe uma outra applicação.

Os antigos e modernos philosophos fieis imitadores dos scepticos e desvairados, e de mais favorecidos pela critica mordaz, (que é commum a todos elles) tem ridicularisado os dogmas da religião, degradado o homem a ponto de collocar-o ao nivel dos irracionaes; tem finalmente chegado onde o homem de bom senso não póderia:—«é chimerica a existencia de um Deus.»

Esses erros ameaçao a ruina do homem; assim como as vagas das praias, que de continuo bater, vão as consumindo.

O unico dique capaz de prevenir o mal é a revelação, que com seus inabalaveis alicerces não ha quem se lhe opponha.

Terceira proposição—a philosophia poderá supprir a revelação?

A philosophia, essa sciencia que tem adquirido o maior florão desde os tempos remotos, com todas as suas pompas, com todo o seu orgulho, não pode possuir uma autoridade, que possa supprir a revelação.

Não pode pelas rasões seguintes: 1.^a porque os philosophos seus propagadores não tiverão uma missão real para ensinar;

por consequencia não achão quem nelles deposite confiança.

E isso é real.

Jesus Christo, quando ensinou a sua doutrina, e firmou sua religião, estabeleceu seus ministros, concedeo-lhes plenos poderes para a distribuição do ensino.

Convem notar, que este magisterio não foi confiado a este ou aquelle philosopho, mas sim a homens sem genio e sem sciencias, que nunca os bancos das escolas e academias frequentarão.

Com esta escolha quiz Deus manifestar o seu infinito poder, que muitas veses, na frase do Apóstolo se serve das cousas stultas (segundo o mundo) para confundir os sabios.

A *grei philosophica* sem uma autoridade divina para o ensino da religião, não poderia contar com o apoio do genero humano.

Em 2.º lugar, a philosophia não podia supprir a necessidade da religião, porque é ella um composto de contradicções; e um todo cujas partes são contraditorias, não se pode tomar para exemplo, sob pena de emaranhar-se nas diversas e oppostas vias dos mesmo todo.

E quem será capaz de nos provar que os *systemas philosophicos* não são contraditorios?

Por certo, que não poderá apparecer homem tam ousado, que emprehenda negar factos tam palpaveis—como o da contrariedade dos *systemas philosophicos*.

Abramos os seus livros, combinemos, e vejamos o resultado.

Que resultado não nos poderá offerecer, quando em uma só seita—a de Pitagoras—vemos—segundo o testemunho do sabio Fabricio—456 philosophos, todos pensando a seu modo, e cada qual presumindo ser o unico, que diz a verdade!

Famoso é o resultado que nos apresenta os *systemas philosophicos*: uns disendo que não ha Deus; outros que Deus é um numero simples; estes que Deus é o mundo, e que o mundo sempre existio, que é eterno; aquelles creem

em um Deus corporeo, ao menos divisivel, e identificado com todas as partes da natureza.

Socrates com sua escola admetteria uma causa primaria; Epicuro com a sua apenas a do acaso.

A primeira escola proclamava a existencia das almas, a segunda não cria se não na existencia dos corpos.

Assim os antigos philosophos não erão mais felises quando tratavão da natureza e perfeições divinas, do que quando fallavão da origem, natureza e fim do homem.

A ouvirmos os philosophos, diz J. J. Rousseau, tomariamos como uma tropa de charlatães, que gritão cada um do seu lado em uma praça publica, e ninguem os entende.

A philosophia é ainda contraditoria, porque, como diz Cicero, não ha erro algum que se tenha ousado avançar, que não encontrasse immediatamente um philosopho para sustentar.

Por certo, que taes contradicções não podem supprir a necessidade da revelação, dessa penetrante luz, que ainda os corações mais reconditos nas trevas do erro, os esclarece com seu deslumbrante archote.

Em 3.º lugar finalmente: a philosophia não pode supprir a revelação, por que ella propria reconheceo a sua fraqueza, pela boca de seus mais proeminentes adeptos—como Socrates e Platão.

Platão no seu Alcibiades diz a Socrates: Convem que esperemos, que alguém nos venha ensinar, como nos devemos portar para com Deus e para com os homens.

No livro das leis diz, que é preciso recorrer á algum Deus, ou esperar algum soccorro do ceu. No Phedon—Socrates fallando da immortalidade d'alma diz: O conhecimento claro dessas cousas nesta vida é impossivel, ou ao menos muito difficil.

O proprio imperador Juliano, atroz perseguidor dos christãos, cria na revelação;

fallando da immortalidade d'alma disse:
Se nós cremos que a alma é immortal,
não é pelas palavras dos homens, mas
pelas dos Deuses, unicos que podem co-
nhecer esta verdade.

A philosophia não pode supprir a ne-
cessidade da revelação, ou por que os
philosophos não tinham verdadeira mis-
são para ensinar, e por isso não mere-
ciam consideração, ou por que os syste-
mas philosophicos são contraditorios, e
por isso não podião servir de modelo,
ou finalmente pela confissão plena, que
erão fracos e nada podião sem um soc-
corro do ceu—a revelação.

Ora, se todos estes meios excogitados
não são sufficientes para supprir a ne-
cessidade da revelação, e se a revelação
é o unico soccorro que temos, para que
possamos conseguir a verdade, é claro
que della não podemos prescindir.

(Continúa.)

J. M. LUSTOSA.

PORQUE SUSPIRO?

..... Terra de flores,
A ti meo viço e ardor,
A ti os castos amores,
A ti meo sangue verdôr.

J. A. VASCONCELLOS.

Não é pelos bulicios da praça,
Nem por salas de um dôce folgar,
Não é pelos theatros soberbos,
Onde ha luxo e vaidade á faltar;

Mas é pelas virentes campinas
Lá da terra, onde amor eu frui,
Pelos valles, arroios, regatos
Onde á tragos venturas bebi:

Pelo canto das aves tão meigo,
Pelas noites de um claro luar,
Pelos mezes de inverno em qu'alegre
Via lindo um cordeiro a pular,

Pelos dias da infancia tão calmos,
Pelas fallas de Mãi proveitosas,
Pela brisa que espalha perfumês.
Pelo aroma das flôres mimosas,

Pelas relvas que as varzeas alindão,
Pelo meigo arrulhar da rolinha,
Pelo terno balar do cordeiro,
Pelo berro que solta a cabrinha,

Pelo touro a mugir, pela vacca
Que apóz elle ao curral vem certinha,
Pelos brados que solta o vaqueiro
Quando o gado em moromba encaminha

Pelo alegre saltar do bezerro
Quando livre se vê na campina,
Quando farto já cheio de leite
Sobre o vêrde macio se inclina,

Tão bem pelo rolar da cascata,
Que da rôcha deslisa-se alem,
Pelos rios da patria formosos
Que bellêzas, que encantos só tem:

Por tudo suspiro,
Do patrio sertão,
Que é balsamo santo,
P'ra meu coração.

A. Fernandes S. Queiroz.

—A Redacção acceita e agradece cor-
dialmente qualquer trabalho litterario,
que esteja conforme o programma do
jornal. Os escriptos devem sêr endere-
çados á esta typ. subscriptos á Redac-
ção.

Errata ao n.º passado.

Na pag. 25 col. 2.ª l. 42 onde se lê—com Deus
a vinda do Homem Deus—lêa-se: com a vinda
do Homem Deus.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

A ESCRAVATURA NO BRASIL.

II

Agora que já demonstramos, de conformidade com o nosso fraco pensar, o nenhum fundamento da escravatura em geral, passemos a tratar d'ella no Brasil, mostrando os inconvenientes que ao nosso bello paiz traz esse ultraje á humanidade.

O vasto imperio da Santa Cruz, que parece ter sido destinado pela Providencia Divina á representar o primeiro papel no grande quadro das nações; o Brasil, que um profundo historiador da epocha chamou o principal ramo da frondosa arvore plantada por J. C., e regada com o Seu Sacratissimo sangue na altura do Golgotha; o Brasil, que em 1500 foi entregue á civilisação, em 1552 á religião do Crucificado; o Brasil finalmente que podia ser uma nova Canaan do Catholicismo, no dizer de um sabio escriptor, tem soffrido e continuará a soffrer, em quanto alimentar em seu seio tão terrivel mal.

Assim como não cresce a população de uma provincia por estar sempre soffrendo os vexames de qualquer peste, da mesma maneira nunca poderá florecer o Brasil por causa da escravatura que possui.

Da peste resulta a morte da materia; da escravatura a morte do espirito, e consequentemente do progresso.

Não fallamos do passado, não indagamos a razão da admissão da escravatura no Brasil; porque não obstante ter sido um erro, foi quasi universal: mas perguntamos a causa de ainda não ter elle como a maioria das nações, repellido semelhante erro? Elle que é tão copiador da França, por ser uma das mais, ou a

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 15 DE JANEIRO DE 1865.

mais civilisada das nações, porque não a imita neste ponto, justamente aquelle que á risca deveria abraçar? porque não faz desapparecer das brilhantes paginas de sua historia tão repugnante estado?

Clamam os *amigos* do paiz:—Soffrerá o Brasil uma retrogradação espantosa.

Nós ao contrario diremos e firmados em solidos fundamentos, que desde o momento que a escravatura fór abolida do sollo brasileiro, não só o Brasil não retrogradará, como mesmo experimentará um progresso espantoso, pois que serão remediados, ou ao menos melhorados os males, que principalmente pelo lado moral e religioso traz a escravatura.

A palavra escravidão, disse pensadamente o Bossuet brasileiro, o Marquez de Santa Cruz, «sempre desperta as idéas de todos os vicios; assim como o doce nome de liberdade desperta as sensações e as idéas de todos os bens. A escravidão é um estado violento que abate o espirito, embota as faculdades do entendimento, perverte o coração, destróe o brio e toda a emulação da virtude.»

E não foi sem muito fundamento que assim se exprimio este grande genio: pois sendo o homem dotado de uma razão tão limitada a ponto de não poder distinguir o justo do injusto, o bom do máo, sem o cultivo da intelligencia, que foi, como já dissemos, negado ao escravo, não é possivel dar-se n'elle a pratica das boas obras; e é por essa razão que, diz o mesmo escriptor, ser um prodigio na ordem moral um escravo virtuoso.

Além disso accresse haver nas familias brasileiras, pela generalidade, tal falta de amor maternal, que apenas dão a luz a seus filhos, entregam-nos logo aos cuidados de uma escrava, que o mamenta

NUMERO 6.

em seu proprio seio, ficando sob sua direcção, até certo tempo, a educação do recém-nascido.

A bondade do fructo depende muita vez da qualidade da terra em que foi lançada a semente.

Quantas vezes a boa semente produz uma arvore, cujo fructo é inteiramente differente em paladar á aquella d'onde se extrahio a mesma semente, ou por não ser bem cultivada a mesma arvore, ou porque o terreno não tinha a natureza apropriada ao fructo!

Se quisermos pois comparar a escrava a quem encarregam as mães a criação dos filhos com o terreno e os filhos com as sementes, diremos que estas poderão ser muito boas, poderão ter por inclinação a virtude e a moralidade, mais infelizmente foram depositadas em um terreno tão contrario á sua natureza, que de nenhuma maneira poderão conseguir os dotes que lhes devia caracterisar.

Escutemos ao arcebispo da Bahia, chorando a condição dos meninos. «Sempre lastimei, diz elle, a sorte dos tenros meninos brasileiros, que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os seus primeiros annos as funestas impressões dos contagiosos exemplos desses seres degenerados; e oxalá que eu me enganasse; oxalá que fossem mais raros os triumphos da seducção, e os naufragios da innocencia! oxalá que tantas familias não tivessem deplorado a infamia, e a vergonha, em que as tem precipitado a immoralidade dos escravos.»

Eis, pois, quantos males traz consigo a escravatura, e eis porque disemos que sua extincção engrandece sobre maneira o estado moral e religioso de nossa nação.

Se abstrahirmo-nos do melhoramento por esse lado, e o considerarmos quanto ao material, da mesma maneira observaremos progresso, e só progresso.

Não negaremos que a agricultura, nossa principal riqueza, e que se acha exclusivamente entregue aos escravos, apre-

sente alguns productos, porém não como se estivesse confiada á braços livres. Esta asserção não só racionalmente, como pelos factos, prova-se.

E na verdade, a razão despida de toda a parcialidade, não poderá dizer que o homem livre, por isso mesmo que trabalha com esperança de recompensa, esforça-se, capricha para recebê-la dignamente. Ao contrario porém, aquelle que trabalha porque a isso é obrigado, que não tendo esperança em paga pelo trabalho feito, não pôde de maneira alguma fazer que appareça progresso no seu trabalho.

É exactamente o que acontece com o escravo, nenhuma recompensa espera, se trabalha muito, come, se trabalha pouco, ou nada, come da mesma maneira, e de conformidade com a nossa natureza, prefere sempre o homem a sombra á chuva, o descanso ao trabalho, e menos que da escolha não resulte dano nenhum a si.

Quem é, perguntamos nós, que não deseja vêr o fructo de seus labores? quem é que sem recompensa, faz alguma coisa vantajosamente? O mesmo Deus, aquelle que é, não exige do homem em retribuição aos innumerados beneficios que a elle fez, fieldade nos comprimentos de seus mandados? não exige que o reconheça como seu creador? e não obstante ser tudo isto em beneficio do mesmo homem contudo não recebe o Omnipotente como uma especie de recompensa? por certo que sim. Pois se com o Regedor das nações assim acontece, com maior força de razão verifica-se no homem, pois seus interesses são altamente conhecidos.

Poderão dizer os defensores da escravidão: Se os escravos não são obrigados a trabalhar pela recompensa que tenham de receber, o são pelo temor do castigo que parece estar além da esperança de recompensa.

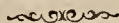
É verdade, sem o castigo o escravo faria ainda menos do que faz, porém quan-

tas veses é elle prejudicial? quantas vezes os senhores, não contentes com o preceito do Divino Mestre que manda castigar aos que erram, lançam mão de um pobre escravo, e esquecendo que é um ser humano, encadeão-o de maneira a não se mover, e flagellão-no até correr chorros de sangue, não mais gemer, ou exhalar o ultimo suspiro? quantas veses castigam-n'o a ponto de consumir longo tempo o castigado, no restabelecimento, por que ficarão inutilizados?

E o resultado de tudo isto nada mais é que a diminuição de braços a quem acompanha o regresso da industria.

Prosequiremos.

V. DE CARVALHO.



ORIGEM DA LINGUAGEM.

VII

Da doutrina até aqui expendida estamos obrigados á uma observação preliminar.

Quando dissemos com Lacordaire que o homem é um ente ensinado, que o dom da palavra, ou da linguagem, é innato não n'elle porem na sociedade, e os que se vão alistando sob as bandeiras desta, ali apprendem este dom Divino, parece cahirmos no erro d'aquelles que censuramos, isto é, no sensualismo. Pois se somente vindo o homem á sociedade é que aprende, e sendo o ensino cousa que vem, se assim nos podemos exprimir, pelos sentidos, segue-se affirmarmos serem nossas idéas adquiridas pelos sentidos: logo somos sensualistas.

Não; um momento de reflexão basta para dissipar estas audaciosas emboscadas do sensualismo.

Sustentámos com factos que o desenvolvimento humano é, por assim dizer, filho do ensino; porem d'elle não depende absolutamente. Explicquemo-nos.

Em nós temos o germen, a capacidade desenvolver este principio natural a que muito acertadamente Descartes chamou innato, e o ensino nada mais é que um valente auxilio para o aperfeiçoamento do germen, do thesouro não patente, mas em nós existente.

O ensino está para este germen, na razão

da revelação para a razão. O que é a razão sem a revelação, e esta sem aquella?

Os irracionaes como não teem razão, nada lhes augmenta a revelação; e o homem que tem razão, faltando-lhe aquella, degenera até nivelar-se com os irracionaes; e os factos que citamos no § 5º o provão exuberantemente.

Ensino, pois, e razão, eis os fundamentos do desenvolvimento da humanidade.

Quanto a sua maneira de existir explique-mo-nos.

Imaginai um lugar completamente privado de luz, onde estejamos com alguns objectos; ahí ha corpos realmente, porem por mais que nos forcemos para os distinguir, não o conseguiremos. Mas, logo que um raio de luz espancar as trevas distinguiremos a todos elles.

Tal é o ensino em relação ao typo naturalmente existente em nós.

Como os objectos, este existe nas trevas, e por esta razão se não manifesta, mas logo que vem em seo auxilio um raio de luz, o ensino, elle é apercebido, e se mostra radiante.

Porem o ensino não produz a razão, nem esta a aquelle; são inseparaveis, e mutuamente se auxilião, porém existem independentemente.

E n'este sentido é que se deve entender a G. de Humboldt quando diz que a linguagem não é nem um puro dom, nem uma invenção, mas um resultado necessario e espontaneo; a Bonald, que a arte de fallar é adquirida, e nos vem dos outros; a Rousseau que a palavra foi necessaria para a invenção da palavra. Concluiremos o presente paragrapho com um pensamento do ab. Barbe; diz elle: . . . «O homem não pensa senão por meio da linguagem, e não falla senão em sociedade. Taes são para um espirito unido a um corpo, e destinado á viver em estado social, as condições naturaes do pensamento.»

ix

Unidade das linguas.

O espirito humano marcha, e o pensamento não tem balizas na ordem natural; eis um facto aperegoado pela alti-sonante tuba dos tempos.

Verdades que hontem se achavam involtas no véo do desconhecimento, umas ainda confusas e apenas mostrando-se a travez da escuridão de medonho chãos, e outras em hypótheses, como a motricidade da terra e perplexidade do sol, estão á luz, são incontestaveis; e o espirito

humano marcha, e o pensamento v^oa varando o c^omo das descobertas.

A unidade das linguas é uma destas verdades.

Ha tempos o desejo de justificar e derrotar a historia de Moysés, ou a ambição de conhecer a lingua primitiva communicada, ou não, por inspiração divina, deo logar ao estudo sobre a unidade das linguas.

A principio foi problematica esta verdade; e alguém não duvidou dizer que «se se podesse sómente demonstrar a existencia de uma lingua que contivesse o germen de todas as outras, e formasse um centro donde as demais se destacaram, então a confusão de Babel receberia uma brilhante confirmação, pois esta lingua devia ser, antigamente, a commum da humanidade, cuja origem não podia ser senão divina».

Sim, havia razão; porque ou a linguagem era um dom divino, ou invenção do homem, e o resultado de suas forças: se um dom divino, devia ser uma assim como una é a especie humana: mas se, ao contrario, era um resultado das forças do homem devia ser multipla, pois tudo que é humano é multiplo, visto como o que uns poderam em algum logar, outros tambem o conseguiram em outras partes.

E a diversidade de linguas se manifestava á favor dos ultimos.

Os defensores, porém, de Moysés, e da inspiração da linguagem se opposeram.

Eis travada a luta, eis o bracejar sem limites.

O premio hasteava-se no pendão, para triumpho de um dos partidos.

Um grande numero de pretendentes entrou na luta, travaram das armas e a liça foi renhida.

Seria um trabalho de Cyclopes, e inteiramente superior ás acanhadas columnas deste jornal o acompanharmos esses atletas em suas marchas, e traçar o curso dos primeiros passos do pensamento na indagação da unidade das linguas: e pois, apresentando os resultados dos problemas, apenas iremos tocando perfunctoriamente nos meios pelos quaes chegaram a esses fins.

Cada bravo a principio descendo ao campo das especialidades limitou-se á defesa das nacionalidades.

O grande Pezzon pugnou pela causa do Celta, Webb, e outros do chinez; e ainda não ha muito, D. Pedro de Astoriza, D. Thomaz de

Sorreguieta e o ab. Iharce—Bidassouet—d'Aroztegui com o mais desapiedado ardor sustentaram os pretendidos direitos do basco (byscaiano).

Garope Bécan com seu Flamand (flamengo) propõe-se a faser grandes prodigios, revelar arcanos, levantar um véo que encobria muita cousa, e afirma que o Flamand é a lingua mãe.

Eis como elle operou esse prodigio: *Adam* faz dirivar de *hat-dam*, que no Flamand significa *digue a inveja*; como se o primeiro homem fosse um dique opposto a inveja da serpente.

Eva de *eu-vath*, que significa o vaso do seculo; porque Eva continha o germen e o principio da humanidade.

Abel de *hat-belg*, o odio da guerra; porque Abel tinha horror a guerra que lhe fasia *Caim*. *Caim* vem de *caitem*, mão fim. *Nóe* de *nos-acht*, o que pensa na necessidade, o que a prevê etc.

Deste modo porem qual seria a lingua que deixaria de passar pela primitiva?

Não obstante estas ousadas pretensões, as linguas semiticas parecião ter melhor sorte.

Mas tudo era imperfeito, como imperfeitos são principalmente os primeiros voos do pensamento; e cada combatente pugnando por sua lingua predilecta, nada menos tinha em vista que faser-a passar pela primeira no mundo, e de instituição humana como o fez Abdelung.

Os Abyssinios, diz o douto Wiseman, apresentavão sua lingua como a primeira, e donde o proprio hebreu não era mais que um dialecto.

Uma armada de auctores siriacos traçava a affiliação de sua lingua em linha recta de Hebet á Nóe, á Adam.

Entretanto quem tinha mais direito era o hebreu, diz o profundo D. Calmet.

Tal foi o objecto das pesquisas sobre origem, unidade e primazia das linguas.

«Duas faltas essenciaes, porém, podem ser apontadas na direcção desses estudos, diz um auctor, nas Demonstrações Evangelicas, (Wiseman) e ambas viuhão da vista estreita dos que cultivavão esta sciencia. A primeira é que parece não se ter admittido outra affinidade entre as linguas alem da affiliação. Suspeiton-se apenas que podia descender parallelamente de uma mãe commum. Desde o momento em que duas linguas tinhão alguma relação, se concluiu que huma era a origem da outra.»

A oração dominical, que os Padres do Catholicismo tradusirão em as linguas dos países em que pregavão, forneceo novos elementos

para os philologos, e então groços volumes desta oração apparecerão.

Este methodo porem era imperfeitissimo; e Leibnitz apparecendo com seu genio colossal foi derramando nova luz, e desde então se pode marcar nova epocha a philologia.

«Elle exorta seos amigos á recolherem palavras em forma de taboas comparativas, e a estudar o georgeano, á confrontar o armenio com o caphto, o albanais com o allemão e o latim.»

Outros genios o acompanharão em seos voos, a sciencia tomou novo vulto, e o velho methodo ia ser regeitado como incapaz de dar um feliz resultado.

Conheceo-se que a oração dominical traduzida em diversas lingoas não era sufficiente «para mostrar o character das differentes lingoas; porque a traducção de uma oração cuja forma é inteiramente particular, devia ser mais ou menos semelhante em muitas lingoas, e não podia jamais fornecer um tão bom especimen, como a exposição original de um homem do paiz.»

Conheceu-se que «achar um pequeno numero de palavras que tivesse alguma semelhança em tres ou quatro lingoas, não éra sufficiente para d'ahi se concluir, á commum origem de todas.»

Tudo isto hia desaparecer, porque os genios tomavão novas vias.

«Ainda não se tinha principios geraes para substituir o antigo methodo, mas havia um analytico; decompunha-se minunciosamente, e se comparava os elementos grammaticaes da linguaagem, assim como as palavras, e não se admittia affinidade entre duas lingoas sem o estabelecer com provas rigorosas.»

Passemos desta parte chronologica á incadeação emitiva das lingoas.

RAIMUNDO A. DA FONSECA.

UM MOMENTO DE REFLEXÃO.

OS POBRES.

Não me esqueço de vós—não vos deslembro.

Era um dia de novembro, ás nove horas, e sentado estava eu a doce sombra de um lindo cajaseiro, a beira mar, vendo quebrarem-se na praia as ondas, contemplando absorto a natureza com todos os seus encantos, e me elevando em ex-

tasi aos céus formosos, onde a noute as estrellas são brilhantes, que scintillão quaes lucidos pharões em tempo escuro, quando me veio a mente occupar minha penna rude e pobre com esses da fortuna repellidos, e miserrimos mortaes, que n'este seculo, em que só com ouro é tudo magnifico, paixão indubitavelmente uma vida monotona, e sombria, sempre longe dos salões,—das grandes rodas, opprimidos de dôr a mais profunda; e, as mais das veses, cercados das insuperaveis barreiras da indigencia.

Bem sei, e nem é meu intento, pintar ao vivo suas miserias todas,—descrevel-os—; mas, não importa, é sempre desses homens, que o opolento despreza e chupa o sangue,—desses nobres irmãos, que tem portimbre servir a humanidade a Deus servindo, sacrificando a saude, a vida, os proprios filhos em observancia de um preceito, ou divino, ou humano, com autoridade imposto, que pretendo fallar sem outra voz ouvir, que não seja a da minha consciencia.

E como não ser assim se, muitas veses, exposto ao ardente sol dos nossos tropicos, e a sede abrasadora dos caminhos, onde, em critica estação, é tam difficil agua, que faz-se necessario gastar dias inteiros procurando-a, matei a minha sede, e achei conforto do pobre na cabana, tendo-me sido pelo rico negado, que dar-me podia, se uma alma igual tivesse a do pobre?!

Quantas veses o misero viajante, em noite tenebrosa, ouvindo o ribombo do trovão,—já aproxima a tempestade, ao rico se chegou pedindo um canto onde evitar podesse clamor e perigo tanto, e este com cynismo respondeu-lhe,—que esperava amigos á quem tinha a porta aberta, e que por isso procurar devia outra pousada, onde melhor podesse accommodar-se... oh muitas veses—.. muitas!!.. e eu mesmo, longe dos lares onde tive o berço, já vi-me exposto a soffrer, não podendo, tempestade e a morrer no caminho em noute escura, sem haver quem

me offerecesse um braço amigo, por me ter dito o rico que—esperava amigos! Amigos!

Quereis saber, porem aonde remedio achei á mal tam grave, á tam perigoso transe? Com gosto o digo;—do pobre na cabana; e grato ao pobre serei por isso mesmo eternamente.

Ou durma, ou vele, ou folgue, ou sofra viverei com elle, pensarei só nelle.

Quem das cidades não sahio ainda, quem só por mar, e não por terra, viajado tem, chamar pode exageração quanto he narrado; mas quem agros caminhos tem cortado, exposto aos temporaes, e á calma ha percorrido os sertões, transposto as serras, embrenhado-se nas mattas, e visto campos, onde as veses só ha arbustos raros, em desabrida sêca, perfeitamente sabe, que, na exposição feita, não ha exageração, e dirá, que o quadro esboçado não foi com as carregadas tintas d'aquelle duro soffrer, quando se experimenta, sêde horrível, calor intenso; que ao viajor exausto de fadigas livra em pobre choupana seu pobre habitador. O pobre morre por amparar quem soffre, da caridade amante, a caridade exerce, em quanto o rico olhando-a com desdem a menospresa, desprezando os irmãos que o braço estendem, e que um asylo buscão á seus labores.

Sendo pois assim, porque aos humildes e miseros indigentes negamos um tributo que devemos?

Porque hospedagem lhes não damos sempre e fugimos, as suas vistas procurando evital-os, como se elles leprosos fossem? Como se seus corpos, cobertos de vestidos menos limpos, não fossem obra de Deus, embora mal vestidos e tostados, não incerrassem tambem uma alma emanação mysteriosa do Ente Creador, e muitas veses mais candida, pura, e sublime, que a alma do cortesão, do nobre, ou do principe, em uma palavra:—como se, aquelle que se alimenta mal, que mal se veste, não tendo ouro, e não andando a carro, irmão não fosse de

principe, do nobre, de cortesão, e de mais soberbo habitador de esplendidos palacios, onde os metaes e os brilhantes nos deslumbrão?—

Nós,—os que tratamos assim nossos eguaes, que devemos esperar de quem nos disse, com suprema autoridade, que tratassemos a todos como a nós: Et pronuntius ut faciant vobis homines, et vos facite illis similiter? Que. . . de um Deus justo, e Pae de todos, que por todos jorrou sangue na terra, e soffreu martyrio, e morte?! . . . E não é certo ainda, que o soberano destruidor de premios, e castigos, teve na terra especial amor pela pobresa, de que dão testemunho irrefragavel seu nascimento, sua vida e morte?—Certo é tudo isto.

E eis a razão porque acima perguntava eu que esperar devemos nós os que mal tratamos os irmãos nossos? Não sei confesso, nem são minhas vistas descortinaes e perscrever futuros; mas, duas palavras bastão, para explicar tudo.—Não se paga mais do que se deve:—quem premio merecer terá premio, quem castigo, castigo; porque Deus é. . . É Deus para quem mais titulos.

(Continúa).

A. Fernandes S. Queiroz.

ESTUDOS GEOGRAPHICOS.

Redondeza da terra.—Antipodas.

(Continuação do nº 3).

Outro argumento da redondeza da terra é a grandeza dos dias e das noites nas regiões proximas aos pólos. A grandeza dos dias e das noites depende das relações, que o horisonte guarda com os círculos descriptos pelo sol, e estas relações seriam constantemente as mesmas na hypothese da terra plana.

Finalmente nos eclipses da lua achamos uma confirmação de todos os argumentos que acabamos de deduzir. Em todas as posições possiveis a sombra pro-

jectada pela terra sobre o disco da lua, apresenta a fôrma circular.

Nestas avaliações da sphericidade da terra podemos fazer abstracção das desigualdades de sua superficie. Ainda que á primeira vista parece que as grandes montanhas do globo destróem semelhante sphericidade, deve advertir-se, que o Dewalagire, que é a mais alta montanha que se conhece, e que se eleva oito mil metros acima do nivel dos mares, está para a grande massa do orbe terrestre, como uma elevação de meia linha para uma sphaera de quatro-pés de diametro. Diz Biot, que as desigualdades da casca de uma laranja são mais perceptíveis.

As difficuldades que temos de conceber á sphericidade da terra, nascem da falsa idéa que temos do péso. Pergunta a ignorancia:—Como pôde a terra assim desamparada, sustentar-se no espaço sem cahir; e, como pôde haver antipodas, isto é, gente que anda lá por baixo da bola com os pés voltados para nós, á maneira d'uma aranha pelo tecto d'uma casa?—similhanter gente necessariamente havia de separar-se da terra e cair; razão tinha S. Agostinho e Lactancio Firmiano para não admittir a existencia de homens que andassem de cabeça para baixo.

Mas note-se que ha na terra uma força incognita, mas cujos effeitos vemos, e cujas leis calculamos: esta força, chamada gravidade, retém tudo que se acha na superficie da terra, e attrahe para seu centro os corpos que estão proximos della. A acção de cair consiste, pois, em se dirigir para esta superficie ou para este centro. Não nos afflijamos com a queda da gente, que anda com os pés voltados para os nossos; se cahirem, será para o lado da terra, porque aqui está a força, que os attrahe, e a este acto de cair elles chamarão, assim como nós chamamos, ir para baixo: os antipodas veem, como nós a ter debaixo de seus pés, e os astros gyrarem sobre suas cabeças.

As mesmas duvidas que podemos ter acerca dos antipodas, estes as podem

conceber á nosso respeito. Demais, para tranquilisar seu pasmo; bastava virar os olhos para o céu, e ver tantos globos suspensos nos espaços, sem perigo de cair.

Mas talvez fosse justo e prudente adoptar com Homero, para não cahirmos nos abysmos juntamente com a terra, que esta se sustenta sobre uma columnata guardada pelo gigante Atlas, ou perfilhar o sentimento dos antigos Scandinavos, que a fasia descansar sobre nove pilares; ou opinar com os adoradores de Brama, que a punham sobre o dorso de quatro elephantes, já se vê, de forças espantosas. Estes diferentes pedestaes, columnata, pilares, elephantes, teriam o condão de não cahir, comtanto que não deixassem cahir a terra!

(Continúa).

O Voador.

Está hoje provado concludentemente que foi o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, natural da cidade de Santos, provincia de S. Paulo, o primeiro que pôz em pratica o maravilhoso invento dos aerostatos, pelo que o cognominaram d'aquella maneira, (embora muito antes d'elle Bacon, Lana e Galiano, fallassem da possibilidade da navegação aerea) fazendo subir do pateo da casa da India em Lisboa, aos 5 dias do mez de Agosto de 1709, um que organisára; verificando-se assim o erro dos physicos francezes attribuindo aos Montgolfiers, semelhante invento, que só 74 annos depois, appareceram com a assenção de suas machinas. Por occasião deste acontecimento, muitas foram as satyras que fiseram a Gusmão, com o intuito de offuscar-lhe a gloria, das quaes citaremos uma de entre outras que temos á nosso alcance:

Com que engenho te atreves, Brasileiro,
A voares no ar, sendo pateiro,
Desejando ave ser sem ser gaivota?
Melhor fôra na região remota
Onde nasceste estar com siso inteiro.

Os que quizerem noticias mais amplas de tão extraordinaria descoberta, consultem os Varões illustres do Brasil, durante os tempos coloniaes pelo Sr. J. M. Pereira da Silva e a Memoria lida na sessão litteraria da Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 20 de Maio de 1840, pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho, que hão de encontrar importantes citações de valiosos documentos.

R. A. CORREA DE FARIAS.

HOSANNA.

Que diz o infante,
Se o rir d'um instante,
Se muda inconstante
N'um meigo chorar?
Que diz a donzella,
Que scisma tam bella,
Que sente, que anhela,
No seo meditar?..

Que dizem os palmares,
Que doceis aos ares,
Nos ledos folgares,
Sorriem-se á gemer?
Que diz a rolinha,
Qu'á tarde sósinha,
Saudosa definha,
Se o par vê morrer?

Que dizem as flôres,
Emblema de amores,
De infindos primores,
De infindo gosar?
Que diz meigamente,
D'orvalho nitente,
A gôta cadente,
Qu'a flôr vem beijar?

Se brame raivoso
O pélagos iroso,
Se geme saudoso
Na praia,—o que diz?
Que dizem os cantos,
De magos encantos,
Que ensaia, sem prantos,
Mimosa perdiz?

Que diz a vaidosa
Gentil mariposa,
Qu'o suco da rosa
Fragante libou?
A Ioura abelhinha,
Que diz quando asinha,
Beijando a flôzinha,
Seu mel lhe roubou?

Que diz a erma fonte?
Que diz o horisonte?
E o cume do monte,
Que se ergue altaneiro?
Que diz ternamente
A lua nitente,
Se corôa indolente
O verde mangueiro?

Que diz todo o mundo,
N'um voto profundo,
Eterno, e jucundo,
Erguendo-se aos céos?
Diz grato—amoroso
Hosanna! e soidoso,
É tudo um formoso
Concerto ao seo DEUS.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

Assigna-se para este jornal nesta typographia a dois mil reis por 3 meses

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

UM MOMENTO DE REFLEXÃO.

OS POBRES.

Naõ me esqueço de vós—naõ, vos deslembro.

(Conclusão).

Mas que procuro?... Onde vou?... Perdi meu rumo, me affastei do ponto: porem ah! quanta ventura! Uma feliz e incompreensivel successão de idéas me chamão para elle.

Na sua humillissima choça muita vez geme o pobre sob a pressão do rico desalmado, que só de seu poder as leis conhece, e só de sua vontade o impulso segue, mas sua vida não maldiz o pobre, não blasphema, nem perde as esperanças:—fal-o-hia, se não fosse christão; mas elle é tal, e um Deus confessa justo bom, providente, que tudo ordemna e faz e tudo pode, que não distingue o pobre do opulento, senão para amal-o mais.

E é por isso que, grave e modesto, sem um gemido arrancar do intimo peito, sem um gesto fazer de descontente, supporta da penuria os duros golpes!—no seu triste viver soffre por si, e por seus lindos filhinhos....tambem soffre.... Elle os vê muitas vezes a cair de fraqueza, a suspirar, a estender supplicantes os debeis braços, como quem diz nos ultimos arrancos:—de fome perecemos se nos não accodem!

E não se limita a isto o seu soffrer: a seu lado geme ainda inconsolavel a extrema digna mãe de seus filhinhos—sua bella consorte, companheira infallivel e incansavel de seus dias,—dos risos, e das dores, das lides, e de tudo.

A mulher tem mais doçura, e é mais sujeita aos extremos na dor, como nos risos; e a rasão é esta porque sendo chris-

tã a risonha esperanza de conforto mais depressa perde, a rasão é esta porque se desanima, e o marido invoca.

Eis o viver do pobre: e muito soffre elle! ah! muito....

E, mais profundas chagas, quem soffreu jamais! Ninguem. Mas, não importa, feliz é elle, e, tal julgar se deve, se alimentado foi desde o seu berço nos sãos principios, nos preceitos santos da mais augusta, grandiosa, e santa das instituições que o mundo ha visto, masque não é do mundo o—CHRISTIANISMO.

E' de grande conforto, e deve ser para o pobre, e o infeliz que chora a sublime ideia, e a feliz lembrança de que ser pobre, e ser christão; é ter de mais um titulo para remontar-se as regiões celesles, a patria dos cherubins,—mansão dos justos—E' ter de mais um titulo para ser amado do Rei tres vezes santo, que, á um aceno só, fazer bem pode surgir milhões de mundos, mais elegantes, e muito mais formosos, do que este, já delicias a que maravilhados contemplamos; como pode, se fôr vontade sua, abater n'um momento o poderoso, e o nobre dando-lhes por habitação a terra fria, e elevar o pobre a occupação de um throno sumptuosó, todo ouro e brilhantes magnificos, todo tapetes e sedas de exquisitos gostos.

Assim pode ser tudo, poderosos da terra! tirai pois dos olhos vossos o véo densissimo,—despertaí, e sabeí, que é tudo neste mundo uma illusão, e feliz só é aquelle que sabe comprehender sua missão;—rico o que tem no céo rico thesouro—nobre o que não manchou su'alma no immundo lodaçal do crimê, e, para tudo isto, deveis saber, muito maior fa-

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 22 DE JANEIRO DE 1865.

NUMERO 7.

cidade encontra o indigente, que tanto desprezaes, e opprimis tanto....

Aqui a reflexão findou-se, e, eu tambem findo, pedindo instantemente para o pobre mais conceito, melhores disposições e um bom cantinho no banquete da vida, onde possa encontrar doce alimento, e o pão da intelligencia, doce pão que produz maravilhas assombrosas.

Ricos, não é só vergonhoso, é mais, é um crime deixar morrer a fome o desgraçado, e permittir que o genio, emanação sublimissima do Infinito, pereça no esquecimento e morra a mingua, sem cultivio, sem nada só porque nasceu pobre, e pobre vive.

A. Fernandes S. Queiroz.

BOSQUEJOS DA LITTERATURA BRASILEIRA.

III

Demos uma vista pelo primeiro quarto do seculo XVIII.

O assomar deste seculo foi assaz risonho para a nossa litteratura. Viçosos talentos apparecerão empenhados na honrosa tarefa de levar o nome brasileiro cercado de resplandecente aureola á posteridade.

E coube ás escholhas monasticas a gloria de apanhar no berço as primicias dessa geração litteraria, e cultivar com esmerado desvelo os ternos renovos, destinados á ennobrecer a intellectual autonomia da patria.

Era na solidão dos conventos, no retiro dos claustros, e no apertado ambito de uma pobre cella, receptaculo do solitario, que se respirava o ambiente scientifico. D'ahi sahião grandes oradores, philosophos, naturalistas, theologos, homens aptos para todos os ramos de conhecimentos humanos.

A eloquencia do pulpito, então florescente, apresentava verdadeiros ornamentos, como veremos mais adiante. A poesia, porem, sobressahio em todo o seculo, e é justamente nelle, que contamos os nossos maiores poetas.

Se Portugal tinha um Francisco Xavier de Menezes, conde de Ericeira, nós podemos nos orgulhar citando os brasileiros, José Pires de Carvalho e Albuquerque, João Mendes da Silva, Mathias Ayres Ramos da Silva, e Antonio José da Silva, o Plauto portuguez, para não citar outros de maior renome.

Estes brasileiros, unidos pelos laços da amizade, pela fraternidade de pensamento, pelo amor do estudo, avidos de gloria, formavam uma pleyade litteraria, brilhante de luz, e de enthusiasmo.

Nada poderemos dizer dos primeiros, cujas obras são hoje difficeis de encontrar-se, pela raridade das edições, se não que forão conhecidos em sua epocha por talentosos, e distinguiram-se pelo heroismo de amizade, visto com seu companheiro Antonio José da Silva, de taes opulentos dotes intellectuaes, tendo de libar em breve a taça amarga do infortunio, elle jamais o abandonarão, nas peripecias de sua vida.

E como seguramente seja o ultimo brasileiro o mais celebre, pois que seus talentos tanto ennobrecerão, digamos algumas palavras sobre suas obras; sobre sua reputação litteraria, sendo mostrado a presente geração como uma victima immolada aos horrores da inquisição, e consequentemente martyr da litteratura, permittão-nos algumas considerações á respeito.

IV

Não entra no plano da nossa modesta resenha acompanhar os litteratos brasileiros desde o berço. Pouco nos embaraça sua genealogia, e sua posição social. Avaliar seu merito litterario é nosso alvo.

Pelos pormenores da vida de Antonio José da Silva sabemos, que depois de ultimar sua educação em Coimbra, onde recebeu a carta de bacharel em canções, foi para Lisboa, que proporcionava-lhe vasta arena para exhibir seus conhecimentos.

Nas horas de repouso, após as lides da academia, entregava-se á composição de lindas poesias, e comedias, que trouxerão á seu nome muito prestigio, porque alem de encerrar merito, levadas á scena produzião excellente effecto.

A epocha em que fulgurou predizpoz-lhe gloria. O theatro portuguez achava-se votado ao ostracismo: representava-se perante a população de Lisboa dramas em idioma hespanhol.

As obras de Gil Vicente, Sá Miranda e outros dramaturgos repousavão nas estantes, cobertas de pó, por quanto, diz um litterato contemporaneo: «estas comedias erão ensaios de infancia sem sufficiente interesse para deleitar, e entreter o espectador, sem os precisos elementos para o palco e scenario.

«O theatro castelhano, com quanto procedente do portuguez, subio mais alto, com Miguel Cervantes, com Lope de Vega, e com Pedro Calderon; sua gloria echoou por toda a parte, e os auctores dramaticos portuguezes ficarão esquecidos inteiramente.»

Antonio José, porem, levantou-o. «Com as comedias ou operas que assim se intitulavão, recomeçou o theatro portuguez sua existencia; tomou galas; infeitou-se, de primorosas vestes, e ergueo-se facciro e poderoso; o povo corria apressado ás representações das novas operas admirava como que extasiado, e applaudia com estrondo.»

Escreveu elle para mais de dous comedias, qualquer «dellas é uma estampa perfeita de espirito, graça e sal comico; o riso deve estar sempre nos labios; a curiosidade avivada continuamente; as scenas mudão, e o espectador guarda a memoria de seus passados praseres, e fica sequioso de novos, com que já conta, pela precedencia, e que, com quanto lhe tragão sempre delicias, quasi que lhe sahem de ordinario pelo avesso do resultado que espera.»

Assim forão os triumphos de Antonio José. «Mas curto foi esse tempo de venturas e praseres; apenas dose annos durou; e em dose annos adquiriu e gosou de riquezas, fama, gloria, e amigos; e depois... mudou-se a scena inteiramente!

«Em 1738 foi Antonio José da Silva preso repentinamente por ordem do tribunal do santo officio, e recolhido aos carceres da inquisição; tinha 33 annos de idade.

«Antonio José figurou e morreu queimado no auto de fé de 18 de outubro de 1739, na praça publica de Lisboa.

«Conferindo-se as listas dos condemnados pelo Santo Officio, acha-se a seguinte declaração á seu respeito!

«—Antonio José da Silva, 34 annos, christão novo, advogado, natural da cidade do Rio de Janeiro, e morador na de Lisboa; convicto, negatibo e relapso; foi relaxado em carne.—»

V

Mais uma victima da inquisição! mais um talento soffocado nas suas fogueiras! mais um companheiro de Galileu, esse gigante da sciencia, que, martyr, soffreu o peso oppressor da curia romana! mais um irmão nas desditas do grande Filinto Elysio!

Eis o que clamão desde o myope estudante de collegio até o mais altanado apóstolo da

impiedade; eis a vóz, ou da ignorancia, ou da má fé, com que se pretende sacrificar a verdade á calumnia.

Para aquelles que estudão as instituições ecclesiasticas em fontes infectas, e aprecião as phases porque ha passado a Igreja somente por Freret, e Saint Maurice, por certo que só verão na inquisição um aterrador phantasma que aterrorisa, ou um vulcão que tudo destroe com suas ardentes lavas.

Porem um estudo reflectido tiraria de seus olhos as escamas, e então verião a luz. A reflexão lhes diria que andão as apalpadelas nesse systema de inconsequente opposição, ou melhor de—declamação.

O que é inquisição? quem instituiu-a? quem popularizou-a? quem corrompeu-a? quem occasionou seus desatinos? serão justificaveis? será com effeito um instrumento barbaro, como a fasem vêr os criticos da epocha? forão os padres, a Igreja, seus algoses? abafou os genios?

Não será facil á qualquer dar respostas cabaes á todas as questões propostas, entretanto ha quem, sem a menor consciencia, aventure-se solvel-as; com uma simples affirmação. No terreno, porem, de ousadas affirmações, sem produzir-se uma só prova vence-se ao mais imperado logico.

No intuito, pois, de arredar-nos desse perigoso escolho permittão-nos discutir succintamente essas proposições, e ver-mos se com effeito pode-se ferir á Igreja, ou criminal-a, por a condemnação de Antonio José.

VI.

Ao reventar no seculo XIII a temivel heresia dos albigenes, o meio-dia da Europa, já abalada pelos prodromos de contendas politicas e religiosas, que mais para o futuro estalarão com estampido, offerecia, de todas as partes, scenas sanguinolentas de fanatismo.

Buscou-se a religião para escudar seus desatinos; ella, no diser de um notavel escriptor, na presente quadra, como em muitas outras cousas, não era se não pretexto para saciar odios nacionaes; porque sobreveia sempre uma antiga animosidade entre os meridionaes e os franceses do norte, que querião introduzir neste paiz aonde prevalecião os habitos romanos e o idioma derivado do latim, a civilisação germanica, etc.

Assim vemos perpetrados horrosos crimes; nações sublevadas; testas corôadas promovendo revoltas, como Raymundo VI, conde

de Tolosa, o rei do Aragão, o visconde de Beziere, sediciosos freneticos, que apoiavão com sua soberania os hereges.

Nova crusada levantou-se: os defensores de Solima renascerão em Simão de Montefort, duque de Borgonha, condes de Saint-Pol, Nevers.

Estes senhores acostumados ao ardor bellico da epocha, e encorajados pela conquista de uma causa sagrada, combatião em prol da sua religião.

Travada uma lucta de um aspecto religioso era necessario que Roma fallasse. O Pontifice Innocencio III, sobe a cadeira de Pedro com animo de debellar a heresia. Expede apostolicos missionarios á combater o erro, pregando a san doutrina. Para junto dos principes envia legados.

Os principes, porem, hostis a cõrte de Roma, martyrisão os missionarios e assassinão os legados. Os crusados levantão as espadas, e os padres arvorão a cruz, ambos combatem, ambos triumphão.

Os gladios dos generaes empainharão-se após longa lucta, submetendo calorosos inimigos: e os filhos do grande S. Domingos, colherão no pulpito immarcessiveis corõas: e a heresia, baqueando, aniquilou-se.

Os soberanos abrigando-se á sombra do Chistianismo jurarão defendel-o; e, como permanencia reliquias da heresia, prometião abolil-a. Raymundo VI, o mais impudente, abjurou seus erros em o magestoso templo de Nossa Senhora de Pariz.

Para que, porem, não tivessem os soberanos leigos poder discricionario em causas puramente espirituas foi mister a creação de um tribunal onde represantassem os elementos clerical e secular.

VII.

Este tribunal é a inquisição.

Tal é a origem da inquisição, que sem duvida é um melhoramento, diz o douto e profundo Cesar Cantu; porque substitua as matanças em massas, como tambem os tribunaes sem direito de mercè, inexoravelmente ligados á letra da lei, como os que erão instituidos em virtude dos decretos imperiaes.

O aparecimento da inquisição foi, pois, para os povos uma medida de salvação, um alivio para os crentes, uma garantia para Egreja.

Os primeiros inquisidores, diz o protestante Lymborch, não oppunhão á heresia outras ar-

mas, que oração, a paciencia, e a instrucção.

Qual é o tribunal na Europa, perguntava um jornal de França muito liberal, alem da inquisição, que absolve o culpado quando arrepende-se, e confessa seu arrependimento?

Confessarei por homenagem á verdade, de o insuspeito M. Bourgoing, que a inquisição poderia ser citada em nossos dias como um modelo de equidade.

E como não seria assim se a inquisição era um melhoramento, e suas decisões esclarecidas e sua marcha nos julgamentos lenta, mas sabida e reflectida?

Eis como o sabio historiador, que citamos descreve os passos da inquisição: «Este tribunal admoestava por duas veses antes de intentar qualquer processo; não ordenava prisão senão de homens obstinados e relapsos. Aceitava o arrependimento, e muitas veses contentava-se com castigos moraes. Salvou muitas pessoas que os tribunaes ordinarios terião condemnado.

«No caso de denuncia de um herege dava-se-lhe um praso de favor para se arrepender, passando o qual era considerado como rebelde. Era admittido á justificar-se. Se as suas desculpas erão insufficientes devia seguir-se immediatamente o castigo, sem que todavia podesse ser condemnado se não por sua confissão, ou por provas convincentes.»

Á inquisição, porem, estava sujeita ás vicissitudes das cousas humanas, á erros, á mudanças. Em breve decahiu. Os imperantes como vimos á cima, tinhão nella grande influencia, e forão causa efficiente dessa serie de acontecimentos tristes, que somente sobre elle deve pezar.

A inquisição secularizada degradou-se. Converterão-a em potencia politica, meio de perseguição.

Os principes seculares e somente elles prepararão para ellas tam ruim destino.

A inquisição hespanhola, abominada pelos philantropos contemporaneos não é factura da Egreja, é obra de Philippe II, Isabel e Fernando. As cõrtes da Hespanha querendo abolil-a em 1812 se expressavão assim: Philippe II, o mais absurdo dos principes foi o verdadeiro fundador da inquisição; sua politica perversa elevou-a ao grão em que a vemos.

A inquisição de Portugal, fundada por D. João III, apesar da reluctancia de dous Pontifices Paulo III e Clemente VII, não foi menos turbulenta. O tyrannete Pombal, olhado por muitos como o anjo tutelar de Portugal, como era in-

migo de scenas sanguinolentas, (apesar de ter mandado enforcar até 200 pessoas por dia, pela catastrophe de 1755, e pelo movimento da cidade do Porto, na occasião em que quiz acabar com o monopolio dos vinhos, quando ordenou que se enforcasse deoito cidadãos, se metesse nas galés vinte e seis, noventa e nove degredados), Pombal, diz a Historia, diminuiu o poder da inquisição, depois deu-lhe o titulo de magestade para a empregar em suas vinganças, e nomeou seu irmão inquisidor geral!

A inquisição de Venesa, creada independentemente da vontade dos Pontifices, e que foi tambem celebre, é obra do senado dessa potencia.

A inquisição da França foi estabelecida em 1255, por pedidos reiterados de S. Luiz ao Santo Padre Alexandre IV.

Aphonso, rei do Aragão em 1419 pediu ao Papa Martinho V, estender a inquisição ao reino de Valença. Em 1519 já os povos do Aragão pedião ao papa Leão X, modificação nesses regulamentos, que Fernando arrancou ao Pontifice Sixto IV.

Sabe-se á que altura Carlos V elevou a inquisição, e de seus esforços para a acreditar. Já moribundo deixou em seu testamento disposição expressa á seu filho Philippe II para firmal-a, visto como a considerava salvação da Hespanha.

Em todos os estados, pois, estabeleceram-se a inquisição: e sua decadencia foi occasionada pela maior ou menor influencia do braço secular: seus desvarios, portanto, escorão-se na soberana auctoridade dos Reis.

Só uma inquisição levanta-se orgulhosa e pura — a inquisição de Roma. Ahí, onde os Pontifices imperão, jámais uma gota de sangue derramou. E os papas, zelladores da Italia, se oppuserão constantemente ao seu estabelecimento em Napoles.

VIII.

Erguem-se brados contra a inquisição; declamão contra seus horrores; abominão suas fogueiras; e injurião a Igreja pelo morticínio dos inquisidores.

Não! A Igreja jámais assumirá essa responsabilidade, por quanto nunca auctorisou attentados. Entretanto diremos com um celebre escriptor: «Felizes os que como nós nascerão n'um tempo em que a religião só tem por armas a persuasão e a oração!»

A inquisição é verdade desvairou. «Porem como se pode pretender que assim não aconte-

cesse numa epocha em que a ignorancia, as paixões, as convicções profundas impellião todo principe ao extremo? Como exigil-o então se em seculos muito mais civilizados, e em nome da liberdade da consciencia, temos de vêr não morticínios executados em um accesso de furor, mas processos regulares intentados contra os dissidentes e rematando na penna capital?»

Nos tempos de fé, diz Cezar Cantu, não se conhece outro meio de conservar o seu culto, senão destruir o d'outrem. Alem disso era uma medida de guerra. Nós admiramos o soldado que na peleja mata maior numero de inimigos, em quanto que lhe teriamos horror se, em tempo de paz, ameaçasse os dias de um só individuo.»

Assim, as contendas religiosas, que se empenhão em o triumpho de sua causa merecem de algum modo mais moderação no juizo da posteridade.

A inquisição não fez tantas victimas como soem apregoar os seus impugnadores. Ella, durante o tempo em que existio, não fez tantas mortes, quantas se perpetrou na Inglaterra no espaço de onze annos, somente na Irlanda, para fazer o paiz protestante!

Pasmoso contraste! Em quanto a illustrada França creava camaras ardentes para punição da heresia; Henrique VIII suppliciaava, na cõrte de seu reino, setenta mil homeus; a boa Rainha Isabel dava como pasto aos cavallos de sua cocheira as visceras dos catholicos; nesta epocha de sangue, diz o eloquento Lacordaire, Roma não entornava uma gota!

«Roma a seus pés via florecerem os tres mais bellos seculos da Italia! Roma, sobranceira ás vagas de sangue, conferia aos soberanos Pontifices, ao vigario de Deus, o titulo inalienavel de *inquisidor universal!*»

Pasmoso contraste! O cerebro do Catholicismo, Roma, é pura no meio da conflagração! E Luthero abala a Allemanha com sua impudica doutrina: e Munzer assignala sua passagem por Westphalia, Thuringe, e Hesse, com a morte e o roubo; e Calvino e Zuinglio desmoronão a Suissa!

E que taes erão os reformadores! Sem fallar de Miguel Servete, queimado; Thiago Gruel, decapitado; Bolsec, exilado; Valentim Gentil, condemnado á morte; Calvino estabeleceu como principio *que se pode matar os hereges!*

Entretanto Mr. Guizot absolve Calvino disendo: A idéa geral, com que Calvino procedeu queimando Servete, era do seu seculo; e é injustiça imputar-lh'a!

Poderão des'arte ser absolvidos todos os de-sastres commelidos, pelos apellidos reformadores, e nem uma pagina ou expressão de descendencia para a inquisição, que *era idéa geral do seculo e por isso não pode ser imputada á Egreja?*

A inquisição tornou-se execravel aos olhos dos bons christãos, pelas censuras que attraio sobre a religião, e tambem porque pareceu justificar as mais graves imputações; porem, diz Cesar Cantu, além de que na realidade fosse *muito menos terrivel do que a tem feito*, tinha pelo menos em vista um fim moral, no que divergia das instuições que lhe substituiu n'outros tempos. . . . *Se restringia o pensamento, fazia-o, ou julgava fazel-o para salvação das almas, não para vantagem tam somente d'um poder dominante; e as suas execuções, sem duvida muito exageradas, não obstarão á que se revelassem grandes e livres obstadores.*

Foi um dever fazer guerra aos hereges e idolatras pela mesma razão, que uma potencia o faz á seus inimigos, diz M. de Segur, na sua Hist. Univ:

O Christianismo não sustentava estas hostilidades por si mesmo, porque não reconhece outras armas, que a persuazão; *era a sociedade que nelle defendia o seu ultimo laço*. Todo aquelle que meditar sobre esta verdade, poderá reduzir ao seu justo valor as diatribes e sarcasmos dos philosophos do XVIII seculo contra á intolerancia e fanatismo, contra as guerras religiosas e supplicios que forão á sua consequencia, ver-se-ha que estas tristes vinganças *não tiveram outro motivo, que a defeza social*, e que a *sociedade tinha escolhido por principio e por centro o unico elemento politico que subsistia.*

Em um pomposo elogio a Calvino, Lerminier diz estas palavras: «Elle considerava-se como orgão predestinado da verdade divina; assim as objecções e as criticas que lhe oppunhão tomavão á seus olhos o caracter de impiedade e de blasfemias. Confundia a sua crença com a de Deus, e é por isso que considerava a perseguição de seus adversarios com um dever. . . Logo que os homens acreditavão firmemente que vingavão á Deus, *podião acaso fazer menos do que tirarem a vida uns aos outros?*»

Segundo esta doutrina, acrescenta um judicioso escritor, restaria tam somente examinar, se a Egreja tinha pelo menos tantos motivos como Calvino para se julgar inspirado de Deus.

IX.

Localisemos a questão.

A inquisição de Portugal foi quem condemnou o nosso distincto Antonio José.

Nada se sabe do processo deste litterato. O mesmo Sr. João Manoel Pereira da Silva, distincto litterato brasileiro, auctor do Plutarcho Brasileiro, donde extraimos as notas do §IV, nada diz que possa fornecer alguma luz.

Não se ignora o silencio que cobria os negocios da inquisição. O segredo era sua alma. Apenas consta que Antonio José fora *relapso, relaxado em carne, e negativo*: eis como o qualifica o santo officio.

Resta-nos, pois, lastimar que tivesse tam infeliz destino, e não fizesse sua conversão. Levantar-mos porem nossas vozes contra o poder ecclesiastico, e acoidal-o de perverso, nada sabemos para condemnal-o, é uma affirmação inconsequente.

O grave crime de relapso, igual ao de heresia, tam perigoso como elle, se merecia nessa epocha o castigo á que destinarão Antonio José, não foi por certo uma barbaridde, como pretendem que o seja.

E quem nos dirá que se não levanta calculadamente a mesma celeuma, que fiserão os indigitadores de Galileu, e Filinto Elysio como martyres da inquisição, quando sabemos que se adulterão os factos para injuriar-se a corte romana, e apresentar-se mais odiosa a inquisição aos olhos do povo?

Se tivessesmos mais espaço mostrariamos, que Galileu mesmo demonstra a falsidade dessas infundadas accusações, e que o padre Filinto Elysio, que não soffreu tormento algum, apesar de sua má vida, foi viver sócегда e desregradamente em Pariz

Continuaremos, pois, no nosso assumpto.

R. LEMOS.

ESTUDOS GEOGRAPHICOS.

A terra é um espheroides achatado nos polos.

(Continuação do n° 6).

No artigo incerto no numero 6 ficou demonstrada a convexidade da superficie da terra em todos os sentidos; e frequentes vezes lhe chamámos espherica: mas este termo não deve ser tomado na accepção rigorosamente geometrica. A terra não é uma espherica geometrica, é uma elipsoide ou espheroides achatado nos polos; mas nem é um sólido de

revolução. E' o que passamos á provar no presente artigo.

Inviado á Cayena perto do equador, em 1672, pela academia das sciencias de Paris para certas observações astronomicas, Richer observou que seu relógio se atrasava todos os dias, posto que desse ao pendulo o mesmo comprimento que em França; e para acertar aquelle, teve de encurtar este.

Todos sabem que o pendulo é um aparelho composto d'um corpo solido suspenso em uma das extremidades de um fio inflexivel, preso este fio pela outra extremidade a um ponto fixo. As velocidades das oscillações do pendulo está na razão directa da força de gravidade. Assim, a velocidade das oscillações no cimo das montanhas é menor, porque menor é a força de gravidade, e a força de gravidade é menor aqui, por estar d'aqui mais afastado o foco de attracção, què o centro da terra.

A experiencia de Richer provava, que a gravidade era menor em Cayenna do que em Pariz; porque quando o pendulo, que regula o relógio, se desvia da situação vertical, a força que o reconduz á este ponto, é a gravidade; e esta reconducção, é mais ou menos rapida segundo é maior ou menor a gravidade. O pendulo não permite que a agulha do relógio marque cada segundo no mostrador, senão depois de cada oscillação, ou cada reconducção do pendulo á vertical. Assim, se a agulha marca menor numero de segundos durante uma revolução das estrellas, é porque o pendulo gasta mais tempo á caminhar para a vertical, e a força que o conduz, a gravidade, é menor.

Esta experiencia coincidiu com os raciocínios dos geometras, que principiavão á considerar a terra como achatada nos polos, o que dava a razão de sér aqui maior o peso ou a força que atrahé para o centro, porque sendo muito menos curva no polo a superficie do globo, ésta se acha aqui mais proxima do centro.

Antes da experiencia do pendulo feita por Richer, tinha Huyghens annunciado á priori o mesmo phenomeno, e tinha reconhecido por causa de sua existencia, a rotação da terra sobre o seu eixo, e o seu achatamento nos polos.

Considerando que os corpos que gyrã em torno de um eixo, adquirem uma força centrifuga, que tende continuamente á afastal-os deste centro ou deste eixo, como se vé na pedra lançada por uma funda, inferiu d'aqui o celebre geometra hollandez, que tendo de obedecer a esta força ao mesmo tempo que

á acção da gravidade o fluido espalhado em grande parte da superficie da terra, não podia esta ter uma forma perfeitamente espherica. Elle pensou pois que a convexidade do nosso planeta devia ir diminuindo do equador para os polos, de maneira que o eixo de rotação fosse mais curto do que os diametros de equador. Esta consequencia, tirada da força centrifuga, por Huyghens, é sensível aos olhos de todos, fazendo gyrar rapidamente em tórno de um eixo duas laminas curvadas em circulo, ou uma bexiga cheia de agua, que tomão a forma de um espheroidé achatado nos logares contiguos ao eixo.

O immortal Newton, a quem suas profundas meditações sobre as trez leis de Kepler, concernentes aos movimentos dos planetas, tinhão por este tempo condusido á descoberta da gravitação universal, chegou ás mesmas consequencias por meio da applicação de sua nova theoria.

Desde então, a theoria da diminuição da gravidade nas regiões equatorias tem sido confirmada por grande numero de observações feitas sobre o pendulo nas diferentes latitudes. O eixo da terra é tres leguas e meia mais curto do que o diametro do equador equatorial.

(Continua.)

Ig...

Adeja a borboleta matizada
De flôr em flôr, alegre enamorando
Aquella que o seu porte lhe roubara;
E pela retorcida tromba, suga
O nectar vegetal, sorvendo o aroma
Que no ar se evapora ressendente.
Tal é meu pensamento que vaguêa
N'aquelle rosto angelico!—Oh bella,
Que magico poder se reconcentra
No todo que te forma?—que magia,
Oculta-se contigo enfeitando
De momento a momento? . . por accaso
Habitas sobre a terra unicamente
Para o fim de roubares-me o desejo
De ter outra ambição senão de amarte?
Ou serei qual baixel por tí movido?
Não sei como encarar indifferente
As paginas sublimes d'esse porte
Que aos movimentos magicos, folheão
Tanta meiguice com que são dictadas!
Os ademães, roquebros e ternura,
Que te semelhante á onda nos menceios,

Em si resumem quanto em graça existe;
 E não sei como baixel por ti movido
 O meu desta paixão tanto encapelas
 A naufragar constante nos escolhos
 D'esse desdem acerrimo que vottas
 Aos ardentes desejos de querer-te!
 Não me olhes assim:—se me aborreces,
 Não mais deis desse olhar um só lampejo
 Que todo me incendeias;—d'essa bôcca,
 Nem siquer a metade de um sorriso
 Por descuido escapar;—faz-te amuada,
 Vê se posso um momento achar que és feia.
 No céu desse teu rosto onde scintilão
 Essas duas estrellas refulgentes...
 Ensaia tempestade que horrorise
 Nublando as côres d'essas nuvensinhas,
 Que tens nas faces parecendo inverno.
 Faz-te amuada e cerra os lindos olhos,
 Bem como a bôcca, que jamais sorria;
 Muda e sem gésto, sem calor, sem vida,
 Estatua emfim, petrificada oh bella,
 Sempre te amara, como á ingrata eu amo
 Nesse complexo de seduccões infundas.

R. A. Corrêa de Faria.

PENSAMENTOS.

Ha homens que não amão á Deus, e não o temem: evitae-os, porque delles sae um vapor de maldição; fugi do impio, porque seu halito mata.

A palavra que nega Deus queima os labios pelos quaes passa, e a boca que se abre para blasphemal-o é um vulcão do inferno.

O impio é isolado no universo. Todas as creaturas louvão o Senhor, tudo o que sente o abençoã, tudo o que pensa o adora: o astro do dia, e os da noute o cantam em sua mysteriosa linguagem.

O somno do crente é doce, sua morte tranquilla, porque elle sabe que volta para seu Pae.

Como o pobre operario, ao cahir da tarde, deixa os campos, volta á cabana, e assentado á porta, esquece suas fadigas olhando para o céu: assim quando é

noute, o homem de esperança ganha com alegria a casa paterna, e assentado á soleira, esquece os trabalhos do exilio nas vizões da eternidade.

A justiça é a vida, e a caridade tambem é a vida, porém uma vida mais doce e abundante.

Ventos abrasadores ha, que passam sobre a alma do homem e a murcham: a supplica é o orvalho, que a refresca e vivifica.

LAMENAIIS.

O trabalho é o germen do bem: amadurece o pensamento depois de entreabrill-o: no sulco que quotidianamente aprofunda, a natureza seméa o verdadeiro, o bello, o grande, todas as faculdades, cuja idéa preexiste em nós, porém que a mão creadora da reflexão espera para transformar em vivas realidades.

Pela reflexão o espirito dilata-se, a imaginação illumina-se, o gôsto se apura, a linguagem se orna, se enriquece: o corpo sob esta paciente disciplina perde sua incultura e rudeza; a fronte adquire traços mais amplos para conter a vontade sob esta nobre architectura uma intelligencia mais vasta; os olhos animam-se, não com o fogo das paixões, mas com a chamma pura do pensamento; os labios, que permaneciam immoveis sob a inaçon, ou cerrados pela indifferença, aprendem a mover-se, sorrir, e gostar; as faces coloram-se com o brilho transparente do pudor; toda a cabeça torna-se expressiva, e em vez de traços do homem sem cultura, ou rugas mortas do homem sem civilidade, ella é um mixto de força e graça, de doçura e vida, de ternura e grandesa, magnifica imagem d'uma alma, que é o reflexo da imagem divina.

LACORDAIRE.

Assigna-se para este jornal nesta typographia a dois mil reis por 3 meses.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

O PODER SOCIAL.

Logo que seres racionais e livres põem-se em contacto, seja qual for o facto, que á isto os leve, apparece desde logo um direito regendo-os; porque faz-se logo sentir a necessidade de justiça, e fazendo-se sentir ha tambem necessidade de alguem que faça valer o direito, que deve reger as acções de taes seres; eis a origem do poder social.

A sociedade, como diz o Padre Ventura, é a reunião de seres intelligentes, que livremente se unem sob um imperio commum para sua conservação e aperfeiçoamento.

De sorte que a existencia de um poder social é uma parte elemental da mesma sociedade; não ha sociedade sem união de seres intelligentes e livres, e estes não se podem manter em tal estado de união, sinão por meio de um poder, que sirva de centro, e do qual parta a vida, ao corpo social; esta vida são as leis da ordem social, as quaes não só mantem as intelligencias unidas entre si, como tambem concorrem para a conservação e aperfeiçoamento dos associados.

Ora si o fim da sociedade não pode ser attingido sinão por meio do poder social, que obrigue os associados a tender para esse fim, segue-se que, é um direito da sociedade a escolha desse elemento de ordem social, a que se chama —poder publico ou poder social, pois que dado o facto de associação, é natural que a vontade humana comece a intervir, já estabelecendo formas sociaes, já escolhendo o governo mais apropriado á sua situação, e as pessoas mais aptas a pôr em pratica as leis de justiça.

Mas este poder, que rege a sociedade,

e sem o qual não pode haver ordem social, deverá ser exercido collectivamente, ou será necessario que seja delegado á alguem, que assim venha exercer as attribuições da soberania no corpo social?

E' fora de duvida que o poder soberano existe em todos os membros da sociedade, pois quem diz sociedade diz um centro de união e de ordem, a nação é um ser abstracto, que precisa que as leis naturaes, sejam exercidas por uma authoridade, quer individual, quer collectiva, mas onde vai a authoridade buscar os poderes, que exerce?

Alguns publicistas, como Grocio, Rousseau, Burlamarqui, e outros ensinão: que a soberania é a transferencia dos direitos de cada um dos associados á uma pessoa moral ou physica, visto a impossibilidade de ser a soberania exercida por todos, sendo por consequencia a soberania a somma das fracções de tantas soberanias individuaes, quanto foram os membros da sociedade; donde se vê que a soberania ou o poder social é na opinião desses publicistas de origem humana.

Mas si o poder social é de origem humana e não de origem divina, que aliás é a fonte de todos os poderes, qual a consequencia logica, que dahi se deduz?

Que na sociedade não ha governo, que a anarchia é e deve ser o estado natural de toda a sociedade.

Si a soberania é obra dos associados, o soberano não é sinão um mandatario e o mandante, o qual é a nação, é o que é o verdadeiro soberano, mas é contradictorio que alguem delegue o imperio, que tem em si, retendo o mesmo imperio, como querem os partidarios da soberania popular.

VOLUME I.

SAN LUIZ, 29 DE JANEIRO DE 1865.

NUMERO 8.

Disem mais: a soberania é uma delegação, o verdadeiro soberano é a nação, mas a nação delegando a soberania, não o faz sinão provisoriamente.

Se assim é, temos de um lado o soberano instituido, mas que não é o verdadeiro soberano, porque sendo instituido por vontade dos associados, não pode deixar de estar á mercê da mesma vontade daquelles que o investirão do poder, os quaes podem destitui-lo por méro capricho, de outro lado temos o povo ou a nação, o verdadeiro soberano, mas que não exerce a soberania, incapáz de exercel-a; eis as consequencias do poder social, como emanação do povo e não de Deus.

Prudhon ainda é mais logico, do que os outros partidarios da soberania popular: todos os homens são naturalmente iguaes, a natureza não fez uns soberanos dos outros, logo o governo natural é a soberania de cada um, mas em uma sociedade em que cada membro é soberano só se vê a anarchia, logo conclue elle, o governo mais natural e conforme á natureza do homem é ausencia de todo o poder, é o imperio que cada um naturalmente tem sobre si.

Si na sociedade o verdadeiro soberano é o povo, si o poder, que o soberano exerce, é em relação ao mandante um subordinado, si os poderes publicos em summa não tem outro fundamento sinão a vontade dos associados, qual o fundamento da obediencia? Quaes os titulos, que o imperante tem para manter a ordem, e fazer-se obedecer por aquelles mesmos de quem depende o poder que elle exerce?

Os fundamentos da obediencia, os titulos, as razões de governar não podem repousar sinão na vontade dos associados; mas, sendo assim, os direitos sociaes ficam dependendo da vontade mudavel do povo, e o imperante não tem outro titulo para se fazer obedecer sinão o emprego da força, de sorte que a soberania fundada na vontade dos associa-

dos não é outra cousa mais do que um direito publico de lobos, como bem diz o Padre Ventura.

O estado sendo instituido para conservação dos direitos, realisação da justiça, e aperfeiçoamento dos seres associados, o poder publico é a condição sem a qual não se realisa esse fim, logo o poder publico tem a sua razão de ser em fonte mais alta, em origem mais estimavel do que a vontade humana; o poder publico é um ministerio sagrado, — *ministerium Dei in bonum*, é o agente da Divindade para tutelar a personalidade humana, respeitar todos os direitos, por mais insignificantes que sejam as individualidades na escala social, si assim é esse poder não pode ter sua origem sinão em Deus fonte de todo o poder e justiça, *non est potestas nisi a Deo* disse o apostolo S. Paulo, por consequente a sociedade não é mais do que um canal, por onde se manifesta o supremo poder, é apenas um meio de investir alguém do poder social.

A argumentação dos partidarios da soberania popular tira sua força da confusão que fazem da soberania em si ou o elemento abstracto, com as formas do governo, no qual intervem a vontade humana, ou o elemento concreto.

Ha grave erro em querer achar a origem da soberania na vontade humana, quando é sabido que a ordem social é o complexo dos direitos naturaes da sociedade, não se pode pois prescindir da origem objectiva da soberania, que é Deus, author da ordem moral.

Não pode haver direito, não pode haver soberania alguma, que não tenha os seus fundamentos na ordem moral, por que só o poder fundado na ordem moral tem direito á obediencia da parte dos subditos, os quaes acham em sua consciencia principios de justiça mui valiosos para respeitar um poder assim constituido; mas si ha perigo em fazer-se um direito publico sem Deus, sem moral, ha tambem perigo em não se reconhecer

que a soberania no seu modo concreto ou em suas formas materiaes é instituída pela nação, que a limita e delega á pessoas physicas ou moraes.

O principio de que o poder em abstracto é uma emanção de Deus, é tão verdadeiro, quanto é o principio de que o poder em concreto é emanção da sociedade, do livre assentimento do povo, é um principio fundado na natureza, na liberdade, na dignidade do homem, a soberania vem de Deus, mas actualisa-se, toma forma, pela vontade dos homens.

Querer fundar uma soberania, independente do assentimento do povo, fóra considerar os homens como um rebanho de carneiros, que são conduzidos á bel-prazer do pastor.

Si os associados entrão para a sociedade com as suas forças materiaes, tambem entrão para ella com a sua intelligencia e liberdade, e estas faculdades não podem deixar de ser consideradas na instituição da soberania social, por que da organização, filha do assentimento do povo, vem toda garantia para a personalidade, pois o assentimento popular não importa outra cousa mais do que um pacto contrahido entre a nação e aquelles, que ella constitue para governal-os, é um contracto, em que a nação declara quaes os direitos e attribuição do poder, e este quaes os seus direitos e o que deve á liberdade dos povos.

O governo assim instituido, é o peñhor é a melhor garantia para a ordem social, porque não pode haver ordem social, sem instituições solidamente organisadas, estas não podem ser estaveis, sem responsabilidade do poder, sem inspecção dos povos governados.

Tudo isto désconhece-se no governo de puro direito divino, em que o rei julga-se com direito proprio para governar, independente da vontade dos povos.

Janeiro de 1865.

A. P. DE MIRANDA.

A REVELAÇÃO.

IV.

A nossa questão ainda é com os philosophos. Já provamos a insufficiencia da philosophia para supprir a necessidade da revelação, e o fiseamos por diversos argumentos.

Porem, o que deixamos dito foi especialmente referido aos antigos philosophos; e por isso alguém pode, inda que por um subterfugio, sustentar que a questão permanece, ao menos na parte que diz respeito aos modernos philosophos; pois tratamos do que pôde a philosophia e não do que pôde.

Não considero *in totum*, a nossa questão batida, porém em parte. Quando tratar-mos de refutar qualquer systema, devemos atacal-o pelos alicerces para que a queda seja completa. Assim nós, quando emprehendemos analysar a força intrinseca da philosophia, deviamos, como fasem os bons methodicos, começar a analyse desde a origem até o presente.

Já nos tendo occupado da philosophia antiga, é justo que avancemos mais um passo, e entremos na apreciação da moderna. Se a antiga philosophia não tinha força intrinseca para supprir á necessidade da revelação, a moderna, digo sem medo de errar,—tambem não possui semelhante força.

Não porque a philosophia não seja capaz de aperfeçoamento; porem como uma convenção puramente humana, sempre o seu augmento—será regresso no que diz respeito a aquellas cousas, que só a Deus pertence.

Sendo a philosophia o desenvolvimento da razão; e, segundo já provamos, nada podendo ella sem auxilio da revelação, principalmente em materia de religião; por isso digo eu: a philosophia quer antiga, quer moderna, quer em começo, quer em aperfeçoamento—não pode supprir a necessidade da revelação.

Não pode supprir, considerada como

uma sciencia puramente humana, e como tal, sujeita as vicissitudes da fragil rasão.

A philosophia moderna como que se tem reerguido, e mostrado-se como o maior florão dos modernos tempos, com o exito da junção da philosophia e a religião; o que será uma lição de prudencia, um exemplo indelevel para a antiga philosophia, que recostada em seus fôfos *camarins* do mais repugnante orgulho, desprezava a revelação, unica luz que a podia guiar na senda da verdade e na indagação da materia em questão.

Os modernos philosophos, que tem sabido accomodar a philosophia com a religião—tudo conhecem e explicão, porque o que a rasão não pode descortinar por falta de alento, encontra-o na religião.

Ah! quem nos dera ser a religião a base da moderna philosophia, porque então—eu diria: immensos serão os serviços, que a boa philosophia pode prestar a humanidade, porque tendo ella por fundamento a religião, só teria de marchar por esse canal seguro e por consequencia livre estaria das tempestuosas variações, (que chamão elles liberdades philosophicas), que sempre arrojão-na no *nihilismo*.

Quando disemos, que a philosophia moderna segue a *pari* da religião, entende-se alguns philosophos, ou theologos, que se aprofundarão nos estudos philosophicos, e avidos por encontrar a *pretendida* repugnancia, entre a philosophia e a religião. O que puderam conseguir? a solução do maior problema, que até então tratavão os *doutos* philosophos—a conciliação entre a philosophia e a religião!

O canal para a verdadeira philosophia aberto está; porem ella qual douda borboleta, que volve e revolve ao pé do lume, sem attender a mão benefica, que a desvia do precipicio, vai nelle se enternar!

Os philosophos com pretensões de originalidade atacão tudo: até as mais puras

instituições como a religião, esse maná divino, que tem o poder de satisfazer o vazio do coração humano, esse elixir milagroso, que fortifica a nossa fé, roborá nossa esperança e dissipa nossos males, achou quem a batesse—os philosophos!... e porque?

Não sabemos e nem mesmo elles o sabem.

Atacam-na, não porque tenham rasão para isso, mas para satisfazer a mesquinhez de seu genio contraditorio, unico ponto em que elles parecem concordes.

Os philosophos aglomerados, ou formando escola tem abandonado o facho da revelação (mesmo ainda nos tempos modernos) prevalecendo-se de que sendo o homem a obra prima da criação, e que mereceu a confiança de seu creador para chefe da de mais criação, não necessita de um soccorro exterior e sobrenatural para conhecer aquellas cousas de que depende sua felicidade.

O racionalismo moderno, inimigo acerrimo da revelação, não obstante possuiu em seu seio antagonistas celebres por suas illustrações, nunca causou o menor abalo na crença firme e irresistivel da existencia e necessidade da revelação.

A Allemanha onde o racionalismo começou a ter algum prosperamento, causado pela eloquencia e maneiras attractivas do celebre doutor Paulo, um dos mais fortes sustentaculos do moderno racionalismo, hoje definha-se com a perda desse membro proeminente, que pretendia avassalar o mundo com a eloquencia e seducção; porem Deus com seu poder vificadôr, arredou da senda da corrupção esse homem que cavava a ruina para si e para a humanidade.

Sempre será esse o resultado de toda a empresa; que não tiver por base autoridade legitima.

Os philosophos quando querem, conhecem a superioridade do homem; ou trasvezes desconhecem. Assim ninguém os entende: ora, o elevão até não necessitar do ensino de Deus—da revelação

ção; outras veses, rebaixão-no (sem se lembrar do que a pouco disião) e collocão-no, quando não inferior, ao menos a *pari* dos seres irracionaes.

O testemunho de homens tão contradictorios não pode merecer consideração.

Com rasão o autor do Emilio disse: «Os philosophos pretendem dar-nos, como verdadeiros principios das causas, inintelligiveis systemas, que imaginão. A verdade, dizem elles, nunca é nociva aos homens.

Creio-o como elles; e é, no meu entender, uma prova de que o que elles ensinão não é verdade.»

O juizo de J. J. Rousseau, nesta ultima sentença, que lançou sobre si e seus adeptos, para nós é de grandissimo valor; pois ninguém mais do que elle, conheceria o que seja um philosopho; na expressão de Montegne elles querem ser piores do— que podem.

Na essencia os modernos philosophos são os mesmos que os antigos, sempre orgulhosos, sempre contradictorios, e com a presumpção de originalidade.

Repellem a revelação, porque como *mestres* das sciencias, não necessitão do ensino de Deus!

Entendem que para integridade de sua dignidade, nada devem aceitar; porque do foco inexgotavel—da intelligencia— tudo deve sahir.

Examinão os dogmas e mysterios, e como não podem comprehender—dizem: não, só aceitamos o que a nossa rasão pode descortinar. Entre os *proeminentes* philosophos, é cousa sabida, o que a rasão não pode comprehender, é contrario a rasão!

Ah! *sapientissimos* philosophos, vastissima é a attribuição, que quereis conceder á rasão humana.

Como vós que vos intitulaes propagadores e prescutores das cousas não sabidas, desconheceis a força intrinseca da rasão?!

Se o homem, com todo seu exforço de

rasão, ainda não pôde descobrir o que se passa em si mesmo, apenas porque nos serve de envolvero a membrana exterior, como poderá, o que se passa, não no mundo phisico! Se o proprio homem ainda não o pôde decompor, como poderá comprehender a Deus, esse Ser incomprehensivel, que não se presta para ser conhecido, senão por sua livre vontade!

Então, *doutos* philosophos, entendeis, que o que a rasão não pode descobrir, é-lhe contraria!

Quem não vê que semelhante proposição é daquellas, que, quando chegasse provar alguma cousa, provaria demais.

O que é necessario para que provemos que uma cousa é contraria a outra?

Que a conheçamos, afim de que seja estabelecido o termo de comparação. Ora, os philosophos não tem o menor conhecimento dos dogmas e mysterios da religião, logo impossibilitados estão para fazer o termo de comparação, e se o não podem faser, não sabem se elles são ou não contrarios a rasão.

Se dissessem elles: os dogmas da religião são superiores a rasão, e não contrarios; eu diria, muito bem, dizem uma verdade; porque a rasão humana, não é infinita, para que nada lhe escape.

Assim, pelo que deixamos dito, a antiga philosophia se acha tão adiantada sobre materia de religião como a moderna; por consequencia não pode supprir a necessidade da revelação.

J. M. Lustosa.

O CREADOR E A CREATURA.

Existe Deus. E' elle um, infinitamente sabio perfeito, soberano senhor de todas as cousas, creador e legislador do mundo.

Foi elle que do nada formou o céu, a terra, o universo; e com sua poderosa mão designou o curso das estrellas, do sol, de todos os planetas, que gyram no azulado espaço; e estabeleceu a maravilhosa harmonia que rege esses corpos luminosos pendentés da abobada ethérea

E' elle que mitiga o furor das yagas incapel

ladas; marcando balizas ao mar; e põe termo, refreando com imperio, aos turbilhões desenfreados. Com seu infinito poder abala e fende a terra, precipitando na voragem cidades inteiras.

Deus ordena os relâmpagos, despede os raios, atemorisa as nações, confunde os maus, exalta os bons: em um momento poderia extinguir o mundo, e fazer resuscitar de suas ruínas outro mais bello, e mais perfeito, conforme sua soberana vontade.

Deus constitue leis, rege os governos; os conselhos dos reis, a prudencia dos sabios, a magestade dos imperantes, a força e origem do poder, se achão em Deus.

Elle é a fonte da sciencia; conhece o porvir como presente; elle é omnisciente.

Distribue suas graças como lhe apraz. Porém não falta ao homem com o necessario: deulhe a razão, a esclarece, a fertilisa com sua sciencia para conhecer o bem, distingui-o do mal, e obrar livremente, para receber o premio ou castigo como merecer.

Um Ente, que prodigalisa ao homem esses beneficios, e dotado de tam eminentes attributos é o nosso creador, á quem devemos além de todos os signaes de reconhecimento—a adoração. E este supremo regedor do universo a exige de nós, tam espontanea, como grato deve ser o coração humano.

O homem pois que prefere o amor humano ao divino parece render seu collo á segure infernal. Deve ser excluido da sociedade celeste, como castigo a sua infidelidade, como o filho ingrato, que entregue á devassidão e praseres carnaes, esquecido do santo amor e obediencia paternaes, deve ser apartado da familia, para não infectar os irmãos.

Incline-se o homem frívolo, e deixe roçar suas faces pelo pó, e renda homenagem ao Rei celeste, offerecendo-lhe holocausto de amor, e de sacrificios.

Lembre-se, que, filho da indigencia e miseravel fonte de peccado, deve reflectir em profundo silencio seus deveres, estudar o meio de reparar suas faltas.

Seja a virtude a bandeira sob a qual tinha de constantemente combater. O triumpho é certo para o justo: o bom e o máo não são julgados pela mesma medida.

Para o primeiro será destinada uma coroa viciosa, sempre bella: para o segundo tormentos se renovarão e terá uma eternidade de males.

Desejariamos ir mais adiante, porem os be-

nignos leitores desculparão, pois este é o meu primeiro ensaio.

Maranhão—1865.

J. T. SARMENTO DA SILVA.

UMA RECORDAÇÃO.

Contemplando o azulado céu, que estava então matisado de estrelas, cujos resplendores tão vivos e scintillantes destumbravão as montanhas vistas; ouvindo das vagas o surdo rugido que quebrar-se vinhão nas aridas praias; respirando a doce brisa que começava cicizar por entre a folhagem dos copados arvoredos; engolfado nesses poeticos enlevos, enlevos que amparção da alma suspiros de saudade, veio á minha recordação aquelle saudoso tempo, nunca assaz lembrado, em que contemplava a natureza esplendida do solo do meu patrio sertão.

Lembrei-me desse sertão excessivamente productivo, desses campos nutridores, dessas vastas mimosas, tapeladas de não interrompida verdura, dessas campinas revestidas de flores que exhalão perfumes e suave ambrosia. Recordai-me, da amenidade desse ar purificado, que faz recobrar ao delirante sua placidez, e renova a esperanza em corações descrentes; das limpidas aguas de puro christal, que se despeñão dos alcantilados rochedos, com grande marulho; das velhas êngarannas gemendo debaixo de seus pesados fructos; e offerecendo a canção viajôr, pelo muito caminhar, uma sombra agradável, e uma musica delectavel, formada pelos cantos dos melodiosos sabiás e outros passaros de ternos gorgeios.

Pensei nas divertidas caçadas, feitas naquelles bosques sombrios, onde não penetrao os raios do só; porque o excelso pau-d'arco e outros madeiros soberbos, que parecem ameaçar o céu com sua fronte sobranceira não os deixão rasgar, e somente os zephiros, por serem mais subtils; por ali correm suavemente, dando um fresco encantador.

E quão bello é ver a tarde o novillo mugir após as vaquinhas, que vem direitas ao curral com saudades de seus bizerrinhos que as chamao mão com seus berros saudosos! Ver o lavrador com o seu arado, e os bois fatigados dos labores do campo, marchando com a cerviz baixa e passos lentos e tardios, não obstante o ferrão que os apressa?

E depois de concluidos os trabalhos do dia e tomada uma refeição frugal, sentão-se

camponezes com suas mulheres e filhos, em um extenso banco, ou mesmo na macia relva, e ahí cantão ou dizem versos á porfia, e assim extinguem cuidados, até que o doce somno se insinua agradavelmente em os lasso membros.

Eis a vida do sertão. Sertanejos, louvae á Deus, que vos dá tantos prazeres. Quanto á mim serei sempre satisfeito por ser vosso patricio.

Patria minha querida, cheia de encantos e maravilhas, onde o amôr pela primeira vez eu fui, que ideas e saudades me despertas quando pronuncio teu nome—Pastos-Bons.—

Quisera luzes para descrever tuas bellezas, não as tenho: mas o amor que te consagro é immenso; elle me impellio á escrever estas linhas, que são a expressão de minha alma.

Janeiro—1865.

J. DIAS CARNEIRO.

ESTUDOS GEOGRAPHICOS.

A terra é um espheroido achatado nos polos.

(Continuação do n.º 7).

A theoria do achatamento podia tambem verjficar-se por meio de medidas feitas sobre a superficie do globo: por onde se havia de observar que os grãos de latitude não são eguaes em toda a extensão do meridiano, mas que são maiores ou que contêm maior numero de medidas itinerarias na parte achatada do meridiano, isto é, para o lado dos polos; e que são menores na parte mais convexa deste mesmo meridiano, isto é, para o lado do equador.

Estas consequencias que se derivam das primeiras noções da geometria elemental, foram todavia desconhecidas de homens, como Cassini, que, deixando-se convencer de que os grãos nos polos eram menores, tirou deste paralogismo a legitima consequencia, isto é, que a terra era alongada no sentido dos polos, ou em outros termos, que o ellipsoide terrestre fasia sua rotação em tórno de seu grande eixo. E por espaço de quarenta annos, durou em França tamanho escandaloso scientifico.

Mas a academia das sciencias tomando

em consideração as objecções que alguns geometras renovavam de tempos a tempos contra um systema, que não podiam conciliar com as lei da hydrostatica, e notando que as medidas de grãos seguidos do meridiano não podiam decidir a controversia por suas differenças extremamente pequenas, determinou mandar medir um grau perto do equador, e outro perto do circulo polar.

E Bouguer partio para o Perú em 1735, e em 1736 Maupertuis dirigiu-se á Laponia. O primeiro, tendo que vencer muitas difficuldades durante a viagem, só voltou á França sete annos depois da partida: o segundo só esteve ausente seis mezes. Os resultados destas bellas expedições, comparados, já entre si, já com a medida do grau obtido em França por Picard, pozeram fóra de toda a duvida o achatamento da terra nos polos, sem todavia concordarem na quantidade do achatamento. O grau medido no circulo polar excedia o do equador em 669 toesas; e o de França, menor que o do circulo polar, era maior que o do equador 307. toesas.

Cassini, depois de ter examinado todas as suas antigas medidas, teve a nobre coragem de declarar publicamente que tinha commetido alguns erros, e que seus novos trabalhos concorriam a provar que a terra era um espheroido achatado nos polos.

Um litterato distincto, Bernardin de Saint-Pierre, ousou sustentar que o globo era alongado no sentido dos polos. Este erro, filho de uma ignorancia crassa dos rudimentos da geometria, só deve ser consignado neste lugar como prova das numerosas faltas que commettemos, todas as veses que nos deixamos persuadir, de que basta uma imaginação viva e um estilo brilhante e animado, para prescindir-mos de estudar as idéas geraes das sciencias, de que queremos fallar. Foi por isso que outro litterato egualmente eximio, La Fontaine, descobriu que a cigarra se nutre

de mosca, e de vermes. Mas no objecto em questão, atrever-se a contradizer Newton e todas as academias, sem ao menos ter os dotes necessarios para estudar o assumpto, é um desatino, que nem o mesmo genio pode desculpar.

(Continúa).

T...

Mais bella hontem, que nos outros dias,
Mais bella eu vi-te; mais mimosa ainda,
Qu'a nivea espuma coroadando as vagas,
Que beijam a areia d'uma praia linda.

Mais bella eras, mais fluente, e pura,
Mais doce, e meiga que d'uma harpa santa,
Um hymno sacro, —melodiosa nota,
Qu'ao rude peito de prazer encanta.

Mimosa, leda como a doce brisa,
Que meigamente n'um jardim cicia,
Ou branda aragem perfumosa, errando
Por entre ervinhas, ao nascer do dia.

Mystico enlevo, ao contemplar-te, sinto
Mulher, —ou anjo, —ou divinal visam!..
Typo ideal... eu não te creio fada,
Creio-te anjo de especial missam.

Co'os-pés na terra á divagar sonhando
Os ledos sonhos, do viver dos céos;
Das brandas azas, derramando aromas,
Desses perfumes, que se esvaem de Deus.

Es tú, es tú que serenando o ár
Co'um teo sorriso, minha dor suavisas;
Es tú qu'a mente do poeta exaltas;
Es tú da tarde merencorias brisas.

Acolhe pois os meos cantos;
Vem, adornada de encantos,

Sustar os meos tristes prantos,
Uma hora em cada dia.
Qu'eu te veja ao por do sol,
Da manhã pelo arrebol,
Brando cysne—ou roxinol,
Cantando com melodia.

Quando vires doce estrella
Já desmaiada—mas bella,
Scintillante—mais singella
Do que saphira—ou rubi:
Vem ao menos nessa hora,
Como fada enganadora,
Como visam seductora,
Collocar-te ao pé de mi.

Talvez assim os meos sonhos,
Merencorios, bem tristonhos,
Se volvam bellos, risonhos,
Risonhos cheios de amor.
Vem minha lyra fadar,
Vem minha mente inspirar,
Meo viver dulciferar,
Vem desterrar minha dôr.

Ver-te, ouvir-te é meo praser:
Tú reanimas meo ser,
Que mais te posso eu dizer,
Anjo—mulher—ou visam!
Tens meos affectos, donzella,
Se te vejo assim tam bella,
Ou, se te escuto singella,
Desferir terna cançam.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

Assigna-se para este jornal nesta
pographia a dois mil reis por 3 me

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—18

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

BOSQUEJOS DA LITTERATURA BRASILEIRA.

X.

Occuparemos a attenção do leitor com a narração dos feitos de alguns brasileiros eminentes na litteratura do paiz durante o segundo quarto do seculo XVIII.

Dous vultos assaz proeminentes apresentão-se á nossa consideração; ambos ecclesiasticos; unidos pelos vinculos de parentesco; respeitaveis por suas acrysoladas virtudes; dotados de robusto talento; versados em muitos conhecimentos; ambos, pelos predicados apontados, merecerão empunhar o baculo, e pousar em suas respeitaveis cabeças mitras brilhantes, fazendo parte do episcopado portuguez, occupando lugar elevado na republica das letras, e as mais invejaveis posições do estado.

O primeiro, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira de Coutinho, foi um prelado respeitavel por suas luzes e sublimadas virtudes, celebre—dos folgares da infancia aos gelos da morte: o segundo, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, não inferior foi, pois as muitas obras que publicou, seu character apostolico, sua dedicação á patria, o fazem abençoado da posteridade.

Lançaremos alguns traços biographicos ácerca destes varões notaveis. O primeiro citado será objecto do presente paragrapho. Historiemos os factos connexos á sua vida, e que á ella prendem-se, ou são correlativos.

Sabe-se, que o seculo XII foi para a Europa o horizonte nascente, e prognosticador dos mais estupendos successos. O movimento litterario desse seculo presagiu para os europeus a nova aurora, que começava á raiar. A França,

rainha do universo pelo gosto, sempre na vanguarda dos melhoramentos e grandes idéas, a França, abre á seus filhos a importante universidade de Paris.

Seu exemplo é seguido por os mais paizes. A Italia, região das harmonias, immediatamente patentea as portas da universidade de Napoles. A Inglaterra, industriosa e opulenta, creá as universidades de Cambridge e Oxford. A Allemanha, esse Briareo da instrucção, planta em Leipsic, Heidelberg, e espalha em todas as direcções esses focos de luz. A Hespanha, apesar de indolente, abre tambem a sua em Valhadolid.

O passo da França em o seculo XII, sendo tam seguido e imitado nos subsequentes seculos, as academias e universidades forão triviaes por as potencias europeas no seculo XVI. E hoje rara é a cidade importante dos mais civilizados paizes, principalmente da Allemanha, que não goza desse importante melhoramento.

Portugal, no amago da instrucção, e no coração da Europa, cercado das lavas scientificas, que crepitavão por todo continente, Portugal, abraçou-se nesse fogo sagrado. Tendo em seu real throno um principe de illustração, este não demorou em acompanhar as mais distinctas nações.

«D. Diniz rei poeta e versado no conhecimento da lingua e dos auctores latinos mereceu o nome de sabio aos seus contemporaneos; diz um illustrado litterato maranhense,—e o foi de certo por que tanta sciencia em um rei era um verdadeiro prodigio naquelles tempos de crassa ignorancia.

«D. Diniz não só cultivou, mas tambem animou as lèrtras, fundando em 1290 a universidade de Lisboa, que pouco de-

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 5 DE FEVEREIRO DE 1865.

NUMERO 9.

pois passou a ser de Coimbra, e ordenando que algumas obras estrangeiras fossem traduzidas em lingua vulgar». (*)

A universidade de Coimbra, como todas as cousas humanas, imperfeitas em o começo, experimentou mudanças, já quanto ao local, que foi transferido algumas vezes, já quanto a disciplina, que soffreu varias reformas.

Fundada, como dissemos, á 1290, em Lisboa, no reinado de D. Diniz, este mesmo soberano trasladou-a para Coimbra em 1293, tres annos depois. D. Fernando, em 1375, trouxe-a para Lisboa: D. João III, em 1537, a fez locar em Coimbra, e ahí se tem conservado até o presente.

Por este movimento, observa-se que os reis ligavão interesse á esse importante estabelecimento. Afóra seu augusto fundador, cujo nome passa em gloriosa tradição á posteridade, muitos soberanos houve, que o dotarão com melhoramentos reaes.

O rei D. João I, coadjuvado pelo celebre jurisconsulto João das Regras, reformou a universidade, deu-lhe novos regulamentos. D. Manoel aperfeiçoou, e ultimou a grandiosa obra começada por esse monarcha. D. João III foi tambem esforçado protector dessa universidade.

Ainda em 1559 e 1612 houve reformas. Uma nova serie de acontecimentos, porém, deu o desenvolvimento e impulso que collocarão a universidade no apogéo de florescimento. Encaremos essa epocha, que está ligada ao nome glorioso do brasileiro de que tratamos.

Reinava D. José I, ou melhor seu ministro, Sebastião Carvalho. Este estadista, fitando a reforma da universidade como o padrão de gloria, pela ventura maior, que poderia chamar á seu nome, procurou um genio bemfazejo que o guiasse, e coadjuvasse nessa empreza magnifica.

Pombal, olhando para o Brasil, encontrou neste prospero e nascente paiz um homem que reunia qualidades capazes de arrojadas tentativas: e este homem, sabio, virtuoso, tal como era mister para a obra gigante a que o dedicavam, foi o brasileiro Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

O marquez de Pombal, arvorado em lugar-tenente do rei, entregou a universidade de Coimbra aos disvélos deste illustre brasileiro, investido das honras de reformador, conselheiro de sua magestade, e bispo de Zenopoles.

Não seremos os competentes para aquilatar o merito desse homem a quem «a opulenta região do Brasil deu o berço: e com justiça o Brasil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido um varão tam singular.»

Estas palavras são de um seu contemporaneo, o Sr. Monteiro da Rocha, lente cathedratico da universidade. Para avaliar-o, portanto, na sua alta posição e apreciar seu mérito, elle é por certo muito idoneo. Veja o leitor o que diz á seu respeito:

«Deu nova e melhor fôrma a todo o paço das escolas. Erigio os sumptuosos edificios do muséo de historia natural, do gabinete de phisica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico e da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao Jardim Botânico. Refundio em muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica.

«Organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, creando novas cadeiras de metalurgia, hydraulica e astronomia pratica. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de instrumentos creando e promovendo a ephemeride astronomica tão util á navegação. Propo-

*) O Sr. F. Sotero dos Reis, Curso de Litteratura, Lição terceira.

e formalizou a grande lei dos cosmographos do reino.»

É em miniatura o quadro dos relevantes serviços em pról da universidade, prestados por o illustre bispo Coutinho. Com estas palavras o marquez de Pombal lhe entregava a universidade, palavras que fazem vêr a importancia subida do sabio prelado á quem se confiava o primeiro estabelecimento do reino:

«Confiando justamente em suas bem cultivadas letras, e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos, de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a hade illuminar com as suas sabias direcções; a hade edificar com a sua consummada prudencia; e a hade annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas.»

Este santo prelado adquirio tanta celebridade por os seus conhecimentos intellectuaes, e copia de solidas virtudes, que foi chamado a occupar a cadeira episcopal de Coimbra, com os cargos e honras annexas. Foi mais uma occasião para exhibir seu genio, suas luzes, e sua caridade.

Era natural do Rio de Janeiro. E quando em 1820 foi proclamado o systema constitucional este prelado, ainda vivo, coberto de venerandas e gloriosas cãs, foi eleito deputado ás côrtes de Lisboa. Sua patria, para quem trabalhava, afim de engrandecê-la, não o olvidou.

Muitas sociedades litterarias escientificas o honravam com seus diplomas. Tal foi seu viver: de santo, pelo suave cheiro de odoríferas virtudes: de sabio, pelo renome que adquirio, ainda não esquecido dos contemporaneos.

R. LEMOS.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

Entendendo que não deviamos privar

aos leitores deste jornal do interessante e proveitoso trabalho, que se está publicando no *Jornal do Commercio* do Rio, sob o titulo—*Litteratura portugueza*—passamos hoje a transcreve-lo em nosso jornal.

1ª CARTA.

Sr. Redactor.—Em o numero de hontem do conceituado *Jornal* de V. li um longo artigo sob o titulo supra, traçado certamente por cavalheiro mui applicado ao estudo do nosso idioma. E' de supôr que o sabio escriptor, attenta a amplidão que deu ao intitulado da sua Memoria, se eleve a mais altos assumptos do que os de orthographia e de simples grammatica rudimentar. Talvez mesmo que um pouco mais de assento de animo lhe abraunde a indignação com que fulminou os que ousão discrepar de alguns pontos das suas doutrinas. Em singelos estudos litterarios não ha precisão de nos digladiarmos, como se devessem ostentar-se inimigos irreconciliaveis, homens que nutrem aspirações communs, e cultivão as letras com desinteressado amor.

Póde o erudito anonymo acreditar que, se na arte de escrever S. S. attingio a perfeição, nós-outros os que, muito abaixo da sua esphera, somos apenas proficientes, ou ainda principiantes, amamos não menos estremecidamente a formosa lingua de nossos avôs, e ambicionamos para ella os esplendidos futuros que lhe augura a circumstancia de ser a mais bella e rica de todas as filhas do Lacio, e a de sua moderna cultura por tantos engenhos primorosos, entre os quaes cabe distincto lugar ao escriptor que me excitou a aventurar estas linhas.

Considero-me infelizmente envolvido (em parte) na turba dos que S.S. denomina *preciosos*; e não estou em má companhia, visto que em seu severo artigo não excluiu do anathema um unico dos escriptores hodiernos. E' pois a medo, e sempre com o respeito imposto pela desproporção confessada de habilitações, que eu me aba-

lanço a submeter a quem certamente pôde ser mestre, algumas duvidas que a leitura do seu escripto me incutio no animo.

Pretende S. S. que *os litteratos portuguezes contemporaneos nada mais fazem do que corromper a lingua, e abastarda-la com neologismos estranbolicos (?), e neographismos fóra do senso commum.* Duríssima sentença! Imaginava eu, que, salvas rarissimas e brilhantes excepções, insufficientes de per si para darem cunho a um seculo, nunca jámais, desde que existiu uma Lusitania, se fallou idioma tão viril, energico, delicado, mimoso, elegante, e ricamente adaptado a todos os estylos, como hoje.

Sem fallar das numerosas pennas de ouro brazileiras, visto que o censor só stygmatisa as portuguezas; como tomará tal juizo a illustre pleyade com que Portugal hoje se honra? Será justo rebaixar tantos escriptores modernos? tantos vivos? Serão acaso corruptores da lingua A. F. de Castilho, Herculano, M. Leal, Thomaz Ribeiro, Camillo Castello Branco, Latino Coelho, Abreu, Tullio, J. de Lemos, J. S. Ribeiro, Rebello da Silva, Serpa, Pato, Andrade, Th. Braga, Vasconcellos, Viale, Seabra, Pereira da Cunha, Palmeirim, Ribeiro Saraiva, Cordeiro, Foseôa, Celestino, Saldanha, Leoni, Innocencio, Corvo, Cascaes, Figanière, J. C. Machado, Lavradio, Rezende, Carreira, Gouvêa, Juro-menha, Villarinho, e dezenas de honrosos nomes, a quem tanto devem as sciencias, as letras e o patrio idioma?.

Até pôde asseverar-se que os estudos profundos e brilhantes feitos sobre origem, indole, genio, peculiaridades, bellezas passado e futuro da lingua portugueza neste seculo apenas meiado, são mais numerosos e vastos do que quantos virão a luz em todos os seculos que o antecederão, desde a creação da monarchia; o que seria de facillima demonstração.

Não ha duvida de que a plebe dos escriptores está longe da correção dos magnates da intelligencia; mas em que tempo ou terra deixou isso jámais de acon-

tecer? Que nação ha ahí tão civilizada, que a arte da palavra, em todos os cidadãos, se meça pela mesma rasoura?

Fustiga o artigo os *gallicismos sem conto*, de que anda inçada a imprensa, e exemplifica-os principalmente em vocabulos. Não me parece esse o principal perigo de abastardamento para o idioma. O peor é quando se transvasão os idiotismos da lingua franceza; e quando principalmente se macaqueia a sua pobre construcção de phrase. A invasão de Massena não nos prejudicou tanto como a do andrajoso agente, verbo e paciente. Em materia de gallicismos, são estes os perigosissimos: de dia para dia se vai transformando aquella artistica disposição da phrase vernacula, em que o verbo tomava o lugar de honra, os accessorios rodeavam as idéas principaes, o scenario se pintava antes da acção, as palavras se collocavam segundo o matiz lh'o ordenava.

Gallicismos! E de palavras! Quem pôde hoje atirar a primeira pedra? quem chamar a seu irmão *Ruca*?

Ao ver no douto mestre tamanhas iras contra taes gallicismos, peço venia para perguntar-lhe, se elle proprio os não perpetra? E se tiver de responder affirmativamente, talvez essa consideração lh'as abrande.

Nada assevero, pois sou apenas discipulo rude, e talvez me engane, mas é por isso que peço para ser esclarecido.

Diz S. S. «*De quem eram os cantos dos gallos? dos maridos das gallinhas, ou dos soldados gaulezes?*» Não digo que nunca se chamou ao gallo *marido* da gallinha, visto que o nobre autor empregou esta phrase, que desde hoje fica autorisada; mas, pergunto, se a palavra *gaulez* não é gallicismo? O termo derivado do latim só pôde ser *gallo* por vir de *gallus*, i. Receiando-se o inconveniente da apontada confusão, poderá (como fez A. Ribeiro dos Santos) dizer-se *gallez*, se é que a nossa desinencia êz corresponde á palavra *gens*, podendo assim chamar-se

habitante daquellas paragens, como amamos aos de outras, *portuguez, francez, inglez, hamburguez, etc.* Gallez se armaria bem da palavra latina *Gallia*; as *gaulez* só poderia originar-se do termo francez *Garule*, o que lhe dá toda a apparencia de gallicismo.

Usa S. S: as palavras *nossa época* frequentemente, no sentido de *nosso tempo, nossa era, nossos dias*. Sei que os homens os neologismos *estrambolicos*, e até muitos dos que escrevem por ahi, adoptam esta locução, e ninguem se lembraria de os tomar satisfações; mas a quem é tão severo em profligar gallicismos, pôde perguntar-se: a palavra *época*, assim tomada, é portugueza ou franceza? Não será *época*, em todos os nossos classicos, um tempo notavel por algum successo excepcional?

Emprega muitas vezes *de resto* em fórma adverbial. É isto licito, em portuguez correcto, ou é gallicismo?

«*Pouco importa que todo o mundo escreva, etc.*» Sei que *todo mundo* escreve assim; mas, em relação ao dizer dos nossos antigos, não é aquella locução outro gallicismo? Não diziam elles, a accepção do illustre censor, *todo mundo*, reservando *todo o mundo* para quando pretendiam exprimir o universo?

«*Emfim um ultimo inconveniente*» e semelhantes empregos do adjectivo articulado *um*, não tem puro sabor francez?

Poderia multiplicar estas interrogações, que aliás respeitosa e apresentadas em fórma dubitativa. Só o que pretendo observar é que não podemos deixar de aspirar a atmospheria que nos envolve, e que será mal cabida a rispidez para com os defeitos, em que nós mesmos nos charmos incursos: a perfeição não é attributo humano; sejamos benevolos, para que se nos possa applicar o *petimusque, vicissim*.

Continuarei a seguir nos principaes pontos o illustrado anonymo; porém, sendo estas materias pouco attractivas para a leitura, trata-las-hei em cartas succes-

sivas, se se dignar franquear-me as suas columnas.

Rio de Janeiro.

ZERO.

DUAS PALAVRAS SOBRE O SEculo E SUAS LUZES.

Nada mais somos do que um rabisca-dor de papel sobre quem o seculo tem uma influencia real e decidida. Defeitos, confissão nossa, temos, e muitos; e haja vista este mesmo proeminentissimo, em que vamos incorrendo de levantar castellos em terrenos ignotos, e escrever sobre aquillo de que entendemos menos.

Bem de esforços fizemos para resistir a torrente de ideias que por causa do seculo, nos levava a tratar d'elle mesmo, sem as suas luses; porem, assim como o madeiro lançado no mais forte da correnteza de um rio, cujas aguas se precitam ruidosas e rapidas, não pode resistir ao furor d'agua, que de rojo a leva, assim nós, arrastados, cedemos a esta magica tendencia, e de conformidade com ella emittiremos nosso franquissimo juizo sobre o que já dissemos.

I.

Este seculo, não ha negal-o, é um grande seculo, e talvez o maior colosso, o vulto mais proeminente e assambroso nas producções de engenho, e nas descobertas e aperfeçoamento d'artes; e posto que em alguma cousa tenha sido excedido por algum dos anteriores, no seu todo nenhum lhe disputa a corôa.

As suas bellezas apparecem na arêna disputando com as dos seculos anteriores, que cedem o passo e se confissão vencidas. Nelle a sciencia por excellencia—a philosophia,—essa luz do mundo, mestra da humanidade, e rainha dos costumes, como a intitulou o principe dos philosophos e oradores Romanos, tem caminhado, a bom caminhar para seu grande—*desideratum*—, e o seu progresso é espantoso: a historia, esta outra mestra da vida, luz do mundo, e descobridora

das verdades, tem recebido também das mãos de genios tãoes como Cesar Cantu, para não apontar sinão o que ha de mais grandioso, um desenvolvimento maravilhoso e extraordinario: a navegação a vapor por mar e terra, que por tantos tempos foi um problema difficillimo, e apenas seguindo muitos imaginavel, é hoje uma feliz realidade: os fios electricos e submarinos, as maquinas para tudo, os pacificadores, a polvora surda, os balões, e outras mil cousas desta ordem, tudo ou têm verdadeiramente produzido, ou tem aperfeiçoado este em que vivemos magnifico seculo.

Em philosophia, muito se têm feito já.

Em historia, não obstante suas grandes difficuldades é já quasi tudo luz.

Nas artes e em tudo o progresso é espantoso.—Ha muita cousa á ver, muita á admirar.

Em todos os paizes e mesmo em todas as grandes cidades ouve-se e observa-se o rapido rodar das locomotivas, admira-se as descobertas, pasma-se na contemplação das obras d'arte e sente-se um não sabemos que de tocante quando se reflexiona sobre as producções de engenhinho.

Tudo ou quasi tudo é belleza, tudo ou quasi tudo progresso; mas no meio do progressivo e do bello, no meio desse todo magnifico, sublime, sente-se o roçar de um ferro pelo coração experimenta-se uma especie de desgosto revoltante quando, alongando avista pelo lado material, se volta a contemplação do lado moral.

Aqui o maravilhoso desce de seu throno, o quadro perde sua maior elegancia, os primores como que desaparecem, e as tintas se desmaião, como o dia impalidece com o cair da noite.

Todos os annos, mezes e dias saiem dos prelos centenares de escritos intitulados-dramas e romances, mas raro apparecem as obras uteis a religião e a moral.

Entretanto os primeiros servem somente, não sabemos se ha aqui lugar a excepções, para excitar as paixões, escaldar as

ideias e desenvolver o gosto pelos the-
tros *thermometros da civilasão*, «one,
o povo que só das palavras alheias comple-
a sua sabedoria corre a prender como ari-
consumma, explica, e defende o adul-
terio, o incesto, a traição, o perjurio, o pód-
ricidio, o fraticidio, o regicidio, o deon-
dio, horrores que o grande Solon n. F.
quisera se julgassem possiveis para line-
prevenir penas em suas leis; palavras de
agouro e maldições que, semelhantes a
que uma antiga religião defendia nua
haviã de sair de humanos labios» (us

E as segundas ao contrario são coe-
um vento celeste, que enche as velas em
virtude e multiplica as tempestades ju-
consciencia, pondo um freio as paixões
ruins despertando os mais nobres sen-
mentos d'alma humana, elevando-a a altic-
das grandes cousas e inspirando-lhe hinc-
ror por tudo quanto é baixo, ignominia
e tórpe.

Ora, isto posto, era bem para des-
que de nosso seculo toda tendencia
se para abraçar estas, e deixar aquell-
inda que precisos fossem sacrificios gr-
des,mas, como vimos e como iremos
do, não succede assim, pois extrem-
apreciador das flôres, que brilham de
nhã para fenecer a tarde, o nosso se-
ama as novidades, adora as exquisiti-
e só pela innovação se ufana e pugna
como em religião e moral nada se p-
innovar dês que o Christianismo é Chris-
nismo, e a Igreja Igreja os filhos de
recebendo e seguindo os naturaes im-
sos, não estão por antiguidades,
para abraçar uma rotina vetusta; c-
seu *pae* elles gostam da variedade,
que a variedade deleita, e o deleite
duz a dilatação do coração e do espir-
e por consequente da vida.

(1)Estas palavras são do sabio portuguez—C-
lho, a quem tendes por certo admirado nos-
mes do Bardo, na Nova Castro, em Echo e
ciso &c. &c. Castilho não faz parte da onda
rical que tanto terror infundia o anno pas-
so deputado brasileiro, e contra quem tam-
clama.

Porem como a variedade não é a verdadeira, porque a verdade não pode ser varia, e depois de um longo caminhar pela variedade, sentindo n'alma um vago, se precipitam e chafurdam-se no immundo botaçal do vicio e da descrença, forçada consequencia de tudo quanto é vario.

E então, como despeitados, accommettem com furor insolito todos os bons espiritos, todos os homens de consciencia recta, como todas as doutrinas bebidas nas puras fontes do verdadeiro e do justo. D'ahi esta multidão innumeravel, de livros perigosos, em que a mocidade enebriada pelo suave cheiro das flores, de que quasi sempre se ornão, bebe um veneno lethal.

D'ahi «essa litteratura actual de scepticismo religioso, e o que é mais de scepticismo moral misturado com uma decida essencia subtilissima de egoismo esterilizador.» D'ahi esses homens innovadores, sublimes, infernaes, romanticos, algosos de coração, d'alma e de fé. (2)

D'ahi «o famoso monstro litterario intitulado—Nossa Senhora de Pariz por Victor Hugo— a Vida de Jesus por Mr. Renan e milhares de obras deste gosto, onde seus authores, depois de muito apregoarem seus meritos, seu bem entendido amor a verdade, derramam sua bilis contra as theorias orthodoxas, contra os livros de reconhecida utilidade publica, e contra toda ideia directamente opposta ás paixões ruins, vicios e volupia.

D'ahi em uma palavra essa guerra viva offerecida a virtude que tem por principio e por exemplar a lei eterna da justiça, que permanece em Deus e por causa secundaria de sua existencia a liberdade, a rasão e a consciencia obrando de conformidade para a transfiguração voluntaria do homem por sua semelhança adquirida com a natureza divina.»

(Prosequiremos.)

A. FERNANDES S. QUEIROZ.

(2) Inda é Castilho quem falla.

O CANTO DO TUPI.

Sou filho das selvas—não temo o combate,
Não temo o guerreiro,—guerreiro nasci;
Sou bravo,—eu invoco do bravo o valor,
Sou filho d'um bravo, valente tupi.

Na marcha p'ra guerra, se invoco tupan,
Tupan me responde na voz do trovam;
Intesa-se o arco,—desprende-se a frexa,
E o fraco reclina seu rosto no cham.

Sou filho das selvas—nas selvas nasci,
Sou bravo guerreiro, só amo o lidar;
Se tribu inimiga correndo ahi vem,
Ao campo, sanhudo, vou só, pelear.

Se sonho, nos sonhos eu vejo anhangá,
Que véla a meo lado, qual véla tupan;
Ás vezes lhe escuto: guerreiro ao combate
Vai lesto, vai forte, mal rompa a manhã.

Eu vivo nas selvas—nas selvas immensas,
Que vastas se entendem nas terras do norte;
Se corro á peleja, bem sei qu'a victoria
Pertence a meo braço, qu'é grande, qu'é forte.

E parto animoso: mal vejo o inimigo,
Comêço das setas a ponta a ervar,
Ardendo nos brios de nova coragem,
Contente o triumpho, comêço a cantar.

Nas selvas do norte, nasci—d'um guerreiro
Qu'as tribus guerreiras fazia tremer,
Herdei-lhe esse sangue, seos brios herdei,
Valente com'elle, só sei cõbater.

Cem craneos expostos na taba, bem provam
Qu'em terra cem vezes, cem homens prostrei,
Quer deixe na seta seo ultimo alento,
Quer cáia vencido nos laços, qu'arnei.

Eu vivo nas selvas—nas selvas do norte
Sou indio valente, valente tupi,

Temido na guerra,—do bravo temido;
Possante guerreiro, nas selvas nasci.

Se entãm prisioneiros valentes eu trago,
A tribu me applaude... que bravo sou eu!..
De dentes imigos o numero é tanto
Qu'attestam qu'o forte jamais me venceo.

Sou filho das selvas,—não temo o combate,
Não temo o guerreiro,—guerreiro nasci:
Sou bravo... eu invoco do bravo o valor;
Sou filho d'um bravo, valente tupi.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

BONS E MÁUS JUIZES.

No throno augusto da imparcial Astrea
Sanctos Juizes, sois de Deus imagens;
Quando a virtude pobre em vós estêa,
E cortaes do erro as turbidas ambages;
Mas se co'a mão, de ouro culpado chêa,
Vendeis justiça a quem vos dá mais gages,
Não sois juizes, não, sois deshumanos
Retratos de cruéis, torpes tyrannos.

DESCRIPÇÃO.

Pintam o Ingenho um Moço denodado
Na cõr ardente, os olhos penetrantes;
Sobre a cabeça uma Aguiã: um inflâmmodo
Globo, dentre as madeixas ondeantes,
Busca o cimo dos céos, d'onde ha baixado;
Dos hombros rompem-lhe azas navegantes;
Na dextra um arco d'onde estalla a sétta;
Ou já como Orador, ou já Poeta.

DESENGAÑO PARA OS POETAS.

Quando a veia lhe inflamma
Prophético furor, altisonante,
E aos borbotões derrama
Maravilhas da boca redundante,

Mal divinha o Coitado,
Que um Critico fleumatico, se embica
No termo aventurado,
Na phrase de travéz, que o mortifica,
O nariz encrespando desdenhoso,
Môfa do charro estylo,
Taxa de trivial, desengenhoso,
O lidado desenho;
Dá aos hombros, faz beigo, desaprova:
«Esta palavra é veia, est'outra é nova.
«Eu riscára aqui isto, alli aquillo.
«Para tamanho empenho
«O autor tem poucas forças: eu quizera...
Bem nescio é nesta éra
Quem apura a saude, o tempo, a vida
Na arte a mais ignorada, e mais mordida.

EPIGRAMMAS.

Tinhas, Elia, se bem me lembro agora
Por todos, quatro dentes.—Escarraste
D'uma vez, c'o tussir, dois juntos fóra
D'outro tussir os outros dois lançaste
Tosse sem susto, que ainda que arrebenste
Já não has de escarrar mais outros dentes.

Fabio, ao cahir da noite humida e fú
Do chupado carão déspe a alegria;
Não, porque chore o sol, do dia enfe
Mas porque acende luz, que gasta aze

FILINTO ELYSIO

Assigna-se para este jornal nesta
pographia a dois mil reis por 3 me

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—188

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

A ORIGEM DA LINGUAGEM.

Unidade das linguas.

(Conclusão.)

Já vimos no precedente § succintamente a historia da sciencia philologica; fallamos de alguns de seus principaes cultores, desvários e methodo que empregarão: mas pelo correr dos tempostudo foi melhorando, em razão do novo methodo de que usarão.

O Padre d'Hervas, ao meio dia da Europa, Catharina II, no centro, e a Sociedade Asiatica, fundada em Calcutá no anno de 1787, se podem diser as columnas do novo e immenso progresso da philologia.

A ninguem é desconhecido o grande spectaculo da diversidade das linguas, e seo quasi fabuloso numero; o illustre Balbi elevou o das linguas a 860, e dos dialectos a 5:000: mas, graças ao novo methodo empregado no estudo da philosophia e thnographia, todas as linguas vivas e mortas se podem classificar em tres grandes grupos: linguas simples, por flexão, e por agglutinação.

Grças ao novo trilho seguido, e estudo mais desapassionado, se tem verificado que «as affinidades entre os idiomas separados em sua origem pela historia, e geographia, que a principio não tinham sido apercebidos senão vagamente, comecarão a apparecer, determinados e certos.»

Descobrio-se que connexões novas e mui importantes ha entre as linguas, de modo a combinal-as «em largas provincias, ou grupos, nações, que nenhuma outra indagação faria suspeitar a existencia de relações.»

Descobrio-se que os «dialecticos teutonicos recebem consideravel luz da lingua persica, que o latim tem pontos de contacto com o russo, e os outros idiomas slavos, e os verbos gregos em *mi* não podião ser bem comprehendidos sem recorrer-se á seus semelhantes na grammatica sanscrito, ou indiana.

Em uma palavra, foi claramente demonstrado que uma só lingua se estendia sobre uma consideravel parte da Europa, e da Asia, desdobrando-se em larga zona de Ceylão a Islandia e encadêava em sua unidade povos que professão religiões oppostas, e não offercem semelhança alguma de phisionomia e côr.

Essa lingua, ou antes essa familia de linguas recebeu o nome de indo-germanica, ou indo-européa...» (Dem. Evang. t. 15. disc. 1^o.)

Os principaes membros dessa grande familia são o sanscrito (ou lingua sagrada da India) o persa, tanto antigo como moderno, o teutonico (germanico) com seus diferentes dialectos, o slavão, o grego, o latim com seus numerosos dirivados, os dialectos celticos, etc, etc.

Entretanto houve quem negasse a junção que havemos feito do celtico e seus numerosos dialectos á indo-européa, ligando-o ás linguas semiticas.

Mas depois da obra do Dr. Prichard sobre a *origem oriental das nações celticas*, ficou a questão resolvida e a familia celtica liga-se indubitavelmente a indo-européa.

O Dr. Prichard, para demonstrar a verdade que acabamos de registrar, com mão certa entrou em uma analyse profunda das palavras, e dos verbos galeses, e em outra obra que publicou depois da mencionada demonstrou que a affini-

dade do celtico com a familia indo-europea era acima de qualquer duvida.

E assim vão as oitocentas e cessenta linguas, e cinco mil dialectos completamente diminuindo, e formando uma só familia.

O malay, e as demais linguas suas visinhas ainda não ha muito que erão consideradas como independentes; mas a ethnographia moderna vai derramar luz.

Segundo Marsden e Cawfurd o malay «devia ser chamado o palinesiano, sendo o malay, propriamente dicto, um dialecto, e podendo ser chamado a lingua franca do archipelago indiano.»

Os idiomas que formão esse grupo teem uma grande tendencia á forma monosyllabica, e a rejeitar toda inflexão; caracter que as aproxima da do grupo visinho as linguas transgageticas» as quaes o Dr. Leyden as une.

«As linguas vulgares indo-chinezas sobre o continente, diz elle, parecem ser, em sua structura original puramente monosyllabicas, como as linguas falladas na China, ou pelo menos se aproximão dessa classe, que se pôde seguramente suppor que o pequeno numero de polysyllabos originaes que conteem é derivado immediatamente do *pali*, ou formado de uma reunião de monosyllabos. Estas linguas são todas prodigiosamente variadas pela acentuação como a lingua fallada na China.»

Entre essas linguas elle inumeras o javanez, o bugis, o malay, tagala, baltá, e outras alliadas pelas palavras e construcção grammatical.

Cawfurd considera o javanez como apresentando o maior numero de elementos da lingua que forma a base de todas as outras nesta classe. «É sobre tudo pobre em formas grammaticaes, o que igualmente se pode dizer do dialecto malay.»

Este grande homem com mão de mestre encontrou uma tão grande semelhança de palavras e structura «entre todas

as linguas falladas no archipelago indiano que as classifica em uma só familia.»

Morsden vai mais adiante. Alem do malay, diz elle ha uma multidão de linguas falladas em Sumatra que não somente teem entre si afinidade manifesta, mas ainda se ligão á essa lingua geral que se encontra dominando em todas as ilhas do mar oriental, desde Madagascar até o ponto mais remoto das descobertas do capitão Cook, comprehendendo um espaço immenso.

Temos finalmente os seguintes grupos de indo-europeo, o polinesiano, ou malay, o semitico, que se compõe do syriaco, egypcio, caldaico, hebraico, etc. e um grupo formado pelas linguas americanas que tirando algumas excepções que se prendem á indo-europea, ligão-se as linguas semiticas (de Sen.)

Em conclusão podemos diser que todas as linguas prendem-se ao hebreo, fundado nas doutas investigações de M. Babi que fundando suas classificações nas opiniões dos philologos mais authorisados chegou a concluir «que todas as linguas teem certa connexão com o hebreo, que quanto mais remotos e selvagens são os povos tanto mais sensivel é a sobre esta connexão, a qual se vai diminuindo até de todo desaparecer á proporção que os povos se vão civilisando »

Um navegante, diz de Lorgues; «que foi o mais longe possivel na latitude austral, o capitão Weddel observou no idioma de certos povos da America septentrional analogias por extremo palpaveis com o hebreo.

Muitos idiomas da Polynesia simultaneamente contrações strictamente hebraicas.

M. Frederico Schlegel encontrou na lingua peruviana expressões derivadas do sanscrito.

O professor Borton, observando as numerosas coincidencias de nomes e de significações que lhe offerecia os dialectos fallados na Asia e na America, tirava a conclusão que todas essas linguas procedião de uma origem commum.»

Um celebre publicista M. Ortolan escreveu depois de muito observar o seguinte:

As linguas do oriente e do occidente vem de Deos; de Deos veem as linguas do sul e do septentrião.

Preenchidas assim as condições que estabelecemos segue-se que a linguagem é de origem tal como o dissemos.

R. A. DA FONSECA.

SYSTEMAS PHILOSOPHICOS.

Examinar as diversas phases, porque tem passado o espirito humano, sob um ponto de vista geral, desde o nascimento da sciencia até os nossos dias, tal é o nosso fim descrevendo os diversos systemas philosophicos.

A mór parte dos philosophos não duvida affirmar, que a faculdade que mais depressa se desenvolve no homem é a sensibilidade, sem que daqui se possa concluir a não existencia de outras faculdades, congenitas da alma humana.

Com effeito, o homem na primitiva phase de sua existencia, vive somente dos sentidos, em suas relações com a materia, o espectáculo grande e variado da natureza parece attrahir a si a sua attenção, os primeiros desenvolvimentos do seu pensamento, e como só por meio da sensibilidade physica pode elle entrar em relação com os objectos do mundo material, dahi o desenvolvimento desta faculdade; sendo o primeiro acto do seu pensamento a affirmação, a crença, a poesia, a religião.

Esta é a marcha necessaria do desenvolvimento do espirito humano.

Thales e Pythagoras devião vir depois de Orphên e Musco, os cantos religiosos devião preceder ás investigações philosophicas, é da ordem da natureza humana, manifestar-se a espontaneidade, como preludio da vida humana, e depois a reflexão, como prova do desenvolvimento mais aperfeiçoado da mesma vida humana.

Como já dissemos, o homem começa pela fé, pela crença, na verdade começa por crer que existe um Deus, autor da criação; mas esta crença desperta-se por assim dizer involuntariamente no fundo do espirito, o homem, longe de examinar e discutir os motivos, que tem para crer, absorve-se nella, e diz para si: Deus é tudo e tudo é Deus.

Neste estado de crença espontanea, não pode haver raciocínio ou reflexão, ha somente religião ou crença, quando porem cessa a espontaneidade da crença, é que desperta a philosophia, é que apparece a reflexão, e então o espirito humano volvendo sobre si mesino as suas investigações, passa á interrogar a si mesmo acerca da legitimidade de sua crença, e por um momento natural, ou antes em virtude de uma lei de sua propria natureza, gera-se logo um systema, isto é, o espirito procura reunir principios certos, dos quaes tira consequencias, e assim chega a formar uma doutrina, tal é a origem dos systemas.

Isto posto, examinemos como nascerão os systemas philosophicos.

Com quanto a philosophia nascesse no dia em que dispontou a reflexão no homem, e por consequente o berço da philosophia fosse no Oriente, lugar de povos mais antigos, contudo como o conhecimento da philosophia oriental pouco adianta, não só porque consistia em crença á tradicções primitivas que se remontavam a revelações suppostas, como tambem só depois de Thales e Pythagoras é que o raciocínio a applicação da intelligencia, do pensamento, em vez da fé á tradicções, sobre que não era discutir, veio dar um novo impulso aos estudos philosophicos, passamos a considerar a philosophia da Grecia em diante.

Segundo a opinião mais geral, a philosophia teve o seu berço na Grecia, ahí os primeiros philosophos Thales e Pythagoras, attendendo que as primeiras idéas que suscitão-se no espirito são exactamente aquellas que adquirimos por intermedio dos sentidos, isto é, idéas do

mundo material, pois que a impressão da natureza faz com que esses sejam os primeiros phenomenos da intelligencia, dahi a tentativa de estrêarem a philosophia no estudo e indagação da origem do universo, por essa razão o primeiro systema philosophico foi o sensualismo.

Mas o espirito humano não podia contentar-se com esse systema, e consideravel-o a ultima expressão da verdade, e certamente porque tentando o sensualismo explicar tudo pelos sentidos, e não admittindo outra existencia que a dos corpos, não podia por isso mesmo chegar á descoberta inteira da verdade, porquanto havendo outros factos, cujos conhecimentos ou idéas não podem ser fornecidos pelos sentidos, é claro que o espirito humano não podia declinar da necessidade de formar um outro systema que melhor o satisfizesse, dando solução ás difficuldades não resolvidas pelo sensualismo.

Assim pois appareceu o espiritualismo, que se propoz a supprir a falta commettida pelo outro systema, isto é, a demonstrar a existencia de uma outra ordem de conhecimentos, e passando pela lei de opposição que soffre toda idéa nova, teve de reagir fortemente contra o sensualismo.

O seu fim era tambem a descoberta da verdade, mas como o espirito humano tem uma natural propensão para exágerar tudo, succedeo que os sensualistas no rigor do debate exagerassem o seu systema de tal modo que negarão inteiramente a existencia do espirito; foi assim que o sensualismo veio a degenerar em puro materialismo, que nada mais é senão a negação inteira da existencia espiritual.

Por seu turno os espiritualistas exagerarão o seu systema, que negava a existencia da materia, e assim foi que semelhante systema converteu-se em idealismo, que é a negação total da materia.

Deste modo pois vê-se que os dous primeiros systemas philosophicos, longe de alcançar á descoberta inteira da verdade, cahirão em extremos diametralmente oppostos, de modo

que a melhor refutação do materialismo é o espiritualismo, e vice-versa; para ver-se o absurdo de qualquer destas opiniões extremas, basta collocar-se sob o ponto de vista da opinião contraria.

A philosophia do bom senso, em presença do semelhante conflicto, não pôde deixar de reclamar os seus direitos, de protestar com todas as suas forças contra o exclusivismo destas duas opiniões, as quaes, si são em parte verdadeiras, são em parte falsas, e por isso mesmo incapazes, cada qual de per si, de chegar por sua vez á demonstração da verdade no terreno dos factos do mundo philosophico.

E na verdade não forão sem fundamento as impugnações feitas, pela philosophia do bom senso, por quanto elle reconhece e não pode deixar de admittir a existencia de dous mundos, os quaes cahem sob a vista da intelligencia, embora de modo diverso, o homem ao mesmo tempo, que com os olhos, com as mãos, com auxilio emfim dos outros sentidos conhece os objectos, que estão fora de si, ou que não fazem parte do EU, é tambem informado do que se passa em si, no seu espirito, se elle gosa, soffre, pensa, elle o sabe, assim como tambem conhece se os corpos ou objectos externos são quadrados, redondos, solidos, liquidos, etc., com a differença de que é por entremedio dos sentidos que elle conhece os objectos do mundo exterior, ao passo que é pela consciencia que elle se conhece, e estuda o seu proprio espirito; estas duas vistas da intelligencia, uma sobre o exterior, ou sobre o mundo material, outra sobre a propria alma, são verdades, que o bom senso não podia ver sacrificadas pelo exclusivismo de qualquer das seitas. E demais, crêr sómente nos sentidos e não crêr na consciencia, ou crêr sómente nesta e não nos sentidos, é crêr e não crêr na intelligencia, é em ultima analyse convir em um absurdo, e a razão humana não podia ficar condemnada á este estado de exclusivismo, incapaz de satisfazer as suas aspirações, da reacção dos dous primeiros systemas philo-

philosophicos era forçosa que apparecesse um, que viesse figurar na scena philosophica.

Assim aconteceu: appareceu o scepticismo. Os philosophos fundadores deste systema, recusando esposar as opiniões dos partidos opostos, contentarão-se em acceitar a refutação de ambos, pois desesperados de achar a verdade, como consequencia da lucta travada entre o materialismo e o idealismo, concluíram, que a verdade não existia ao alcance do espirito humano, que este é impotente para conhecê-la, e que se devia duvidar de tudo.

Mas o espirito humano que não foi creado para o estado dubitativo, procurou tentar um esforço, para emancipar-se da duvida, e, recuando em presença dos desvarios do scepticismo, e entregou-se todo á pura contemplação da Divindade, como fonte unica, donde pode emanar a verdade, aqui a philosophia, como que retrocede aos seus primeiros passos, resolve á crença; transforma-se em mysticismo.

O mysticismo é, como diz Cousin, o rasgo de desespero da razão humana, que depois de ser acreditado naturalmente em si mesma, espreitado pelo dogmatismo, aterrada pelo scepticismo, refugia-se na contemplação e intuição immediata de Deus.

O mysticismo tambem cahe em excessos, que desacreditarão os seus sectarios e como resultado vio-se o extasis, a magia, origem de crimes e extravagancia, o mysticismo afinal degenerou em pantheismo.

Esta foi pois a marcha do desenvolvimento dos quatro primeiros systemas philosophicos, esta pois a ordem do desenvolvimento do espirito humano no terreno philosophico.

aguardamos outra occasião para tratarmos do ecclelismo.

Fevereiro de 1865.

A. PEDRO DE MIRANDA.

CEMITERIO D'ALDÉA.

I.

Scenas aqui não hã, que aprazer possam
Aos sentidos d'aquelles que, embebidos
Nas illusões do mundo, a morte temem;
Como o completo termo da existencia.
Suspiros Poeticos.

Era uma noute de Agosto.

Jã se tinham escoado as magicas horas do crepusculo, e as primeiras da noute iam bem longe. O principal sino do presbyterio soava languida, e compassadamente onze horas.

Tudo dormia na aldéa. O silencio reinava com seu fatidico cortejo de trevas, e do piar tristonho do agoureiro mocho. A sororina, com seu gemebundo canto, indicava prestes o novo tanger do bronze.

Desprendem-se, á final, do campanario doze tardias badaladas. Meia noute! E' esta a mais terrivel hora. Ninguem vaguea pelas ruas. Todos entregues ao pesado somno repousão, para ao amanhecer entregar-se aos labores do dia.

Se alguma pessoa, porem, fosse acostumada á nocturas excursões, e passeasse pela mais tortuosa rua da aldéa, distinguiria muitas vezes, sempre á noute, e á essas horas sinistras, um vulto, que já affeito á esses lugares, vagava impavido, e corajoso.

Quem será? Pelos contornos é uma mulher. Extensos cabellos, desgrenhados; longo vestido. Para onde irá? Eis que, internando-se mais por essa via solitaria, e barrancosa chega, e transpõe o cemiterio da aldéa.

II.

Estas ruas de tumulos, estes templos,
Que cidade figuram,
Só corruptos cadaveres habitam,
Poeriras, nomes, e ossos descarnados.
Suspiros Poeticos.

Um cemiterio!

Aquella pompa funebre do cemiterio horrorisa. O desenho da descarnada morte; as altas paredes, fuscas pelas aguas do

inverno; as negras grades, estaladas pela ferrugem; as cathacumbas, ennegrecidas pelo tempo; os mausuleós, plantados em direcções diversas, nos inspirão pavor e susto.

Essas cruzes aqui e ali semeadas; esses epitaphios varios; esses montes de carcomidos ossos; essas caveiras, ao passo que nos representam ao vivo os irrefragáveis monumentos do nosso nada, da nossa ephemera e fugaz existencia, vão plantar na mais recondita dobra da alma um temor inexplicavel.

Um cemiterio!

Ahi vae quebrar-se, na fria lage de um sepulchro, o orgulho do homem: ahi nivellão-se as gerações.

A sãbedoria, pouco valem suas galas; a riqueza, pouco pesam seus thesouros; a aristocracia, são ephemeros seus ouropeis;—tudo, pelas leis irrecusaveis de Deus, tudo, vae de tropel sumir-se na profundeza do tumulo!

Como é varia e infeliz a sorte humana; como é louco aquelle que se alimenta de distincções; que cobre seu peito de fitas; muda seu nome por um titulo; ambiciona brazões; procura teteas e veneras!

Loucos! Ahi vem o vento rijo da morte, vos arremessa no sepulchro: e que vos resta? Trabalha por cultivar a virtude, por o labor da intelligencia, amanhae-a; eis o destino do ente racional: sede bom pae, estremoso consorte, filho obediente.

E se fordes assim, tereis uma esposa, uma filha, um irmão, que sobre vosso tumulo, ás horas mortas da noute, venha derramar uma lagrima; que sobre o vosso sepulchro, e aos pés dessa cruz, seu melhor epitaphio, dirija uma supplica fervente ao céu.

Lá na estancia celeste vossa alma se regosijará: será um prazer santo o veres subir ao throno de Deus a prece candida e humilde, sahida de um coração apertado pela saudade, e cheio de gratidão.

Feliz pae se tiveres uma filha tão santa, que te offereça uma oração; feliz esposo se tiveres uma esposa que ore por ti;

feliz irmão se tiveres um irmão que faça subir ao escabello do solio Divino os echos de sua alma.

III.

Nada temas, minha alma;
Preconceitos de infancia não te gelem;
Não; sem susto vagueia;
Mal não fasem os mortos....

Suspiros Poeticos.

Ella entrou, e orou!...

A mulher de quem fallamos era a formosa Eulinda, que, aproveitando o silencio da noute, ia, todos os dias, pressurosa ao tumulo de seu pae regal-o com suas lagrimas, e ahi prostrada orar Deus pelo seu bemfeitor.

Para ella aquella sepultura era suas delicias, e pezares: folgava em cobri-las flores, e orvalhal-a de lagrimas.

O rocio da manhã vivifica as rosas dos jardins: o pranto de Eulinda fazia as rosas da sepultura não emmurchecerem.

Renovava diariamente essa devoção. Nem os preconceitos, nem os horrores de uma noute sombria a tolhem. A lembrança e pavor dos mortos escapão-lhe. Só vêda a estação invernosa.

Auimosa, vae sem timidez á esse lugar de funereo apparato, de sombras e luzes, e de joelhos beija o symbolo da Redenção, a Cruz, e o tumulo de seu pae.

Seus labios entreabrem-se, sua bocca profere essa milagrosa oração, sahida de labios divinos, oração sublime, capaz de operar portentos:—Padre Nosso.

Para ella são illusões tumulos; pavor, susto, quimeras: Arde-lhe no juvencal peito a chamma abrasadora do amor filial que somente attenua-se com essas lagrimas brotadas dos cillios.

Deixemos Eulinda no doce colloquio que tanto ama, deixemos esse anjo de Senhor nessa conversa mystica com Deus intercedendo por seu pae.

Feliz velho, que na bemaventurada tens a dita de vêr esta scena tocante.

Abençoada filha, que alimentas tam
candidos sentimentos.

Misericordioso Deus, que inspiras nos
corações humanos tam acrisolado amor.

IV.

Hymnos accesos nos transportes d'alma;
Voem de mundo em mundo, d'astro em astro,
D'anjo em anjo, até qu'elles se harmonisem,
E dignos sejam, oh Senhor, que os ouças.

Suspiros Poeticos.

A mesma scena sé repetio dez an-
nos.

Eulinda, orphã ás dezesseis primave-
ras, reiterava todos os dias o mesmo acto
de extrema piedade filial. Sua mãe é hoje
octogenaria, e estabeleceu sua filicidade e
arrimo futuro.

Um amigo, morador da mesma aldêa,
em carta particular nos communica o se-
guinte:

«Eulinda, a fada desta aldêa, casou-se
à 24 deste mez (Dezembro 64). O rapaz,
o conheces, é S. . . : foi com effeito um
bello par que se unio.

«Querendo ella em uma das noutes
passadas, depois do casamento, conti-
nuar na sua *antiga devoção*, e como não
podesse sem communicar ao esposo, cheia
de lagrimas e vergonha, revellou o que
ninguem sabia.

«Como sou intimo da casa sei. O ma-
rido não se oppôz: hoje são dous que
orão. . . »

Oh! como não será ardente aquella
supplica, sahida de dous corações tam
puros!

Felises esposos, Deus fade-vos. Eu vos
desejo do fundo da alma venturoso por-
vir. A vossa união seja perduravel. Sêde
sempre como hoje.

S. Luiz—1865.

R. . .

AURORA.

Oh matia! ton aspecte fait palpiter mon cœur.

(LÉONARD.)

Bellas franjas azues auri-bordadas
Esculpidas no mar nos mostra a aurora,
E a fragrancia das flôres espalhadas
Que a brisa reunio—vem vindo agora;

Vem trazendo aos mortaes doce conforto,
Vem a mesma natura imbalsamando,
E eis que a ave sentindo—a o ninho deixa,
Lindos carmes á Deus livre entoando.

Tudo quanto vegeta, e vive, e falla,
Nesta hora d'amor um Deus confessa:
Nem dizel-o receio! . . . e até presumo
Que haver crença não pode igual a essa.

Açoitadas do vento as salsas aguas,
Bem puderão transpor mundos sem fim;
Mas encontrão barreirás, que não vencem! . . .
Mas o que! . . . onde vou? . . . Q'quero assim? . . .

Desponta o astro Rei:—Eil-o surgindo
Mais belleza e mais viço dando a flôr;
E a vasta immensidãõ de ceus e mares
Cristaes parecem de auri-rosea cõr.

E então surge do leito a meiga virgem,
Vai alegre colhêr mimosas flôres
P'ra depois de tecer lindas grinaldas
Ir á Deus offerecer,—dar-lhe louvores.

Oh! hora de prazer!—manhã quem dera,
Quem dera á mim, que me não posso ter,

Cantar teu nome, desfrutar-te sempre,
E alfim cantando-te, inda em ti morrer?

Tu reanimas
Meu coração.
Sou teu escravo,
Dou-te afeição.

Tu és o balsamo
De minha vida,
Que sem ti fôra
Indifinida.

Meus pensamentos
São filhos teus;
És um reflexo
Do grande Deus.

Não sei pintar-te,
Nem usei tanto,
Porém t'off'reço
Meu pobre canto.

Dar-te-hia mais,
Se mais tivera,
Tudo excedera
Se Deus quizera:

Faltou-me o éstro
P'ra bem cantar-te,
Perdôa a penna
Que ousou manchar-te.

Adens Aurora
Até outra vez;
Cantos t'imploro,
P'ra que m'os dês.

A. Fernandes S. Queiroz.

ESCUTA.

À MINHA SOBRINHA MARIANNA FERNANDES DE
CERDA QUEIROZ.

È doce pão do espirito á virtude,
E mil vezes tambem pão que se compra
Com lagrimas acerbas—não importa.
(MACEDO.)

Se de um lindo botão desabroxa,
Tam bem linda e mimosa, uma flôr,
Da menina que foi sempre bella,
Virgem bella esperar deve amor.

Se és pois o botão delicado,
A menina engraçada e gentil,
Serás flôr entre as flôres mais bella,
Meiga virgem—e inda mais—senhoril:

Mas repara no mundo e não colhas,
D'elle as flôres odóras—gentis;
Porque n'ellas veneno se imbebe,
Porque o mundo só vive de ardis.

Não ha flôr vecejante, e nem bella,
Onde a terra, onde tudo é calor:
Não ha virgem tambem casta, e pura
Sem que amando só louve o Senhor.

Á Deus pois sómente adora,
Que só n'elle ha puro amor.
Risos iniquos esquece
Eleva-te ao Creador.

1863.

A. Fernandes S. Queiroz.

MAXIMA MORAL.

O amor de Deus e o amor do proximo
são duas leis, que muito melhor do que
todas as leis civis, bastariam para
regular todo henereo humano.

Assigna-se para este jornal nesta
pographia a dois mil reis por 3 meses

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1863

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

CARTA II

Sr. Redactor. — Fôra minha primeira intenção dar certo methodo ás materias desta resposta, tratando separadamente das questões aventadas sobre grammatica, orthoepia, idioma e orthographia, no escripto que me chamou a attenção; mas achão-se estes assumptos alli tocados tão desordenadamente (*parfois un beau désordre est un effet de l'art*) que ora se adianta, ora se retrograda, sendo difficil coordenar as materias similares. E' só porém assim que o debate pôde aproveitar; tenta-lo hei.

Começarei portanto pelas questões orthographicas, que são de todas as que mais indignação merecem ao sabio censor, e as primeiras nestes artigos prostradas por sua herculea clava.

Começa S. S. exprimindo-se assim: «*De todas estas pequices, nada me tem feito perder tanto a paciencia, como a ridicula orthographia, adoptada por todos os jornaes portuguezes sem excepção.*» Passa a denominar tudo isto *asneiras, insupportaveis, ridiculo, pueril, affectado, precioso, extravagantissimo, suprasummum dos desorchavos, ignorancia*, e um vocabulario tão variado, que pôde servir para mostrar a riqueza da lingua em palavras. . . energicas, mas que não é o mais proprio para inculcar convicções.

Ora, como a demonstração das asserções do autor do artigo se não remonta á discussão de um systema orthographico, e antes se limita a censuras parciaes sobre o modo de escrever um ou outro vocabulo (e eu tenho a infelicidade de os escrever, quasi todos, e intencionalmente, do modo reprovado) sou constrangido, em

defesa dos meus collegas *preciosos*, a dar os motivos que nos impellem a escrever por tal guisa. Para sermos, pôrem, comprehendidos, havemos de mister um desenvolvimento mais amplo, comtanto que não exceda as raias destes escriptos.

As palavras cuja orthographia o illustre grammatico censura não são assim escriptas por um capricho, um acaso, um isolamento; são-o, porque um systema concatenado no-lo prescreve, donde resulta que a guerra leal deveria ser feita aos principios, e não ás suas inexoraveis consequencias: ridicularisar o modo de escrever uma palavra, só porque esse modo nos causa estranheza, mas sendo elle conforme com as regras, não me parece proprio de uma polemica sincera e illustrada.

Tolere-se-me pois explanar, mas que *per summa capita*, os fundamentos do nosso systema. Se forem inadmissiveis, dignem-se combatê-los; se porém forem aceitaveis, aceitem-lhes igualmente as consequencias, sem empregarem para impugna-los a arma unica das facecias. Como a verdade é só uma, deverei, contra ataques sempre identicos, applicar argumentação identica á que já tive occasião de expender.

Antes de descermos portanto ás questões de palavras, permittão-se-me algumas considerações rapidas sobre a materia, olhada em seu complexo.

De quantos vinculos podem prender entre si os cidadãos de uma nação, nenhum tão valente como o da comunidade de idioma; para que elle seja commum, importa evitar quanto possivel as discrepancias no fallar. O simples commercio oral está longe, por circumscripto e variavel, de igualar a transmissão da palavra escripta, quanto á solução do problema da

VOLUME I.

SAN LUIZ, 19 DE FEVEREIRO DE 1865.

NUMERO 1

uniformidade e perpetuidade da lingua. Não se alcança essa unidade, sem a unidade do escrever, sem a adopção de uma orthographia invariavel. Emquanto esta não for adoptada, conservar-se-ha a lingua em fachas de infancia, qualquer que seja o seu progresso, sob os mais elevados aspectos por onde pôde ser contemplada.

Cumprê cobrir com as mãos o rubor das faces, mas confessar que a mais formosa das hodiernas linguas não tem regras orthographicas, nem cousa que com isso se pareça.

Se autoridade, por si só, bastasse para legislar sobre taes pontos, perguntarei eu ao nobre autor do artigo:

«Qual escolheis, em lingua portugueza? «A dos denominados classicos? a dos lexicographos? a dos escriptores actuaes?»

Os *classicos* todos diversificão uns dos outros; e até muitos, de si mesmos, e quiçá nas mesmas edições.

Dos *lexicographos* um só não ha que adoptasse systema orthographico digno desse nome; e vai entre elles tal torre de Babel, que varios termos apparecem escriptos nos diversos dicionarios, de mais formas do que as letras de que elles se compoem. De tudo isto se tem dado amplissimas e inconcussas provas.

Entre os *escriptores actuaes*, em ambos os hemispherios, grassa ainda igual anarchia. Vai por toda essa orthographia nacional um tal lutheranismo, que todos quantos pegão em penna portugueza se considerão com direito de dar ao art. 5º da sua constituição orthographica incommensuravel latitude. Cada um de nós é papa; só Deus é Deus, e cada um de nós é seu propheta.

Se pois é certo—que não existe orthographia portugueza—e que á sua fixação é questão urgente, de interesse, de credito nacional—cumprê examinar se é possível estabelecer-a. Disemos nós que é possível, que é facillimo, se todos quizermos contribuir para a desejavel solução do problema. Vejamos como.

Trez, e não mais, são as hases em que uma orthographia methodica poderia assentar: 1ª, a derivação; 2ª, a analogia phonica; 3ª, ora derivação, ora som.

Não é toleravel este ultimo systema de eclecticismo—porque não é systema—porque não tem principios e preceitos—porque falta uma regra para estabelecer-se quando ha de respeitar-se a etymologia, e quando o sonido—porque seria origem de desordem—porque perpetuaria o mal de que hoje nos queixamos—porque só por despotismo (visto faltar fundamento razoavel) se poderia decretar o modo de escrever cada vocabolo—porque para tal autoridade nem os Augustos tem força—porque finalmente seria um remedio peor que o mal, ou pelo menos o eternisar do vergonhoso estado actual.

Seria a phonographia o melhor dos expedientes, se fora possível; mas não o é, porque devendo a escripta ser uniforme, tal systema o não permitiria;—porque o soar do mesmo vocabulo portuguez varia, mais ou menos, nas cinco partes do mundo e no mesmo reino, ou provincia, ou cidade, ou casa, ou condição, ou pessoa, ou occasião, de modo que seria preciso escrever a mesma palavra de vinte formas diversas, ou antes com por 100 dicionarios distinctíssimos para o mesmo idioma;—porque tal systema nos afastaria das derivações, origem de bellas e de perenne conservação do valor dos termos;—porque em vez de ligar por leis de familia as linguas dependentes de raiz commum, esse systema cada vez mais as divorciaria;—porque cada localidade, por um explicavel patriotismo, imagina ser a que mais correctamente falla o idioma, e nenhuma se subordinaria a um escrever que ella em cada termo consideraria incorrecto;—porque não haveria legislador, que fosse obrigado—porque não ha elementos graphicos, dos conhecidos, com que se dem todos os sons—finalmente, porque tal systema, segundo julgo, não poderia crear-se, ou, creado, não poderia subsistir.

Se pois os outros dous systemas são imprestaveis, é nossa opinião que o terceiro, o da *derivação*, deve ser o salvador da orthographia portuguesa. Nós o adoptamos—por ser o unico merecedor de nome de systema;—por ter padrão mais seguro, e principios donde se tirem consequencias;—por nos approximar mais da lingua materna, e das outras que nos enriquecerão;—por nos revelar muitas vezes o valor, extensão, gradação dos vocabulos, coadjuvando a memoria e a rasão;—por facilitar o apprendizado dos idiomas de origens identicas,—porque embora a palavra se pronuncie de dez formas, se escreverá só de uma;—por proporcionar a acquisição do incognito pelo conhecimento dos radicaes e da mechanica da palavra;—por perpetuar inalterada a lingua, conservando o seu character através dos tempos;—por permittir que se comprehenda sempre o que até hoje se tem escripto;—por acabar neste assumpto com as rivalidades da supremacia de fallar;—por ser da singela execução;—por dar facil base para solver todas as duvidas;—porque desta boa orthographia se passará muitas vezes á melhor orthologia; por elevar o popular ao nivel do erudito;—porque a etymologia levará á orthographia e vice-versa;—por se distinguir assim, pela differença das letras, grão numero de palavras que aliás se confundirão; porque mais vale, onde indispensavel, sacrificar a pronuncia, sempre variavel, do que a orthographia, que deverá ser permanente.

Poderia cada uma destas considerações dar lugar a capitulos, mas se a indole deste escripto fugaz me obriga a condensar dest'arte os racciocinios, creio que um tão illustrado pensador como o autor do artigo anonymo, supprindo com o seu vasto saber o que em mim fallece, concederá, pelo menos, que nós, os que abraçamos, até onde é dado ir, a orthographia etymologica, procedemos conforme nol-a dicta a nossa intelligencia, qualquer que seja a curtesa que nella hajão de reconhecer.

Desejamos nós, pois, que se generalise o escrever rasgadamente etymologico, e creio ter-se já demonstrado serem phantasticos os inconvenientes deste projecto: não terem valor as objecções que se lhe antepõe; não ser empecilho prejudicial o uso das letras dobradas, ou que se não proferem; não difficultar o systema ao noviciado da leitura; não ter peso a circumstancia de algumas etymologias controversiveis; não haver, por isso, necessidade de doutrinar primeiro o povo nos varios idiomas donde o nosso nasceu, e nem tão pouco a de nos conformarmos com orthographias hespanholas. Não é para aqui reproduzir, sobre todos estes promenores, o que parece ter já sido levado á evidencia.

Afim de não scindir o discurso, houvera eu preferido tirar já os corollarios dos principios expostos, mas fatigaria talvez a attenção, e esse temor me faz reservar taes desenvolvimentos para ulterior palestra.

Rio de Janeiro.

Zero.

BOSQUEJOS DA LITTERATURA BRASILEIRA.

XI.

Tivemos occasião de admirar em o § X os servicos, talentos, e virtudes de um proeminente vulto da litteratura patria. Continuando na enumeração dos brasileiros distinctos, não podemos resistir ao desejo de recordar as mesmas qualidades, que ornarão á outro não menos célebre.

Ha um preconceito, que convem desmintir, se a lição da historia já não o desmoronou. Considerão incompativeis ao character do padre affazeres diversos aos do seu ministerio. Isto é um erro: os sacerdotes são aptos para todas as funções, ainda aquellas que parecem heterogeneas á seu estado.

Uma mulher illustre, M. Stael, disse muito bem, que ao espirito humano é impossivel oppor-se as columnas de Hercules. Seria, pois, infundada, ou arrojada supposição, crer-se o sacerdocio inapto para outros misteres á excepção dos que constituem o especial á que se consagraõ.

Homens eminentes confirmão essas proposições. O sabio cardeal Ximenes, que deu gloria ao reinado de Isabel e Fernando, de Hespanha, cujas qualidades são tam apreciadas pelo celebre Robertson, em sua Historia da America, e de quem Leibnitz disse, que se os grandes homens podessem ser comprados, a Hespanha somente poderia possuil-o se vendesse um dos dos seus maiores reinos; o cardeal Richelieu, braço direito de Luiz XIII, e rival do importante cardeal Mazarino, á quem o abalisado historiador ab. Millot fez um perfeito elogio; o cardeal de Retz, não obstante seus defeitos, á quem o profundo pensador duque de La Roche foucauld traçou um bello panegyrico; o celebre cardeal Antonelli; e entre nós, o Marquez de S. Cruz, o padre Feijó, são caracteres estes, que, capazes de outros encargos, occuparão na republica lugares extranhos ao ministerio sacerdotal.

Vio-se, porém, uma intelligencia superior apresentar-se, e engrossar o cathalogo dos varões conspicuos deste paiz, berço de heroes tam assignalados, o bispo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, é de quem fallamos.

Ainda em idade viril desenvolvia uma intelligencia superior. Para mais tarde com o estudo, reflexão, e trabalho conseguiu o lugar de honra destinado aos genios. Assim o vemos occupar as mais elevadas posições nas jerarchias da Igreja e do estado.

Ao mesmo tempo empunhava o baculo pastoral, e o timão dos negocios civis, sendo hispo da diocese de Pernambuco, e simultaneamente governador inlirino dessa capitania, presidente da junta da fazenda publica, e director geral dos estudos.

Nestes cargos espinhosos, inherentes á obrigações varias, multiplas, e complicadas, o homem do altar e do seculo, esse genio para maiores empresas, trabalho, e preenche á todas suas obrigações, correspondendo á confiança do governo, e satisfazendo ás necessidades publicas.

Tal foi sua conduta sabia, e reflectida, que o governo portuguez elevou-o á maiores lugares, remunerando os serviços tam valiosos, que costumava prestar. Da diocese de Pernambuco foi chamado á metropole, e transferido para sés mais importantes como Miranda e Bragança, e depois para Elvas.

Ahi estava dirigindo a Ereja elvensê com santo e piedoso zelo, quando o heroe de Marengo e Austerlitz despeja nas plagas portuguezas uma expedição revolucionaria. Com animo

tranquillo, o virtuoso bispo não podia prescindir essa invazão, occasionada por uma sêde de conquista.

E da mesma tribuna sagrada donde pregava a brandura evangelica, proclama a liberdade com santo entusiasmo, e ensina aos povos repellirem a injuria e servidão, que lhes trazia as armas francezas.

E nessa epocha, em que a cõrte aterrorisada fugia, procurando o Brasil, muito valeu sua voz poderosa: Portugal levantou-se, e expellio com denodo esses parasitas, devendo muito aos serviços do illustre brasileiro.

Em ordem á litteratura sua posição é excellente. Favorecido de brilhante intelligencia, é sem duvida um dos primeiros vultos litterarios do Brasil durante o governo colonial. O sr. Pereira da Silva, em seu Plutarcho, appresenta e aprecia suas melhores e mais importantes publicações.

Entre ellas nota como verdadeiros productos de sabedoria, trabalho tenaz, e superioridade de engenho, uma colleção de bem pensadas Memorias sobre assumptos diversos. Daremos em abreviado resumo uma noticia d'ellas.

Como mais importantes por as sãs doutrinas que encerrão, merecem especial menção: a Memoria ácerca da abolição da escravatura, o Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias, obras que tiveram por raridade mais de uma edição em portuguez, mereceram ser traduzidas em varios idiomas.

Publicou escriptos de merecimento, ácerca de momentosas questões, como o padroado, beneficios ecclesiasticos, seminarios, etc. São notaveis, além dos mais, o sen bello trabalho Informação sobre o estado politico, commercial, financeiro e litterario da capitania de Pernambuco; uma Memoria relativa ao fabrico de commercio, e preço do assucar; e um discurso pronunciado na Academia Real de Sciencias em Lisboa pintando o estado das minas do Brasil.

Eis em rapido bosquejo a noticia bibliographica de suas composições. Sómente lidas podem ser julgadas: ahi encontrará o leitor innumeraveis provas do que havemos dito, isto é, que são cunhos de solida illustração.

XII.

Apreciemos agora outros brasileiros illustres cujos nomes conserva a historia com orgullo visto como duplo motivo ha para veneral-os: a litteras e a liberdade.

Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Mano

a Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, formam um grupo de aspecto risonho para a litteratura patria, uma pleiade luminosa, que brilhará sempre, em quanto se contar o Brasil entre as nações cultas, e seus filhos como os mais favorecidos dos ricos thesouros da intelligencia.

Ou seja por o espectáculo de uma natureza esplendida, ou por a actividade intellectual muito despertada, ou por a santa ambição de collocarem-se orgulhosos no Pantheon dos homens illustres, os brasileiros não ficam a quem dos naturaes de outros paizes em gloria, ou na litteratura, ou nas sciencias, ou em qualquer genero de conhecimentos humanos.

Ainda mesmo em circumstancias anormaes, improprias para os exercicios litterarios, as letras brasileiras não soem declinar do prospero estado em que se achão. Ao passo que o movimento litterario paralisa-se, e soffre com os choques das revoluções em outros paizes, o Brazil offerece um aspecto lisonjeiro em sua litteratura ainda mesmo em sua infancia politica, com os pulsos apertados pelas cadêas da servidão.

Um sabio francez, litterato e philosopho, Mr. Cousin, diz: Se o seculo XVIII é um seculo de dissolução, não será um seculo de poesia, porque a poesia é a expressão, a voz harmoniosa, e por assim dizer, a flôr de um estado de couzas fixo e estabelecido; esta flôr não podia desabrochar no meio de uma crise. Argumenta com o exemplo de França, e o provou.

Entre nós, porem, as lutas da liberdade e da intelligencia marchavão eguaes, triumphando as desta. O Brazil não gosava da autonomia politica, mas progredia, e na arena litteraria apresentava illustres coriphæus. Os apontados em o presente artigo são capazes de immortalizar a patria, por suas conquistas na litteratura.

Se Portugal nos apresenta seu maior epico, tendo em uma das mãos a espada para defender a patria, e em outra a penna para immortalizal-a; se a Italia nos mostra Pellico, esse poeta sentimental, arrastando ferros ignobeis em prisões medonhas, como penhor ás aspirações da liberdade, o Brazil tambem offerece á posteridade os vultos mais grandiosos, que produziu; lutando pela liberdade, soffrendo pela litteratura.

Thomaz Gonzaga, o Berenger brasileiro, cujas obras andão por as mãos de todos, é o poeta popular, auctor das bellas e arrebatadoras lyras, que todos conhecem, e sabem de cór.

As phases de sua vida são a expressão de suas composições.

Umaz vezes animado, jocôzo, terno, e encantador; é que a vida sorria-lhe fagueira: tinha por horisontes um céu de delicias, que presagiavão um fucluro risonho: outras vezes melancolico, triste, e pesaroso; é que as nuvens do desespero começavão á entenebrececer seu coração; e a negra mão do destino traçava já na sua frente em caracteres negros o tetrico fim de sua existencia!

Grande poeta, e verdadeiro cidadão, via sua patria gemer sob o pezo de horridos grilhões, e—apostolo da liberdade, a prega, a fomenta. Seu grito éra forte e auctorisado: novos companheiros agrupão-se; mas, eis que a pesada mão da tyrannia os subjuga!

E diante de prespectivas tam seductoras abrem-se os carceres, franqueam-se as portas de prisões immundas!.. Era ainda pouco; convinha afastal-os da patria, fazel-os conviver com homens selvagens e boçaes; convinha sumil-os para sempre, e enviavão-nos para—o degredo!

Ahi, onde não se ouve o modular saudoso das aves da patria; onde as voses do pae não chegão; as consolações de uma disvellada mãe não transpõe; onde os soluços do objecto mais estimado não são ouvidos!..... ahi enterrão vivo o nosso sublime poeta!

O degredo de Moçambique foi a ultima scena desse drama triste, que compôz os ultimos instantes de sua amargurada vida! E ainda nas provações ultimas, como o passaro prestes á expirar, descantou seus carmes: foi um adeus saudoso á patria, á liberdade, e á Marilia!..

Claudio Manoel da Costa, de um genio robusto, panegyrista da liberdade, foi companheiro de Gonzaga nos triumphos litterarios, e nos ensaios de emancipação. Como litterato adquireo renome e era excellente poeta: composições de elevado merito o fazem conhecido, e cerção seu nome de honra, e gloria. Compôz traduzio, e commentou obras scientificas.

Liberal, como Schiller, Claudio Costa visava a liberdade da patria como a unica esperança, como padrão de immoredoura gloria, se por ventura associasse seu nome á uma empresa destas. Intrepido, internou-se na voragem revolucionaria, e firme trabalhou com denodo.

Porém já a voz horrivel da maldição tinha cahido sobre aquelle que sonhasse a liberdade da patria. Claudio Costa passa por o cadinho de processos, de perseguições tyrannicas, e por ultimo, como os mais, é remetido para o

exílio! Todos tinham de passar por as mesmas provações, de libar o mesmo calix!

Ignacio José da Silva Alvarenga Peixoto, que desde tenra idade mostrou como seria vigorosa sua intelligencia, se a auxiliassem com o cultivo, tendo feito sua educação, e exercido profissões honrosas, voltou á vida serena do lar domestico, onde passava seus dias alegres, tecendo coroas immarcesciveis para adornar sua frente.

Compôz no remanso da paz poemas, dramas, e muitas poesias de bom gosto, e de real merecimento. Neste estado de cousas é obrigado á aceitar uma posição no exercito. «A tranquillidade e a alegria de sua vida deviam desaparecer: o mundo é theatro de variadas scenas; e o expectador tem de passar infallivelmente por as suas diversas mutações.»

A amizade particular e intima o ligava á Gonzaga; Claudio Costa, e mais coripheus da tentativa republicana; erão seus pensamentos homogeneos; suas composições respiravão somente —liberdade; seus dourados sonhos erão —liberdade; facil, pois, seria a junção dessas almas generosas que almejavão o mesmo fim, que desejavão a mesma cousa.

Alvarenga lançou-se á lucta com o mesmo ardor dos seus rivais: era seductora a arena que trilhavão: todos os corações pulsavão com egual impeto! E com que ardor não pelejavão esses heróes; com que ancia se arremegavão aos combates!

Os vehementes impulsos de seus corações em breve são comprimidos! A prepotencia lhes diz —susta!.. Tua patria é minha escrava!.. E por esse mesmo caminho doloroso, por onde marcharão Gonzaga, e Costa, vae amargurado o mavioso Alvarenga! Ainda uma victima illustre, ainda um martyr é sacrificado por causa da patria! E que martyr?

Abrio-se o tumulto, ou o degredo, que são semelhantes por seus horrores, para receber mais este poeta sublime. No verdor da idade estava: E entretanto seus cabellos erão alvos como do octogenario; suas faces cavadas como as da velhice!

A sua memoria, porém, é abençoado pela posteridade. Gonzaga, Costa, e Alvarenga formão uma epocha de gloria, e de lagrimas, para a litteratura, e para a patria. Se exigem da historia um lugar distincto como poetas e homens de letras, não será inferior sua posição como zelladores da liberdade publica, visto que

forão elles, e mais alguns bravos, que ensaiarão tentativas de emancipação.

R. LEMOS.

Remetteu-nos um assignante o seguinte artigo:

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE JESUS CHRISTO, E O CHRISTÃO, E SOBRE ALGUMAS VIRTUDES.

Em quanto o Filho de Deos Padre veio ao mundo, tomar a humanidade do Homem decaído pela culpa da desobediencia do primeiro homem, para restabelecer a graça perdida, e assim reconciliando a humanidade com o Pai, e a curar a real enfermidade; o homem por fraco desconhece Aquelle, que tomando sobre si a pena de morte eterna, que a todos filhos de Adão era destinada, e que abrio as portas do Céu pela sua paixão e morte, para dar-lhe uma immortalidade gloria, tirando-os da corruptibilidade da terra a tudo desconhece e resiste o homem!

Jesus Christo com sua Sapiencia, sua Graça, Omnipotencia, salvou ao mundo pelas mesmas formas, maneiras, e modos, e industrias, que o principe das trevas havia feito perecer a humanidade.

Se por uma mulher, —Eva, que tentada no sexo fragil, levando-se de vaidade, esqueceu fé da obediencia a Deos, negando-lhe amor, humildade, e assim amargurou o bem e mal do pomo e do peccado com todos seus descendentes: assim tambem por uma mulher —Maria Santissima, da mesma linhagem, que na sua Virginal pureza, salvou o mundo pela obediencia a palavra de Deos, para a incarnação de seu Filho, humilhou-se, creó em grande fé, que não era possivel na presença de Deos, como o Anjo lhe havia dito. Assim cheia de Graça, restabeleceu aquellas fraquesas de Eva, que pela soberba, vaidade, orgulho, cubice, e amor de si mesmo havia perdido a si, e seus filhos.

O mundo perdido por desobediencia de um homem. Salvou-se por obediencia de um só homem Deos, que obediente a seu Pai, igualmente obedeceu ao mundo em morte de Cruz, onde conserva como copia viva ao christão até a consumação do seculo, em sua nudez a maneira que Adão se vio despojado da graça.

—He por isso que foi dito ao christão: Olha, segue o modelo que mostraram os paes sobre o monte: Assim, é Jesus Christo o modelo, que dando ao mundo a salvação por sua vida, suas doutrinas, seus milagres, seu exemplo, e sua morte Paixão. Todo o christão deve copiar, afim de ser um discipulo em tudo como me a seu Divino Mestre, para com Elle resurgir glorioso, triumphando da morte deste

o, que é sómente sobre o corpo, e nada pôde sobre a alma.

O christão deve orar como Jesus-Christo na montanha: com um perfeito recolhimento, humildade, e confiança em seo Deos.

O christão deve ser accessivel, como foi Jesus Christo com os ignorantes, com os meninos, com os pobres, com os enfermos, necessitados e peccadores: que nem foi soberbo, e nem arrogante, antes se dobrou a todos, para a todos salvar.

O christão deve ser obediente, como Jesus Christo nos preceitos de Seo Eterno Pai, assim obmetteu-se a Maria, e José, obedecendo aos seus paes, a seus mestres e superiores, e a exemplo; porque só em Deos via o amor real, que substitue o lugar do amor proprio, e a discordia, a que infelizmente occupa o homem. Avista do preceito da obediencia, todo o christão deve obedecer, e respeitar a seus paes com amor, honrar aos velhos, reverenciar a Igreja, e sem murmurar de seus ministros, como murmuraram os Escribas e Phariseos de Jesus Christo.

O christão deve ser pobre no seu interior, como se houve Job nascido em desejos, sem parecer-se vaidoso das mereces de Deos; e sem ostentação de sciencia, como foi Jesus Christo quando disse aos Phariseos:—«A doutrina que me vedes ensinar, não é minha, é sim do Pai que me enviou.»

O christão deve conversar como Jesus-Christo conversava com Martha e Maria, e com seus discipulos: suas fallas sejam edificantes, caridosas, e de gravidade, de doçura, e simplicidade evangelica.

O christão deve ser humilde como Jesus Christo, que ajoelhando-se, lavou os pés dos seus discipulos no Apostolado, e até o de Judas, cuja perdia lhe não era desconhecida: e avalia-se o honor de seus irmãos, e como servo de todos.

O christão em suas comidas deve ser sobrio, como Jesus Christo o foi temperado em Canaã da Galiléa, sendo attento ás urgencias dos outros, como o foi na multiplicação dos pães; e mais occupado do sustento invisivel como foi com a Samaritana, do que das viandas grosseiras, que só nutre o corpo, e mata a alma.

O christão deve ser com seus inimigos, como Jesus Christo foi, que sendo gravemente offendido em morte de Cruz, soube dar o bem pelo mal, dando por todos, deo-lhes a salvação, como ao bom ladrão.

O christão, deve ser com seus amigos, como foi Jesus Christo com o discipulo amado, e Lázaro, que amando-os em Deos e por Deos, cona-lhes cordialmente os segredos de seo coração, do seo espirito: e se elles morrem em graça, dando obrar deve o amigo para o salvar.

O christão deve soffrer as privações, pobresas, enfermidades, e trabalhos, como inseparaveis effeitos do caminhante do Calvario, e como Jesus Christo que não tinha onde repousar a cabeça neste mundo.

O christão deve tolerar as contradicções, e calumnias, como Jesus Christo soffreo as dos Escribas e Phariseos: deixando a Deos seo Pai o cuidado de justifica-lo; as affrontas e ultrajes, qual Jesus Christo quando lhe deram uma bofetada, lhe escarraram no rosto, e o insultaram no Pretorio.

O christão deve, ao realizar as penas do espirito, estar bem preparado como Jesus Christo, triste até a morte no monte Olivete, e abandonado de Seu Pai em sua agonia.

O christão deve conservar as penas do coração, como Jesus Christo, trahido por um de seus discipulos, renegado por outro, e deixado por todos.

O christão nas doenças deve assimillar-se a Jesus Christo, qual, com a cabeça lacerada de espinhos, o corpo todo uma chaga, os pés e mãos feridas pelos cravos, entregando sua alma em paz nas mãos do Seo Pai: em ordem que, dizer pôssa, qual o Apostolo S. Paulo: «Não sou eu que vivo, é sim Jesus Christo que em mim vive.»

A Caridade, como rainha de todas as virtudes acima descriptas, vem no fim como atracção d'ellas.

O christão sem caridade nada aproveitará nas promessas do Reino Eterno. A caridade deve ser feita liberalmente em occulto, baseada no amor de Deos, e piedade do estado do proximo que precisa soccorro, ou este seja no effeito corporal, ou espiritualmente a salvar-se do mundo, diabo, e carne do seo proprio sangue, que vindo infectado na culpa de Adão, a todos comprehende a necessidade de ser soccorrido promptamente a seo tempo, e fóra do tempo. A caridade, que é o complemento da Lei de Deos, longe de ser aborrecivel e enfadonha, deve ser benigna, amorosa, paciente, soffredora no retribuido mal que vem do proximo, misericordiosa em perdoar offensas, cheia de doçura, alegre, mansa, affavel, generosa, resignadora nas tribulações, e fecunda na sua multiplicação para merecer o premio, reunido o soffrimento ao bem obrado pelo perdão não odiado, como Jesus Christo, que é todo caridade.

A caridade, finalmente, bem exercida, tem sua corôa resplandecente na eternidade, segundo os merecimentos, assim será o grão de exaltação na mansão dos Justos: como é predito, e julgado o homem no grande dia, segundo seus merecimentos, que é a corôa dos Santos.

ESCUTA.

Quando no longo decorrer da noite
Busco no somno suffocar meus males;
Quando cansado do lidar da vida
Penso na morte;

Quando, isolado, me recordo triste
Do meigo riso, que teus labios mostram;
Quando opprimido pela mão do fado
Soffro tormentos;

Na mente vejo perpassar a sombra
Do meu destino de medonho aspecto;
Sinto no peito regeladas todas
Minhas entranhas!

Conheço a força do poder ingente,
Que teus encantos de meus olhos rouba;
Conheço o peso, que na dôr sepulta
Minha existencia.

É nessas horas de cruel insomnia
Que, louco, penso n'um fatal desejo!
É quando acerba mais então se torna
Minha saudade!

É quando bella mais te vejo ainda
N'um mar de fogo, que me escalda o sangue;
Sinto que morro sem provar os gosos,
Que eu imagino!

Oh! não me fujas; piedosa escuta
Cadentes notas que minh'alma entoas;
São de meu peito gemedoras cordas,
Por ti vibradas:

Quando no correr da noite
Um canto meigo e sentido,
Do fundo d'alma partido,
For teu somno perturbar;
É meu canto, é minha voz,
Que te busca, que te implôra,
Não deslembres quem te adora,
Não me roubes minha vida!

Quando nas noites de inverno
Fizer do vento o rugido,
Pela tormenta impellido,
Teu frio corpo tremer;
É minh'alma que suspira,
Que te procura e te chama;
Não desprêses quem te ama,
Não me roubes minha vida.

Quando n'um bosque frondoso,
Passando uma noite inteira,
Á sombra d'uma palmeira,
Vires um vulto isolado;
Sou eu que divago triste
Do bosque na espessura;
Dá-me um olhar de ternura,
Não me roubes minha vida.

Quando n'um leito abatido
Vires um corpo morrendo,
A luz dos olhos perdendo,
De amargo pranto banhados;
É meu corpo que padece,
Que vai deixar este mundo;
Oh! que golpe tão profundo!
Não me roubes minha vida!

Quando, enfim, passados annos,
Um phantasma aterrador,
Teu nome cheio de amor
Proferir a teus ouvidos;
É minha sombra que gira
Em busca d'um paraíso;
Não me negues teu sorriso,
Não me roubes minha vida!

EUCLYDES FARIA.

Assigna-se para este jornal nesta
pographia a dois mil reis por 3 mezes.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7-186

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

QUESTÃO PHILOSOPHICA.

Existe lei natural, que estabeleça differença entre o bem e o mal, ou só depois de constituídas as sociedades é que appareceu essa differença?

I.

O homem, creatura mais perfeita, que produzio o supremo artifice, a unica para cuja creação foi necessaria a reunião do conselho divino das Eternas Pessoas, por isso que havia sêr capaz de conselho; o homem, esse rei da creação, somente foi apto de receber leis, para por ellas pautar suas acções.

Deus, cujo attributo principal é a perfeição, o formando, quiz dar-lhe as mais perfeitas qualidades, que se harmonisassem com a natureza. A natureza por si mesma nenhuma lei poderia dar-lhe: somente o instincto animal lhe caberia como dote da natureza: o seu organismo, o seu formato natural, quando abandonados de todo socorro sobrenatural, nada mais daria em resultado, do que dão aos irracionais: a materia e o tempo, imperfeitos em si, seriam as unicas bases das suas acções moraes, que terião de necessidade o mesmo cunho de imperfeição, e seriam tam dispresiveis como seu fundamento. Deus, porém, que creava o homem dotado de razão, Deus, que o formava susceptivel de leis, não poderia deixar de pronunciar-lhe uma lei, essa lei dada á elle por seu Creator desde o momento de seu berço, esse lume do seu rosto, que o Senhor gravou em nós, é o que chamamos lei natural: não que emanasse da mesma natureza, mas que foi dada aos homens juntamente com sua existencia, e da qual a razão natural, a consciencia, pode entrar na apreciação, essa lei cujos dictames escaparão da boca do proprio Deus, essa lei santa e immutavel, cujas determinações se não violão impunemente, é a que estabelece a differença entre o bem e o mal. Tristes de nós se tivéssemos de esperar pela fundação das sociedades para distinguir-mos o justo do injusto, o bem do mal. Passemos adiante.

II.

Deus creou o homem com razão para della fazer uso, e melhor uso não poderia fazer do que applicando-se á conhecer o bem e o mal, procurando conformar suas acções com aquelle e apartar-se deste; ora esse conhecimento connato ao homem desde o começo recebeu desenvolvimento e applicação, desde o começo o homem pela sua razão principiou á conhecer o que lhe convinha obrar ou omitir, e logo encontrou em si um testemunho authentico de quando suas acções erão boas ou más, conforme se combinão com não sei que, que em si sentia, sem conhecer quando havia recebido, mas què experimentava em si existir. É esta a lei natural, que logo pela consciencia se fez, e ainda se faz revelar ao homem, clamando bem alto e designando a orbita de seus deveres; fez com que sobre seus dictames se firmassem as determinações dos homens, de modo que quando forão constituídos os estados já havia uma perfeita idéa do bem e do mal, e jamais ella appareceria como quiz Callicles da opinião prejudicada dos homens, ou Carneades da nossa utilidade particular e amor proprio, ou Helvecio, que a suppõe nascida do que é bom ou máo á sociedade, ou Hobes, que a origina da vontade dos principes, e outros finalmente, que vão desencavar a distincção entre o bem e o mal em fontes tam caducas, que se não harmonisão com os celebres nomes desses homens.

Os deistas, que pelo desejo de polemica asseverão não existir differença alguma substancial entre o bem e o mal, não deixão de ser uma valente prova de que existe essa divergencia, e que a lei natural é quem a assignala, visto como rejeitando toda lei moral, se seus actos são tachados de máos procurão todavia provar sua innocencia, proclamando estar sua consciencia tranquilla, não obstante dizerem o contrario as leis sociaes: no entretanto essa tranquillidade ou socego da consciencia nada mais é, que a sancção da lei natural.

Demais, confessão os mesmos deistas, que somos obrigados á obedecer á lei civil, e por que lei o seremos? não será pela natural? por

certo. Ora já que elles admittem essa lei por obrigar á subjeitar-mo-nos ás leis humanas, como não admittem, por coherencia, que é essa mesma lei, que reprova o que a nossa razão reconhece como máo, e approva o que ella reconhece como bom? que prohibe o homicidio, furto, & e ordena a caridade e tantas outras virtudes?...

As opiniões que contra este principio tem apparecido são todas homogeneas ás dos deistas. Examinemos, pois, algumas, que já summariamente mencionamos.

III.

Callicles, suppondo que o bem e o mal são distinctos pelos prejuizos dos homens, não reparou que os prejuizos não são universaes e duradouros, e muito menos eternos, em quanto que esta differença, como veremos mais logo, é eterna e universal.

Carneades, collocando essa distincção na utilidade propria, esqueceu-se que as acções humanas, que tem por fim o interesse não são dignas de narrar-se, e iria assim assentar a humanidade em tristes apuros, de maneira que um pae já velho e cansado nada deveria esperar de seus filhos á quem não mais poderia ser util: um pobre perseguido não esperasse mais caridade da parte de seu semelhante, visto como nenhum beneficio lhe prodigalisaria mais.

Helvecio, disendo que a unica regra do justo e do injusto é a utilidade publica, tornou da virtude uma chimera, e impossivel na pratica: o culto externo somente seria bom, visto o interno nada augmentar á sociedade: arrancar a vida aos membros da sociedade, que pela sua velhice, ou pelos senões do nascimento lhe fossem pesados, era á seus olhos acrisolada virtude.

Hobes, reconhecendo a vontade dos principios como unica regra do bem e do mal, nos põe em estado de abraçar-mos e mesmo acharmos bons—esses monstruosos partos da imaginação febricitante de cabeças exaltadas, ou ferreas e repugnantes leis, que emanão de horriveis tyrannos, que mais de uma vez tem empunhado o sceptro do poder. Demais, o bem e o mal são immutaveis, o que é moralmente bom ou máo sempre o foi, como, pois, justificar essas quotidianas mudanças, que se operão nas leis?...

A estes e outros paradoxos nos levão os opinantes, que sustentão a não existencia de uma

lei natural, que consagre differença entre o bem e o mal.

Os homens desde sua primeira infancia julgam do justo e do injusto, primeiramente na julgão senão conforme a doutrina e preceitos da educação, autoridade de outros, e um certo sentimento do justo: porem, tanto que a razão pouco á pouco se solta das prisões, julga conforme seus proprios conceitos, e principios independentes d'aquelles motivos. Atrevem-se á interrogar-se os preceitos que existem podiam dar de direito; approvão as proprias acções, ou as reprovão como injustas, persuadem-se que ao menos em seus juizos fundamentalmente ponderados devem convir todos estes racionaes, donde se vê, que os homens reconhecem algum direito anterior á toda a arbitrariedade, e manifestada só pela razão, e algum signal universal e immutavel, com que se possa discernir o justo do injusto. (4)

Existe, pois, em nós, como já disse, um tribunal que formalmente julga da bondade ou malicia moral das nossas acções: e para que esse tribunal possa julgar com tanta exactidão emitir um juizo tam recto é necessario, que existão leis em que se funde, porem tudo isto existe, e como testemunhamos a lei é a natural tribunal a consciencia. Os homens não podem ter parte naquillo, que elles não podem formalmente diz alguém.

Continua.

L. B.

Fomos obsequiados com o lindo mançeto, que abaixo publicamos, e agradeçemos a offerta á distincta pessoa, que nos mimoseou: recommendamos ao leitor essa agradável composição, digna de leitura.

A MOEDA DE CINCO FRANCOS.

Era mais de meia noite, e muito tempo haviã que a noiva estava na camera nupcial, quando o joven esposo conseguiu escapar-se de seos amigos, e deixou a salla do baile, para galgar uma pequena escada, em cujo palamar o esperava

(1) Zeiller, Dir. Natur.

a camareira, collocada junto a uma porta, que para elle se ia abrir.

—Entraí, senhor, lhe disse Anna, com voz discreta— a senhora vos espera.

O noivo bateo de leve, e precipitou-se aos pés da mulher, que o esperava com effeito, sentada junto ao fogo, e com o elegante vistuario de dormir de uma rica viuva, á quem um segundo casamento veio enfim satisfazer seos desejos.

—Levantai-vos, meo amigo, disse ella á seo esposo, dando-lhe a mão.

Não, não, senhora! lhe respondeo o moço, apoderando-se de sua alva mão, que elle apertava entre as suas, e a levava aos labios:—não! deixai-me á vossos pés, e não me retireis vossa mão. Tenho medo que me não escapeis, e que tudo isto não seja senão uma illusão: parece-me que sou o heroe de um d'estes contos de fada, com que me embalarão na infancia, e que, no momento de ser feliz, a fada maligna foge, e se vá rir com suas companheiras dos meos aís, e do meo desespero.

—Socegai, meo amigo, eu era na verdade hontem a viuva de *Lord Melvil*; mas hoje, sou a senhora de *La Tour*, vossa mulher. Bani da imaginação a fada da vossa infancia, cujo conto é fabuloso.

Frederico de *La Tour* tinha razão de crer que um genio invizível havia tomado parte em seos negocios visto que depois de um mez o acaso, ou uma boa fortuna inexplicavel o havia feito rico, e feliz alem de sua ambição. Elle tinha 25 annos de idade, era orfão, e vivia difficilmente do ordenado, que lhe dava o lugar, que occupava em uma Secretaria d'Estado, quando, passando certo dia pela rua de *Saint-Honoré*, um rico trem parou diante d'elle, e uma senhora elegante, se tendo debruçado na portinholla do carro, se poz a chama-lo.

—Senhor, Senhor!

O criado grave desceo, desdobrou o estribo, com o chapéo de plumas na mão, e convidou respeitosaente o Sr. Frederico

a entrar, e a tomar lugar junto d'essa senhora, scintillante de pedrarias. Assim que elle se sentou, o carro partio a galope.

—Senhor, lhe disse a voz doce da pessoa, que assim o arrebatava, eu recebi vossa carta, mas apezar de vossa escuzza eu espero ver-vos amanhã no meo sárão.

—Eu, senhora?! respondeo-lhe Frederico.

—Sim, Sr., vós... ah!—perdão, senhor, exclamou a Dama com ar de admiração—perdão! Vós vos pareceis de tal maneira com uma pessoa de minha sociedade, qu'eu vos tomei por essa pessoa. Ah! Sr. desculpai-me!—O que hide vós pensar!—grande Deus!—a semelhança é tam viva, que todo o mundo se enganaria como eu m'enganei.

Antes que as explicações fossem terminadas, o trem parou a porta de um soberbo palacio, e Frederico se não acanhou em offerecer o braço a *Lady Melvil*, que não era nenhuma d'essas Inglezas—Russas, derreadas, e que, por sorriso, entrabrem dois labios pallidos, e mostram dentes de immenso tamanho: não—*Lady Melvil* era Franceza, seus cabellos negros fazião sobresair suas faces de lirio, e de rosas, em quanto que seus labios de coral deixavão apenas ver as perolas, que guarnecião sua boca.

Frederico, facinado por tanta graça, e tanta belleza, deixou-se facilmente subjugar, e se felicitou do acaso feliz, que lhe havia dado o conhecimento de *Lady Melvil*; e aceitando seo conveniente, tornou-se um dos commensaes frequentes de sua casa. A rica viuva estava rodeada de adoradores; estes se forão dispersando um a um, e os negocios se arranjarão de tal maneira, que antes de finda a semana, o pequeno empregado publico estava contractado com essa senhora millionaria. Foi ella quem lhe propoz o casamento.

Frederico collocava-se ás vezes pela manhã diante de seo pequeno espelho do quarto, e se mirava attentamente.

Elle não era feio por certo, mas tambem não era o que se chama—um bonito moço; no traje modesto, como soe ser o de um empregado publico com 1,800 francos de ordenado por anno, não lhe davam o direito de attribuir sua boa fortuna a seo alfaiate. Foi, pois, preciso resolver-se a crêr que elle era amado por suas qualidades pessoases, ou que *Lady Melvil* fôra enfeitçada por algum espirito maligno.

Quando o casamento foi determinado, e que o futuro esposo se apresentou ao notario, sua admiração redobrou. Elle possuia, dizia o contracto de casamento, umas terras em Bourgonha, uma floresta em Normandia, uma casa em Pariz, rua *Saint Honoré*, e muitos outros immoveis de que nunca tinha ouvido fallar.

A viuva era rica em paizes estrangeiros: possuia terras no condado de Gales, e pastagens no Devonshire. Tudo isto era para Frederico um sonho dourado, cujo acordar elle esperava com impaciencia. A authoridade civil, e o cura acabavam de sancionar sua união: mas a religião e a propria lei não tinham tido o poder de destruir todas as suas duvidas, e elle não deixava os pés de sua mulher, apertando entre suas mãos a morsolina bordada da camiza de dormir—com medo que o sonho se não evaporasse.

—Levantai-vos, Frederico, lhe disse ainda uma vez sua mulher; approximai esta poltrona, e conversemos.

O moço obedeceo a final, mas sem querer largar a mão de sua mulher, que começou assim:

—Foi uma vez...

—Oh! meo Deos, exclamou Frederico, eu me não enganei, é com effeito um conto de fada.

—Escutai-me, meo amigo: houve uma vez uma menina nascida de pais outr'ora abastados, mas que quando completou seos 15 annos de idade, não tinha para subsistir senão a industria de seu pai. Elles moravam em Lyon; e não sei por-

que esperança de melhorarem de fortuna vieram habitar Pariz. Nada é tam difficil do que conquistar uma fortuna perdida, senão de retomar a posição de qual uma vez se sahio. O pai d'esta menina o experimentou. Lutoou quatro annos com a miseria, sem a poder vencer e morreo a final em um hospital.

A mãe seguio de perto o marido, e a menina ficou só em umas aguas-furtadas cujos alugueis não haviam sido pagos tendo diante de si 2 pobres cátrez vazios... Se ha uma fada n'esta historia será por sem duvida aqui o momento em que ella apparecerá, mas nada há. A menina ficou em Pariz, sem parentes, sem amigos, e sem protectores, tendo em Lyon dividas, que não podia pagar, pedindo em vão a desconhecidos o trabalho, que é a riqueza do pobre. O trabalho, na verdade, lhe abria os braços, mas ha almas taes, cujo instincto é bastante forte, e honesto para passar ao lado do vicio sem o vêr, ou ao menos se deixarem manchar por seo peçonhento bafo.

Entretanto era necessario viver: a fome do dia redobrava-se durante a noite, e a insomnia se ajuntava á dôr de um segundo dia passado sem pão.... Vós acordaes, Frederico, de deixar uma meza que gemeo sob o pezo dos guizados, das iguarias, e em que o champanhe e o vinho de chypre corriam a longos jorros, e bem que vós não sejaes rico não de hontem, não tendes todavia idéas das misérias de que vos fallo!

Vós vos admiraes, por certo de que eu, no meio do luxo, que nos rodeia, sobre estas poltronas de ouro, e seda e que nos sentamos, vos possa traçar semelhante quadro! Escutai-me ainda.

(Continúa.)

EUGENIO GUINOT.

O JOGO.

Jogo! jogo, que penetrante nome! O jogo tem a mesma força, que o fluido magnético

toca um coração, move e o remove em um só momento! Porem como não estende sua força magnetica sobre todos os homens?

Ah! bem me lembro, nem todos os magnetisadôres sobre todos podem estender o seu poder.

Os jogadores são magnetisados; pois vivem no mundo da illusão; são escravos, e considerão-se senhores!

Quantas vezes, não dizem: «é a ultima vez, que jogo; felizmente, (dizem elles;) eu domino os meus vicios.»

Podes dominar os teus vicios, nada mais louvavel, menos o teu senhor, o teu tyranno—o jogo!

O jogadôr é esquecido, o que diz hoje, amanhã... Sempre em continuo labôr, a chuva, calor e sol, nada o detem, até mesmo as doenças!

Haverá quem mais gose, e quem mais soffra, do que o jogadôr?

O goso do jogadôr o arreбата, o eleva ao mundo da illusão! Vê o dinheiro; sente o prazer; supõe-se opulento; faz, e desfaz palacios em um só momento, pratica actos da mais louvavel caridade;—fica soberbo, e ao inimigo supõe esmagar!

Em um só minuto de revez conhece a illusão, só vê fantasia; e agora—uma pura realidade; clama da sorte, que só nasceu para ser pobre; desespera—aborrece da vida; a ameaça, e quantas vezes não se tem levado a effeito!

Porem corrigem-se? Deixão de jogar? E como!

O jogadôr não tem força para as cartas; empenha até a sua propria personalidade só para obedecel-as!

Oh! jogadôr! não comprimas a tua liberdade, esse dom apreciavel, que nem mesmo o Ser Supremo quiz tirar ao homem; como consentes, que um tyrano, que um despota—o jogo—della disponha, como se fôra de si proprio!

Cede tudo, menos a tua liberdade; porque

o homem sem liberdade é um ser irracional.

O jogadôr de profissão não pode ter razão. Quem me contesta esta proposição? ninguem.

O jogadôr, que ganha contos e contos de reis, que adquire em um só momento a felicidade, que podia servir para si e para os seus; porque não aproveita, o que a fortuna lhe concedeu? Porque não raciocina? porque não quer, ou porque não pode?

Porque não quer!—regeito tal proposição, porque não ha ente racional, que não queira a felicidade: e de mais, não é um caso novo ou imprevisto, que se podesse appellar para a irreflexão, não; é isso tão commum aos jogadôres, como a successão das noites aos dias; logo é porque não pode.

Não pode raciocinar, porque uma força superior—o jogo—deturpando-lhe a razão, tornou-o irracional, ou para não injuriar, privou-o de fazer raciocinio!

Tal é o estado do jogadôr que ganha, e não sabe aproveitar!

O que perde, perde, e nunca ganha, que ordem merecerá em nossa analyse?

Se eu podesse pintar as negras côres do papel, que representa, o homem que perde, o homem enche barriga de vadios, estou certo, que ninguem mais jogaria, para não merecer o titulo de enche barriga!

Se o jogadôr que ganha, não pode raciocinar, porque a ambição o cega, e a miseria com passo de gigante o esmaga, o que poderá fazer aquelle que perde!

Ele perde muitas vezes o que seus incansaveis pais, a força do mais duro trabalho, e insupportaveis difficuldades pôde adquirir com dignidade!

Perde não só isso, mas ainda o pudôr! Sera pejo, ouve o mundo dizer: «seus pais com honradez, testarão-lhe fortuna; elle com infamia, a seus filhinhos, a mais dura miseria!»

Ah! jogador, pára!

Não vês, que com rapidez preparas o mais desastroso futuro para os teus!

Perde! perde! sem que lhe abandone a amavel companheira da vida—a esperanza!

A esperanza é fecunda; nos alenta, e nos anima quando em nossas empresas usamos da prudencia. Quando fenece a prudencia não desaparece a esperanza; vem, não como esperanza que nos afaga, mas como traidora, que em vez de amenisar os nossos males pelo contrario os agrava. Ella com a sua avelludada capa traz envolta o *punhal hervado* com que nos fere, e nos arroja na miseria extrema!

Fatal esperanza!

Para que vens ainda contribuir para tanta miseria? Não vês, que o homem sequioso de ouro só em ti deposita confiança, e tú com teus fingidos afagos, o precipitas nos vaivens da miseria!

E o incauto jogador, sem prever taes laços, perde o ouro, perde o credito; e sem os ter, supõe que os tem!

Perde, perde tudo; e ainda nos vastos cantos dos sumptuosos salões (onde o—tyrano—o—jogo—se acha enfatuado com cara de despojadador, atirando a uns no lamaçal da miseria; e a outros, somepte por momentos, no apogéo d'alegria por causa do ouro, que d'aqui e d'alli o cerca,) ouve o retumbar da voz do miseravel: —corra—corra!

Os cómpañheiros (não do infortunio mas do ouro, que individamente o arrancão) zombão, escarnecem do seu continuado *corra, corra* do desespero!

Queres que corra? Como? Com que garantia? Supões ter credito? Fatal illusão!

Hontem tinhas ouro, hontem tinhas credito; hoje, porque a mão inconstante da fortuna, negou-te os beneficios; estás sem ouro, estás sem credito! Hontem por teu ouro eras respeitado, hoje que ja não o tens és ludibriado.

Homem perdido; o que queres, que faça a teu respeito? déstes aos outros a fortuna que possuias, unico meio de se adquirir credito, honradez e honestidade perante os homens!

E o que fostes procurar para tua familia, para teus filhinhos? descredito, fome, e miseria horripavel!

Déstes aos outros o que devias dar aos teus; déstes a outros o alimento, e aos teus mendicidade!

Depois desse horrivel e desastroso infortunio supões adquirir pudor! E como?

Com o mais horroroso e repugnante crime—o suicidio!

Oh! só o homem é capaz de suppor que repara a infamia com outra infamia!

Só o homem ousa privar-se da vida!

«Nenhum animal rasga as proprias entranhas; nenhum se priva, voluntariamente, da vida; só o homem é capaz de um tal attentado. Todas as criaturas obdecem ao instincto, com que o Criador as dotou: só o homem se atreve a desobedecer-lhe!

Todos parecem adorar a Providencia: só o homem se revolta contra ella!»

E é o jogo, que faz o homem commetter um tão horroroso attentado! E o jogo, esse louco que ousa perturbar assim a rasão do homem!

Pára! pára! jogador, não dêes mais um passo.

O jogo—esse louco é o cancro mais devastador, que o homem pode soffrer, que não se contentando em arruinar só a personalidade, arruina a toda familia!

O jogador com a bolça devastada, e a rasão carcomida, desespera, fica louco!

S. Luiz 1865

M. L.

ESTUDOS GEOGRAPHICOS.

A terra é um esphoroide achatado nos polos.

(Continuação do n.º 8)

Mas entremos no nosso objecto. Não bastava á scientifica audacia dos geometras, o ter fixado, d'um modo geral, a figura do nosso globo; quizeram ainda descobrir a exacta quantidade d'aquelle achatamento.

tamento, cuja realidade fôra confirmada depois de tantos trabalhos. Nesta investigação, porem, quanto maior quantidade de materias se accumulava, mais difficulতো a discussão se tornava. Os graus successivamente medidos em diversas partes do mundo, davam quantidades mui diferentes para o achatamento.

Reconhecida a impossibilidade de referir á uma curva regular os graus medidos, varias opiniões se suscitaram entre os sabios. Começou-se por taxar de pouco segura a operação de Maupertuis na Lapônia, já por que o arco medido era muito pouco extenso, já porque em duas obras diversas aquelle astronomo apresentava uma differença de trinta e tantas toesas no comprimento do grau.

Duvidou-se da possibilidade de medir um grau do meridiano com perfeita exactidão. Os erros, inseparaveis da natureza dos instrumentos empregados então, podiam elevar-se á 3 ou 4 para o arco celeste, ou á 50 toesas para o grau terrestre. A attração das montanhas que desarranjava o fio do prumo por onde se determina a vertical, era a origem de duvidas muito sérias. Este effeito da gravitação, que é uma prova sensivel da theoria de Newton, podia desarranjar as medições aliás feitas com o maior cuidado; porque uma desviação do fio vertical de só 15" nas duas extremidades do arco medio, produziria um erro de 500 toesas; isto é, d'uma quantidade maior que a differença presumida dos dous graus extremos no equador e no polo. É muito possivel que esta attracção podesse influir na medição feita por Lacaille no cabo de Boa-esperança, porque este astronomo não fez nenhuma experiencia para determinar o effeito das montanhas da Africa austral sobre o fio de prumo de que elle se servia.

Emfim uma idéa simples e decisiva se apresentou a alguns espiritos superiores, já cansados pela interminavel disputa do achatamento da terra. Pensaram que a curvatura do espheroides terrestre

poderia ser sujeita a algumas irreguladades ligeiras. Porque razão a natureza, que não se apraz com as figuras geometricas, haviade dar á terra a figura d'um ellipsoide perfeitamente regular? Foi Buffon um dos primeiros que professou esta opinião.

Taes erão as incertezas dos astronomos e dos geometras relativamente á figura da terra, quando um grande projecto deu logar a uma nova medição do arco do meridiano que atravessa a França. A Convenção nacional ordenou a fixação d'um systema de pesos e medidas uniformes e estavel. Os sabios propozêrão, que se tomasse a base deste systema na propria natureza, e que se considerasse como unidade primitiva do metro a millionessimá parte do quarto do meridiano terrestre, isto é, do espaço do equador ao polo. Dizião que uma metrologia fundada em tal base pertenceria á todas as nações, á todos os seculos.

Mas como se havia de conhecer com precisão o comprimento d'um quarto do meridiano? Podiam obter-o das medidas antigas; mas d'um lado, estas erão contradictorias; e de outro, pensou-se que o novo systema metrologico teria maior autenticidade, se fosse baseado em operações conduzidas com uma precisão até então desconhecida, e dirigidas pelos astronomos mais habéis. E Delambre e Mechain foram encarregados de medir o arco do meridiano interceptado pelos parallelos de Dunkerque e Barcelona. Cuidados minuciosos preveniram ou rectificaram até os menores erros. Esta importantissima empresa começou em 1792 e concluiu-se em 1798.

Ficou provado que os graus do meridiano vão diminuindo para o meio-dia e crescendo para o norte. Mas as differenças dos graus terrestres não estão submettidas á uma regra mathematica, vigorosa, e constante. Um meridiano não é uma ellipse regular; é provavel que a mesma terra não seja um solido de revolução, isto é, circumscripto pela revolução

de uma mesma ellipse em roda de seu pequeno eixo. Todavia estas irregularidades, que parecem extremamente pequenas em comparação com a massa da terra, podem sem inconvenientes ser desprezadas.

(Continúa.)

CREDO.

A crença, que adoro, que amo de véras,
És tu quem revelas prodigio de Deus;
És tu, Feiticeira, quem vejo dos Ceus
Dictando-a na terra.

Aqui soberana aonde hoje inspiras,
Propalas um Deus; é eu n'elle acredito;
Teu rosto affiança, que é rosto bonito
Mysterios incerra!

Se os olhos te ponho, parece mentira
Que houvesse um poder capaz de formar-te,
Mas tu m'o affianças, e eu louco em olhar-te
Seu nome bemdigo.

O astro mais rói no ceu quando gira,
Não diz o que dizes formosa donzella:
Mais fallam teus olhos, teu rosto o revela
De um modo prodigo.

Por ti eu caduco, mulher tão querida,
Ai sim, eu caduco por tanto scysmar...
Nas graças que tens, no teu meigo olhar,
No mago sorriso!

Se os olhos te ponho... então confundida
Minh'alma presinto querer me deixar:
Em extasis fico julgando-me estar
Lá no Paraiso.

Propalas um Deus! eu nelle acredito:
Quem pôde negar que tu sejas filha
De um Ente Supremo, que só maravilha,
Qual-és, pôde dar?

O homem que for, accaso, maldito,
Que ouse negar teus doctes...? que tema
Vingança de Deus!—atheu que blasphema
Que deve esperar?

Tu és feiticeira,
O anjo mais anjo;
Tu és um archanjo
Dos ceus mensageira.

R. A. CORREA DE FARIA.

SONETO.

MOTTE.

Assim de flôres se corôa a aurora.

GLOSA:

Um soneto! ainda esta me faltava!
Quatorze versos! isso é mui comprido
Não chega lá meu éstro desprovido;
Muito é se deito a barra a uma outava

Lá vai: *O Sol brilhante campeava
Pela estrada do meio...* Vou perdido,
Longe do motte, longe do sentido.
Nunca, no Outeiro, Albano assim glosava

Entro por outra porta... Desta feita
Creio que dei c'o trinco: *Uma pastora
Que c'o cajado, na agua, tinha feita...*

Não presta. Tome lá, minha senhora:
Guarda o motte; e dir-lhe-hei, quando se enfeita
Assim de flôres se corôa a aurora.

FILINTO ELYSIO.

MAXIMAS.

O homem entregue ás paixões não
rece homem: a soberba o faz tyranno,
inveja o roe; a ira o abrasa; a luxuria
devora; a gula o estraga; a avaresa
inquieta; e a preguiça o reduz á miséria.

Tres sabios ha: o que deixa o mundo
antes que elle o deixe; o que edifica o seu
sepulchro antes de entrar nelle, o que
compraz ao Creador antes de comparecer
na sua presença.

Assigna-se para este jornal nesta
pographia a dois mil reis por 3 mezes.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1866

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

QUESTÃO PHILOSOPHICA.

Existe lei natural, que estabeleça differença entre o bem e o mal, ou só depois de constituidas as sociedades é que appareceu essa differença?

IV.

Opinão alguns dos modernos pensadores, que a justiça é obra dos homens, tam inconstante e varia como elles, tam sujeita ás vicissitudes do accaso como as revoluções, tam vã como os systemas dos philosophos, tam caprichosa como a vontade dos legisladores. Que é porem isso senão um de seus mais palpaveis erros, ou um de seus maiores absurdos? (1)

Ha sim no homem esse conhecimento da justiça e da injustiça, que se não ressentente da mão humana. Esse principio analysado pela rasão natural quando de si não arrede as proporções, que lhe fornece a revelação; esse principio que a rasão universal conhece em si, e em suas conclusões mais proximas á esta lei gradada em nós, de que não podemos fugir que por toda parte nos segue, sem nunca de nós se apartar, é a lei natural, que bem nos aponta o bem e o mal, que não deixa praticar uma boa acção sem acompanhar de um rigosijo interior, e sem nunca não consente que se opere um acto sem que o agulhão do remorso venha punir: «E não pense alguém, que não sentir-se devorado pelos remorsos do acto da perpetração do crime; no em que a paixão mais fortemente o domina, e em que a consciencia cansada de arduar se cala, é o mesmo que vêr-se para sempre livre d'elle: elle está como o fogo escondido debaixo das cinzas para depois surgir mais vivo.» (2)

(1) Bastos, Disc. Rel.

(2) Ib.

A rasão humana não necessita de indagações profundas para chegar ao conhecimento da lei natural, para isso basta somente uma ligeira vista sobre si mesma. Ella não se degrada reconhecendo em si essa lei, pelo contrario sua existencia é pela ventura o maior titulo de sua nobresa, é o unico verdadeiro facho, que a pode guiar no caminho do bem, e apartar-lhe do mal, pois nada mais é, que a voz do proprio Deus, fallando ao coração.

«Que! diz Mr. De Brie, a rasão humana e seus prodigios seria um effeito sem causa? não. O homem, este sér cuja memoria reúne o passado, cujo genio penetra na obscuridade do futuro; este sér cuja intelligencia alenta o desfallecimento da natureza, augmenta seus órgãos, prolonga os raios de sua vista até o disco do sol; este sér, que submete a terra á tributos immorredouros, dissipa os raios, afronta as tempestades, caminha sobre as ondas, escala o oceano; este sér não é um corpo formado de uma substancia puramente material: não, aquelle que se faz confidente do Creador no systema do mundo, nas leis do movimento, nas revoluções do globo, não é um vegetal ambulante.» (3) Este sér, acrescentarei, é o rei da criação, o unico cujas acções podem ter merito e demerito; o unico que recebeu leis, e consequentemente—faculdades para por ellas se dirigir; o unico cuja natureza aperfeiçoada desde o começo ensinou-lhe o bem e o mal, quando lhe deu á conhecer que existe um Deus, conhecimento que sempre houve, como provão—a historia do genero humano desde seu berço, e a reflexão do homem sobre si mesmo.

(3) De lois sociales, Introd.

É com effeito, ha em nós um typo primitivo, ou um sentimento de justiça, que nasce comnosco, e nos acompanha sempre apesar do poder do tempo, da influencia dos climas, e das arbitrarias instituições dos homens. Ha uma lei gravada em nossos corações, desenvolvida pela razão, aperfeiçoada pela religião, que determina o que é injusto, manda fazer á outrem o que queremos que á nós se faça, e nós abstenhamos para com elle de tudo aquillo, que desejamos se abstenham á nosso respeito. Tudo o que os philosophos contra esta lei ensinam é desvario; tudo o que decretam os legisladores contra ella é tyrannia; todos os actos que contra ella se pratica nas revoluções são attentados contra a moral.

Que estranha, e que falsa justiça não seria a que tivesse alguma daquellas fontes por unica e exclusiva origem? Em que erros não tem cahido a philosophia? Que iniquidades não tem commettido os legisladores? Que barbaridades as revoluções?» (4) A razão, pois, a razão universal, tratando de descobrir a idéa do bem e do mal, a vae encontrar em si mesma: idéas moraes só na razão acharão sua origem; e sómente pela theoria das idéas poderíamos asseverar, que a differença entre o bem e o mal parte da lei natural, que a razão não careceu da sociedade, e de suas leis para estabelecer essa divergencia entre bem e mal, justo e injusto, verdadeiro e falso, porém que de si mesmo a formou.

Antes, porém, de concluirmos citaremos um abalisado escriptor e com elle algumas passagens de Rousseau. «A distincção entre o bem e o mal, diz elle, é uma noção não menos natural ao homem, não menos incontestavel, que a divergencia entre o verdadeiro e o falso. Por toda a parte, em todos os tempos, os homens assignaram differença entre o vicio e a virtude, e a consciencia, approvando um e reprovando outro, fez constantemente a

gloria do homem virtuoso e o tormento do culpado. Um sentimento moral, tão antigo como o mundo, cuja origem se não pôde referir senão á natureza, um sentimento universal e invencivel nos faz julgar taes acções, não obstante nós, com boas ou más e não nos permite confundir estas acções oppostas, ou regeitar evidencia. Este sentimento é um principio constitutivo de nossa natureza, e além de não depender de nós o despirmo-n-delle, resiste á todos os sophismas: intentado combatel-o seria querer solapar a base de todas as nossas crenças, que não descação em ultima analyse senão sobre a convicção intima, natural, e geral de certos principios fundamentaes. É preciso, por de necessidade admittir a existencia de uma lei natural, pois que ella tem por fundamento a mesma propensão geral insuperavel, que serve de alicerce á todas as nossas crenças, que não nos permite duvidar por exemplo, de nossa identidade pessoal, do testemunho de nossos sentidos, das relações da nossa memoria da existencia dos objectos externos.

V.

Vejamos agora o que diz Rousseau; cabalmente mostrou a força deste sentimento moral, que jamais se poderá confundir com as inspirações de um egoismo, ou do interesse particular. «Quer que seja, diz elle, o numero máos sobre a terra, ha poucas dessas mas cadavericas, tornadas insensíveis alem de seu interesse, á tudo que é de to bom. A iniquidade só agrada quando della nos servimos, no mais quer a innocencia protegida. Vê-se em toda rua um acto de violencia ou injusticia logo um movimento subito de coragem indignação surge no fundo do coração impelle-nos á defesa do opprimido: contrario, se qualquer acto de clemencia e generosidade fere nossa vista, admiração, e amor nos inspira!»

(4) Bast. Dis. Rel.

(5) Bailly.

não desejaria do intimo d'alma praticar outro tanto? Pouco nos importa que um homem tenha sido máo ou justo ha dous mil annos: o mesmo interesse nos affecta na historia antiga, como se tudo passasse-se em nossos dias. Que importam os crimes de Catilina, tenho receio de ser sua victima?... Para que, pois, voto-lhe o mesmo horror, como se fôra meu contemporaneo? Nós não odiamos o máo porque nos prejudique, mas porque é máo: não queremos sómente a felicidade nossa, mas a dos outros homens: temos piedade dos infelizes; quando soffrem, soffremos tambem. Os mais perversos não pôdem perder esta tendencia: muitas vezes, porém, contradizem-se consigo mesmo. O salteador, que despoja o passageiro, cobre a nudez do mendigo: o mais terrivel sicario alimenta o homem desfallecido pela fome.»

Lança a vista por todas as nações do globo, estudae toda a historia, entre tantos cultos deshumanos, entre essa quantidade prodigiosa de costumes e caracteres varios, encontrareis por todas as partes a mesma idéa de justiça e honestidade: por toda a parte encontrareis as mesmas noções do bem e do mal.

O antigo paganismo, producção de deuses abominaveis, que offerencia aos seus adeptos, como unica felicidade, crimes á commetter, paixões a contentar—o paganismo é uma prova. O homem quer saciar seu amor adorando um Deus, porém—o vicio armado d'uma autoridade sagrada descia em vão da morada eterna; o instincto moral o repellia do coração humano, a santa voz da natureza, mais forte que a dos deuses, se fazia ouvir e respeitar sobre a terra, e parecia desterrar para o céo o crime com os culpados!

Existe, portanto, no fundo da alma um principio *innato* da justiça e da virtude, pelo qual julgamos nossas proprias acções, e as dos outros, como boas ou más, e é á este principio que dou o nome de consciencia.

(Continúa.)

L. B.

A MOEDA DE CINCO FRANÇOS.

(Conclusão.)

A fome obrigou esta pobre menina a mendigar. Ella cobrio a cabeça com o véo de sua mãe, unico presente que ella lhe deixou, curvou o corpo para simular a velhice, e desceo a rua. Ah!—ella estendeo a mão—ai de mim! essa mão era alva, carnuda, e rosada, e entretanto havia perigo em mostra-la: essa mão foi envolta pela menina na grossa fasenda do véo, como se ella fôra corroida pela horrenda lepra. A pobre menina se havia collocado contra um pilar bem longe do lampeão, e quando uma moça mais feliz do que ella passava—a desgraçada estendia-lhe a mão, e pedia-lhe *un sou, un sou* para comprar pão! A noite em Paris as moças teem mais em que cuidar do que em tirar um *sou* de seo bolso! Si a mendigante via passar um velho se aventurava tambem a implora-lo. A velhice é quasi sempre avara e dura—o velho passava. A tarde havia sido fria, e húmida, a noite se avisinhava, e as patrulhas, guardas nocturnas, e os alcáides da cidade não apoderar-se das calçadas de Paris, quando a menina, desfallecida pela necessidade, estendeo ainda uma vez a mão. Ella dirigio-se a um moço, que parando, buscou em sua algibeira, e lhe atirou uma moeda—tanto medo teve elle de tocar na mão da menina. Um homem da policia, que espriantava aparentemente a mendigante, appareceu de repente, e pondo-lhe a mão em cima:

—Ah!—eu vos prendo, lhe disse elle, vós mendigaes! ao corpo da guarda, minha bella.

Então o moço interpõe-se com vivacidade, toma o braço da menina, que momentos antes elle não ousava tocar com suas luvas, e dirigindo-se ao homem de policia: Esta mulher não é uma mendigante, lhe disse elle—é uma das minhas conhecidas.

—Mas, senhor!... quiz dizer o executor da lei contra a mendicidade.

—Eu vos repito, que conheço esta senhora.

Minha pobre senhora, accrescentou elle, inclinando-se ao ouvido da moça, que elle tomava por uma velha, accetai estes 5 francos, e deixai-me conduzir-vos á rua visinha, e assim vós vos vereis livre do Cérbero, que vos persegue.

A moeda se escorregou de vossas mãos para as minhas, prosegio a recém-casada; e porque nós passamos então junto ao lampeão, do qual eu me tinha até então occultado—vi á luz vossa fisionomia....

—Minha fisionomia?! exclamou Frederico.

—Sim, meo amigo, era a mim que vós salvastes desta forma a vida, e quiçá a honra: vós destes uma moeda de esmola á *Lady Melvil*, vossa futura esposa.

—Vós, disse Frederico, tam bella, tam moça, e tam rica, ja mendigastes?!

—Sim, meu amigo, eu recebi uma esmola—uma só, e foi a vossa

No dia seguinte á esse dia funesto, e que hoje o contemplo um dos mais bellos, e felises de minha vida, uma velha, a quem inspirei alguma piedade, me fez entrar como costureira em uma boa casa. A alegria appareceu em mim com o trabalho, e cheguei a ser a amiga da respeitavel senhora, em cuja casa estava.

Um dia *Lord Melvil* entrou na pequena salla em que eu trabalhava, e sentou-se junto á mim. Era homem de uns 60 annos, alto, magro, e de fisionomia grave.

—Moça, me disse elle, sei toda vossa historia—quereis casar-vos comigo?

—Casar-me comvosco, lhe respondi eu?

—Sim! possuo immensos bens, que os não desejo deixar a meus sobrinhos, padeço da gota, e não quero ser tratado pelos criados. Si devo crer o que de vós me contarão, sois de character nobre, e bem educada: não depende, pois, se não de vós serdes *Milady Melvil*, e provar que fostes feita para a boa fortuna, assim como sonbestes supportar a má sorte.

Eu vos amava, Frederico, continuou

a noiva, e bem que não vos tivesse visto senão uma vez, era-me impossivel esquecer de vós.

Meo coração me dizia, que nossos dias devião correr juntos. Olhando para *Lord*, e vendo sua fisionomia melancolica e seo olhar astuto, e quasi enganador, dizia comigo, que o singular partido que elle me offerecia, não era mais do que uma vingança, e me repugnava ser instrumento dessa vingança.

Bem que o nobre *Lord* não tivesse uma recusa positiva, apercebeu-se todavia da minha agitação, e semelhante a todos os homens que uma recusa não os torna senão mais ardentes—elle redobrou suas instancias.

As pessoas do meu conhecimento aconselhavão a que me aproveitasse da loucura de um inglez rico de muitos milhões, dos quaes uma parte não tardaria a pertencer-me. Pensava em vós embellezava vossa fisionomia de tudo quanto minha imaginação se prestava ao espirito, e pouco faltou para que a lembrança de um homem que eu não tinha visto senão um instante, não sacrificasse a minha, e vossa fortuna. Entretanto eu havia passado por terriveis privações, e a lembrança d'ellas foi bastante para que estas ideas romanescas não subjugassem minha rasão. A joven artista vos poz á margem, Frederico, e veio a ser *Lady Melvil*!

É um conto de fadas, meo amigo! Eu pobre orfã desamparada, era a mulher de um dos mais ricos Pares de Inglaterra. Podia, em um carro atulhado de creados passar pela rua em que havia mendigado alguns dias antes, e vestida de sedurias, e ornada de brilhantes, marcar com o olho o pilar em que estive assentado. Jogo do accaso, capricho da fortuna! As paixões dos homens, meo amigo, são as fadas d'este mundo!

—Feliz *Lord Melvil*! exclamou Frederico, elle vos enriqueceo!

—Elle foi com effeito feliz, continuou a senhora de La Tour, e muito bem me pr

vou, que sendo minhas enclinações honestas, este casamento, olhado como uma loucura, era a coisa mais razoavel do mundo.

Elle era rico alem de minhas ambições, e nunca poude gastar todos os seus rendimentos; não tendo por conseguinte necessidade de obter novos bens calculou com precisão, que o reconhecimento o faria charo a mulher, para cuja fortuna elle concorresse.

Nunca se arrependeo de haver espozado uma Franceza.

Eu me confiei inteiramente no nobre Lord acerca do meo futuro, e tornei agradável seos ultimos dias.

Elle morreo, e deixou-me toda a sua fortuna, e eu fiz voto de não tornar a casar senão com o homem que me havia soccorrido no momento mais critico de minha vida. . . . Ingrato! acrescentou a senhora de La Tour, dando a mão a seo marido, que cada vez mais se aproximava da mulher que o queria amar, e fazer feliz.

—Mas, senhor, vós nunca vos apresentastes nas sociedades! Nunca frequentastes os espetaculos, e nem os bailes, e os concertos! Ah!—se eu ao menos soubesse o vosso nome!

E fallando assim a noiva, despregou do pescoço um collar de rubins, e tirou de uma caixinha de seda uma moeda de 5 francos orlada de oiro.

—É esta, lhe dizella, metendo a moeda nas mãos de Frederico.

Em vista d'esta moeda, se me deo o pão, que me devia sustentar até o dia seguinte a credito. N'esse interim as coizas se arranjarão de tal sorte qu'eu pude conservar vossa moeda. Ella nunca se apartou de mim!

Ah!—quanto não fui feliz quando vos encontrei há um mez!

Com que ardor não fiz parar meos cavallos! Eu me lancei a portinholla do carro, e tomei para vos atrahir a mim o primeiro pretexto, que encontrei. Eu só temia uma coisa. . . .

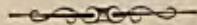
Eu só temia que vós fosseis caza-

do. N'esse caso vós nada saberias d'esta historia, e a pobre *Lady Melvil* vos enriqueceria secretamente, e se retiraria para a Inglaterra, onde ella envelheceria em seo castello de Galles.

Frederico abandonou então a mão de sua mulher, e deixando escapar a morselina bordada, apoderou-se da moeda, causa da sua riqueza, e da sua felicidade.

—Vós o vedes, disse ainda a senhora de La Tour, eu não sou uma fada, pelo contrario fostes vós, que me destes um talisman.

Eugenio Guinot.



A. . . .

Tu és o astro brilhante,
Que vem sempre radiante
Altiva fronte mostrar;
Tudo em ti é singeleza,
És o symbolo da belleza,
És meu anjo tutelar.

Tua côr nivea e mimosa
Mais bella que a da rosa,
Meu coração captivou;
Teu sorrir inebriante,
E teu olhar scintillante,
Te juro, me arrebatou! . . .

Teus carinhos, teus encantos,
São tão sublimes e tantos,
Que inspiram logo amor;
Assim pois presta attenção,
Ouve a pura confissão,
Que te faz o trovador.

«Eu te amo qual rolinha,
Mui fida e innocentinha,
Aua ao esposo querido;
Como o nauta viajante
Ama ao luar rutilante,
A noute no mar perdido:

«Como a vaga que na praia,
Quando a luz do sol desmaia,
Vai-se—airosa—deslisar;

Como o bafejar da brisa,
 Cujo cicio se deslisa
 Brandamente a suspirar:

«Como a lua magestosa,
 Quando campeia—airosa
 No azul puro do céu,
 Emfim qual mãe estremosa,
 Que se delinha chorosa,
 Pelo filho que perdeu.

Assim, donzella formosa,
 Não sejas pois orgulhosa,
 Recebe meu coração;
 Não deixes a chama ardente
 Devorar—o n'um repente,
 Ainda estando em botão.

Maranhão—1865.

A. C. C.

O CANTOR DOS TYMBIRAS.

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

I.

Meu canto dorido,
 Tymbiras, ouvi,
 Que o dicta a saudade,
 Que n'alma senti;
 Por entre os gemidos,
 Banhado de pranto,
 Ouvi-me este canto,
 Tymbiras, ouvi!

Que eu choro o guerreiro,
 Dos bardos primeiro,
 Da patria o luzeiro,
 Das tribuis cantor;
 O rei da harmonia,
 Que a todos venceia
 Cantando as victorias,
 Das tabas as glorias,
 Cantando as tristezas,
 E ás queixas d'amor.

O bardo das selvas,
 Que as selvas deixou,
 Que as verdes montanhas
 Do Ibak tornou,
 N'um raio flammante...

N'um astro brilhante,
 Ou sobre uma nuvem,
 Que a terra baixou;
 Deixando a saudade,
 Da tribu a orphandade,
 Chorando a natura,
 Que tanto elle amou!

E, pois, oh, Tymbiras,
 Meu canto escutai,
 E vós, Upiáras,
 Deixando as ygáras,
 Meu carme inspirai!
 E vós, oh, florestas,
 Oh, brizas, oh, fontes
 Florinhas dos montes,
 Ribeiros... carpi!
 Que entre os gemidos,
 Banhado de pranto,
 Eu solto este canto,
 Tymbiras, ouvi!

II.

Porque scismando, como scisma a virgem
 Após sonhares do primeiro amor,
 Tú, minha taba, suspirando gemes,
 Hoste famosa de guerreiro ardor?..

Linda cabocla! Que pezar immenso
 Alma te punge,—que saudade atroz
 Te rouba o riso de teus ledos labios,
 Os teus dançares, d'alegria a voz?..

Que mal te hão feito os carahibas torpes,
 E os curupiras de mendaz fallar?
 Acaso o Piaga, na caverna escura,
 Ouviu em sonhos a acauan piar?..

Acaso, acaso, os Manitôs fugiram,
 Ou novas tristes o saey cantou?
 Ou planta infanda de Gamella imigo
 Os santos manes de teus pais calçou?..

E assim tú scismas, como scisma a virgem
 Após sonhares do primeiro amor...
 Tú, minha taba, suspirando gemes,
 Hoste famosa de guerreiro ardor?..

E sempre bella! Como esparsas flores
 Que o prado enfeitam na estação vernal,

As tuas ócas, de palmeira os tectos,
Por entre a balça, no verdoso val!

E em torno d'ellas a caiçara espessa,
Que a taba isempta d'uma vil traição,
E lá'no centro a tejababa altiva,
Que serve as danças do Piaga então.

E perto o rio a serpear na várzea,
E perto ás praias osculando o mar,
E sobre as vagas balouçando a ygára,
Na balça as auras em infantil brincar.

E nos alpendres a cunhan sentada,
Emquanto corre o curumim feliz,
E ao lado d'ella o seu guerreiro esposo
Suspira triste... seu pezar não diz!

Porque scismando, como scisma a virgem
Após sonhos do primeiro amor,
Tú, minha taba, suspirando gemes,
Hoste famosa de brioso ardor?..

III.

Tinha saudades a taba
De seu mimoso cantor,
Que ao raiar d'aquella aurora,
D'aqu'elle dia ao albor,
Partira...

Fôra correr longes terras,
Que não conhece o Tymbira.

Fôra longe, na piroga
Maior que a taba já viu!
Ai, tanto choraram todos,
Quando o seu bardo partiu...
Que o pranto

Que chora a nuvem de inverno,
Não era mais... era tanto!

Choraram... todos na praia
Seu doce bardo a chamar:
— «Não partas de nós... ai volta,
Vem a piroga encalhar!
E o Piaga,

Chorando tambem,—cantava
Fitando do mar a vaga.

— «Alado de canto suave e melliflúo,
Gentil Sabiá,

Ai, volve ás florestas de gratos verdores,
Aonde suspiram teus doces amores,
Aonde Tupá

Derrama a ventura... Não fujas, não partas,
Gentil Sabiá!

Qu'ê infausto o vollejo
Nas ondas do mar;
Ai, bardo da selva,
Não deixes teu lar!

Viçoso e florente no meio da matta.
Gentil piraubá,

Inveja á piroga... lá fuge na vaga,
Que o beija traídora... qu'após o esmaga
Na rocha, oh Tupá!

Assim teu destino! Não fujas, não partas,
Gentil Sabiá!

Qu'ê infausto o vollejo
Nas ondas do mar;
Ai, bardo da selva,
Não deixes teu lar!

E' louca a florinha que larga o raminho
Do seu manacá!

Nas azas da briza, por sobre o oceano,
Lá cáe nos abysmos... que fado tyranno,
Divino Tupá!

Assim teu dèstino! Não fujas, não partas,
Gentil Sabiá!

Qu'ê infausto o vollejo
Nas ondas do mar;
Ai, bardo da selva,
Não deixes teu lar.

E foges, e partes, voando nas vagas,
Gentil Sabiá!

Não ouves a matta gemendo sentida...
 E partes e vôas... fugindo da vida....
 Cantor de Tupá!
 Não partas... que a morte lá dança nas ondas
 Gentil Sabiá!

Qu'è infausto o vollejo
 Nas ondas do mar;
 Ai, bardo da selva,
 Não deixes teu lar!—

E elle por entre as vagas
 Partira terno a cantar
 D'Y-juca-pyrama o canto,
 Da Marabá o penar,
 E, quando
 De todo não mais ouviu-se,
 Era os Tymbiras cantando.

Partira... como partiram
 Da Tarde o illustre cantor;
 Como o tribuno inspirado,
 Dos fastos o narrador;
 E aquelle
 Qu'estudava a terra e os astros,
 Que fallavam tanto a elle! (*)

Ai, que assim os tres partiram,
 E não voltaram mais, não!
 Por muito tempo os Tymbiras
 Os esperam... mas, em vão!

Que a morte
 Invejara aquelles genios,
 Aquellas flores do norte.

Por isso a taba suspira
 Saudosa do seu cantor,
 Qu'ao raiar d'aquella aurora,

D'aquelle dia ao albor,
 Partira...
 Fora correr longes terras,
 Que não conhece o Tymbira.

Juvenal Galeno.
 (Continua).

MAXIMAS.

Amar a Deus é a primeira das virtudes: ser amado de Deus a maior das felicidades.

O homem tímido não tem coração, mas o teimoso não tem cabeça, porque não conhece, que se errar é um defeito, e sustentar o erro são dons.

AOS SRS. SUBSCRIPTORES.

Com o presente numero enceta o *Echo da Juventude* o segundo trimestre. Agradecemos cordialmente aos Srs. subscriptores a valiosa cooperação que têm prestado á este periodico.

Rogamos aos poucos que ainda não satisfizerão suas assignaturas o obsequio de fazel-o, para não ser excepção.

Tambem desejamos que continuem a prestar sua cuadjuvação. Nos comprometemos á manter o nosso programma.

Advertimos que as columnas do jornal são francas á todos—assignantes ou não—que dellas se quiserem utilisar, comtanto que os escriptos não sejam avessos ao programma.

Podem dirigir-se em carta feixada á Redacção, deixando-a nesta typographia.

Assigna-se para este jornal nesta typographia a dois mil reis por 3 mezes.

(*) Refiro-me n'estes versos a Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, e Joaquim Gomes de Souza.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

QUESTÃO PHILOSOPHICA.

Existe lei natural, que estabeleça differença entre o bem e o mal, ou só depois de constituídas as sociedades é que appareceu essa differença?

VI.

Consciencia! Á esta palavra ouço levantar-se o clamor dos pretendidos sábios: erros de infancia, prejuizos d'educação!—exclamação unisonos. Somentemente ha no espirito humano o que se introduz pela experiencia, é nós nada julgamos senão sobre idéas adquiridas.

Vão mais longe. Este accordo evidente e universal de todas as nações ousão rejeitar, e, contra a frisante uniformidade do juizo dos homens, procurão nas trevas algum exemplo obscuro e somente delles conhecido, como se todas as tendencias da natureza fossem aniquitadas pela depravação de um povo: e logo que ha monstros, a especie nada mais é.

De que servem, porem, ao sceptico Montagne os tormentos á que se dá para exhumar de um canto do mundo algum costume opposto as noções da justiça?

De que serve dar á suspeitos navegantes a autoridade que nega aos mais celebres e verídicos escriptores? Alguns usos incertos e extravagantes, fundados sobre cousas locaes, que nos são desconhecidas destruirão a indução geral, tirada de todos os povos, oppostos em tudo, e de accordo neste ponto?!.....

Ó Montagne, tú que te jactas de franquesa e verdade, sê sincero e verdadeiro, e diz-me se ha paiz sobre a terra, onde seja crime—guardar a fé, ser clemente, bem fasejo, generoso; em que o homem de bem seja despresado, e o perfido honrado?

Cada um, disem, concorre para o bem publico por seu interesse, mas donde vem que o justo concorre para seu prejuizo? Como se explica morrer por seu interesse? Sem duvida, que todos trabalham para seu bem, mas se não é um bem moral á que se deve attender, jamais se explicará pelo interesse proprio senão das acções dos máus. (1)

Na verdade se o bem e o mal derivassem do interesse particular, o mundo que foi feito para nelle o homem cumprir sua missão se transformaria em horrivel theatro de execraveis crimes, e o homem tendo em mira só o interesse não vacillaria ante qualquer attentado, com tanto que d'ahi lhe resultasse bem: o socego, paz, e tranquillidade individual e publica seriam palavras vãs, e nunca se verião naturalmente defendidas: o assassinio, o roubo, a guerra injusta, o mesmo mal seria bem, quando seu auctor descobrisse, ainda remotamente proveito e interesse: o homem ver-se-hia obrigado renegar sua natureza, a rasão constrangida subjeitar-se-hia á materia, o dever e o interesse, que entre todos os povos tiverão sentido e significação diversa, serião neste systema a mesma cousa: entre o justo e o injusto não haveria mais differença, e, a semelhança desses que fazem do estomago seu Deus, fariamos do interesse a unica regra moral, unico movel de nossas acções.

VII.

É ainda um facto incontestavel, que em todos os tempos, entre todos os povos, existio sempre a idéa bem distincta do justo e do injusto, do bem e do mal,

(1) Rousseau, Emile T. 3.º

da virtude e do vicio: as paixões, os desvarios, a cegueira moral, que sem cessar affligião os povos antigos, e que infelizmente ainda perseguem os modernos, jamais poderão faser que entre elles não existisse essa differença. O crime em algumas partes honrado e mesmo deificado recebia os embâtes da natureza, e a rasão vencendo as cadeas, que a algemava, conseguia emfim faser que o mal fosse mal, e o bem se considerasse como bem: e então esses povos eloquentemente provavão que essa distincção é de lei natural, visto como reconhecção a sua belleza, e extasiados na contemplação e pratica do bem, não se sentião fustigados pela tremenda voz do remorso: então esses povos testemunhavão, que as idéas do bem e do mal entrão na classe das idéas simples, primitivas, distinctas, e se não podem resolver em alguma outra concepção.

A lei natural, diz De Brie, é aquella que o homem não pode desconhecer considerado no estado natural, isto é—antes da communhão social: elle não a pode desconhecer porque ella deriva absolutamente da constituição de seu ser. (2) Sim, direi, elle não a pode desconhecer: sua sancção é bem clara, pelo contrario comprehende, que o sentimento moral é não somente universal, porem natural e indestructivel; que não depende de nós confundir as idéas do bem e do mal, assim como não depende de nós confundir as idéas do verdadeiro e do falso.

VIII.

E' ainda verdade, que os homens algumas vezes tem-se illudido na apreciação de certos actos moraes, e na veracidade de certas opiniões; ha, porem, acções cuja bondade jámais foi contestada, e opiniões cuja veracidade soffre opposição: donde se pode, e forçosamente se deve concluir, que a distincção do bem e do mal não é originada no interesse, no prejuizo,

na educação, mesmo nas leis sociaes que varião segundo o tempo, lugar, e circumstancias: porquanto, as idéas emana das desses principios não são indestructiveis e universaes: pois, existe em nós um sentimento invencivel, que nos força á attribuil-as á natureza, porque ellas se desenvolvem e obrão em nós, mais ou menos, e só tendem á comprimir nossas paixões.

Concordamos, que as leis sociaes possam nos ensinar a considerar o que é diferente perante a lei natural, tendo em tal lugar o proloquio—*malum quia prohibitum*—porem jámais poderão dar idéas naturaes do bem e do mal, do vicio e da virtude, ou originar as noções do bello e do feio. Todos os nossos sentimentos naturaes podem ser viciados, e mesmo como desaparecer sob o turbilhão das paixões: podemos tudo desconhecer, até a nossa propria existencia; virá, porém, o caso em que o sentimento natural aponta, e reconhecido como o unico verdadeiro, é saudado pela rasão, que o reconhece como irmão: nelle descobre-se o sello da natureza, ou antes de Deus, por consequencia o cunho da sempiterna existencia, da eternidade, e assim da precedencia ás leis sociaes, ou as sociedades.

Não é necessario entrar aqui na indagação da origem das idéas moraes: deixemos que os philosophos o fação: reconhecemos somente que a idéa do bem e do mal é uma idéa natural, simples, distincta de toda e qualquer concepção, que exprime qualidade tam reaes em nossas acções como a idéa do verdadeiro e do falso á respeito de nossas opiniões (3).

Concluo, pois, dizendo, que existe a lei natural, que estabelece differença entre o bem e o mal, e não foi necessario o estabelecimento das sociedades para assinalar-se essa distincção.

Terminando esta demonstração, remetto terei com um eloquente publicista: «D

(2) De lois sociales.

(3) Bailly.

vemos observar que a theoria que faz derivar todas as nossas idéas das sensações foi o real fundamento da doutrina de Hobes, Helvecio e outros que aniquilão as leis civis. Se todas as nossas idéas vem dos sentidos, é que nossos juizos não são senão sensações, é evidente, que nossas idéas moraes não tendo outra origem é unicamente pela impressão dos sentidos que nós deveríamos julgar do bom e do máu, e consequentemente o instincto phisico seria para nós o unico meio de apreciar nossas acções, e não haveria bem senão no que tendesse á satisfazel-o, e assim nossos deveres seriam confundidos com nossas paixões. Porem como esta doutrina horrivel tendesse ao desmoronamento do corpo social, virão-se obrigados á buscar um paradeiro e não o encontrarão senão nas leis civis. O bem e o mal, segundo elles, nada é por si mesmo: só é o permittido ou prohibido pela lei.» (4)

Triste e miseravel conclusão! querer que as maiores iniquidades, que tragão o nome de lei sejam abraçadas como lei; que a virtude, quando perseguida pela ambição, pela depravação, e mesquinha vingança, paramentadas com o epitheto de lei, seja despresada!

Oh! como bem entendia S. Thomaz, esse anjo da eschola, a lei natural, quando nem classifica de lei humana aquella que apenas d'ella discordasse—*Si lex humanitus posita ni aliquo á lege naturali discordet, jam non erit lex, sed legis corruptio.*

Que seria da sociedade com suas impotentes leis se o homem podendo furtar-se ao seu cumprimento não encontrasse um freio na consciencia; não sentisse em si uma lei á que não pode illudir?

Que seria da sociedade se para sua sustentação o homem houvesse de fazer o que não pode, houvesse de crear idéas, que delle não dependem, houvesse, fi-

nalmente, de inventar a idéa do bem e do mal!...

S. Luiz, 1865.

L. B.

Começamos hoje á estampar o romance *Gupeva*, trabalho da talentosa maranhense, Maria Firmina dos Reis, cuja tenacidade nos labores litterarios, e amor ao estudo são bem conhecidos do publico.

Essa composição ligeira, porem onde revela-se o talento de sua habil auctora, foi-nos offertada por a mesma, que cuidadosamente a correio para ser publicada neste jornal.

Seja a publicação do *Gupeva* um estimulo ás mais senhoras, que cultivão as letras, porem uma modestia cõdemnável as tem conservado no silencio e obscuridade.

Aos illustrados leitores recommendamos que o leião, e sejam indulgentes para as lacunas, que por ventura encontrem.

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

I

Era uma bella tarde; o sol de agosto animador, e grato declinava já seos fulgidos raios; no occaso elle derramava um derradeiro olhar sobre a terra e sobre o mar, que a essa hora magica do crepusculo, estava calmo, e bonançoso, como uma criança adormecida nos braços de sua mãe.

Seus raios desenhavam no horisonte as cores cambientes do prisma, e desciam com melancholico sorriso as planuras da terra, e a superficie do mar.

Uma tarde de agosto nas nossas terras do norte, tem um encanto particular; quem ainda as não gosou, não conhece na vida o que ha de mais bello, mais poetico, não conhece a hora do dia que o Creador nos deo para esquecermos to-

(4) *Ibid.*

das as ambições da vida, para folhearmos o livro do nosso passado, buscarmos nella a melhor pagina, a unica dourada que nella existe, e ahi nos deleitarmos na recordaçam saudavel da hora feliz da nossa existencia: aquelle que ainda a não gozou è como se seus olhos vivessem cerrados a luz; è como se seo coraçam impedernido nunca houvera sentido uma doce emoçam, è como se a voz da sua alma nunca uma voz amiga houvera respondido.

O que a gozou, sim; o que a goza, esse advinha os praseres do paraizo, sonha as poesias do céu, escuta a voz dos anjos na morada celeste; esquece as dores da existencia, e embala-se na esperança d'uma eternidade risonha, ama o seu Deos, e lhe dispensa affectos; porque nessa hora como que a face do Senhor se nós patenteia nos desmaiados raios do sol; no manço gemer da brisa, no saudoso murmuri-das matas, na vasta supercie das aguas na ondulaçam mimosa dos palmares, no perfume odorifero das flores, no canto suavissimo das aves, na voz reconhecida da nossa alma!

Era pois como dissemos, uma bella tarde de agosto, e dessa encantadora tarde gosavam com delicias os habitantes da Bahia, nessa epoca bem raros, e ainda incultos, ou quasi selvagens. O disco do sol amortecido em seu ultimo alento beijava as enxarcias d'um navio ancorado na bahia de Todos os Santos, a cuja frente eleva-se hoje a bella cidade de S. Salvador, e afagava mansamente as faces pallidas d'um joven official, que a hora do crepusculo, com os olhos fitos em terra, parecia devorado por um ardentissimo desejo, por um querer que a seu pesar lhe atrahia para onde quer que fosse todos os sentimentos da sua alma.

Sonhava acordado; mas era esse sonhar desesperado, ancioso, frenetico como o sonhar d'um louco; era um sonhar doido, cançado, encommodo, como o sonhar do homem que ja não tem uma esperança; era o sonhar frenetico de Napoleam,

nas solidões de Santa Helena, era o sonhar doido de Luiz XVI na vespera do supplicio. Encostado ao castello da popa o mancebo parecia nada ver do que lhe estava em torno, nem mesmo o sol, que dava a luz em torno, e melancholicamente olhava adeos, escondendo seu disco nas regiões do oceano.

Patetica, sublime, e quasi mysteriosa era a despedida desse sol, brincando tristemente nos cabellos assetinados do moço official, e fugindo vagaroso, e de novo voltando, envolvendo-o pelas espadas como em um ultimo abraço, e depois mergulhando-se pressuroso nas trevas, como um amigo que junto do sepulchro beija as faces geladas, e lividas do amigo, corre com a saudade no coraçam a cobrir seus membros de luctuosas vestes.

O navio em que acabamos de ver esse moço, que ainda mal conhecemos, era o *Infante de Portugal*, vaso de guerra, que havia traido a Bahia Francisco Pereira Coutinho, donatario daquella capitania depois que a celebre Paraguassú, primeira do Brasil, cedera seus direitos em favor da corõa de Portugal. O *Infante* achava de receber as ultimas ordens de Pereira Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Voltemos pois ao mancebo, que como quanto fosse noite, permanecia ainda no mesmo lugar em que o encontramos. Em seus grandes olhos negros transparecia todo desasocego d'um coraçam agitado. Sua idade não podia exceder a vinte e um annos. Era joven, e bello; o uniforme de marinha fazia sobresahir as delicadas formas do seo talhe esbelto juvenil.

Mas, as trevas eram ja mais densas, o coraçam do moço confrangia-se, e dobrava de anciedade. Seos olhos ardentes pareciam querer devisar atraves dessas matas ainda quasi virgens um objecto qualquer. Sem duvida nesse lugoutr'ora solitario, hoje populoso e civilisado, havia alguma cousa que o mancebo amava mais que vida, em que fa-

consistir toda a sua felicidade, resumia todo o seu querer, todas as suas ambições, toda a sua ventura. Havia ali algum ente extremamente amado; alguém que atrahia para si todas as faculdades, toda a alma do mancebo europeu.

—Que tens tú, meu querido Gastão? interpellou-lhe um outro joven official, tocando-lhe amigavelmente no hombro. O que te afflize? Estás triste!..

O moço interrogado estremeceu ligeiramente, como quem desperta de um profundo somno; e fitando o seu interlocutor, com pungente sorriso, disse:

—Triste... sim, Alberto, contrariado, meu caro amigo.

—Tú, meu caro? E porque? tornou-lhe aquella a quem este designara Alberto. O que te aconteceu, caro Gastão?

—Sabiremos amanhã!... respondeo Gastão. Nestas duas unicas palavras encerrava-se tudo quanto o homem pode sofrer de mais doloroso, amargo, e acerbo na carreira da vida; e por isso o accento com que as proferia callou n'alma de Alberto. Este contemplou-o por algum tempo com uma curiosidade travada de surpresa, e sem poder comprehender o accento de taes palavras, nem qual a causa de tão grande amargura, disse-lhe:

—E' isso o que te contraria, e te afflize?!... .

Gastão ergueo a fronte até então abattida, e deixando cahir suas vistas sobre seu amigo, murmurou:

—Alberto, para que me interrogas? podes acaso comprehender o martyrio do meu coração!?

—Ah! pensas nella?!.. exclamou sorrindo-se o joven Alberto, ora, Gastão, pelo céo! Meo amigo, creio que estás louco.

Gastão abaixou novamente a cabeça, e balbuciou:

—Embora... mas... era um delirio, que poderia ter suas consequencias. Alberto pensou nisso, e procurou dissuadi-lo. Gastão, disse procurando tomar-lhe entre as suas mãos, que loucura meu amigo—que

loucura a tua apaixonares-te por uma indigena do Brasil; por uma mulher selvagem, por uma mulher sem nascimento, sem prestigio; ora, Gastão, sê mais prudente; esquece-a.

—Esquecel-a! exclamou o moço apaixonado, nunca!

—Tanto peor, lhe tornou o outro, será para ti um constante martyrio.

—E porque?

—E porque?! Porque ella não pode ser tua mulher, visto que é muito inferior a ti; porque tu não poderás jamais viver junto della a menos que intentasses cortar a tua carreira na marinha, a menos que despresando a sociedade te quizeses concentrar com ella nestas matas. Gastão, em nome da nossa amisade, esquece-a.

—Pede a terra que esqueça seo constante movimento, ao vento que cesse o seu girar continuo, as flores que transformem seus odores em pestilentos cheiros, as aves que emmudeçam as galas da madrugada, murmurou Gastão, com melancholia.

—Alberto guardou silencio por alguns minutos, e de novo disse:

—Louco! louco! Gastão, meu amigo, traga até as fezes o teu calice de amargura; mas faze o sacrificio do teu amor em attenção a ti mesmo, ao teu facturo....

—O meu facturo é ella.... replicou Gastão, interrompendo seu joven amigo.

—Primeiro tenente de marinha hoje, meu querido Gastão, breve terás uma patente superior que....

—Que me importa a mim tudo isso, Alberto, acaso isso pode indemnizar-me da dor de perdela? Alberto, tu não és francez, o teu clima cria almas intrepidas, corações fortes, ou rudes ardendo sempre mas em fogo bellicoso: o sangue que herdaste de teus avós gira em teu peito com ambiçam de gloria, de renome; são nobres as tuas ambições, eu as respeito: porém as minhas são destitui-

das de toda a vaidade. . . . As minhas ambições, o meu querer, o meu desejo resume-se todo nella. Para que me fallas das grandezas deste mundo? Alberto, eu as desprezo, se não forem para repartir com ella.

— Todos nós, lhe disse Alberto, temos a nossa hora de loucura, tambem o portuguez, meu caro, a experimenta as vezes, não obstante como dizes, o nosso clima gera corações mais rudes; mas, Gastão, teus paes! Queres acaso affrontar a maldicão paterna?

— Sim, tornou o jovem francez, ainda quando ella houvesse de cabir sobre minha cabeça, eu não poderia esquecer a mulher a quem dedico todo o meu coração.

— Decididamente perdeste o juizo, meu caro amigo, disse Alberto commovido. Que pretendes, Gastão, fazer dessa mulher?

— Amal-a, meu Alberto, como nunca se amou mulher alguma.

— O amor, Gastão, é como um meteoro luminoso, é uma aurora boreal dos tropicos, sua duraçam é de momento.

— Não, redarguiu o triste, sinto que hei de amal-a em quanto me animar um atomo de vida, sinto que seu nome será o derradeiro que hei de pronunciar a hora da morte, sinto que . . .

— Calla-te, Gastão, calla-te! lhe retorquiu o joven portuguez; teos desvarios me causam um pungente soffrer.

— E que me importa isso? disse friamente o moço francez, sabês acaso a grandesa do meo soffrimento? Sabes, bem conheces e não te apiadas de mim.

— Ingrato! exclamou commovido o joven official portuguez. Gastão, em nome do céu, recompõe o teu juizo, não penses mais nessa mulher. Eia, promette-me, e eu . . .

— E' impossivel, Alberto. Impossivel, meo amigo. Oh! se soubesses. . . Alberto, eu a tenho aqui no coração. E' ella a mulher dos meos sonhos da adolescencia, é a vizam celeste, e arrebatadora da

minha infancia, é o anjo que presidio meo nascimento. Alberto, quem a poderá resistir? Louco o que a vendo posso deixar de amal-a; louco o que a conhecendo não lhe render eterna vassalagem. Anjo na belleza, e na innocencia, anjo na voz, nas maneiras, é ella superior a filhas vaporosas da nossa velha Europa. Epica é seo nome. No seo rosto, Alberto, se revela toda a candura da sua alma, e toda singelesa dos costumes inda das virgens da inculta America. Onde estais pois o meo crime em adoral-a? Seos grandes olhos negros de doçura inexpugnavel fallam á alma com suavissima poesia: são harpejos da lyra harmoniosa, ou notas d'anjos em torno do Senhor. E esse olhar seo exprime um que de indissipavel pureza que obriga a adoral-a, como se adora a Deos. Alberto, de joelhos supplicarias a essa mulher angelica, se visses, perdão de a não-teres amado mesmo sem conhecel-a, desde o dia em que começou a tua existencia.

Alberto suspirou com desalento: sentia-se fraco para luctar com o coração do seo amigo. Gastão comprehendeo o pesar, que mau grado seo causava ao moço portuguez, e disse:

— Perdoa-me, meo caro amigo, perdoa-me, se te hei magoado, soffro . . . tanto.

Alberto não achava uma palavra para exprimir sua angustia, tomou então as mãos a seo amigo, apertou-as com effusam, e depois, apertando-o contra o seo coração, a custo exclamou:

— Meo amigo, meu irmão, fiseste bem em confiar-me tuas magoas, eu te ajudarei no caminho espinhoso, e direi do que tens a percorrer d'ora em diante. Eia, coragem, serei o teu cirineo.

Mas, o moço francez não comprehendeo uma só das palavras de Alberto, e julgando que este mais compadecido lhe aplainava a senda dos seus amores, ergueo para elle uns olhos, onde havia gratidão, e amisado, e disse-lhe:

—Então é verdade Alberto que tens um coração?

—E não adivinhavas tu nos transportes de nossa amizade?

—Obrigado! exclamou com effusão o joven francez. Alberto, meo Alberto. faze-me hoje um favor, um unico; prometto-te que será o ultimo que te peço.

—Falla, mas não peças cousa que se assemelhe á uma loucura.

—Cruel! Chamas loucura ao sentimento mais santo, que Deos implantou no coração do homem!..

—Falla—vejamos o que exiges de mim.

—Bem sabes, Alberto, que devo entrar hoje de quarto...

—Queres que entre eu em teu lugar?

—Sim, quero que entres em meo lugar.

—Pois não, meo caro.

Gastão envolveo o amigo entre seus braços: era a expressão sincera da sua gratidão. Guardam um momento de silencio, só interrompido pelo murmurio das vagas que se chocavam, e pelo sibilar do vento nas enxarcias.

—Que pretendes fazer desta noite, Gastão?—interrogou o joven portuguez.

—Não o adivinhaste já, meo querido Alberto? Ah! Ella espera-me; eu lh'o prometti.

—Comprehendo-te! Gastão, o teu delirio, meo caro amigo, te faz ingrato. E's surdo a minha voz, insensivel aos extremos da amizade... Vai, Gastão, vê essa mulher cuja vista te fascinou, como fascinam as cobras do seu paiz a miseros passaros. Tu tambem és um passaro, nascido em regiões extranhas, que avantajaste o teu vôo, atrevessaste os mares, e pousaste amoroso nas franças do pau d'arco americano; Gastão não te deixes attrahir da serpente venenosa: goza um momento disso, a que chamas a tua felicidade; mas desprende novamente o vôo. Gastão, eu te aguardo só antes do romper da alva. Jura-me pela honra.

Juro-o—exclamou o moço francez, com acento doloroso, com indefinivel expressam.

O commandante estava em terra:—Alberto acenou para Gastão uma lancha.

Então os dous mancebos, como se n'aquella despedida se dissessem um adeos eterno, de novo em um fraterno amplexo uniram seus jovens corações, onde tão diversos sentimentos se cruzavam.

E a lancha, cortando vagarosamente as aguas, deixava após si estreito, e espumoso rasteiro. Cinco minutos depois abicou em terra.

Alberto, seguido-a com o coração: depois um profundo suspiro lhe fugio do peito, que mau grado se gotejava sangue.

(Continúa.)

Maria Firmina dos Reis.

O CANTOR DOS TUMBERAS.

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

IV.

Volvem-se os dias quaes do mar as ondas,
Um d'outro após,
Disponta a aurora,—vem a noite,—o tempo
Passa veloz.

Nasce a folhagem do cajazeiro e as flores
Surgem tambem,
E caem mirradas,—outra flor e folhas
Brotando veem!

E nasce o homem, como o som festivo
Do murmuré,
E cresce e morre... como tristes morrem
Sons de boré.

Assim a vida! E entretanto a lucta,
E o orgulho, vão!
Mortal és—nada! Tudo passa e morre...
És pó do chão!

E assim na taba se escoava o tempo,
Qual sóe correr;
Após o riso, o soluçar, e o pranto...
Vida e morrer!

E elle o bardo melodioso e terno,
Doce cantor,

Não mais voltára ! Que saudade extrema . . .

Ai pena, ai dor !

E já tres vezes do pau-d'arco os ramos

Todos em flor,

Já tres invernos . . . não voltára ainda

O trovador !

Ai sim, não volta ! Volve a briza á praia . . .

Sem elle vem !

E volve a vaga, que o roubou á taba . . .

Não traz . . . ninguem !

E a tribu inteira dos leaes Tymbiras,

Sempre louçan,

Saudosa o espera . . . qu'a esperança n'alma

Diz-lhe—amanhan !

Eis qu'uma noite . . . que sombria noite

Por sobre o val !

Aignan infenso sobre a taba impelle.

Nuvem fatal !

V.

E vinda essa nuvem rebenta a procella

No monte, no valle, nos ares, no mar !

A vaga na praia lá salta rugindo,

Qual ruge, ferido, na furna o jaguar !

E o vento soluça nos galhos da matta,

E uiva nos prados de todo o sertão !

E a chuva cabindo por cima da varzea . . .

E o céu encoberto por negro fraldão !

E a luz do relampo que o raio acompanha,

E o longo estampido que solta o trovão,

E o rouco bramido da cheia dos rios,

Que leva mil troncos das balças então !

E o grito dorido das aves que fogem,

Que embalde procuram seu corpo salvar;

E o silvo da serpe que passa medrosa

Na turva torrente, debalde a luctar !

E o brado confuso do monte que as aguas
Sem pena espedaçam . . . sacodem no val !

E a pedra que rola, que piza, que esmaga

O ipê mais frondoso . . . sem outro rival !

Assim vinda a nuvem, rebenta a procella

No monte, no valle, nos ares, no mar !

A vaga na praia la salta rugindo,

Qual ruge, ferido, na furna o jaguar !

E a taba tymbira que o somno gosava,

Desperta . . . nas ócas . . . Tupan, que terror !

Quê brados, que sustos e prantos e queixas,

Que scenas estranhas, qu'estranho pavor !

Que gritos que solta a cunhan no terreiro

Rolando assustada, qual seus curumins,

E o moço guerreiro—nas luctas pujante—

Qu'èmbalde a coragem supplica os cauins.

E como recrescem terrores e brados

Do forte guerreiro, da fraca cunhan,

Oh, quando dos tectos o vento desata

Os seus manitôs . . . e os leva, oh, Tupan !

Sem elles . . . que as tabas preservam dos mal

Quem é qu'inda espera da vida fruir ?

Ai, quanta esperança, n'aquella agonia

Os prantos apagam de tanto carpir !

E fera a procella se estende . . . desvaira . . .

No monte, no valle, nos ares, no mar !

A vaga na praia la salta rugindo,

Qual ruge, ferido, na furna o jaguar !

(Continua).

Juvenal Galeno.

MAXIMA.

Quando não ha modestia, não pôde
ver real merecimento; e a sua falta
desconfiar de impostura.

Rôga-se aos Srs. subscriptores em
bito, que satisfação suas assignaturas.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—180

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

LITTERATURA PORTUGUEZA.

CARTA III.

Sr. Redactor.—Afirm de dissipar em materia orthographica as estranhezas do preclaro autor do artigo da sua folha de 3 do corrente, vi-me obrigado a tratar em maior altura esta questão, antes de suavemente descer a explicar o modo de escrever que os da minha escola, comigo após, recominendão.

Creio estarmos concordes em que para a fixação do idioma é precisa fixação da sua orthographia; que escreve o portuguez diversamente cada um dos classicos, cada um dos lexicographos, cada um dos escriptores hodiernos; que urge portanto adoptar os preceitos de uniforme orthographia. Que esta só pôde assentar n'uma de tres bases: 1^a ora o som, ora a dirivação, 2^a só o som, 3^a só a etymologia; que os dous primeiros systemas são inadmissiveis; que só o ultimo pôde enriquecer-nos com uma orthographia, contra a qual não ha argumentos plausiveis, e que pôde, unica, ser facil e unanimemente adoptada.

Os que pensamos assim, dizemos então:

1.^o Respeite-se a etymologia, sempre que o soar do vocabulo o não prohibir. (N. B.—A lingua não impõe tal prohibição, quando já em casos analogos empregou iguaes letras com igual som em uso commum.)

2.^o Sendo possivel, calquemos o nosso vocabulo sobre o de que procede; ou pelo menos approximemo-nos das fórmulas primitivas, tanto quanto o permittir o valor dos signaes elementares.

3.^o Sendo-nos o termo (provavelmente) dado por uma lingua, embora essa o

herdasse de anterior, sigamos a orthographia da que para nós foi lingua-mãe.

4.^o Onde, na prolação, a palavra houver sido tão transmuçada que o som portuguez se não possa alcançar com as letras da origem, curvemos ahi a cerviz ante essa transformação e phonographemos (escrevamos conforme soa.)

4.^o Os verbos irregulares que produzirem ao ouvido effectos diversos nos diversos tempos, escrevão-se conforme a filiação nos casos em que a harmonia com a origem fôr possivel, divergindo-se tão sómente naquelles em que o soar torne inevitavel imitar, por meio das letras, a corrupção do radical.

Ha de conceder-se-nos que nunca foi visto codigo fundamental de mais sparthano laconismo. Tem a verdade quasi sempre como principal attributo a simplicidade; e tão simples é esse nosso systema, que as precedentes bases são as essenciaes para a applicação a quasi todos os casos. Persuado-me que para adopção de semelhante orthographia, para que o favor publico a bafeje, basta se compoñha, com boa sciencia e consciencia, um *Tractado*, um *Compendio*, e um *Diccionario Etymologico*. Vejo annunciado este ultimo valioso subsidio, na imprensa de Lisboa; promette-nos ella que duas competentissimas pennas, os Srs. Latino Coelho e Caldas Aulete, cedo nos encherão esta lacuna. Não menos é licito esperar de um illustre mancebo, que nesta córte, com inexcével competencia, se applica a estas materias, e que, se levar avante, com o encetado plano, o seu já adiantado projecto de *Diccionario Orthographico*, prestará grande serviço ás letras portuguezas, presenteando-as com o melhor livro que exista sobre tal assumpto. Em

VOLUME I.

SAN^o LUIZ, 19 DE MARÇO DE 1865.

NUMERO 15.

troca dessas paginas, conseguir-se-ha carear assim ao methodo, ou muito me engano, seguras sympathias.

Quizera eu que as cinco regras supra fossem dogmaticas; não admitissem alteração. Quanto ás secundarias, embora se discutissem; mas por ora, creio que aquelles que se não arripiarem com as consequencias dos nossos cinco mandamentos, facilmente aceitarão ainda as seguintes considerações.

Letras, pontuação, acentos, riscos e outros signaes, devem empregar-se, sempre que o seu uso tornar a leitura mais instantaneamente clara, dissipando equívocos, seja no soar da letra, seja na intelligencia da phrase. Serão; de todas as condições, perfectissimas, aquellas que, respeitando os principios da derivação, ensinarem a-la par ao proprio ignorante, a creança, ao estrangeiro, a bem pronunciar.

Todos os preceitos em applicação, ou se derivem daquelles, ou sejam secundariamente complementares estabelecem entre si um seguro mutuo; da-nos o vamento de uns com outros, a mais firme e elegante das orthographias. Não posso abusar da condescendencia dos leitores de uma folha diaria, tentando aqui uma especie de curso orthographico. Quem desejar mais desenvolvimentos, n'outra parte se me depararão, emquanto sahe obra de mais tomo sobre esta materia, como existe em mente.

Já o illustre autor da *Memoria*, com seu olhar de lynce, abraçará no que procede a explicação da orthographia, que em certos vocabulos repelle; e embora S. S. a não adopte, ha de sem duvida tolerar que a conservem os que pensão como acabamos de expender. Visto porrem, que nem todos tem feito destas questões objecto de tão aturado estudo como S. S., passemos desde já ás hypotheses stigmatizadas.

— Diz o artigo que quando leu as palavras *egreja e equal* em vez de *igreja e igual*, se

benzeu com as mãos ambas; e accrescenta: «*O caso é que os pobres dos homens, só por que ouvirão dizer, em grosso, que a lingua portugueza tinha nascido da latina. etc., etc. Valha-nos Deos! Pois se somente porque as palavras ECCLESIA e AEQUALIS começam em latim por E, se deve escrever EGREJA e EGUAL porque motivo se não ha de escrever EGREJA e EQUAL, para que a orthographia se alatine ainda mais?*» Por um motivo simplicissimo; porque esta alteração atacaria as regras, em quanto a escrever *egreja e equal* é o unico modo de as respeitar.

A nossa primeira lei ordena se guarde a etymologia, sempre que o som do vocabulo o permittir. Ora, em lingua portugueza, não ha um só caso em que o som duro do *g*, o guttural, seja dado pelo *c* nem pelo *q*. Torna-se por tanto aquo inadmissivel uma articulação, que, se se empregasse, havia de produzir um soar proprio della; e nesta hypothese, cumpre applicar a regra *quarta*, que manda phonographar, todas as vezes que é impraticavel alcançar o som portuguez com as letras da origem.

Agora, pelo que respeita ao ferocissimo *e*, que tanto o fez banzar e benzer na palavra *equal*, direi que derivando-se do diphthongo *æ*, do latim, o nosso idioma prohibe formalmente, e desde longa data essa almejada troca em *i*, e antes determinou sempre que se mude o *æ*, latino em *e* portuguez. Assim succede com todos os nomes historicos, geographicos, mythologicos (*Eaca, Egéo, Eneida, Eschylo, Esopo, Ethiopia, Etna, Egypto, Eolo, etc.*) e com todas as palavras em analogas circumstancias (*edificar, edilidade, emulo, enigma, equoreo, erario, eterno, esto, ether, evo, ecloga, economia, ecumenico, etc.*) Até mesmo a conjuncção, que se escreve *e*, se lê *i*, sendo esta a letra que, em identicas circumstancias adoptarão os hespanhões, em virtude do seu systema phonographico. Barbarismo crasso me parece, pois, que

seria arrancar duas palavras unicas (*equal* e *idade*) á regra que decreta se escrevão como em portuguez as palavras derivadas do α latino.

O mesmo motivo de derivação, pedra angular do nosso edificio, nos leva a escrever *egreja*.

E nem se diga que semelhante orthographia nos obrigará a carregar no *é*, lendo *égual*, *égreja*, pois lá temos na primeira regra a declaração de que podemos escrever com as letras etymologicas, quando essas, em casos identicos, já tiverem o som que no vertente lhes attribuímos. Ora, não se lê *Éneida*, *Ésopo*, *Égypto*, *édificio*, *énigma*, *éterno*, *economia*, etc.; em todos esses casos a primeira letra sóa exactamente como a primeira letra das palavras *equal* e *egreja*. Parece, portanto, que não merecem auto da fé os jornalistas de Lisboa, por este motivo denunciados ao braço secular, e que, se obrão como se lhes imputa escrevem da unica forma verdadeiramente correcta.

(Continúa.)

ZERO.

DUAS PALAVRAS SOBRE O SEculo E SUAS LUZES.

(Continuado do n. 9.)

I.

D'ahi os revolucionarios da Italia, os perseguidores de heroica e misera Polonia, os oppressores da Catholica Irlanda, e tantos outros espiritos arrojados, que não contentes de ennegrecer, cobrir de baldões, e zombar da Igreja, do seu Chefe, e representantes, dos Estados, e suas leis, dos povos, e de suas garantias politicas, lançam-se ainda sacrilegamente sobre tudo o que ha de mais sagrado na sociedade, — accommettem os imperios, e forcejão por exercer um dominio absoluto, não só sobre esses mesmos imperios, como sobre a consciencia e vontade de cada cidadão em particular, impondo-lhes o onnus difficil de pensar

como elles pensam, e querer o que elles querem: subjugar, e exercer dominio sobre tudo, e sobre todos, em nome da liberdade e da lei, eis o pensar e o querer dos libertinos, eis a linguagem favorita dos tyrannos de hoje!

Na Italia retumbou o echo de liberdade e, em seu nome, desenthronisou-se um monarcha, que, no pensar dos *livres* era contrario a liberdade, e a seus planos!

Ali tudo se tem avançado intrepida e arrogantemente no sentido liberal.

Mas, que é feito da liberdade? Ouçamos a voz authorisada de um erudito e distincto parlamentar hespanhol.

«Desgraçado povo! Prometteram-te liberdade, segurança para todos os direitos e para todas as pessoas, quebrar as cadeias da tyrannia, o triumpho justo da lei em todas as suas manifestações, e eis ahi o que te tem dado a revolução; tribunaes extraordinarios, leis penaes retroactivas, accusações anonymas, teus bens, tua honra, tua vida á mercê de infames calumniadores; nem uma testemunha, nem um defensor, nem sequer um juiz que te ouça:» E' assim. Na Polonia. . . . Mas, quem não sabe, o que ali se tem feito?!

Este brioso povo em breve desaparecerá, e o nome de—Polonia—será riscado do mappa das nações!

A infeliz Irlanda soffre um jugo de escravidão!

E não é só isto, o universo inteiro, mais ou menos agitado, experimenta os terriveis efeitos do espirito revolucionario; e, tudo isto succede, porque o desejo ardente de anniquillar toda authoridade é em nossos dias um facto averiguado, uma verdade que cala em todos os corações!

Nós poderíamos avançar muitissimo neste terreno.

Poderíamos fallar da guerra mal entendida, que, em todas as partes, se faz hoje as veneraveis instituições do chris-

tianismo, bem como do que se ha tentado para enthronisar o direito da força, e a liberdade sem limites, ou a licença.

E, quem sabe senão tiraríamos di-to resultados? Quem sabe, senão seria vantajoso discutir sobre estes pontos? . . .

Mas é forçoso não avançar mais um paço, é forçoso attender ao nosso programma; embora nossa alma se sinta desejosa de assignalar todas as principaes tendencias do nosso seculo, pintando-as com as mais vivas côres, para que possesse ser apreciado o claro e o escuro do quadro, seu lado bello, e seu lado asustador.

Sabemos, que se exigirá de nós mais moderação, e justiça, antes de chegar-se a nossa conclusão; mas, benevolos leitores, suspendei o vosso juizo, enquanto balbuciamos mais algumas palavras. Não nos é occulto, que neste mesmo seculo, em que apparecem os revolucionarios, e em que o impio é encensado, e obtem triumphos e louros, apparecem tambem valentes soldados defensores do verdadeiro progresso e da justiça, lúzeiros brilhantes, que procuram affastar o genero humano dos abysmos do erro.

Não é, confessamos, pequena a pleiade, dos que se occupam em combater as doutrinas perigosas; nesta lucta se empenham os maiores vultos talvez do mundo litterario e scientifico:—jamais o negaremos.

Mas é tambem forçoso concordar com-nosco que, comparar o algarismo dos que propugnão, com o dos que accusam as reaes bellas, é comparar a pequena fonte com o oceano.

Em conclusão, fallando sobre o seculo, diremos o seguinte:—é um gigante material, e um pigmeo espirital.

Sobre as suas luzes seremos o mais breve que nos for possivel, e daremos por ultimadas as duas palavras.

II.

Não tendo nós negado os progressos, bellezas, e perfeições do nosso seculo de-

baixo de um certo ponto de vista, e conforme nossos acanhados conhecimentos, seria irrisorio, se deixassemos de confessar tambem, que para muito tem corrido as suas apregoadas luzes.

Mas, perguntamos nós, essas luzes, em que se não falla senão com a boca cheia, e com emphasi, exercem uma influencia real e legitima sobre a sociedade em geral?

Concorrem somente para o seu progresso e felicidade, ou tem tambem occasionado a sua ruina, e concorrido para o seu desmoronamento?

Parece-nos, que tem tambem concorrido para o seu desmoronamento.

E nem pense alguém ser cousa extraordinaria, porque aquillo mesmo que faz a felicidade de uns, pode (e é natural) produzir a ruina de outros. Tomemos a luz mesma por exemplo:—quem pode negar a sua utilidade? . . .

Entretanto as borboletas, e alguns outros insectos, voando a noite sobre as linguas de fogo que se desprendem de uma fogueira nella se precipitam: que-riam a luz, buscaram-a, mas tiveram soffreguidão em buscal-a, e, por isso, eil-as volvidas em cinza.

Temos ainda outro exemplo.—Os passaros, no meio da noite, quando tudo dorme, despertados do seu dormir pela luz brilhante de um facho, caem como feridos de um raio, e ei-los presas do caçador astuto, que os persegue.

O mesmo que se dá com a borboleta, insectos, e passaros, vemos dar-se tambem na sociedade actual.

A uns as luzes agradam tanto, que se precipitam sobre ellas, e sam queimados; a outros offendem, como a luz brilhante offende aos passaros, e caem como elles.

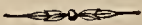
Ha em todas as causas um meio termo:—*est modus in rebus* (dizia Horat) e sendo assim, claro è, que devemos uzar de toda a prudencia no emprego de meios quaesquer que sejam, para chegar a um

fim, pois de outra sorte podemos cavar a nossa ruina com os mesmos instrumentos, com que fariamos a nossa felicidade. Isto é uma verdade incontestavel; mas isto não agrada aos que nasceram sob a influencia desse seculo de luzes. E é por isto, que ha na sociedade muito mais gente, que tenha a sorte da borbuleta, insectos e passaros, do que quem saiba utilizar-se das luzes, que tam liberalmente lhe prodigalisa o seculo.

D'aqui vem dizer-se em popular linguagem:—As luses do seculo encandeiam, e não permittem acertar com o bom caminho.

Temos concluido.

A. FERNANDES S. QUEIROZ.



GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

II

E aquella bella tarde succedeo uma noite escura e feia. A atmosphaera estava baixa, e carregada, as nuvens ameaçavam tempestade. O mar quebrava-se raivoso nas praias, e o vento gemia nas solidões das matas. Emtanto Gastão ebrio de prazer, acabava de transpor o pequeno lençol movediço, que o separava da terra, dessa terra querida, onde hia encontrar em breve a mulher de suas doidas afeições. As nuvens arqueavam-se negras sobre os outeiros, por entrê os quaes insinuava-se, louco de esperanças, o joven adorador da filha dos palmares.

Corria o moço afadigado por entre as arvores copadas da velha America: arfava-lhe o peito, as arterias latejavam-lhe, o sangue affluvia-lhe para o rosto, o suor cahia-lhe em bagas, da frente para o peito. Com que rapidez, com que afan devorava elle o espaço que o separava ainda do lugar da entrevista. . . . Tardava-lhe a hora da ventura.

Por essas sendas tortuosas, por essas brenhas quasi virgens de uma habitaçam do homem civilisado, por esses lugares, que ja não tendo aqui, e ali a selvagem belleza de uma mata virgem, não tinha em parte alguma o caracter d'uma povoaçam, corria loucamente o joven collega de Alberto, sem outro pensamento mais que o de rever sua idolatrada Epica. Se havia ainda um mundo, alem do lugar dos seus sonhos, Gastão havia-o inteiramente esquecido: o amor do seu coração absorvia-lhe todas as faculdades. Aos vinte e um annos o homem não tem o coração embotado;—o excesso de paixões mal soffreadas, ainda nessa idade juvenil, não o tem aviltado, e ennegrecido. O amor que abrasa o coração nessa idade, a mais bella talvez da nossa vida, é um amor puro como os affectos de uma criança, é o amor sincero como o beijo de um irmão querido, é um amor santo como um hymno sacro entoado pelos anjos do Senhor.

O amor, nessa idade é uma emanaçam do céo, é um concerto divino, noite, e dia a vibrar no coração do homem; e ao som dessê dulcissimo concerto, a mente exalta-se, e vai tocar ao infinito, bebe deleites, que purificação a alma; sonha enlevos virtuosos; goza mimos de um sentir indefinivel, desses que o mundo só concede uma vez, desses que só no viver dos anjos se goza eternamente. Ah! se o homem pudesse em toda a sua vida amar assim tão pura, e santamente, com esse amor que então animava o coração do joven Gastão, para que havia Deos, crear um outro céo, crear outras delicias para os seus escolhidos?! O céo, seria o mundo, e nós os bemaventurados. Mas, mesquinhos, e miseros filhos de Adam, essa hora de magicos enlevos, não a tornareis achar! . . . esse oasis que vos deleitou desapareceu para sempre.

Foi um bafejo divino na hora da tormenta; foi uma gota de orvalho sobre a erva emmurhecida pela calma. Agora

segi o vosso deserto; arida e espinhosa será a vossa senda. Abrasar-vos-ha o sismiu, e uma só fonte d'agua fresca não encontrareis em vossa peregrinação, que vos suavise o requeimar do sangue. E depois deste afan, deste doloroso caminhar, no extremo já, vereis por desafogo de tantas dores o antro escuro, e humido de uma sepultura. Não recueis, oh! não: ahi está o esquecimento de uma existencia amargurada, ahi o descanso, o repouso, a felicidade.

Ao cabo de algumas horas o joven official se havia entranhado n'um bosque solitario, e ermo. A direita, a uns cem passos de distancia avultava uma cabana, cujo tecto coberto de pindoba era sombreado por palmeiras simultaneas, que lhe davam um aspecto poetico, e melancholico; á esquerda erguia-se um pequeno rochedo. A sua base serpeava uma ligeira corrente, deslisando suas mansas aguas por sobre a areia, e pedrinhas; espreguiçando-se como uma criança no seu leito, sumia-se, murmurando no meio do bosque. Havia ahi um quê de indefinivel doçura, uma melancholia meiga, e suave, que se assimelhava, se harmoniava, se casava com o coração de Gastão, onde havia sensações delectaveis, como os sons longiguos d'uma harpa que geme na solidão. O mancebo galgou a emnencia com prestesa. D'ali seus olhos, poderiam descobrir Alberto, ainda pensativo, e desgostoso, se nessa hora elle se lembrasse d'algum que não fosse a mulher por quem esperava, e se a escuridam da noite o permittisse.

Havia um negrume espantoso, porem a natureza ainda estava calma; a tempestade que ameaçava não promettia ser breve.

Gastão contava os minutos pelas palpitações do seu coração. Era a primeira vez que hia encontrar-se com Epica face á face na escuridam da noite; era a primeira vez que hia achar-se com ella só, no cimo d'um outeiro, entre o ceo e a

terra, longe das vistas indiscretas do homem, longe das admoestações de Alberto tendo por conselheiro só seu coração por testemunha só Deos! Gastão bebia delicias do paraíso. Esperou, e esperava do ceo a meditação.

Não haverá ahi um só homem, que tenha sentido em seu coração o fogo d'um primeiro amor, que não advinhe o doo meditar desse mancebo de coração ardente, e alma apaixonada. Gastão aspirava os perfumes do ceo, embalava nas fagueiras esperanças d'um amor sem limites.

Depois de tudo isso a morte; porque o unico goso, que semelha aos dos jovens, teria então passado. Assim pensava o moço francez, e esse pensamento não podia ser um erro. Errar por muito tempo, entre o amor e a sepultura, é um tormento inqualificavel, é morrer sem esperança da salvação da alma, é a tortura da idade media não adoçada pelo cutello do algoz. Gastão pois pensava bem; e qualquer outro em identicas circumstancias pensaria como elle. Do mundo o moço só almejava uma cousa, uma somente, do mundo elle só queria aquella mulher, que elle aguardava com frenesim, aquella mulher, que elle amava com delirio, que idolatrava loucamente. Por elle Gastão daria toda a sua vida, todo o seu sangue, sua alma, seu socego, toda a felicidade de um futuro, que se lhe antolhava risonho.

—Sim, exclamou elle, acordando seu sonho mentiroso, respondendo ao proprio pensamento—viver ou morrer com ella. Que me importa a mim os prajuisos do mundo? Haverá acaso no mundo do mulher mais digna do meu amor? Epica! Epica! eu te adoro, Epica, amados meus sonhos, visam encantadora, que afaga, e adoça o amargor dos meus dias...serás acaso uma illusão?!

Um leve murmurio, um rumor vago como a bulha subtil de passos cautelosos interrompeu-o: elle julgou esse leve ru-

do a aproximação da mulher amada; estremeceu de amor, e correu ao encontro dessa visam angelica.

E encontrou-se face a face com um homem. Gastão recuou um passo e levou a mão a sua espada.

— Quem sois? perguntou-lhe em portuguez, com accento de colera mal reprimida.

A noite era tão escura, que Gastão mal poderia reconhecer este homem, inda que fosse elle o seu melhor amigo.

— Quem sois? repetio o moço estrangeiro, pelo céu, ou pelo inferno, dizei-o.

— Quem sou? respondeu o recém-chegado, com voz grave, magoada e horripilante. Desejaes conhecer-me? breve sabereis quem sou.

— Depressa, Senhor, depressa, lhe tornou Gastão, ou livrai-me da vossa presença.

— Conheço, mancebo, quanto vos deve ser importuna a minha presença neste lugar; mais tarde, porem, reconhecereis que não sou aqui o mais importuno:

Gastão julgou-se em face d'um rival, e sua colera redobrou.

— E insistes em não dizer quem sois, nem a que vindes?

— Não insisto, não, senhor, quero responder pontualmente as vossas perguntas não obstante ser quem devia interrogar-vos.

— Vós! . . . e com que direito?

— Com o mesmo, mancebo, com que me interrogaes.

— Zombais acaso de mim? disse Gastão no auge de desesperação, ponde-vos em guarda: não quero ser um assassino.

— Esperai, senhor, esperai, replicou o desconhecido, com calma, escutai-me:

— Eu sou tupinambá, continuou, sou o cacique desta tribu, sou finalmente o pae de Epica. Isto espanta-vos?

— Traçam! exclamou Gastão, desembanhando a espada, que scintillou na escuridão da noite.

— Enganai-vos, senhor, ninguém vos trahio. Eu sei tudo: vossas palavras eu as tenho escutado.

— Mentis, maldito tupinambá.

— Não minte, não: dia por dia hei seguido vossos passos, e ouvido vossa conversação com a minha pobre Epica. Ainda hontem lhe dizias ao pé da cabana de seu velho pae: Amanhã, quando a lua estiver em meio giro, eu te aguarrei no cume do outeiro.

— Espiam infame! exclamou o moço desatinado, arremessando-se contra o cacique.

— Esperai, mancebo, esperai, lhe disseo indio, juro-vos por Tupan que hei de matar-vos ou morrer as vossas mãos, e isto antes do meio giro da lua; porque a essa hora Epica, a innocente Epica, virá louca, correndo ao vosso appello, e só um de nós a deve receber. Se fordes vós ao menos eu não testemunharei semelhante aviltamento.

— Calai-vos, disse Gastão, puxando novamente pela espada.

O indio porem, como se não reparasse n'aquelle movimento do joven official, continuou:— Vossa entrevista será ao meio giro da lua: mancebo, vos antecipastes; ainda me resta pois uma hora, peço que me escuteis.

Havia um não sei quê de profundo, de solemne, no accento dessas palavras que revelavam inabalavel resolução.

A seu pesar Gastão sentio-se commovido, e respondeu:

— Eu vos escuto.

(Continúa)

Maria Firmina dos Reis.

O CANTOR DOS TYMBIRAS.

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

VI.

Eis que se afasta, desenfreado, infando,
O temporal,
E ouve-se um canto gemebundo e triste
No matagal.

Ainda ao longe de vez em quando rouco

Uiva o trovão,

Ainda a chuva, sem vigor embora,
Cae sobre o chão.

Ainda as aguas pela varzea correm
Com profusão,

Ainda a taba soluçando estava
De médo então!

E quem o bardo que na extrema angustia
Ousa trovar?...

Ah, volta a todos o pavor... ouvindo
Esse cantar.

Que todos julgam escutar o canto

D'esp'rito vil,

De curupira que na matta tece
Um novo ardim!

Pois é impossível que de humano o canto
Se escute já!

Talvez descanta p'ra zombar de todos
Torpe anhangá!

Mas, não que o canto é gemebundo e falla
De dor sem fim...

Ai, mágoa intensa! Que pesar atroz
Traduz assim! =

«Ai!

Como amarguram do infortunio as dores,
Após sorrisos, da ventura albores!

E é triste o pranto,
Que no quebranto,

Após as danças, pela face cae!

..*
E ha

Sobre este mundo, de Tupan feitura
Descanso n'alma, no sorrir ventura?

Se mesmo a festa
Tem uma fresta,

Que para as dores lá deixou Tupá!

..*
E é

Feliz o homem que no vaivem da vida
Tem certo o pranto... sempre a ver perdida

Sua esperança...
Breve a bonança...

E longa a angustia que lhe rouba a fé?

..*
Não!

Não pode aquelle que ao festim ridente
Vê succeder o soluçar plangente...

Ao riso a mágoa...
A dita a Frágoa...

Ser venturoso n'este ingrato chão!

Ai!

E' a vida um mixto de gemido e pranto,
Leito espinhoso de trevosso manto!

Falsa a alegria...

Vera a agonia...

Que só da morte ao chegar se esváe!

(Continua).

Juvenal Galeno

A' PEDIDO.

POESIA DEDICADA A EXM.^a SR.^a D. M. J. C. EM.^o
DE AMISADE.

És linda, mimosa, gentil engraçada
Qual outra tão meiga linda não vi;
Eu amo-te as formas e sinto no peito
O que inda por outra eu nunca senti.

Amo os teus olhos que brillão formosos
Amo os teus labios que só mimos tem;
Amo o suspiro que do peito tu soltas
Porque amisade dizer-me só vem.

Amo os teus lindos e negros cabellos
Amo os teus dentes que alvura só tem;
Amo o suspiro que do peito tu soltas
Porque amisade diser-me só vem.

Amo tuas faces coradas de rosa,
Amo tuas mãos que finura só tem;
Amo o suspiro que do peito tu soltas
Porque amisade dizer-me só vem.

Amo os teus pés pequeninos mimosos,
Amo os teus braços mimosos também;
Amo o suspiro que do peito tu soltas
Porque amisade diser-me só vem.

Amo o teu riso, tua boca, tuas fallas,
Amo o teu todo, tua vida também;
Amo o suspiro que do peito tu soltas
Porque amisade diser-me só vem.

Cururupú 1.^o de Março de 1865.

J. M. D.

Roga-se aos Srs. subscriptores em
bito, que satisfação suas assignaturas

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

Em todos os paizes civilizados procura-se hoje dar o maior desenvolvimento possível á educação do povo.

Os proprios governos absolutos da Europa, reconhecendo as necessidades da epocha, e vendo que já passou o tempo em que as luzes do espirito eram partilha exclusiva de um limitado numero de privilegiados, diffundem esse alimento vivificador, primordial condição da moralidade.

Já se foi o tempo em que a illustração popular era considerada como um perigo para os thronos e para a ordem; esse velho e infundado preconceito da idade media cahiu para nunca mais levantar-se ante os verdadeiros principios sociaes da actualidade, cuja beneficia influencia vae sendo devidamente apreciada na marcha progressiva da humanidade, qualquer que seja a face por que a queiramos considerar.

A França, a Allemanha e a Inglaterra, nações que sempre invocamos para exemplo quando tratamos de qualquer melhoramento moral ou material, não se esquecerem de velar com solicitude e efficacia nessa poderosa alavanca da perfectibilidade, apesar de sua alta civilisação e do modo regular e proveitoso porque ella tem sido espalhada por todas as classes.

Homens eminentes, philosophos e litteratos de primeira ordem, descem ao estudo elementar; observam com acurada attenção os methodos, os systemas e o melhor modo de applical-os ao ensino da mocidade; aceitam os que lhes parecem convenientes, assistem á sua applicação e vam assim todos os dias colhendo e aproveitando novos factos, observando novas relações que lhes servem de guia em novas investigações e de proveito na pratica do ensino.

No Brasil ainda não se conhece infelizmente o methodo ou systema de melhores resultados para a instrução primaria de seus habitantes.

Os nossos litteratos e estadistas, os proprios governos pouco se importam com essa materia, absorvidos com estudos de outra ordem que lhes prendem a attenção e a intelligencia nas alturas de sua posição ou de sua hierarchia.

Quando se entende conveniente uma reforma, leem-se os livros estrangeiros, copia-se e adopta-se sem mais exame o que nelles está escripto, sem que depois esses mesmos reformadores vam indagar os resultados praticos de sua obra.

Não se estuda a natureza, essa mestra espontanea e infallivel; não se attende aos costumes, nem ás tradições; adopta-se tal ou tal systema, porque é novo, porque veio ha pouco. Não é certamente assim que chegaremos a aperfeicoar o ensino da infancia; não é assim que o Brasil poderá obter para seus filhos um manancial fecundo de educação physica, moral e intellectual.

Antes de tudo é preciso attender aos usos e costumes, aos principios inoculados no coração dos meninos pela familia, ao gráo da civilisação em que nos achamos, para ir pouco a pouco introduzindo novas idéas, novos melhoramentos nesta delicada e importante materia.

Nas circumstancias actuaes não podemos prescindir deste transcendente assumpto, porque delie depende o futuro do paiz.

Da boa ou má educação da infancia depende a resolução do grande problema da moralidade.

Quereis bons cidadãos, formai-lhes primeiramente o coração com o exemplo e com a palavra; quereis povo instruido e civilisado, aperfeicoai-lhe a intelligencia com o ensino theorico e pratico.

A educação geral deve ser dada a todas as classes da sociedade; é ali que se revelam as vocações, é ali que o mestre deve estudar profundamente as tendencias do discipulo, para que a educação não seja contrariada no seu desabrochar espontaneo, nesse *fit lux* manifestado por uma especie de revelação.

D'ahi deve partir a direcção convinavel á futura profissão do individuo, que um dia tem de contribuir com a sua intelligencia e com o seu trabalho para a consolidação do edificio social.

Como porém pode isto fazer-se entre nós, onde não ha verdadeiras escolas, onde grassam em larga escala infundados preconceitos, onde o menino é levado, *malgré lui*, a um fim occulto na vontade de seus pais e muitas vezes diametralmente opposto á sua vocação? O ensino elementar deve ter começo no regaço materno, a fonte inexaurivel de amor, o berço fecundo de todas as maravilhas do coração.

É nos braços da mãe que o menino aprende a balbuciar o som mysterioso, que em breve se transforma na syllaba e logo depois na palavra e na oração.

O bem e o mal podem ser ali inoculados com facilidade, e uma vez plantadas essas sementes, custoso é arranca-las.

O germen de uma ou outra brota com extrema

facilidade, adquire raizes profundas e produz doces ou amargos fructos, conforme o principio de sua origem.

Quantos desvelos, quantos cuidados não são precisos nessa primeira idade da vida!

Ser-nos-ha licito avançar que entre nós esses desvelos e cuidados dirigem-se antes ao corpo do que ao espirito?

Desgraçadamente é a verdade; verdade hem dura, mas incontestavel, se attentarmos para os factos, que mais alto do que nós fallam, e vem em nosso apoio.

A sociedade, em suas extravagancias da moda e do luxo, tem por inexplicavel anomalia banido do seio das familias certos principios aconselhados pelo bom senso e pela moral, adoptando novos habitos cujas consequencias tem de influir maleficamente no futuro.

A educação resentse-se dessa influencia malefica; soffre a familia no individuo, soffre a sociedade na familia, soffre a humanidade na sociedade.

O immenso futuro que parece estar reservado ao Brasil e que tem de ser representado pela geração que desponta, reclama com toda a força de um direito sagrado o cumprimento da missão que nos foi imposta, de preparar esse futuro e legal-o aos vindouros mais risonho do que nolo transmittiram nossos antepassados.

Segundo as mais sagradas leis da humanidade, não nos é dado subtrahir-nos a esse dever imprescreptivel, intimamente ligado á vida das sociedades humanas, cuja tarefa neste mundo não se resume em si, mas tem tambem um fim providencial que não lhes compete indagar, e sim marchar para elle, guiadas pela mão occulta que lh'o aponta envolto em horisontes desconhecidos que só se abrem á posteridade.

E ai d'aquelles que não souberam desempenhar sua tarefa; que não comprehenderam todo o alcance de sua grandiosa missão!

Ellas mesmas pronunciam o *verdict* da sua condemnação na historia da sua epocha, escripta com suas proprias mãos.

Esforcemo-nos em evitar a maldição dos vindouros; voltemo-nos para o berço de nossos filhos, cujo sorriso meigo e infantil será o pronuncio da mais severa exprobação, quando a sociedade que elles representarem for viciada pela tradição!

Concluiremos este artigo com o sublime principio de um illustre philosopho, Frelbel, homem que se dedicou com incrível abnegação ao estudo e á educação da mocidade: « reside na infancia a eternidade da vida; preparemos por ella a felicidade das futuras gerações; em nossas mãos está o tecermos-lhes corôas de rosas ou de espinhos.»

Estas palavras são bem dignas de seria meditação.

ADDUS.

LITTERATURA PORTUGUESA.

CARTA III.

—Venhamos ora a outra accusação formulada com igual energia, mas com igual fundamento.

Tambem S. S. se benzeu por ter visto escrever *intendimento*, *intender* e semelhantes. Applaudo muito mais este acto de benzer-se do que o de nos *atirar com os livros á cara*; mas depois que assim se preparou religiosamente, vejamos as causas da sua benzedura.

A nossa defeza é, como sempre, singellissima: escrevemos *dest'arte*, porque a palavra vem do verbo *intendere*, naquella de suas accepções que o approximava de *intelligere*, como quando Terencio escreveu: *Hanc se intendit esse*, ou Cicero: *Quomodo nunc intendit*. Se pois a derivação nos manda escrever *in*; se muitas dezenas de palavras portuguezas, cuja primeira syllaba é *in*, são da mesma fórma que na palavra *intender*; estamos exactamente no caso do preceito, e não é licito escrever... senão do modo censurado.

—Por aqui poderíamos ficar, quando a esta nuga; porém a veneração devidida ao illustre grammatico impelle-me, *salvo pace tanti viri*, a apreciar os fundamentos do seu asco ao *in* e do seu amor ao *en*. Vejamo-los.

Diz que na palavra *entender*, a primeira letra que elle pronuncia sôa com *en*. Se tal fosse a pronuncia geral, nós escreveríamos *entender*, como escrevemos *entrar*, apesar de se derivar do verbo *intrare*, pois simples questão de facto; mas, prescando attento ouvido a pessoas que fallam correcta e elegantemente, supponho que o verdadeiro som da syllaba é *in* e não *en*; ao menos é nessa intelligencia que empregamos tal orthographia? Não se pôde então dizer que, se alguém commette *crime de lesa pronuncia*, é quem vez se escreva com as letras, que, unicamente representão não só a derivação, senão a mesma pronuncia?

—Continúa, perguntando porque razão traduzimos pela preposição *en* a correlativa *in*? e diz que melhor seria «ficarmos fallando como as mulas.» O dito é muito chistoso, mas inapplicavel. A nossa orthographia não tolera-se adultera-se a unanime pronuncia dos vocabulos. Ella nos diz que phonographemos, nos casos em que com as letras originarias se não alcance, por transmudado, o som portuguez (regra 4^a). Não podemos portanto escrever *in*, porque isto nunca poderia soar como *en*, que é a nossa palavra; e caduca a sentença que nos condemnava a metempsese em mulas.

—Accrescenta o nobre auctor: «Os nossos neographos, PELA IGNORANCIA QUE TEM DA LINGUA, confundem a preposição latina ON com a particula negativa, que se escreve do mesmo modo! A lingua latina, neste caso mais pobre que a portugueza, não tem senão uma unica voz para exprimir duas idéas inteiramente differentes. Em portuguez temos as vozes EM ou EN para exprimir a preposição, e IM ou IN para a particula. Eis aqui porque dizemos EMPOLVILHAR, ENNOBRECER, ENTENDER, em todas as quaes palavras o que as syllabas EM ou EN representão é a preposição, ao mesmo tempo que dizemos INPAVIDO, INTREPIDO, INFELICITAR, onde se vê a particula IN do mesmo modo que no latim.»

Com a devida venia, direi que esta regra pecca, nada menos que por absolutamente falsa. Essa distincção, já aventada por outros, do *em* ou *en* para o sentido positivo, e *in* para o negativo, em portuguez, é flagrantemente opposta ao facto, imaginaria!

Encheria esta folha, se eu fosse a apontar todos os termos portuguezes, comçados por *im* ou *in*, no sentido positivo, e até nem sei se o seu numero não excede os de valor negativo. Entre centenas de exemplos; será acaso negativo o *in* nos verbos *immolar*, *impellir*, *impender*, *impetrar*, *impingir*, *implantar*, *impli-*

car, *implorar*, *impôr*, *importar*, *impregnar*, *imprimir*, *imputar*, *incutir*, *inaugurar*, *incendiar*, *incitar*, *inclinár*, *incluír*, *incorporar*, *incorrer*, *increpar*, *incumbir*, *indigilar*, *induzir*, *inflamar*, *influir*, e innumeraveis, com todas as suas modificações e dependencia? Terá a inceptiva *im* ou *in* valor negativo nos substantivos *imminencia*, *immersão*, *impeto*, *impulso*, *incubação*, *influencia*, *inspiração*, *insulto*, *impostor* e *impostura*? Tê-lo-ha nos adjectivos *implicito*, *inclicto*, *infuso*, *ingreme*, *inherente*, *inicial*, *invadido*, *inveterado*, *intumescido*... INOPEM ME COPIA FECIT.

É, pois, esta regra um perfeito equivo-co do sábio censor. Não somos talvez mais ricos neste assumpto do que os latinos. Entre elles, o *in* era particula, e preposição que regia accusativo e ablativo. Na composição creava palavras que nós aceitamos com igual sentido e orthographia, representando não só negações, senão também infusão, superposição, applicação, repouso, permanencia, direcção, tendencia... e até ás vezes (note-se isto bem, porque é mais) accrescentava á intimativa do simples.

Vejam agora uma galantaria, um assalto de... argumentos concludentes. O nosso mestre diz-nos que provém da nossa IGNORANCIA DA LINGUA o escrevermos *in* em vez de *en*. Vai para meio seculo, que M. Borges Carneiro publicou a sua *Grammatica e orthographia Portugueza*, onde se lê: «Não foi senão pela INADVERTENCIA, QUE OS NOSSOS MAIORES TINHÃO a respeito da etymologia, que se introduzio escrever algumas palavras por EM ou EN, ABERRAÇÃO esta que devemos emendar.» Este declara que *en* por *in* é inadvertencia, aberração; aquelle, mais varonil, redargue-lhe que escrever *in* por *en* é ignorancia. *Gens irritabilevatum!* Desculpemo-los; calor de convicções pôde bem gerar fervura de linguagem.

—Eis aqui o ultimo argumento, o Achilles da censura em tal objecto: «Pela no-

va cacographia ficção confundidas palavras cuja significação é inteiramente diversa, ao mesmo tempo que, escrevendo, como escreve, a outra gente christã, toda a confusão é impossível.»

Exemplifica, dizendo que *intender* será fazer intenso, e *entender*, *compreender*; que *informar* será dar informações, e *informar*, *metter na fôrma*.

Começarei minha resposta, observando admirado que ambos estes exemplos sejam de verbos que fogem á lei pouco antes promulgada, visto que em nenhum á aqui denuncia da inceptiva *in* tem valor negativo! Mas passemos adiante.

Manda a lealdade da argumentação que eu não anteponha como refutação a idéa de que são só os olhos e não os ouvidos os que podem apreciar semelhante diferença. Ao contrario, muito me apraz ouvir da boca de um illustre antagonista do nosso methodo, um dos argumentos que no-lo faz preferir.

Será pois boa orthographia aquella que contribuir para instantaneamente exhibir aos olhos, quando possível, diversas accepções de um vocabulo que sôa de fôrma idéntica. Assim affirma o nosso mestre. Pois bem: Sendo certo que elle não ha de querer que esta consideração apenas prevaleça empiricamente para meia duzia de vocabulos arbitrarios, eu lhe affirmo que a nossa orthographia etymologica e subsidiariamente phonica, preenche o seu *desiderandum* em escala decupla. Nenhum valor teria por si só o argumento de que as palavras *intender* e *informar* podem representar dous valores, escriptas diversamente, quando essa diversidade asentasse n'um barbarismo de escrever, que a nossa orthographia repelle. Mas, se deve preferir-se a orthographia que mostra aos olhos o valor das palavras, heterogeneas no sentido, isomorphas no soar, —escrevendo com letras diversas, segundo as derivações— é o nosso contradictor quem, com este argumento, generosamente nos offerece a palma. Vejamos:

Eis-aqui, como exemplo, algumas das innumeraveis similares para os ouvidos, mas diferentes para o sentido, ás quaes a simples inspecção immediatamente a acceção devida:—Acto, acto—facto, factio—accento, assento—cella, sella—açõ, asso—anhelar, annellar—annular, annullar—apreçar, apressar—arrear, arriar—vale, valle—bucha, buxo—calla, cala—capear, capiar—caçar, cassar—ceda, seda—sega, cega—cem, sem—cerva, serva—cessão, sessão—ceva, seva—chama, chamma—cita, sita, scytha—concelho, conselho—collar, colar—collo, colo—cyclo, siclo—eça, essa—fita, fitta—gamma, gama—gema, gema—haro, aro . . herá, era—incerto, inserto—invito, invicto—incipiente, insipiente—laço, lasso—maça, massa—molle, mole—paço, passo—pelo, pello—pena, pena—summo, sumo—tenção, tensão—phase, faze—e outras sem conto. Já vê S. S. que a sua propaganda fica muito mais amplamente victoriosa. . . com a doutrina opposta á sua,

—E nada mais se lê sobre esta materia na *Memoria* que eston estudando. Prestava-se-me ella a muito mais extensos desenvolvimentos, que já aliás lhe dei n'outro lugar; mas na imprensa diaria não é licito ir mais longe.

Imagino ter justificado a impugnada orthographia que eu sigo tambem, como os preciosos de Lisboa, e que ainda aconselho com muito mór severidade de applicação. Como, porém, as censuras orthographicas se não limitarão a estes pontos, continuarei, na seguinte carta a apreciar-las. Assumpto é este, muitas vezes apodado de frivolo, e todavia, se devidamente o encararmos, de consideravel alcance. Não são estes, por certo, olympicos certames, em que seja licito pleitear palmas, porém, nem sempre são inúteis os esforços de operarios obscuros.

ZERO.

Rio de Janeiro.

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

III.

—Muitas luas se ham passado, mancebo, continuou o cacique, com voz magoada, muitas luas já, e tantas que nem vos sei dizer. E era uma tarde, bella como o foi a de hoje; mais bella talvez, porque era entam a lua das flores, e eu della me recordo ainda, como se fora hoje...

Sim, era uma tarde de enlevadora belleza; n'ella havia seduçam, e poesia, n'ella havia amor, e saudade. Sabeis vós o que nós outros chamamos—lua das flores? E' aquella em que um sol brando, e animador, rompendo as nuvens já menos densas, vem beijar os prados, que se avelludam, enamorar a flôr, que se adorna de louçanias, verificar os campos, que se revestem de primoroso ornato, afagar o homem, que se deleita com a belleza da natureza. E' a lua em que os passaros afinam seus cantos melodiosos, é a lua em que a cecem mimosa embalsama as margens dos nossos rios, em que as campinas se esmaltam de flôres odorosas, em que o coração ama, em que a vida é mais suave, em que o homem é mais reconhecido ao seu Creator...

Elle fez uma pequena pausa e continuou:

—Era pois na lua das flôres, que a tarde um velho cacique, e um mancebo indio, do cume deste mesmo outeiro, lançavam um olhar de saudosa despedida, sobre o navio normando, que levava destas praias uma formosa donzella. Era ella filha desse velho cacique, que com magoa, a via partir para as terras da Europa; mas, a formosa Paraguassú d'a muito a havia distinguido d'entre as demais filhas de caciques; e sua afeição por ella era sincera, e immensa. Paraguassú seguia para a França, onde devia receber o baptismo, tomando por sua madrinha a celebre italiana, Catharina de Medices, cujo nome tomou na pia baptis-

mal; e não podendo separar-se da amiga querida, levava-a comsigo, arrancando-a d'essa arte ao coração de seu pae, e aos sonhos deleitosos do moço indio, que magoado via fugir-lhe a mulher de suas afeições. Epica, Sr., chama-se essa joven india. Epica era o seo nome. A sua auzencia, não seria prolongada; o velho e o moço não o ignoravam; mas elles a amavam tanto, que foi-lhes preciso chorar. Seria um presentimento a dor que os affligia? foi talvez... choraram ambos: entretanto o velho era um bravo, e o moço já um valente guerreiro.

Ella, emtanto só concebia a dôr do velho; as saudades paternas aggravavam mais a magua de o deixar; o moço indio era-lhe apenas pouco mais que um estranho. Seo coração ainda virgem desconhecia as delicias, e as torturas do amor. O indio, pois, era-lhe indifferente, se é que indifferente se pode entender um homem que estava sempre a seo lado, e que tinha em suas veias o sangue de seo pae. Este mancebo indio era filho de um irmão do velho cacique, e seo intimo amigo. Destinado desde a infancia para esposo de Paraguassú, este mancebo nunca a pode amar, nem tão pouco inspirar-lhe amor. Entretanto Paraguassú era bella! Elle amava perdidamente sua joven parenta: Epica era a mulher de suas doidas afeições, porem esse amor puro como a luz da estrella da manhã estava todo cuidadosamente guardado no santuario do seo coração; uma palavra, um gesto, não havia maculado ainda a puresa desse sentir magico, e deleitoso. Epica era pura, e innocente, como a pomba, que geme na floresta: seo coração conservava ainda o descuido enlevador dos dias da infancia. Oh! ella era como a assucena a margem do regato...

O velho cacique attentou nas lagrimas do guerreiro joven; e n'um transporte affectuoso, apertando-o contra o seu coração, apontando para o extremo do horizonte, onde se perdia já o navio, disse-lhe:

—Sê sempre digno de mim, e de teu pae; quando ella voltar será tua. Oh! eu o juro.

O moço ajoelhou aos pés do irmão de seo pae, e beijou-lhe as mãos com o entusiasmo do reconhecimento.....

—França! França!... «exclamou o tupinambá depois de alguns momentos de amargurado silencio» pudera eu esmagar-te em meos braços!!!

—Passaram vinte e quatro luas, continuou serenando-se um pouco, o mancebo as contara por seculos. Ao fim de cada dia vinha elle ao cimo deste outeiro, e d'aqui prescrutava os mares, nús d'uma vela, que visse lá das partes do occidenté e quando cahia a noite, volvia triste e desconsolado aos lares do velho cacique. O misero velho tinha cegado nesse curto espaço, e só da boca do mancebo esperava cada dia a nova feliz que o havia lançar do fundo das suas trevas, no gozo da felicidade. Assim se passaram muitos dias... mas uma vez a lua veio estender seo lençol de prata sobre a superficie desta immensa bahia, e confundir suas saudades as saudades do moço, que a contéplava com melancholia, e ainda assim a suspirada Epica não voltara ás praias do seu paiz. A desesperança começava á lavar no coração do moço guerreiro. O velho sentia maiores saudades; porem esperava com mais paciencia.

Um dia, porem, um navio alvejou ao longe; era ella; seo coração estremeceu de intima satisfação; no coração do velho cacique o transporte não foi mais vivo. Seos olhos a viram inda assim; elle mal podia acreditar em tanta ventura. Esse navio tam anciosamente esperado chegara em fim, e com elle a vida, a felicidade do mancebo. Ao menos assim o acreditava elle, louco de alegria. O anjo dos seos sonhos, o encanto dos seos dias, o idolo do seo coração, esse navio lhe acabava de restituir. O velho, tacteando as trevas de sua noite eterna, correo pela mão do

mancebo ao encontro de sua filha. Ego ho el m so el n pa ex e a pa ap po nu pu pr vr ta pe do g q
 um espectáculo bem tocante ver esse lho guerreiro chorar, e rir de prase com a ideia de tornar abraçar aquella lha mimosa, que tocando-a, jamais a tornaria a ver. Epica a jovem india, trazia ricos vestidos a europea. Apertava a cintura delgada, e flexivel, como a meira do deserto, um cinto negro de ludo, e as amplas dobras do seo vestido branco envolvião-lhe o corpo mimoso, gado, como a haste da assucena a beirario. As tranças negras do azeviche, que lhe molduravam as faces aveludadas eram aqui, e ali entremeadas de flor artificiaes. Era todo artificio aquelle trajar até entam desconhecido do moço dio; elle sentio repugnancia em ver aquella, que era tam simples no meio da sociedade, ornar-se agora de trajas, que siam desmerecer sua belleza, e seos cantos...

—Paraguassú de volta a sua patria, continuou o cacique após breve pausa, recia sentir na alma os effeitos desse primivel sentimento de suprema felicidade, que deleita, e enlouquece o infeliz proscripto, no dia em que, inda que coberto as vestes despedaçadas, e a fronte cobrida pelas vagas, uma dellas, mais bella que a primeira, o arremessa á praia, onde seos olhos viram a primeira vez a luz. Trazia nos labios um sorriso, que levava facilmente a comprehender o praser, que lhe enchia o coração. Pela mão dessa bella primeira, seguia, debil e abatida, melancholica e desconsolada, a joven donzella brasileira. Semelhava ella o lirio, crestado pela ardentia da calma; borboleta, que pela luz da vela emmurcheceo as azas.

Contraste doloroso havia entre a fronte pallida, e abatida da moça india, e a fronte altiva, e risonha da joven española de Caramurú.

—Perdoai-me, continuou o cacique, se insisto nestas particularidades; o que me resta a contar provar-vos-ha que ellas não são aqui inuteis.

Um vago, mas doído pensamento, magoou o coração do moço guerreiro, a hora em que essa mulher, que a muito elle creara seídolo, lhe apparecia assim melancolica, e triste como a estatua do soffrimento. Que terá ella? interrogava elle a si mesmo. Terá saudades desse paiz longiquo, que apenas vio, onde não pode contar um amigo, onde tudo lhe é estranho, linguagem, costumes, rostos, e religião?!...

Em quanto elle assim descorria, a moça aproximou-se de seo pae, e sorrindo-se por entre lagrimas, estreitou-o com ternura filial contra o coração. Foi um prolongado abraço: um profundo suspiro lhe rasgou o peito; e uma só palavra ella não proferio. E tornava a apertar o velho; e as lagrimas lhe corriam pelas faces; e a moça parecia não se poder separar do pae, que chorava de alegria, sentindo-se abraçar por sua filha querida.

Com indisivel anciedade aguardava o mancebo por uma só palavra da sua querida Epica; mas embalde. Ella parecia toda abstracta, não na contemplação de seo pae, mas n'uma ideia occulta, que dir-se-hia—lhe amargurava a alma. Mas elle, vencendo o pensamento dôloroso, que lhe atravessara a mente, aproximando-se della, em voz de supplica, disse-lhe:

—Epica! Epica, nem uma palavra para o vosso irmão? Errou-lhe então nos labios um mimoso sorriso, duas lagrimas resaltaram-lhe dos olhos, e rolarão sobre as faces; e ella estendeo-lhe a mão amiga, que o moço beijou com reconhecimento. Essa mão, esse beijo, desfizeram o ponto negro, que assomara de improviso na alma do guerreiro brasileiro, como desfaz o vento a nuvem carregada á hora do meio dia. Só o extremo do seo amor lhe representára Epica triste, pallida, e desconcertada. Epica era a mesma virgem das florestas, com a differença unica de uma intelligencia cultivada pelo trato europeu. Esses trajes, que tanto haviam

affligido ao mancebo, davam agora maior realce a belleza d'aquella que lhe sorria. Sua voz era mais melodiosa, mais doce; pareceo-lhe, ouvindo-a, melhor que a do sabiá, melhor que as notas da perdz mimosa, que a propria pecuapá gemendo a noite. Elle acreditou que Tupá lh'a havia arrebatado um instante para lh'a restituir mais seductora, mais bella, que os proprios anjos, que lhe entoam hymnos. O indio escutava com enlevo; e cada uma de suas palavras causava-lhe suavissima impressão. Como Paraguassú, Epica havia recebido o baptismo. Comquanto a jovén princesa do Brasil não poupasse esforços em chamar os homens do seo paiz ao gremio da Igreja; com quanto sua voz fosse persuasiva, suas palavras insinuantes; todavia foi a voz de Epica que rendeo o moço indio. Elle abraçou o Christianismo, quando soube que Epica era christã. Oh! mancebo, murmurou o tupinambá, quanto pode o amor, quando é elle santo, como o que ha no céu!

Raiou emfim o dia, em que a donzella brasiliense devia pertencer pelo matrimonio ao homem, que a idolatrava; e elle a levou pela mão aos pés do Altar; e um sacerdote christão abençoou os noivos que estavam ajoelhados, a face de grande multidão. A hora, porem, em que Epica, pronunciava os votos, a voz alterou-se-lhe: sua mão resfriada estremeceo convulsa na mão do esposo. Elle olhou-a sorpreso. Epica era pallida como um cadaver. A ultima palavra do sacerdote, a moça cahio desalentada.....

.....
O tupinambá levanto-se, deo alguns passos rapidos, e incertos. Fulguram-lhe os olhos na escuridão da noite, e um tremor convulso lhe agitou os beiços. Depois foi pouco, e pouco serenando, e reatou o fio de sua narração.

(Continúa.)

Maria Firmina dos Reis.

O CANTOR DOS TYMBIRAS.

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

VI.

(Continuação.)

Era este o triste canto,
Que lá na mata echoava,
Quando a procella cruenta
Aquelles campos deixava;
E quem o bardo tymbira,
Que na desgraça s'inspira,
Que geme, chora e suspira,
Que aquelle carne entoava?..

Acaso seus males carpe,
Ou males d'outro deplora,
Ou viu findar-se a ventura
Da prole sua que ádora?
Ou viu na terra, sem vida
A virgem sua querida,
Ou n'outros braços... perdida,
E pois velando assim chora?..

Ou sente dentro das veias
O fogo que o desvaria...
Ou perdeu a luz da mente,
E louco, a sorte carpia?
Ninguém o sabe por certo!
Mas, lá, n'aquelle deserto,
Ora geniente, ora incerto,
Aquelle canto se ouvia!

VII.

Por entre as trevas da floresta densa,
Toda em soluços, o cantor sinistro,
Eis, vem; eis, surge! Era o Piaga austero,
Da taba augurio, de Tupan ministro!

Eis, vem; eis surge! Que semblante torvo,
Que passo alterno, que medonho porte!
Negras plumagens dos anuns da selva
São-lhe os ornatos, como o são da morte!

Corre-lhe a chuva pelo corpo adusto;
Tirita e geme... e pela face o pranto
Opimo desce... e merencorio solta
Os sons cadentes o maracá no canto.

E a tribu inteira de pavor tranzida,
Que vira a taba do balcão calcada,
E chora ainda, na tejubaba rôta...
Ao vê-o pasma... de terror tomada!

Que males restam p'ra soffrer a taba,
O povo afflicto que soluça em dores?
Que mal fizeram, oh Tupan, teus filhos,
Porque os castigas com mortaes rigores?..

—São longes inda os Manitôs dos tectos...
Murmura o Piaga com pausado acento:
—E densa a treva que circunda a taba...
E os tons da morte no cantar do vento! =

—Oh, dizei.. que pesar nos falta,
Todos exclamam,—que fatal delicto,
Tupan castiga... que não vê piedoso
Tantas ruínas, tanto choro afflicto?

E todos choram... que a desventura ingente
A todos... todos antolhou-se fêra,
Emquanto o Piaga, o maracá tangendo
Soluça e canta... mas a dor impêra!

VIII.

—E' infausto o vollejo
Nas ondas do mar;
Ai, bardo da selva,
Não deixes teu lar!

Era assim, oh guerreiros tymbiras,
Qu' eu dizia na praia a chorar,
Quando o vi sobre as vagas trahidoras,
Sobre as ondas trahidoras do mar;
D'estas selvas e valles fugindo,
Ai, fugindo das selvas do lar!

E, voando, elle foi-se nas vagas,
Como a folha que o rio levou,
Como o sonho feliz que a donzella
Nos primeiros amores sonhou;
Ai, que a flor mais formosa da taba
Na torrente fugindo... passou!

E eu dizia,—não partas, que a morte
Sobre as ondas lá vejo a dançar!
Como a flor d'Aoiára no lago
Aos insectos que a vão osecular,
Dão vertigens, suôres, espasmos,
Estas ondas que gemem no mar!

E, voando, no collo da vaga,
Deixa as praias, as selvas, o lar!
E cantando... se foi na piroga...
Longes terras d'estranhos saudar,
Sem ouvir-me este canto inspirado,
Qu' eu cantava na praia a chorar.

—E' infausto o vollejo
Nas ondas do mar;
Ai, bardo das selvas,
Não deixes teu lar!

(Continua.)

JUVENAL GAL

Roga-se aos Srs. subscriptores em
bito, que satisfação suas assignaturas

Typ. de B. de Mattos, rua, da Paz n.º 7-18

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

BREVE REPARO

sobre o « seculo e suas luzes » do Sr. Antonio Fernandes da Silva Queiroz.

A leitura das « duas palavras sobre o seculo e suas luzes » sahidas da habil penna e luminosa cabeça do distincto collega Antonio Fernandes da Silva Queiroz, nos despertou a ideia de, apesar de nossa insufficiencia litteraria, fazer um *breve reparo* sobre as ideias alli emittidas, desaffrontando, por assim dizer, o seculo em que vivemos e as luzes que se irradiam por todos os pontos, para que volvamos as vistas, tão desapiedadamente trucidados e feridos com o estigma tremendo da maldição.

Procurando estabelecer uma discussão neste terreno, não temos a louca fatuidade de pensar que, por meio de uma fina dialectica e belleza de estylo e fórma, triumpharemos do illustre campeão, cujas ideias imos combater; mas sim o esperamos pela força e imperio da verdade, que julgamos militar de nossa parte, tão esplendida de fulgores, arrebatando a convicção ao mais emperado espirito do que se mostrar recalcitrante, e que temos por timbre apanhar no campo pratico das sociedades.

Sem que busquemos, deitando os bofes pela boca a fóra, apothosear o seculo e suas luzes, e sem o querermos mesmo inculcar de *impeccavel e immaculado*, faremos muito, todavia, por mostrar o verso e o reverso dessa medalha, em que de um lado se veem photographadas as immensas conquistas, em que se ha distinguido e agigantado o espirito humano nestes ultimos tempos, e do outro apenas alguns laivos mais ou menos sensiveis de corrupção, que servem unicamente para attestar e caracterisar a imperfeição que preside a todos os actos da humanidade; do que não, poder-se-ha jamais tirar com vantagem a triste e desalentadora consequencia de que a contaminação é geral ou quasi, de que tudo ou

quasi tudo está pervertido, corrompido e derrancado!

Fallemos sem reboço e sem que revistamos nossa linguagem de vaidosos atavios, que só servem ou de encobrir ou de deturpar a verdade; não queremos impor pela plumagem, nem desprezitar e desvirtuar as crenças e convicções alheias. Na discussão, por mais calorosa e animada que seja, á margem toda e qualquer rixa ou animosidade—da discussão fraternal, calma e reflectida sempre resultará o bem, sempre brotará a luz, que espancando as trevas da intelligencia, vivificará e fecundará o espirito.

Seja, pois, paraphraseando o dito de um escriptor de nota, a verdade a nossa terra da promissão; a intelligencia, a razão e boa fé o nosso Moysés.

Entremos em materia.

Apologista exaltado dos soberbos monumentos de gloria, que tem levantado o espirito humano pelos grandes committimentos e emprezas gigantescaes, em que se ha empenhado no seculo presente, folgamos de prazer, ao primeiro lance de vista, suppondo que o illustre collega se deixára dominar, vencer e arrastar pela evidencia dos factos, que com sua logica de bronze attestam eloquentemente aquella verdade, quando, pincelando com a fina e delicada palheta de sua robusta intelligencia o quadro grandioso das conquistas do seculo, relativamente aos diversos ramos dos conhecimentos humanos, se exprimo do modo seguinte: «este seculo, não ha negal-o, é um grande seculo, e talvez o maior colosso, o vulto mais proeminente e assombroso nas produções de engenho e nas descobertas e aperfeçoamento d'artes; e posto que em alguma cousa tenha sido excedido por algum dos anteriores, no seu todo nenhum lhe disputa a corôa.»

Mas em seguida, com dôr e profunda magoa o dizemos, o illustre collega, depois de ter feito a

NUMERO 17.

SAN'LUIZ, 2 DE ABRIL DE 1865.

mais rica e interessante apologia das bellezas com que se nos desenha o seculo em que vivemos pelo lado material, tomado de assombro e de uma especie de horror pela fealdade e hediondez das feições que apresenta o lado moral, parece vomitar as mais duras imprecações, dizendo com fogo e vehemencia: «no meio do progressivo e do bello, no meio desse todo magnifico, sublime, sente-se o roçar de um ferro pelo coração, experimenta-se uma especie de desgosto revoltante, quando, alongando a vista pelo lado material, se volta a contemplação do lado moral.

«Aqui o maravilhoso desce do seu throno, o quadro perde sua maior elegância, os primores como que desaparecem, e as tintas se desmaiam, como o dia empallidece com o cahir da noite.»

A injustiça e a sem razão, que ressumbram dessas diversas proposições, que aventurou o digno collega em contraposição áquellas que citámos primeiramente, nascem naturalmente da prevenção e má vontade, com que o Sr. Fernandes da Silva olha os acontecimentos que se dão na epocha presente! O illustre collega, descerrando suas vistas pelas diversas sociedades, desanima em frente de uma civilização bastarda e desnaturada, que sacrifica aos gozos de uma vida desregrada e licenciosa os principios mais sãos, os preceitos mais sagrados e imponentes de uma verdadeira moral, e sente o roçar de um agudo ferro pelo coração, experimentando uma especie de desgosto revoltante, quando, alongando a vista pelo universo inteiro, não vê em fiel execução as ideias que fantasia em sua engraçada imaginação, creando uma sociedade a seu geito e talante, na qual, á proporção que se fosse avançando no progresso material, se tornasse moralmente incorruptivel, e em que se respirasse um ar puro e embalsamado, santo, angelico e rescedente do cheiro das virtudes divinas.

Não, a prevenção do illustre collega o arrasta a um excesso que torna injustificaveis suas asserções—o quadro não é tão feio como se pinta.

Devemos ser mais benevolos e condescendentes com aquelles, que, pelo dogma da transmissibilidade do peccado original, trazem desde o berço a infernal tendencia para o mal, que nem sem-

pre se pode evitar sem o influxo da graça, que nos vem banhar o coração, guiando-nos pelas syrtes e escabrosidades da vida.

Suppor uma sociedade, por mais opulentos e gigantescos que sejam os avanços que dê na senda da civilização e do progresso, escoimada de defeitos, e o que é mais ainda, de defeitos graves, é suppor uma sociedade composta em seu todo de anjos, que vivem uma vida perenne de gozos espirituaes.

É mister confessar com toda a ingenuidade da nossa boa fé que, por entre essa tal ou qual corrupção que grassa no seio das sociedades modernas, ainda se revela muita innocencia que nos inspira os mais nobres sentimentos de respeito e admiração, muita virtude manifestando-se simples, bella, candida e louçã, como sôe sempre ser e desataviada dos enfeites mundanarios, com que se costumam adornar a hypocrisia e a impostura a mentira e a insensatez.

Fazendo uma confrontação séria, conscienciosa, justa e imparcial da moralidade do seculo presente com a dos outros dezoito que comprehendem a era christã, e ainda mais com a de milhares de annos que ficam desta data para traz, não será difficil de ver, e concluir sem a menor hesitação que este não desmerece aos demais nem em pureza de costumes, nem em nobreza de sentimentos, nem finalmente na perfeição do que ha de mais bello, sublime e grandioso na condição humana.

São por ventura derrancados os costumes de hoje? Em todos os tempos e em todos os pontos do globo o vicio fez proselytismo, recebeu honranças e foi encomiado e galardoado com os premios que só e exclusivamente pertencem á virtude!

Appellamos mesmo para o testemunho do illustre collega, a cujo espirito, embora demasia do prevenido, é arrebatada a convicção dessa verdade, que acabamos de enunciar, quando diz este seculo, não ha negal-o, é um grande seculo e posto que em alguma cousa tenha sido excedido por algum dos anteriores, no seu todo nenhum lhe disputa a corôa.»

Continuando em sua severa apreciação o illustre collega, cheio de furor e azedume, atrai de corpo e alma sobre os theatros, appellando-os de *thermometros da civilização em letu-*

nhas tão magras e languariças, como que para exprimir toda a extensão da ironia, de que é capaz um espirito agudo, picante e chistoso; e para reforçar e abrigar seu pensamento de qualquer impugnação possível, cita o seguinte trecho, em que o príncipe dos poetas portuguezes, com toda a autoridade do seu saber, procura arrasar de uma vez ou enfraquecer aquella valente mola, aquella poderosa alavanca de nossa civilização: «é nos theatros onde o povo que só das palavrás alheias compõe sua sabedoria corre a aprender como se consumma, explica e defende o adultério, o incesto, a traição, o perjurio, o parricidio, o fratricidio, o regicidio, o deicidio, horrores que o grande Solon nem quizera se julgassem possíveis para lhes prevenir penas em suas leis; palavras de agouro e maldições que, semelhantes ás que uma antiga religião defendia, nunca haviam de sahir de humanos lábios.»

Respeitamos em subido grão, e até com profunda admiração, a autoridade do Sr. Castilho, um dos mais bellos ornamentos da litteratura portugueza, e um dos mais imponentes vultos da galeria dos sabios; porem, apesar de termos inlímica consciencia dos milhares de furos que estamos abaixo d'elle, releve o illustre luzeiro da sciencia que, lhe tirando com reverencia o nosso chapéo em signal de respeito e acatamento, aventuremos algumas considerações, afim de que não passe sem o minimo reparo a manifesta injustiça, com que estigmatizou os theatros considerando-os como a mais flagrante aberração do espirito humano, como uma verdadeira excrescencia social.

O theatro, pensamos mui diversamente do Sr. Castilho, é uma escola, onde o povo, avido do pabulo da instrucção, suavizada com as amenidades do recreio, afflue afim de aprender com proficuidade as mais severas lições de moral, que nos fornecem as diversas peripecias da vida humana; no theatro vê-se o vicio descarnado, é verdade, com suas tétricas fauces escancaradas, que se assemelham ás negras voragens de um abysmo, querendo tragar a virtude; mas vê-se depois esta surgir ainda mais bella e cheia de louçania do incessante e infernal torvelinho, em que aquelle monstro a fizera doudejar, calcando aos pés com a força de seus encantos, com o encanto de sua ingenuidade, e com a simplicidade

de de suas feições a maldita cerviz d'aquelle descrido de Deos e dos homens.

Uma de duas: ou o espirito do Sr. Castilho se achava dominado da prevenção a mais inaudita contra os theatros, o que somente nos é licito suppor, ou então cahio no mais crasso erro na apreciação dos factos, o que, quanto a nós, é inadmissivel. Na primeira hypothese, que é a mais provavel, e em que basearemos nossa discussão, peccou pelo excesso.

Nos theatros, não ha quem possa negal-o, ouve-se fallar em adultério, em incesto, em traição, em perjurio, em parricidio, em fratricidio, em regicidio e nesse immenso cortejo de crimes, a que os mais sabios codigos das nações civilizadas, apesar do grande Solon não querer se julgassem possíveis para lhes prevenir penas em suas leis, tem comminado os mais severos e repressivos castigos; mas que se veja nos theatros todos aquelles immensos horrores, em que a cada passo e a cada instante desgraçadamente está cahindo a especie humana, apologiadados e defendidos, na significação restricta e natural em que tomamos esta palavra, é o que contestamos com toda a força e energia de nossas convicções.

No theatro apresenta-se o vicio, como já tivemos occasião de dizer, desnudado, sem atavios e sem rodeios, querendo devorar ou tragar a virtude; mas disto mesmo tira-se a mais efficaz e proficua moralidade, fazendo que aquelle vá decahindo de seu ephemero esplendor, arrogancia e magestade, como que desfallecendo e cedendo á virtude a palma e o sceptro que lho queria disputar. É o que vemos no drama, que é, por assim dizer, o nervo vital dos theatros, bem como estes o são igualmente da civilização e do progresso. Quando, porem, dest'arte nos exprimimos, não se infira que fallamos *in absoluto*; reservamos sempre os abusos, em que tem cahido certos espiritos fracos e desvairados, que procuram, a todo o transe e por uma van celebridade, desnaturar aquella bella instituição, compondo dramas que envergonham e degradam a nossa mesma condição; porem, inda assim, não nos consta que houvesse um só auctor, que no desenlace de sua obra acabasse teendo elogios e dirigindo saudações encomiasticas ao vicio e desprestigiando a virtude; e teriamos certa-

mente pôr um louco ou insensato o escriptor, que, abusando do sublime mandato, em cuja investidura se acha, quizesse chamar a si os apodados da opinião publica, inserindo no final de sua obra o seguinte aborto de uma imaginação afogueada pelos esterilizadores raios do scepticismo: *abraçai e segui o vicio, que é uma emanação da Divindade; calcae aos pés e tende em pouco a virtude, que é uma inspiração diabolica!*

Não, destes delirios da razão humana talvez não se conte um só exemplo nos fastos da litteratura.

O illustre Beaumarchais (chegou tambem nossa vez de citar autoridades), tratando das condições que devem acompanhar a confecção de um bom drama, enunciou a seguinte verdade: «é minha opinião que as vistas do autor devem sempre fugir de encherger scenas impossiveis e inexequiveis. Na sua imitação da natureza ou do possível a arte apresenta á face do publico os vicios e defeitos sociaes pelo lado hediondo e eminentemente prejudicial, e com sua censura desperta a justa repugnancia dos espectadores e corrige-os d'aquelles, que elles alimentavam em seu seio.»

A nossa litteratura dramatica (não é uma lição que vamos dar ao distincto cantor de Echo e Narciso, pois é elle um dos seus grandes obreiros) tem attingido ao maior grão de perfeição, a que pode chegar, nestes ultimos tempos; e não é de receiar que os seus mais illustres dictadores a façam declinar do apogeo de grandeza, em que elles mesmos a collocaram. Descancemos a este respeito: conftemos na illustração, boa fé e pureza de intenções dos iniciadores das grandes idéas, e não temamos ver nos theatros defendida a mais simples acção, que tenha o menor resaiço, o menor laivo de crime; nelles haverá sempre defesa para a virtude, a que em todos os tempos, com preferencia, se tem rendido preto e vassalagem.

Parece que com essas ligeiras considerações temos levado nesse ponto ao espirito do illustre collega a mais robusta convicção de que são os theatros verdadeiros THERMOMETROS DE CIVILISACÃO em letras bem gordas e roliças.

Fiquemos por em quanto no theatro, até que venham novas scenas, que, sem nos fazermos esperar, continuaremos.

JOAM MANUEL.

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

(Conclusão.)

IV.

—Era alta noite, proseguio elle, com uma voz cavernosa, o vento ciciava entre os palmares, e a lua, prateando a superficie das aguas, passava melancholica por cima destas arvores annosas. A sururina desprendia o seu canto harmonioso; na mata ondulava um vento gemedor, e o mar quebrava-se nas solidões da praia. Sobre o cume deste mesmo rochedo, mancebo, a essa hora da noite, silenciosa e erma, um joven indio, e uma donzella americana, que o céu, ou o inferno havia unido em matrimonio, naquelle mesmo dia, em confidencia dolorosa, tragavam até as fezes o amargor da deshonra, e da ignomia. De Joelho a mulher fazia a mais custosa, e triste confissão, que jamais cahio dos labios de uma mulher.

—Gupeva! meo Gupeva—exclamava ella—. Assim se chamava, senhor, o joven esposo. Meu irmão, meo amigo, por detrás perdoar-me?

Oh! elle adinhava já o que restava a dizer a essa infeliz mulher; mas era-lhe necessario ouvir de seus labios aquillo mesmo, que elle daria mil vidas para nunca ouvir.

—Falla! disse-lhe Gupeva, tremendo de furor.

—Vou merecer o teu desprezo, o teu abandono; mas ao menos peço que me não pobre pae ignore tudo. Gupeva, confiei em ti; talvez minha confiança te offenda; mas tu conheces a meu pae... elle não poderia sobreviver a minha...

—Calla-te! calla-te, mulher, exclamava com desespero assustador o desgraçado esposo.

—Não, continuou ella, sem se perturbar. Tens sobre mim direito de vida, ou morte; mata-me Gupeva; mas ouve-me primeiro.

—Epica! Epica, oh! se isto fôra um sonho!

—Amei, continuou ella, amei com esse amor ardente, e apaixonado que só o nosso clima sabe inspirar, com essa dedicação de que só é capaz a mulher americana, com essa ternura, que o homem nunca soube comprehender. E sabes tu que homem era esse?

—Basta!

—Oh! é preciso que me escutes, até o fim, depois mata-me.

Esquecida, proseguio Epica, de que o homem de suas affeições chamava-se o conde de . . . , Gupeva, eu commetti uma falta, que mais tarde devia cobrir de opprobrio o homem que me recebesse por esposa. O amor não prendeo o coração do conde, elle esqueceo os extremos de meus affectos, e desposou uma donzella nobre da sua nação, sem si quer commover-se das minhas lagrimas.

Ah! bem tarde conheci eu a grandesa do meo sacrificio; bem tarde reconheci a perfidia, e a indignidade no coração d'aquelle que era até então o meu idolo. A pequenez da minha origem apagou-lhe o amor no coração. O conde de . . . , Gupeva, era já esposo, e eu . . . eu trazia em meu seio um filho, que ha de envergonhar-se do seu nascimento! . . .

Ao nome do conde de . . . , proferido pelo tupinambá, um calafrio mortal percorreo os membros do joven Gastão, que submergido em longas cogitações, ouvia a narração do indio: no fundo do coração despontava-lhe um tormento inqualificavel.

O indio proseguio: Ella estorcia-se convulsa no leito de relva a meus pés; porque, senhor, esse esposo desventurado, que na primeira noite do seu casamento, ouvia semelhante confissão, esse homem que acabava de receber a mulher impura, e maculada pelo filho da Europa, esse homem emfim que devorado por um amor louco, e apaixonado, estampava em sua

fronte o ferrete da ignominia; o cunho do approbrio, era eu.

—Vós! exclamou Gastão, com um sentimento indissivel.

—Sim eu! . . . eu mesmo, respondeo o cacique, com voz de trovão.

E proseguio: O que se passou porem n'essa noite de tam amargurada recordação, só Deos, e eu sabemos. O seductor de Epica, mancebo, era um francez, um francez é um christão; bem, desde essa hora eu deixei de o ser. Tupan não abandona seus filhos . . . mancebo, eu não amo o Deos dos christãos. O conde de . . . era filho da Igreja.

Gastão tentou interrompel-o; mas elle continuou:

A vergonha, a dor, bem depressa levaram ao sepulchro a desgraçada Epica. Não segui de perto essa mulher por quem houvera dado todo o meu sangue, se disso dependesse a sua ventura, porque restavão-me penosas missões a cumprir. Penosas, mancebo, e bêm arduas: vivi para cumpril-as; ouvis?

Restava-me o dever de velar por essa menina, que tem em suas veias o sangue francez, velar pela filha do conde de . . . , velar finalmente por Epica, essa joven donzella a quem pretendeis seduzir.

—Oh! exclamou Gastão, pallido como o sudario d'um morto. Meu Deos! meu Deos, onde estou eu! . . .

—Inda uma outra missão me reteve a vida, continuou Gupeva, —a vingança . . .

No momento em que no seio da sepultura se escondia para sempre os restos d'aquelle a quem eu tanto amei, de joelhos, senhor, de joelhos jurei que havia vingal-a. Anhangá escutava os protestos da minha alma. Um guerreiro amanhã desposará a minha Epica, e hoje, d'aqui a um minuto, eu terei vingado a mulher que lhe deu a vida. Agora mancebo estás em meu poder; eu podia prender-te; aqui está a sussurrama, podia apresentar-te a minha tribu, e fazer-te morrer como

meu prisioneiro; mas não quero: duas razões me obrigam a proceder ao contrario. Para dar-te essa morte honrosa era preciso dar a causa della; minha deshonra se tornaria manifesta; e por outra, tu, covarde europeu, has de impallidecer em face da morte: fraco, e tímido, não saberás entoar o teu canto de morte; quero poupar-me a vergonha de uma confissão, quero poupar a meus irmãos o espectáculo de um covarde. Prepara-te para morrer; ou mata-me...

O que então se passava na alma do infeliz mancebo, a quem eram dirigidas taes palavras, não pode a penna descrever. O mais doloroso golpe acabava de traspasar-lhe o coração; golpe o mais profundo, mais dilacerante, que jamais ferio o coração de um homem. Gastão não amaldiçoou a hora do seu nascimento; mas pediu a Deos, a morte, o esquecimento. Todas as suas illusões estavam dissipadas; desfeitos todos os seus sonhos. Já não era Gupeva, que se interpunha entre elle, e o seu amor, era Deos, era a natureza, era a sua propria consciencia. Depois do amor, a morte... elle havia dito... Seria acaso um erro?

—Da minha vingança serás tu a primeira victima, continuou o cacique; mais tarde o conde de***

—Eis-me, disse Gastão, interrompendo-o Gupeva, eu sou filho do conde de*** não me reconheceste então? Oh! eu sou francez, sou o filho do seductor de vossa esposa, sou irmão de Epica...

—Infame! rugio o velho tupinambá. Infame filho do conde de*** não terei compaixam de ti. E brandindo o seu tapanape, o cravou com furia no peito do joven official. E batia com os pés na terra; e fazia com gritos um alarido infernal.

Gastão, levando a mão a ferida, obrigou-o por um instante a callar-se, e disse-lhe:

—Obrigado, Gupeva, eu queria a morte.

—Covarde! exclamou o indio.

—Não me insultes na hora do passa-

mêto, tornou-lhe o moço impallidecendo. Cacique, eu podia matar-te; mas para que quereria eu a vida depois do que acabaste de narrar?...

Nessa hora a lua rompendo o negro das nuvens aclarou com sua face pallida o cimo do outeiro. Era o meio da lua: a hora da entrevista tinha soado.

E uma vizam angelica, uma mulher vaporosa, appareceo no cume do outeiro como um anjo mandado pelo Senhor para receber a alma do mancebo christão que hia partir. Era Epica.

Ella soltou um grito de angustia á vista da scena que, mercê da lua, se apresentou a seus olhos. Esse grito, essa voz tam conhecida, tam amada, atrahindo a attenção do moribundo, fez callar o guerreiro indio, que apupava a sua victima.

Ella avançou alguns passos, e olhando fixamente para seu pae, disse-lhe:

—Gupeva, porque o mataste? Cruel! Sabes acaso, que este éo homem a quem adoro?

Gupéva, esse feroz Gupeva, esse barão que se ufanava da sua vingança na presença da morte, á voz da moço cruzou os braços sobre o peito, e com o olhar que queria dizer: Perdam, exclamou com afflicção:

—Epica!..

Ella pareceo não ouvir essa unica palavra, que em si resumia quanta ternura ha no coração d'um homem: seus grandes olhos negros como o azeviche foram-se desvairados no mancebo agostão. Ondulavam a mercê do vento suas madeixas assetinadas; e seu corpo flexivel, e mimoso como o leque da palmeira cedendo a um vertiginoso ondular, cahiu inerte sobre o joven Gastão.

Elle olhou-a com assombro, e disse-lhe:

—E' um crime.

—Monstro!—tornou ella para Gupeva que, com os olhos fitos no cham, não atrevia a encarar a donzella. Monstro!

foi para me rasgares o coração, que me creaste em teus braços!... E voltando-se para o jovem francez, disse-lhe:

—Gastão, meo querido Gastão, vive para a tua Epica.

Nesses olhos em que já se estampava a morte, um atomo de vida reapareceo.

—Epica, disse elle, o nosso amor era um crime...

Epica, eu sou teu irman!..

V.

Ao alvorecer do dia rebentou a tempestade á tanto ameaçada. O mar rugia com assustadora furia, o vento raivoso sibilava por entre as enxarcias do *Infante de Portugal*, que não obstante as ordens recebidas não podia levantar ancora sem grande perigo de despedaçar-se todo de encontro a algum arrecife. Abrigado no ancoradouro, ainda o commandante temia o furor da tempestade. O navio arfava inquieto: juguete das ondas, elle estalava como se houvera de desjuntar-se todo. Um sopro mais violento da tempestade o pobre lenho seria aniquilado. A chuva desprendia-se em torrentes; o raio sibilava ameaçador; o mar era um lençol negro, e de sinistro aspecto. O mais corajoso tremia; só Alberto parecia insensível á voz do temporal. Sua fronte ardente, seos olhos queimados pela vigilia da noite, seu coração oppresso pelo presentimento de terrivel successo, inquieto pelo temor de alguma desgraça irremediável, abatido, angustiado pela não appareçam de seo louco, e infeliz amigo, parecia não comprehender a grandesa do perigo, que os ameaçava. O mar cuspiam-lhe, irritando as faces, o vento insinuava-se, rumurejando, por entre as madeixas de seos negros cabellos, e elle não attendia, nem aos insultos do mar, nem o raio voso perpassar do vento.

Alberto pensava em Gastão. Tinha visto amanhecer sem que Gastão voltasse ao navio: era preciso que já não existisse

para assim deixar de cumprir sua promessa!

Alberto communicou ao commandante seos receios, e o desassocego da sua alma: toda a officialidade, e toda a marinhagem sentio interesse pelo joven francez.

Ao meio dia a tempestade serenou: o mar tornou-se calmo, e pacifico, o vento conteve-se nos seos limites. Agora o azul das nuvens reflectia-se nas aguas da immensa bahia, e as vagas se moviam mansamente, aniladas, e risonhas, como um ligeiro sorriso. Entam o commandante deo suas ordens; um escaler bem tripulado recebeo o official portuguez, que um momento depois pesquisava ansioso vestigios do seo infeliz collegas. Incançavel, devassava o moço todos os suburbios da pequena habitaçam, incançavel, percorria elle todas as sendas, todas as devesas, todos os reconditos lugares d'aquelle vasto terreno; era embalde. Extenuarão de cansaço, elle, e um velho marinheiro, que o seguia; em quanto outros investigavam outros lugares, Alberto chegou ao alto do outeiro, onde na noite antecedente deo-se a scena que acabamos de narrar.

Oh! que doloroso espectaculo!

Sentado no tronco de uma arvore estava um velho tupinambá; brandia em suas mãos um tacape ensanguentado: a seos pés estavam dous cadaveres!... Reclinadas as faces ambas para a terra, Alberto não pode reconhecer seo amigo, senão pelo uniforme de marinha, que o sangue tingira, e que as aguas, que se desprenderam a noite, haviam ensopado, e enchovalhado. O outro cadaver era o de uma mulher... Bella devia ser ella; porque seos cabellos longos, e ondeiados, faceis aos beijos da viraçam da tarde, esparsos assim sobre o seo corpo, davam-lhe o aspecto de uma Magdalena.

Alberto exclamou: que horror! e cobrio o rosto com as mãos, cahio por terra.

Depois erguendo-se com impeto raivoso, e aproximando-se do indio, que im-

movel parecia aguardal-o, disse-lhe apontando para o seo infeliz amigo:

—Barbaro!... porque o assassinaste?

Gupeva, pois era elle, soltou uma gargalhada, estridente, e descomposta, que lhe tornou o aspecto sinistro, e medonho, e disse:

—Ah! minha filha... não a vèdes? E de novo poz-se a brincar com o tacape.

—Louco! murmurou Alberto; a minha vingança seria um crime.

Os seus companheiros de pesquisa foram-se pouco e pouco reunindo, elle voltou pallido, e com a magoa no coração para junto do cadaver do desditoso Gastão.

Ninguem mais curou do louco.

Quando hiam pôrem deitar os cadaveres nas sepulturas, que o rosto da mulher adormecida ao lado do jovem official, voltaram para cima, todos os circumstantes agruparam-se, e curiosos procuravam ver tanta formosura. Alberto surpreso, exclamou:

—Que extraordinaria semilhaça!...

—Elles não podiam deixar de ser irmãos, exclamaram unanimemente os companheiros de Alberto.

Ah! era Epica, era a virgem das florestas, era o anjo dos sonhos mentirosos de Gastão, era ella que acabava de conduzir-o a Deos, e que hia descer com elle a sepultura. Formosa ainda na pallidez da morte, Epica levou Alberto a perdoar os extremos de seo infeliz amigo.

Alberto ajoelhou a orla da sepultura, e orou; todos o imitaram, e aquellas regiões selvagens guardaram respeitoso silencio em quanto durou o acto religioso, em quanto a oração subiu da terra ao throno do Senhor.

E quando elles deixaram no sepulchro aquelles que tão extremamente se adoravam, e quando lembraram-se novamente do velho tupinambá, e o olharam, elle tinha a face em terra, e o tacape lhe havia escapado das mãos.

Então um velho marinheiro, tocando-

com a ponta do pé, e voltando-lhe o corpo para o lado, disse:

—Está morto!

Maria Firmina dos Reis.

O CANTAR DOS TMBIRAS

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

(Continuação.)

IX.

Desfeito em pranto, de cansaço exausto,
Cala-se o Piaga, afrouxando os passos,

Da sacra dança;

E após arfando, em um nodoso tronco
Senta-se e ao lado o maracá do rito

Mudo descansa.

E a tribu pávida que lhe ouvira os threnos.

Em ancias falla-lhe:—Oh, dizei, contai-no

Pagé divino,

Onde óra paira o trovador da selva,

O doce bardo,—de sua taba a gloria,

Da gloria o hymno?

Acaso a Aoiára d'esse pégo infindo,

Com seus cabellos tão doirados, como

Do ipé as flores,

Prendeu-o, levando-o para os seus palacios

E ao lado d'elle se embevece em cantos,

Nos seus amores?..

Vencen-o acaso com seus lindos olhos

Côr d'Arirana, com seu collo branco

De espuma pura?...

E mais não volta o trovador suave?..

O nosso bardo?.. Ai, dizei... contai-nos

A desventura.

(Continua.)

JUVENAL

Roga-se aos Srs. subscriptores em bito, que satisfação suas assignaturas

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

A REDEMPÇÃO.

Embanharão-se as espadas. Fecharão-se as bronzas portas do templo de Jano com admiração do universo. Das ilhas do mar até os confins das Mauritanias, dos campos da Lusitania até as margens do Euphrates, fluctuavão em paz as insignias da republica.

Acalanhados pela victoria, os povos se ale-vantavão no cabo d'uma chuva de sangue, como as hervas dos campos, passada a trovoad. Os bellicos corseis puxavão pela charrua, e o soldado homicida lavrava os campos. Com a segurança a abundancia renascia no gremio das nações.

As mãs amamentavão os filhos com prazer, porque estavam certas, que os não segaria a foice devastadora. A paz trazia após si a fertilidade, o doce descanso, e uma tranquillidade, que havia largos annos se não tinha visto.

Floreção os campos, prosperava o commercio, e o dinheiro era cousa vulgar; davão graças aos deuses as aldêas, e na cidade eterna o povo, farto de pão e de espectaculos, de contente affirmava, que volvia outra vez a idade de ouro.

Este é o hymno de gloria, entoado ao seculo d'Augusto; este é o canto do mavioso Rossely, que, com seductoras côres, annuncia o arrobol dessa manhã formosa, que veria despontar o astro benéfico da regeneração do universo.

E era vinda a epocha affixada por os oraculos mais famozos. As septenta semanas de Dâniel se tinham escoado na amputbeta dos tempos. Verificavão-se as palavras de Jacob no leito da morte. Israel depunha o sceptro da soberania. A gloria de Judá, fanada e emurchecida, desmoro-nava-se do seu vetusto pedestal.

E a expectação universal ia ser saciada. E o boato, difundido em todo o Oriente, que appareceria na Judea; um homem, destinado ao imperio universal, tinha o seu complemento. E a compiacencia dos Hebreus achava seu termo, não

para saudar, como almejavão, o nascimento de um conquistador disposto a pulverisar as cadeas de seu povo, e fazer novamente resplandecer sobre elle a gloria de David e Salomão.

O prodigio vaticinado por Isaia realisava-se. E uma estrella mysteriosa, como alampada luzente, espargia fulgidos clarões sobre uma scena magestosa; e como pharol seguro conduzia aos augustos visitantes do Oriente.

Na obscuridade e silencio da noute uma Virgem e Mãi depositava na mangedoura d'um presepio, envolto em as mantilhas da pobresa, o fructo de suas purissimas entranhas, obra do Espirito Santo, e penhor da salvação do genero humano.

Jesus Christo nascia.

E o Rei do universo recebia as saudações dos anjos, que prorompião em hosannas festivos, e dos pastores, que tangiam seus gados por as encostas das montanhas. E dadivas mysteriosas significão ao Deus-Homem, ainda no berço, as vas-salagens do universo.

Sua infancia, diz um erudito escriptor, passou-se em viagens, e nas difficuldades de uma condição obscura. Todas as verdades, quantas so achavam derramadas pelo genero humano nas diversas religiões, emanações desfiguradas das tradições dos patriarchas, elle as reunio em uma só, e consagrou-as de novo, introduzindo-as em sua doutrina. Elle instruiu com a palavra, e confirmou com o exemplo, ensinando as gentes do campo e da cidade, os sabios e os ignorantes.

E depois de haver no decurso de trez annos illustrado o mundo, depois de haver feito um sem numero de prodigios perante o povo, sarado enfermidades incuraveis, forçado ás leis da vida, resuscitando os mortos, submetteu-se á todos os rigores da humana condição, á fome, pezares, perseguições, calumnias, ingratições, e emfim a traição, aos tormentos, condemnação injusta, e morte violenta...; iniciou-se em todo

SAN' LUIZ, 9 DE ABRIL DE 1865.

NUMERO 18.

VOLUME I.

o genero de padecimentos, reconcentrou em si todas as dôres.

E assim achava o devido complemento á letra dos oraculos.

Eil-o que se aproxima, como victima pacifica, para ser immolado por os peccados do mundo. A cidade nefaria resôa com as hosannas fementidas. E o grande conquistador calca em sua passagem as mais virentes paimas. E os applausos recrudescem em a sua entrada apparatusa e triumphal.

Mas estava escripto que se converteriam em improperios os canticos de louvor: Zacharias descreve com exaçaõ a traiçaõ do ingrato Judas, e os trinta dinheiros, preço do seu crime. Isaías a oblaçaõ voluntaria do Senhor, sua innocencia, sua morte e sacrificio, o fel e vinagre, que lhe deram á beber, a supplica que fez por seus algozes. David todas as circumstancias do grande sacrificio: os falsos testemunhos, suas vestes sorteadas, a lançaõ no peito, as zombarias, o sêr posto entre dous ladrões, sua flagellaçaõ, sua morte na cruz.

Tudo realisou-se. A synagoga pronunciou-se hostile. Magistrados corruptos firmaram com seu nome a sentença iniqua. O calix foi sorvido até ás fezes. O coração humano não pulsou ante os maiores attentados. Foi mister cerrar os ouvidos á voz da consciencia, e suffocar todos os sentimentos de piedade, e não recuar em face do deicidio.

No Calvario arvora-se o patibulo. O infame é livre, e o Justo condemnado. O spectaculo mais tocante é offerecido aos olhos do universo. Jesus Christo é cruxificado. Tudo está consumado.

No dia em que este Homem Deus foi pregado na cruz um phenomeno nunca visto se manifestou nos céos. Vestio-se visivelmente de lucto a natureza; o sol se escoreceu sem que houvesse eclipse; espessas trevas envolveram a superficie do globo; tremeo de susto a geraçaõ humana. (Rossely.)

E do Golgota desprendem-se restees de luz. E da Cruz dimana a nossa salvaçaõ. E o sangue de Christo, jorrado do madeiro sagrado, lavou as nodoas do peccado. E o Christo é o Redemptor da humanidade.

S. Luiz: 1865.

R. LEMOS.

BREVE REPARO

sobre o «seculo e suas luzes» do Sr. Antonio Fernandes da Silva Queiroz.

(Continuaçaõ do n. 17.)

Saiamos do theatro, e entremos em outra ordem de considerações tendentes a esclarecer-nos á cerca de certos pontos, sobre que se acha fixa e presa nossa attençaõ.

Mas, para que se possa facilmente apprehender o fio logico dessas mesmas considerações, é mister que citeemos um theatro, em que o illustre collega avança uma proposiçaõ que condemnamos, não como ferindo um dogma da Igreja, mas como attentatoria da verdade dos factos, que do imo de nossa alma acatamos, e que desejamos ver sempre explendida, sempre triumphante para maior gloria e realce da causa que advogamos.

Diz o Sr. Fernandes da Silva: «todaõs os annos, mezes e dias sahem dos pressos *centenares* de escriptos intitutados dramas e romances—, mas raro apparecem as obras uteis á religião e á moral!»

Nada temos que oppor á primeira proposiçaõ, que, tambem á nosso vêr, se funda sobre uma verdade incontestavel, mas, quanto á segunda, consinta o illustre collega que, sem fazermos offensa á sinceridade de suas convicções nem á pureza de suas intenções, a acoiementaõ de inexacta, ou quando menos, de hyperbolica.

Ás vezes a ausencia de escrupulo e emprego de certas expressões, e tambem um certo rigorismo, tornam rispida a ideia e quasi desnaturada a intenção, e pôde ser a mais ingenua ou mais pura.

Dizer-se em pleno século XIX que a utilidade á religião e á moral, é laçar em um erro innocente, ou então querer cerrar os olhos á luz da verdade, com seus raios deslumbrantes os erros da ideia e offusca.

Os prelos ahí estão a gemer todos os annos, mezes e dias com a impressão, é verdade, de *centenares* de obras intituladas—dramas e romances—escriptas para o bem da humanidade, trazendo para a mesa anatomica da critica inexoravel e da severa exprobração os desvios, defeitos e vicios, em que se debate a sociedade, fazendo excitar a justa repugnancia dos leitores ou expectadores e proromper de seus labios o estridente grito de indignação, tratando-se de, por meio de uma simples operação, sanar o mal e obviar suas perniciosas consequencias, applicando-se sobre elles o bisturi da analyse e o escalpello da critica; obras, que, com rarissimas excepções, embora não tragam uma utilidade directa, se nos podemos assim exprimir, á religião e á moral, nenhum prejuizo lhes acarretam, nenhuma offensa lhes irrogam, por isso que conservam um fundo de ideias e principios sãos, que vão buscar sua origem n'aquellas duas fontes inexauriveis, donde tiram toda sua força, vitalidade e energia.

Além disto, os prelos ahí estão a gemer todos os annos, mezes e dias, peçados de *milhares* de obras que tendem a illustrar o nosso espirito, humanisar nossas inclinações, purificar nossos corações, edificar nossas almas, e levar-nos directinho pelas vias da salvação até pisarmos seguros os umbraes da eternidade.

Seria irrogar-se uma injuria aos homens de letras, que consomem os preciosos dias de sua existencia pallidejando no canção das vigalias e em improbas lucubrações, na composição de immensas obras, que, alem de serem um monumento pomposo para a litteratura, são o mais bello florão, o mais authentico testemunho do amor e acrisolada dedicação, com que se empenham e trabalham no florescimento do catholicismo; o dizer-se sem mais commentarios que é rara a apparição das obras que possam

ou devam trazer utilidade á religião e á moral.

Se deixassemos passar sem o mais *breve reparo* essa flagrante injustiça, que, ou por uma irreflectida boa fé ou por uma calculada ignorancia, deixou escapar o nosso muito illustre collega, em cujo bom senso aliás demasiadamente confiamos, sahir-nos-hiam sem duvida aos embargos, ja não dizemos os grandes vultos litterarios e scientificos da culta Europa, nem tão pouco o respeitavel corpo sacerdotal, em quem reside a duplice obrigação de derramar luzes pela sociedade, mas aquelles que em nosso paiz, como Drs. Marques Rodrigues e Candido Mendes na provincia, Drs. Autran e Guennes em Pernambuco, Dr. Raposo de Almeida na Bahia, e outros muitos cujos nomes seria difficil enumerar, tem obtido o mais esplendido triumpho em prol das verdades catholicas espalhando doutrinas, com cuja pratica e observancia, e secundados com os auxilios da divina graça, nos santificaremos e facil se tornará o conseguirmos a salvação.

Estribado n'aquelle falso principio que estabeleceo de serem *raras* as apparições de obras uteis á religião e á moral; e ainda mais de se deixarem os espiritos attrahir, encantar e abysmar pelo falso brilho, pelas seductoras malhas desse estellião—o seculo,—o illustre collega desfiou uma immensidade de conclusões, que, a serem procedentes, lançariam por terra o seculo e suas luzes, deixando-os de pernas para cima, como vulgarmente se costuma dizer.

«D'ahi, conclue o illustre collega, *trazendo o Sr. Castilho pelo braço*, essa litteratura actual de scepticismo religioso, e o que mais é de scepticismo moral misturado com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterilizador.»

A tirada é bonita em seu genero, não resta duvida nenhuma, e pode-se até considerar como um bello *orceau academique*, como o chamaria qualquer estudante da universidade de Pariz; mas, alem de

não primar pela originalidade, não pode, assim isolada e apoiada somente no floreio, gerar no espirito a minima convicção.

D'ahi «o famoso monstro litterario intitulado—Nossa Senhora de Pariz por Victor Hugo—a vida de Jesus por Mr. Ernesto Renan; e milhares de obras deste gosto &c.»

Ora de terem os *eximios litteratos* Victor Hugo e Renan escripto aquelles dous monstros, que só revelam o *scepticismo religioso, e o que é mais o scepticismo moral misturado com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterilizador*, de que se achavam dominados aquelles grandes espiritos desvairados, aquellas duas almas depravadas, que *tomam sempre as cousas ás avessas*; e de haverem alguns espiritos levianos e meramente superficiaes, tocando por seu turno o folles da lisonja, envolvido-os no négro fumo bajulatorio, tirar-se a tremenda e horripilante consequencia de que o seculo está moralmente corrompido, lançando-se sobre elle e suas luzes o anathema fulminante da reprovação, é, quanto a nós, além de um erro logico, a maior e a mais clamorosa das injustiças.

Não, Victor Hugo e Renan e os seus adeptos de convicção não symbolisam a maioria da sociedade, e nem suas obras poderão dar cunho a uma epocha, por isso que são consideradas pelo bom senso commum como uma aberração do espirito humano, um aborto de corações imbuidos no vicio, e jámais como exprimindo o grão de corrupção ou moralidade, ou aquilutando os sentimentos que predominam, já não queremos dizer na humanidade ou n'uma nação inteira, mas ainda n'uma pequena localidade, que infelizmente lhes tenha dado o berço.

Debalde se nos objectará confessando que elles por si sós realmente não dão sello a uma epocha e nem caracterisam o grão de sentimentos, indoles e tendencias de um povo, mas que o facto de haverem suas obras obtido uma *espantosa adhesão* do espirito popular de muitas na-

ções civilisadas, e de se haverem esgotado, como por encanto, *centenares* de edições, é uma prova irrefragavel de que se acham apagadas e extinctas as antigas crenças dos filhos da cruz, e de que vivem esses mesmos povos emergido n'um oceano de corrupção e immoralidade, que cada dia assoberba e se empolpa, tomando maiores e mais gigantescas proporções, e levando em seu dorso empumecido milhares d'almas que se afogam, ou victimas de sua malicia e depravação ou de sua boa fé e simplicidade.

E' um engano. A leviana curiosidade partilha do genero humano por sua propria natureza e condição; miremo-nos em nossos primeiros paes, e veremos que este asserto que enunciamos, não é uma proposição paradoxal. Se não fossem elles não appareceria de nossa parte esta polemica, e outro seria o seculo em que vivemos, e com que tanto implica o illustre collega; dizendo um para o outro nada mais do em risos e na mais doce expansão de nossos corações: *Deus nobis hæc otia fecit*.

Bem; não é pois para admirar que um povo em massa, levados uns pelo instincto da curiosidade, outros por uma natural leviandade, outros por malicia e maldade, e a mór parte pela indignação, affluisse ás livrarias afim de comprar uma obra *nova, nitidamente impressa*, e em que o seu autor, notavel pela sua erudição, se propunha a negar o dogma da Divindade de Jesus Christo, chamando-o um homem extraordinario, portentoso, porém nunca um Deos.

Todos queriam ver em que fundamentos escorava elle sua opinião, com que argumentos fundamentava as asserções que avançava; emfim todos desejavam saber como poderia elle torcer verdades tão sublimes, e que se acham hoje tão profundamente arraigadas no espirito de toda a christandade!

A anciedade é geral; todos procuram ler esse livro, devoral-o de um só golpe de vista; mas Deos sabe o asco que se sobrevém á leitura desse monstro inspirado.

do por satanaz, e a ogerisa que votam a suas doutrinas, que não offendem somente o espirito da Igreja catholica, mas que ferem igualmente o amor proprio individual, porque ninguem aceita de bom grado e nem encara com bons olhos principios destruidores, que tendem a solapar os fundamentos mais solidos, em que se firma sua crença.

Seria deleitar-se com o sopro deletorio da morte que faz entorpecer e paralisar os movimentos mais suaves do coração, que faz bambejar a mais delicada corda do sentimentalismo d'alma christã; seria afagar a ave agoureira que, no seu lugubre piar, annuncia o annuillamento total do mais sagrado thesouro—as crenças—que bebera dos labios puros de uma mão extremosa, que na tranquillidade do lar domestico, infiltrando n'alma tenra de seu filhinho o amor á religião do crucificado, ensina-lhe a balbuciar o nome de Deos, predispondo assim sua alma a subjeitar-se docil aos suaves golpes da fé; seria acariciar o anjo máo a crestar com as azas impuras do erro as crenças mais puras e mais santas, que se acham implantadas no coração do catholico!

Figurai-vos um impostor que vos annuncie que em um determinado dia se apresentará em um tal logar para dar-se em espectáculo e operar prodigios, que a especie humana ainda não testemunhou.

Todos os espiritos tornam-se desde logo soffregos e inquietos, desconfiando até que os seus dias se estendam até aquelle momento anhelado. O povo no dia marcado é conduzido, em grossas e immensas ondas, levado pela curiosidade, ao logar, em que se diz existir aquelle que prende a todas as atenções, que occupa a todos os espiritos e domina a todas as vontades.

Mas depois, quando a impostura se desmarcara, quando os espiritos se tranquillizam e succede á mentira a verdade, notai como se contrahem os semblantes dos espectadores, e como se ausentam cheios de colera e indignação, maldizem-

do e conjurando aquelle que queria illaquear sua boa fé: se é que este não é apanhado, apunhado e amotinado com vãos e chôs.

E' isto o que succede contra a humanidade; é o mesmo pouco mais ou menos o que devera se ter dado com Ernesto Renan.

Para que, pois, se nos possa convencer de que a grande extracção de edições da obra d'aquelle escriptor é uma prova inconcussa da depravação de costumes e da quebra do sentimento catholico de uma população, é preciso que se nos deixe sem a menor duvida de que todos aceitaram, applaudiram e seguem as burlescas doutrinas d'aquelle *espirito forte*. Ninguem se persuada que aquillo foi o triumpho que o erro alcançou sobre a verdade; foi apenas mais um ganho de causa, que sobre os espiritos inexpertos e curiosos obteve a agiotagem, que, ás vezes rebelde á voz da propria consciencia, especula com aquillo, que mais devia acatar e reverenciar!

Temos derrocado assim esse *formidavel reducto*, em que poder-se-hia acastellar o illustre collega para defender sua opinião conservando sempre firmes e inabalaveis suas convicções.

Quanto ao dizer o illustre collega que hoje se faz uma guerra viva e encarniçada á virtude, não admira, e nem isto é uma grande novidade. Desde os primitivos tempos que o vicio se rebella contra a virtude procurando esmagal-a sob os pés de seus estrepitosos corseis. Esta, porem, nunca lhe cedeo um palmo de terreno; e se algumas vezes o deixa campear de collo empinado, é para resurgir ainda mais candida e cheia de attrativos, derribando o seu poder transitorio e deixando-o completamente destroçado.

A luta do vicio contra a virtude será interminavel: ella acompanhará o resvalar dos seculos, que se forem succedendo, triumphando sempre esta dos embates d'aquelle, que envergonhado de si proprio, cahirá aos seus pés della como si-

gnal da homenagem, que lhe deve render.

Aqui fiquemos por ora. O peor é que o reparo que deveria ser breve, vai-se tornando demasiado longo, e por consequencia massante; mas tende paciencia—o advogado do seculo está produzindo sua defesa; vós, como juizes da controversia, tendes de proferir um juizo seguro; supportai-nos pois, e esperai pelas provas.

Joam Manuel.

O CANTOR DOS TYMBIRAS.

A' MEMORIA DE A. GONÇALVES DIAS.

(Continuação.)

X.

Ergue-se o Piaga e traçando os passos,
Vibra o mysterio e merencorio canta,
E a taba chora e soluçando geme.

—Esta noite, oh, Guerreiros tymbiras,
Oh, que noite de extrema afflicção!
Pelas selvas uivava a procella...
Lá nos ares roncava o trovão,
E eu na lapa deserta chorava,
E meus passos traçava no chão.

E chorando,—o mysterio divino
Eis encosto nas rochas... e vi...
Entre o fumo que d'elle sahia,
E seus prantos... Guerreiros, ouvi!
Que seu lume refletete na rocha...
Forma um quadro... p'ra vel-o corri!

E corri para vel-o... Oh, que scena...
Quanta angustia, gemido e penar!
Qu'eu não visse tamanha agonia...
Que me trouxe penoso chorar!
Oh, Tupan! que eu não visse a desgraça,
Que sombria se estende no lar!

Mas... ficei-a!—Era fera a borrasca
La nos mares... não longe d'aqui;
Quazi as vagas tocavam nas nuvens...
Que bramidos... que horrores alli!
Eis, que vejo uma ygara lutando
Contra as ondas... que lucha! tremi!

Grande embora, essa ygára era imbelle
Para aquelle tremendo lutar...

Eis, que a vejo vencida correndo...
Procurando os rochédos do mar!

E nas vagas saltando os seus nautas...
Fogem... fogem da morte a nadar!

E fugiram,..deixando nas ondas...
Sua ygára... salvá-a quem vai?

Eu fictava-a, chorando de pena,
Quando escuto, Guerreiros, um ai!
Um gemido que parte em soluço...
Mas ficei-a... que scena... escutai!

N'essa ygára... no meio das ondas...
Ai que pena, que mágoa, que dor!

Esquecido..., ficara morrendo...
D'estas selvas o doce cantor!

Que fugindo, o Mair o deixára
La sozinho... dos bardos a flor!

Lá sozinho... doente... sem forças...
Qu'elle enférmo voltava ao seu lar,

Vinha alentos pedir as palmeiras,
Qu'elle terno soubera cantar...

Ou morrer entre os seus, cá na taba,
Nas florestas seus dias findar!

E sozinho ficára... exclamando.

—Oh, Mair... oh, Mair... oh, trahidor!—

E sozinho gemia..., que trance...

Que agonia... qu'immenso terror!

Vendo a ygára correr aos abysmos...

E a procella dobrando em furor!

E nas rochas, nos antros medonhos,

D'alta vaga elle ouvia o fremir...

Os sibilos do vento em dilirio...

Dos trovões roboando o bramir!

E cruzandó os relampos, os raios...

E elle só... no abandono... a carpir!

E elle só n'essa ygára... esquecido...

Fraco... exangue... não pode se-erguer!

E'—lhe a lucha impossivel nas ondas...

Se elle geme... quem ouve o gemer?!

Quem o salva?... Ninguem!... E entretanto

Corre a ygára... que atroz padecer!

E elle então em delirios exclama:

—? Oh, Tupan! Qu'eu não possa viver!

E essa terra das verdes palmeiras,

Qu'eu não possa na vida inda ver!

Oh, que sorte me destes... Aos antros
Corre a ygára... E' forçoso morrer!—
Eis que a ygára impellida ao rochedo
Pelos ventos... de infausto vigor...
Se desfaz em pedaços... e morre.
D'estas selvas o doce cantor!
Vi-o morto... boiando nas ondas...
Oh, que pena, que magoa, que dor!—

XI.

Cala-se o Piága, pela dor tranzido
E a taba inteira, que lhe ouvira o carne,
Soluça e geme e consternada chora!

—Morreu!— Prosegue o desditoso augurio,—
Vi-o morrer!
E, quasi louco, abandonando a lapa,
As praias corro... Infeliz Piága...
Que vás tú ver?...

Uivava infausto em desvairada marcha,
Fero bulcão...
A mim qu'importa da procella as furias,
Se levo espinhos da japecanga n'alma...
No coração?!

E chego a praia... E como louco ainda,
Chamo o cantor...
Responde o echo em gemebundo acento...
E a onda, e o vento e a tempestade mesmo
Com sua dor!

Enão podendo resistir a magoa
Sulquei o mar!
E o corpo busco do cantor da selva...
Baldado empenho... Só nos resta agora
Triste chorar!

Oh, sim, Tymbiras! Só nos resta o pranto,
Choremos, sim!
Choremos todos! Era elle a gloria
De nossa taba! Que a saudade... a magoa...
Sejam sem fim!

Sem fim a angustia, que não tem a patria
Cantor igual!
Ai, morto o bardo... quem da selva os mimos,
Da taba os feitos... cantará n'um hymno
Celesteal?!

Ninguem! Tymbiras, que miserando fado
O nosso... é!
Que mal fizemos que Tupan castiga
Com tantas dores?...—E a soluçar calou-se
Triste Pagé.

E toda a taba e a natureza inteira,
O vento e o mar,
A selva, as aves... lé do ceu as nuvens,
Choram saudosas seu cantor suave...
Tudo a chorar!

XII.

Doridos soluços,
Qual nunca escutei,
Ouvindo na taba...
Meu canto soltei!
Ainda os escento...
Chorando o guerreiro,
Da patria o luzeiro,
Das tabas cantor!
O rei da harmonia,
Que a todos vencia
Cantando as victorias,
Das tribus as glorias,
Tristesas da vida,
E as queixas d'amor!

E pois, oh, Tymbiras,
Meus cantos ouvi,
Qu'os dieta a saudade,
Que n'alma senti!
Por entre os gemidos,
Banhado de pranto,
Ouvi-me este canto,
Tymbiras, ouvi!

JUVENAL GALENO.

DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM.

I.

«Treme, treme, dissoluta,
Impia filha de Sião,
Que a tua devassidão
Provoca a ira de Deos;
Povo e rei, todos profanam
Do Senhor os vasos santos,
A Baal se entoam cantos,
Oh! como se ultraja os céos?!

«O rei polluto se entrega
Ao prazer das saturnaes,
Nas orgias infernaes
Dorme o rei, povo tambem;
Escarneceste o propheta,
Desprezaste a Jeremias?...
Pois sim!... por bem curtos dias
Tu serás Jerusalem.

«Teus palacios magestosos.
Teus senhores dissolutos,
Pelo vicio já corruptos,

Hão de cahir fulminados;
Tuas donzellas mimosas.
E teus filhos, sem auxilio
Da escravidão no exilio
Morrerão aferrolhados.

•Treme! treme! dissoluta,
Filha ingrata de Sião!
Que a tua condemnação,
Já lavrou-a o Senhor Deus.
Assim fallava inspirado
O propheta ao rei, ao povo,
Que o escarneciam de novo,
Ouvindo os decretos seus.

II.

Lá nas orlas do horizonte
Subtil fumo se condensa,
Cresce, e em nuvem negra, immensa,
Sobe aos céos em caracol;
A terra atrôam medônhos,
Confusos tropeis, ruidosos,
Os corseis rincham fogosos,
Brilha o ferro á luz do sol.

Alarma! alarma! tremendo,
As vigias de Sião
Gritam: reina a confusão,
Corre o povo alborotado;
Alarma! surge o inimigo,
Ameaçando as muralhas
Pelo furor das batalhas
Trazendo o craneo queimado.

A' frente ousado e terrível
Vem Nabucodonosor;
Nos seus olhos o furor
Fuzila; brandindo a lança,
Ergue o ferreo braço irado.
De sangue e morte sedento;
E mais veloz do que o vento,
Gallopa a bradar—vingança!

Trava-se a luta medonha,
Do inimigo o duro ferro,
Como a cascata do Serro,
Tudo apiquila veloz;
Emmaranham-se os guerreiros,
Geme o sabre na couraça
E' tudo luto e fumaça,
Troveja do horror a voz.

Sobem aos céos os clamores
Das mulheres e crianças,
Que, sob o imperio das lanças,
Lastimam-se a triste sorte;
Jorra o sangue pelas praças,
De mortos juncam-se as ruas,
Em corpos e espadas nuas
Tropeça o que escapa á morte.

Mas, não basta o extermínio
A' vingança do Senhor;
Do captiveiro na dôr
Não basta gemer Sião;
Infernal chamma se ateia,
Devasta os tectos pomposos,
E os castellos magestosos,
E o templo de Salomão,

III.

E a nivelar-se ao pó foi a princeza,
A formosa cidade de Sião;
Como tomba do monte o altivo cedro
Ao desabrido sopro do tufão.

Silencio sepulcral estende as azas
Sobre a vasta ruina, fumegante,
Quebrado apenas pelo grito agudo
Da andorinha, sem ninho, vaga, errante.

Negro véo, como crepe de finado,
Cahio pesado, como noite escura,
Sobre o solo, que a pouco adormecia
Na soberba, opulencia e formosura.

Do viajante os olhos não encontram
Senão negros vestigios de cidade;
Foi Sião, que findou-se, como um ninho,
Arrancado ao tufão da tempestade.

Jerusalem na febre dos prazeres
A voz não quiz ouvir de Jeremias;
Pois sim!... mas vio bem cedo realisadas
Do propheta sombrio as prophecias.

E em vez do canto ardente das orgias,
Só se ouviam as aves de rapina:
Os povos converteram-se em argila;
Sião?—ei-la—confusa e vasta ruina!!!

Recife.

Antonio de Castro Alves.

Roga-se aos Srs. subscriptores em de-
bito, que satisfação suas assignaturas.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

A RESURREIÇÃO.

Expirava o Redemptor do universo. As imagens da morte debuxavão-se em o seu livido semblante. Os olhos inclinados para o pó, e as palpebras cerradas, indicavão que a sua alma voava ao seio da Eternidade.

Nem um suspiro mais soltava. A cabeça re-pousava sobre o tronco. Todos os membros do seu corpo contrahião-se. E do seu divino lado Jorravão sangue e agua: é que o involuero do coração estava dilacerado, e por a rotura mortal fugira a vida.

O Centurião que o assistia, vio escapar-se o ultimo suspiro. Era vindo o momento de fracturar-se as pernas aos supplicados ultima tortura. Approximão-se os soldados; poução essa operação dolorosa; por que a victima estava inanimada.

O Homem Deus era cadaver.

O Golgotha estala de dôr. Desprendem-se fogos do céu. As estrellas destacão-se do firmamento. E toda a natureza solta sentidos lamentos. Phenomenos inauditos sorprendem o universo; porque um deicido se perpetrava em Jerusalem; por que era o mesmo autor da natureza que soffria.

Jesus Christo, sacrificado nas eminencias do Calvario, com os braços estendidos, chamava os povos da terra, e atrahia á si as nações do universo. O Homem Deus acabava de resgatar a humanidade, submersa no pelago de suas iniquidades. O Cordeiro sem mancha immolava-se em propiciação universal.

O seu corpo pendia ainda do patibulo. E esse espectáculo desolador excitava á compaixão das almas piedosas, e saeiava as vistas avidas de seculas sanguinolentas. Bastava já. A tragedia se havia cumprido. Era mister occultar aos olhos da multidão objecto tam precioso.

Um grupo piedoso acerca o leito. Disvelos caridosos empregão-se em pensar o corpo. Mulheres santas, almas generosas, o embalsamão. Sudarios e atilhos perfumados o envolvem. E um sepulchro novo e limpo recebe o cadaver de Jesus.

E sobre o monumento rolou-se enorme lousa. E a autoridade cautelosa imprime sobre a lapida os sellos, e as armas da republica. E uma sentinella guarda o tumulo. Não são honras funerarias ao inelyto morto: vedetas e asmeias são, para estorvar o espolio do cadaver, porque Jesus tinha affiançado, que resurgeria,

vencendo a morte, e rasgando as trevas do sepulchro.

«E a verdade é mais poderosa que os ardis dos homens; e a precaução dos deicidas endurecidos voltou-se contra elles.»

Jesus Christo resu seitou.

Tres dias repousava no sepulchro. E surgia radiante n'outra manhã. E a terra tremeu convulsa. E um estampido prolongado denotava, que a lousa maciça e pesada do jazigo era derrubada por um anjo. E o Redemptor da humanidade, resplandecente de gloria e magestade, por propria virtude era elevado, operando a resurreição.

Cumprião-se os mais portentosos oráculos. A ultima palavra da salvação universal fora pronunciada. A resurreição era um facto. E nem obstavão os sellos e guardas! Aquelles saltavão fora, e estes cahião attonitos ante a inesperada maravilha. E a humanidade applaudia o grande acontecimento da resurreição. E a synagoga via-se confundida.

A resurreição era a esperanza da humanidade. E ella como estrella fagueira appareceu. E a humanidade levantou-se da letargia. E os apóstolos alentados sahirão do marasmo que os opprimia. Pedro se robustece. Thomé accreditia. Todos acorogão-se. A resurreição fortifica-os.

Jesus Christo a confirma com successivas applicações. E depois de os ter instruido nas cousas do reino do céu, no dizer de S. Leão Magno; depois de conferir-lhes amplos poderes para annunciar a sua palavra, governar a sua Igreja, perpetua-la, e della sêr os alicerces; depois de prometter-lhes o Espirito Santo, que os viria illuminar com os seus raios de claridade, Jesus Christo fez a sua gloriosa ascensão.

E os discipulos no monte Olivete recebem com amor as instruções do Divino Mestre. Elle acabava de fallar. «E o Senhor erguendo as mãos abençoou-os; e em quanto lhes lançava a benção, foi-se elevando até que uma nuvem, recebendo-o, o occultou aos olhos dos discipulos.»

Era mister começar a grande obra da regeneração do universo. A religião de Jesus Christo vinha de receber a mais brilhante prova de sua veracidade. Não restava a menor duvida que elle fosse o Filho do Eterno enviado para salvar a humanidade, e fundar uma Igreja, destinada á sanctificar os homens nesta vida, e além do tumulo.

E os apóstolos encetarão a sua missão. E a

SAN'LUIZ, 16 DE ABRIL DE 1865.

NUMERO 19.

palavra foi o instrumento de que se servirão para avassalar o mundo.

Um punhado de homens sem o prestigio do talento e da riqueza, sustentando em uma das mãos a cruz, gloriosa por a resurreição, e empunhando em outra as chaves dos segredos dos Céos, abençoando a humanidade, e pregando a doutrina do Crucificado, chamou a humanidade ao arripio Desse que morria como ultimo dos homens.

E assim progredio, e triumphou a semente da palavra divina, espalhada por os apóstolos. E os apóstolos arrebanharão o universo. E o universo se abrigou á Igreja. E a Igreja conduz á Eternidade.

E eis os prodigios da resurreição.

S. Luiz—1863.

R. Lemos.

BREVE REPARO

sobre o «seculo e suas luzes» do Sr. Antonio Fernandes da Silva Queiroz.

(Conclusão.)

Temos chegado á questão magna por excellencia, á questão da Italia.

O illustre collega trouxe como prova da desmoralisação do seculo e do afrouxamento dos laços da fé que nos devem prender, a chaga que o espirito revolucionario da Italia abriu no coração da Igreja; investivando e cobrindo de apodos e improperios a cadeira de Pedro na veneranda pessoa do velho do Vaticano.

Assim é, ou assim parece ser.

Antes de tudo é mister que nos comprehendam. Não queremos santificar o seculo e muito menos justificar os excessos em que tem cahido.

O alvo a que miramos, como já dissemos quando fizemos nossa *mise en scene*, é unicamente fazermos sentir que não devemos, á pesar das mazellas e das ulceras que molesta as nossas sociedades, renegar das luzes do seculo, pelo simples facto de não nos constituirem ellas em um estado de pureza e innocencia, que seria para desejar, mas que é humanamente impossivel, se attentarmos para a fraqueza e debilidade moral

que contrahimos em nossos primeiros paes.

Quando nascemos logo trazemos impresso em nossa fronte o sello da condemnção. Rehabilitamo-nos purificando as nossas almas da culpa original pelas aguas lustraes do Baptismo. Tornamo-nos um outro ser moral; mas pela fraqueza congenita a nossa mesma natureza tropeçamos e caímos máo grado nos braços de Deus. Banhamos de novo nossas almas no Jordão do arrependimento; mas a natureza é fragil, tropeça e torna a cahir.

Esses tropeços e quedas, que continuamente está dando a humanidade, são o que naturalmente se chama—ulceras, que corroem a sociedade; ulceras, que com o correr dos tempos e com a diffusão das luzes, podem minorar de intensidade, mas nunca se extinguirão absolutamente; maculas que existirão sempre mais ou menos sensiveis assim nos tempos de maior obscurantismo e barbaria, como nos mais luminosos de sciencia e civilisação.

Não queremos chegar ao absurdo de pensar que seja o espirito orthodoxo quem promova a discordia e excite as paixões, e nem que os vulcões revolucionarios rebentem ao influxo ou sob o protectorado do catholicismo. Os cabeças da revolução é que simulando um decidido amor á religião catholica e ás liberdades publicas, falseando seus principios e turpando sua missão, se cobrem com o manto della para fallarem ás turbas excitando-lhes as paixões pelo lado do rutilante e do sublime attingirem os resultados sinistros a que miram.

D'ahi concluimos nós que o facto da revolução da Italia não desabona inteiramente o seculo, e nem condemna o espirito catholico d'aquelle povo.

Satanazsuscitára na pessoa de Garibaldi um novo perseguidor da Igreja, para saltar ao seu chefe das prerogativas e immunitades, de que se achava no gozo.

E Garibaldi cumprio sua diabolica missão!

Excitou as turbas: fallou-lhes um alinguagem nova e diversa da que devia exprimir seus sentimentos, e poz estrategicamente em execução os seus planos tenebrosos.

Mas é preciso nunca perder de vista que a maldade se encarnou unicamente em tres homens—Garibaldi, Victor Emmanuel e Cavour—todos os mais eram automatós.

E mister notar-se igualmente que elles, cripheus da revolução, não fallavam abertamente ao povo; procuravam ao contrario insinuar-se pouco a pouco, fallando-lhes em *nome da religião*, da liberdade, do progresso e da civilisação; e só com estas expressões açucaradas podiam revoltar ás turbas, que viviam tranquillias ao pé da cruz, e congraçadas á sombra da arvore do catholicismo.

O povo, e principalmente a mocidade, ama as ideias grandes e generosas; é o calcanhar de Achilles, por onde somente pode ser desvirtuado.

O povo não obra por si, é excitado.

E nós affiançamos, sob nossa fé de catholico, que, se Garibaldi ou outro qualquer ministro de Satanaz, bradasse ao povo, dizendo com franqueza e sem reboço: sejamos todos impios, lancemo-nos sobre o successor de Pedro para desenthronisal-o; acabemos com a religião catholica que é uma mentira, rasguemos o Evangelho e o entreguemos ao dominio das chaminas; affiançamos, repetimos, que a cabeça de Garibaldi voaria pelo ar em estilhaços, depois de lhe haverem quebrado uma manopla de ferro na cara.

Se pois o povo não obra por si, se é ao contrario automaticamente impellido; se os que procuram, por inspiração diabolica, transtornar a obra de Deos, para poderem excitá-lo, fallam-lhe em *nome da religião*, trazendo como adulo as doces e suaves expressões de progresso e liberdade, claro está que ás turbas, que

são os fortes esteios das revoluções, domina principalmente o espirito de religião, a cujo influxo somente se movem; e que por consequencia as revoluções; alem de não serem peculiares a este ou áquelle seculo, nada provam em desabono da catholicidade de um povo, e muito menos podem ellas aquilatar o gráo de moralidade ou corrupção, visto como quasi sempre é movido pela influencia de ideias grandes e generosas, que alguns mal intencionados e filhos do demonio infundem em seu espirito, que, pela estreiteza de seus limites, não pode descorrtinar o alvo, a que se elles dirigem.

E ainda mesmo que estas ideias sejam taxadas de phantasmagoricas, continuamos a sustentar que a revolução da Italia, visto como não é um facto historico excepcional e peculiar ao seculo XIX, não constitue uma prova irrefragavel da corrupção de costumes e da decadencia do catholicismo.

Quando cessará a guerra promovida contra a Egreja? Quem poderá assignalar o termo da luta do erro contra a verdade?

A perseguição e a oppressão, que soffrem a Polonia e a Irlanda, é um forte baluarte, em que o illustre collega arrima sua argumentação; mas permita que lhe digamos que esta prova é como o instrumento de dous gumes, que molesta mais a quem se serve d'elle, do que aquelle, contra quem se dirige.

Fallemos dessas nações.

A Inglaterra, que *não se fez protestante no seculo XIX*, e que pelo contrario nelle é que se está catholicizando de uma maneira prodigiosa, traz sob um jugo ferrenho, oppressivo e deprimente á heroica e sincera Irlanda, e tem jogado a ultima carta, para que abandone esta a religião catholica e abraçe o protestantismo. Apezar de ser o paiz classico das liberdades traz escravizado aquelle povo de Deos, que prefere o martyrio a renegar de seus principios e crenças.

Porem nem o brilho de seus ourópeis, nem o seu commercio, que talvez seja o mais importante do mundo, nem suas manufacturas, nem suas immensas docas, tem tido o poder magico de seduzir a Irlanda a ponto de se deixar ella protestantizar; prefere antes ser zurzida sem piedade e atada ao poste do soffrimento e do martyrio do que entregar o collo a um jugo mais infamante, e ser conduzida pela Inglaterra como uma mercadoria barateada aos celleiros de suas iniquidades.

A misera Polonia supporta com heroismo inaudito a vil oppressão, acompanhada de morticínios, que sobre ella descarrega o barbaro governo moscovita, sem nada perder d'aquella serenidade, que só inspiram as bellezas do catholicismo! Abraçada com a cruz, que é o seu unico lenitivo, ella, a triste Polonia, soffre as maiores torturas que lhe inflige a Russia para fazel-a escrava de suas paixões e cúmplice de suas iniquidades; porem ella reage, até ao martyrio, contra a força bruta e selvatica, que pretende ennegrecer-lhe a brilhante aureola de catholica que lhe cinge a fronte.

A Polonia poderá ser esmagada sob o império da força, mas nunca se dobrará senão á força do direito e da verdade: *elle meurt, mais ne se rend pas*—será sua constante divisa.

E entretanto a Russia, que igualmente não se fez protestante no seculo XIX, não tem podido humilhar a esse punhado de povo, que zomba incessantemente de seu ephemero poder.

Se nos poderá objectar que as nações civilisadas e que se dizem catholicas, estão surdas aos reclamos que lhes faz sua irmã gemebunda sob os mais afflictivos transeis!

Realmente é um anachronismo que não tem explicação plausivel!

Todavia se o nosso seculo estivesse no pé de corrupção em que o suppõe o illustre collega, estas nações poderosas já

teriam, sem muito esforço, descatholizado aquellas duas pequenas porções de terra, onde habitam corações tão magnanimos, almas tão generosas e espiritos tão elevados. E' que ainda ha muita crença arraigada e imperturbavel, muita virtude que nos desperta os mais puros sentimentos de respeito e admiração!

Quanto ao dizer o illustre collega que é grande e encarnicada a guerra que se faz hoje ás veneraveis instituições do christianismo, cremos que não é cousa de hoje somente nem de hontem: data dos primitivos tempos da Igreja e se continuará em uma ininterrompida cadeia até a consummação dos seculos. No christianismo está, por assim dizer, encarnada a verdade, contra a qual se ha rebellado, se rebella e se rebellará sempre o erro; e ninguem poderá assignalar o termo a essa luta porfiada, que será terminavel.

Mas, apesar do indifferentismo religioso, de que se faz tanta soada, e que é o thema de todas as dissertações e a prelecção de todos os dias, não apparece a ninguem que proferisse um só verbo de impiedade, cuja voz não fosse inlimpida e suffocada pelos luzeiros brilhantes de sciencia, que procuram afastar o genero humano dos abyssos do erro.

E ainda é o illustre collega quem authenticica esta verdade, dizendo: «não confessamos, pequena a pleiade dos que se occupam em combater as doutrinas perigosas; nessa luta se empenham os maiores vultos talvez do mundo litterario e scientifico: jamais o negaremos.»

Se assim é, e se a impiedade não avança um passo para diante, sem que a pere no topo da escada uma brilhante pleiade de vigorosos atletas das bellezas do Evangelho, *tollitur questio*; porem que o Sr. Fernandes da Silva, arrependido talvez da verdade que profetizava, crescenta depois: «mas é tambem forçoso concordar connosco que, com o algarismo dos que propugnam com

dos que accusam as reaes bellezas é comparar a pequena fonte com o oceano.»

Ora, valha-nos Deus! isto é meramente declamatorio! Nem é possível que nos mortifiquemos a nós e a paciencia de nossos leitores com fazer uma confrontação de algarismos para descobrir o maior numero dos que defendem ou dos que combatem as verdades catholicas.

Seria irrisorio, se não fosse uma necessidade.

Tendo o illustre collega na *primeira palavra* de seu artigo se occupado englobadamente do seculo e suas luzes, agora, dando como que um salto mortal, transpondo o espaço que vai da *primeira á segunda palavra*, começou a tratar especialmente destas, exordiano da maneira seguinte: «não tendo nós negado os progressos, bellezas e perfeições do nosso seculo debaixo de um certo ponto de vista, e conforme nossos acanhados conhecimentos (isto é modestia), seria irrisorio se deixassemos de confessar tambem que *para muito tem concorrido as suas apregoadas luzes.*»

E' sempre assim! O illustre collega não pode conter a espontaneidade de uma confissão que, sem elle o sentir, brota de seus labios, dizendo com todo o accento de voz grave—que não pode deixar de confessar que em muito tem concorrido as apregoadas luzes do seculo para o seu progresso e engrandecimento.

Mas, pergunta elle, essas luzes exercem uma influencia real e legitima sobre a sociedade em geral; concorrem somente para o seu progresso e felicidade, ou tem tambem occasionado a sua ruina e concorrido para o seu desmoronamento?

Parece-nos que tem tambem concorrido para o seu desmoronamento, responde elle ».

Ora, alem de nos vir isto com ares do *idem per idem* da escola, entendemos que a argumentação pecca por assentar em fundamentos tão vagos que se não pode oppor em termos precisos adoptados ar-

gumentos em contrario. Seria um trabalho improbo e penoso o revolver os annaes da historia para provar-se que as luzes do seculo constituem, por assim dizer, sua vida morale intellectual, e que só acarretam beneficios e jamais damnificarão a sociedade.

Querer attribuir alguns males e enfermidades que ainda pesam sobre a sociedade, ás luzes que sobre ella tem derramado a verdade, é mutilar a historia, dar um golpe profundo e mortal na humanidade, e desconhecer as causas primordias d'aquelles mesmos males e enfermidades. Pelo contrario entendemos que devem elles ficar por conta e a cargo da ignorancia, que ainda lavra e que grassará nas sociedades as mais adiantadas.

Nunca ouvimos dizer que os estados se desmoronassem pelas luzes que se difundissem em seu seio, mas sim pelas trevas da ignorancia de que se veem circumdados.

Fiquem intactas as chistosas comparações que fez o illustre collega das borboletas, insectos e passaros, que, encanando-se com as luzes de um facho acceso, cahem como que feridos de um raio. Isto deve ser entendido lá com as borboletas e os insectos; os homens só erram quando não acertam com a luz, quando andam ás apalpadellas.

Quando as nações, por meio de systemas adaptados, puderem attingir a um estado perfeito de educação no pleno gozo das luzes necessarias para sua illustração, terão igualmente tocado á meta da perfectibilidade moral. Este estado, porém, é impossivel, jamais ellas o attingirão.

Não se trata aqui da luz material, que dimana dos lampadarios, das fogueiras e dos archotes, e com que se podem incendiar ou chamusear os insectos e borboletas, não; fallamos das luzes da intelligencia, que nos são transmittidas pelo intermedio da verdade.

A verdade não encandeia a humanidade, entorpecendo sua marcha regular e progressiva, guia-a pelo contrario pelas syrtes, de que se acha entravado o caminho da vida.

Concluindo, diz o illustre collega: «d'aqui vem dizer-se em popular linguagem: as luzes do seculo encandeiam; e não permitem acertar com o bom caminho.»

E' uma inexactidão. Não são as luzes do seculo que desviam a humanidade do recto e seguro caminho, que deve estradar e percorrer, são certos preconceitos oriundos de resquícios da ignorancia, com que ainda estamos em lula aberta.

As luzes do espirito não são bastantes para que o preservem de aberrar da verdadeira senda que lhe cumpre trilhar; é ao contrario á falta dellas que as paixões se accendem e se desenfreiam, e que a humanidade escabecêa doudejando ás escuras até aprofundar-se nos abysmos da perdição.

Temos necessidade de concluir.

A vozzeria que se levanta contra o seculo e suas luzes, já vai em nossos dias tomando ares de mania. Todos querem chicotal-o emprestando-lhe mil appellidos.

E' da natureza humana aborrecer o tempo em que se vai a vida escoando, ainda que seja o mais deleitoso e cheio de encantos, ruminar com saudade o passado o mais desastroso e melancholico, e almejar com ancia o futuro, que sempre se lhe acena risonho e esperançoso.

Isto posto, não admira que declamem tanto contra este vasto theatro, em cujo scenario estamos vendo representarem-se diariamente interessantes *comedias e vaudevilles*, que se deram e se repetem em todos os tempos, mas de que nenhuma menção fazem os historiadores, que absorvem todas as suas vistas em cousas mais importantes, com que todavia não implicamos, e que nos não dão tanto no gôto.

Duas palavras ao collega e aos leitores.

Se no correr da discussão nos escapou alguma expressão menos conveniente, e que ainda *per accideus* envolva uma offensa, considere-a o illustre collega como retirada, convencendo-se de que jamais entrou em nosso plano o molestar a sua individualidade, á qual nos prendem sagrados laços de amizade e de colleguismo; desculpe-nos pois as faltas.

Aos benevolos leitores que nos acompanham em nosso modo de sentir—um aperto de mão e um coração penhorado; aos que porem não fazem côro comnosco, diremos: *são as luzes do seculo que vos encandeiam a ponto de não atinardes com o bom caminho*, tornando-vos assim dignos do mais *justo reparo*.

Joam Manuel.

O SUICIDIO.

«Que phrenesi é esse, que tão espantosamente vai lavrando entre nós; e que tão desgraçadamente vai enlutando as paginas da moderna historia?»

Que é isso, que espectaculo de sangue é esse, que já a sociedade sem horror contempla; e sem enrubecer offerece para ser consignado nas paginas de seus annuaes?

Que vem a ser isso, cuja existencia nós lastimamos, e a sociedade applaude como desafronta da ignominia, e como agulha regeneradôra das peripecias deste velho mundo?

O suicidio! . .

Sim, o suicidio, o mais repellente crime, que imaginar-se pode, hoje a sociedade abraça como uma virtude!

Não será consideral-o uma virtude querer encontrar nelle proficuidade contra a miseria terrena?

Não será ainda consideral-o uma virtude, na expressão da sociedade, quando diz: para não envergonhar a sociedade e a familia o suicidio é um prompto remedio?

A sociedade degenerada, só ella, será capaz de arvorar-se em tão sanguinolento *medico!*

Oh! o que digo! será por ventura uma blasphemia, ou uma realidade?

Infelizmente é um facto, e um facto não se pode contestar.

A sociedade aconselha o suicidio, commettendo um crime perante Deus e a humanidade!

Aconselhar o suicidio é aconselhar o ronbo contra o proprio Deus, unico possuidor da vida humana.

A sociedade aconselha o suicidio!.. Oh! fraticida sociedade, como ousas persuadir a dilaceração de teus proprios membros; não vês que feres a ti mesma!

Que rasão prepondera na sociedade para condemnar o homem ao suicidio?

Nenhuma, por certo, pois banalidades não constituem provas. E demais a sociedade tem a sublime obrigação de contribuir para a sua consistencia, e não para seu proprio aniquilamento.

Se um élo da cadêa social já não tem consistencia physica, nem por isso a sociedade o deve condemnar; porque a sociedade não tem só como base fundamental o que é material.

Se é desmoralizado, ella, como verdadeiro mestre, deve curar de sua moralidade, e como verdadeiro guia, encaminhar o perdido na via recta; e demais, na frase de alguém, não ha homem que não tenha sua utilidade.

Não obstante, a sociedade parece insinuar o homem na senda escabrosa do suicidio, por causas meramente accidentaes, quando sem pesados exforços esses males podião ser reparados.

Só intelligencias desnaturadas, que tomão o reverso pelo recto, poderão pensar de um modo contrario; porque seria o mesmo que deixar morrer necessitado de pão o velho guerreiro, que o inimigo fez tremer, em rasão de já não poder contribuir com rijidez e coragem para a defesa da Patria, porque o tempo d'elle zombou.

Seria o mesmo que dar a morte ao pai, porque o filho, já creado, delle não exige mais serviços e cuidados.

Tão rude pensar faz concluir, que a sociedade só deseja a conservação do homem para disfrutal-o materialmente; desconhece, ou não quer aceitar, de um seu membro, a moralidade e a virtude, objectos elementares da sociedade humana.

Para a sociedade os defeitos physicos do homem são circumstancias agravantes, para que esse élo seja desligado da cadêa, como se o élo cogitante, o homem, apenas fosse dotado da força bruta e material, como a do ferro!

Particularisemos a questão, e saibamos quem seja o suicida.

É um ente, que tem; rasão, porem não sabe se a tem: é um louco, que, fazendo mal a si, julga praticar um bem; que offende a humanidade, e ao proprio Deus; a humanidade com o tremendo exemplo da covardia; a Deus com a rapina, arrancando miseravelmente a vida, esse precioso penhór, que por Deus lhe fôra confiado.

As rasões do suicida são ferrenhas. Perseguido, um *balsamo* encontra para atenuar seus males; atormentado, uma palavra unica o *aconselha* e ouve—o suicidio.

Se pensa em si diz: perde-se um só homem, e não ha falta que não seja reparada; morro, porem que importa, o meu lugar por certo que não ficará vasio.

Se pensa na sociedade, suppõe, que essa já não precisa de seus serviços!

Elle como valoroso soldado com denodo a sociedade servio; hoje, que já não pode, pelos caprichos do tempo, procura o veneno na infamia, e suppondo encontrar alivio, arroja-se ao suicidio!

Quem o livra desse acto de desesperação? Ninguém...

Suicidou-se um miseravel, diz-se: «fez bem, já a sua existencia não honrava a sociedade, antes morrer do que soffrer ignominias!»

Fallão assim, porem que fallar é esse? O morrer é bom quando Deus chama natural e placidamente para o goso eterno. O morrer é mau para quem á Deus offende, procurando tirar o que Elle queria conservar; é mau para o desesperado e insoffrido que almejando se livrar do passageiro penar busca no suicidio alivio; sem considerar, que á sua espera está a condemnação eterna!

Morrêo o desgraçado, porque lhe negarão o soccorro, a consolação: estava na borda do precipicio; necessitava de quem lhe desse a mão; de um amigo em que depositasse confiança, para desta arte opperar a sua salvação: ninguem lhe appareceu...

Morrêo cheio de pesar por não ter um

amigo, que o consolasse: morrêo, por que a sociedade o quiz: morrêo, por que sendo desconhecida negou-lhe tudo, até o amôr do proximo!

A sociedade, que por sua livre deliberação, consente no desligar do élo da cádeá cogitante, vai de encontro á lei social, e o proprio preceito de Deus supremo...

A sociedade sempre está á clamar pela observancia dos direitos sociaes, e seu zelo a esse respeito á muito tem chegado: clama, blazona, pela existencia de qualquer estado, que ella suppõe ser contrario a sua conservação.

Em consequencia destas e outras razões muito se tem atacado ao estado cebilitario como uma instituição anti-social, como uma lepra que a atassalha e a enfraquece: não obstante é elle menor, contrario ao estado social do que o suicidio, crime, que em certas circumstancias a sociedade parece alimentar.

Pelo suicidio desprende-se o élo da cádeá social, se enfraquece se despedaçã; em quanto que pelo celibato a sociedade não soffre destroço algum; e se por causa delle a sociedade não tem rapido progresso, tambem regresso não tem.

Não obstante a sociedade clama por este estado, que julga contrario a seu progresso; e ao suicidio, verdadeiro martello, que esmaga os élos da sociedade, ella parece favorecer, ou ao menos sem pejo pouco lhe importa, que desapareçam os membros da sociedade humana pela maneira mais horrivel que imaginar se pode—pelo suicidio!

S. Luiz—1865.

M. L.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

ELEIÇÕES NOS TEMPLOS.

Traços ligeiros sobre os artigos 42 e 95 da lei de 19 de Agosto de 1846, que designão as Egrejas Matrices do Imperio para o lugar das eleições populares.

I

O Legislador Brasileiro na confeição da lei regulamentar das eleições no Imperio inserio os artigos 42 e 95, em os quaes designou as Egrejas parochiaes para o lugar das assembléas populares.

Prescrutando as intenções do legislador, as achamos boas, e emanadas de um coração eminentemente catholico.

Com effeito, convocar os povos de uma nação, que professa uma religião santa, como é a catholica, apostolica, romana, para acto tam solemne, como soe ser o de eleger aquelles, que tem de governar a não social, parece ao primeiro aspecto, que a séde desse congresso illustre deve corresponder á magnitudé do objecto.

Os templos, pois, forão julgados mais aptos e dignos para essas reuniões numerosas e respeitáveis.

Apréciemos ligeiramente os motivos, que actuarão sobre o juriconsultó brasileiro, e o decidirão á destinar as Egrejas para esse fim.

«Quando os legisladores brasileiros designarão os templos como os lugares mais apropriados para o solemne acto das eleições dos representantes do povo, dissé pensadamente o sabio e venerando Marquez de Santa Cruz, forão sem duvida guiados pela maxima mui obvia, proclamada pelos proprios sabios do paganismo, que a sanctidade do lugar contribue á inspirar puros e acertados pensamentos.

«A sabedoria do antigo mundo, bem

que destituída do auxilio da revelação, havia comprehendido a poderosa influencia das idéas e sentimentos religiosos sobre a ordem social. A intenção de collocar a urna eleitoral, e com ella os destinos do paiz sob os auspicios da Divindade, era de certo nobre e digna dos legisladores do imperio de Santa Cruz.»

Um povo que se presa de religioso deve compenetrar-se de sua alta missão, á vista de objectos capazes de despertar nobres sentimentos, disse e suppoz o legislador quando elaborava os artigos em questão. Os altares sagrados onde os ungidos do Senhor offerecem o sacrificio dos sacrificios; as venerandas imagens dos martyres e heroes do catholicismo; os santos aprestos, que servem nos mysterios do templo; o holocausto incruento á pouco celebrado; as proprias paredes do santuario; a magestade divina, que enche o Tabernáculo; farão o povo reconcentrar-se, e ter como visivel a gloria de Deus, manifesta no augusto recinto.

Então o povo, convicto dos deveres impostos por a sociedade e a Religião, depositará no altar da patria, as urnas, o voto, fiel expressão de sua consciencia e liberdade, despertadas por as inspirações saudaveis, recebidas no templo do Senhor.

Então o povo, sinceramente catholico, respeitando o alcaçar sagrado, escolherá, nestas circumstancias beneficas, o varão prohiboso e grave, capaz de reger os publicos negocios; ouvirá os generosos impulsos de sua consciencia, e os dictames sugeridos por a fé sincera de bem desempenhar o mandato, que constitue a sua mais brilhante autonomia, o direito de votar.

Então o estado será feliz; porque os seus legisladores, eleitos em tam pros-

NUMERO 20.

SAN'LUIZ, 23 DE ABRIL DE 1865.

pera occasião, serão os fomentadores do progresso real, instituidores de excellentes e proficuas leis, sustentáculos das publicas liberdades, e promotores do bem e interesse universal.

Demais, sendo o catholicismo a religião do estado, assim considerada, mantida, e jurada no pacto fundamental; e professada, acatada, e venerada por a generalidade dos Brasileiros; e disseminada por todos os angulos do imperio; e seguramente acompanhada do esplendor do cortejo, que caracterisa a religião do Crucificado, disse o legislador, temos padres e templos: os templos serão a sede das assembléas populares, e os padres secundarão os meus planos com a sua palavra.

Sendo o imperio dividido em parochias com as respectivas matrizes, estas, embora pardieiros, ou palhoças arruinadas, comportarão os povos dos districtos de paz.

E os padres, que presidirem á essas Igrejas na qualidade de parochos, serão obrigados a dirigir aos seus freguezes, antes do processo eleitoral, um discurso analogo, aconselhando e persuadindo dos deveres, ao rebanho confiado aos seus desvelos.

A palavra santa fará portentos. Se alguma trama, odios inveterados, opiniões anticipadas, paixões ardentes houverem, se dissiparão á voz do pastor. Se os partidos extremes, inimigos, irconciliaveis, em irritações de animos, com os tredos planos de politica pretenciosa, quizerem debater-se, e praticar actos desairosos, e antiheticos á sanctidade do lugar, o vulto sereno do sacerdote, dessa religião de paz e brandura, se dirigindo ás massas, obrigará a furia infernal das loucuras partidarias acalmar-se, somente ao ouvir do pulpito os salutaes conselhos do ministro do Senhor.

E assim, conclue o legislador, está tudo disposto: o povo abriga-se nas Igrejas: porta-se bem; faz a sua eleição pacificamente; elege os seus representan-

tes; ouve com attenção os salutaes conselhos do seu vigario; e respeita a casa de Deus: por tanto, creio que os sentimentos patrioticos e religiosos do povo corresponderão bellamente ás minhas theorias.

Bellas theorias! Eu chamaria sonhos de adolescente, adormecido ao som de melodiosas arias, entoadas por sua desvelada mãe, ou sonoros harpejos d'uma harpa, tangida calculadamente para disfarçar as nuvens dos pezares...

Sim: essas theorias aliás sublimes, essas intenções puras, forão burladas. Ninguem, por certo, sustentará na actualidade, que as vistas e esperanças do legislador adquerirão com a pratica feliz resultado.

E na verdade: quem, approximando-se a funesta epocha dos comicios contemporaneos, isto é, eleições, se não dispõe para, tremendo de susto, testemunhar o espectáculo miserrimo da casa do Senhor, manchada e polluta por as saturnaes e orgias, á que dão o pomposo epitheto de assembléas populares?

Quem affirmará, com seriedade e boa fé, haver dique capaz de refrear a popularidade, ebria de paixões e licores, nesses dias omimosos, em que a soberania nacional revela-se *francamente*, ainda em mais humildes membros da sociedade?

Quem, catholicos verdadeiro, ou apparente, se abalancará á provar que os interesses religiosos e sociaes do paiz tem lucrado com essas disposições legislativas?

Quem se arrojará á sustentar a necessidade de conservar-se no corpo da legislação do imperio tam invencionado manacial de opprobrio, depois de ter testemunhado a sua inconveniencia, por uma experiencia dolorosa, que os agravão com maiores delictos, que desdourão as paginas da historia patria?

«Que garantias de ordem e segurança poderá nos offerecer o systema, que nos augura tantos bens, quando a malicia dos homens o faz servir para sêmear a di-

cordia, e ultrajar a Divindade no lugar, que parecia mais inacessivel aos insultos do impio; ou aos desdens dessa fatal indiferença, e aquelle mesmo em que se vae invocar as luzes do Divino Espirito, como uma formalidade vã e irrisoria?»

Será crível, que uma nação civilisada e illustrada, para não dizer catholica, como é o Brazil, consinta por mais tempo praticar-se nos seus angustos templos a abominação da desolação, no dizer do propheta?

Será crível, que os poderes da nação Brasileira, empenhados em manter a religião catholica, apostolica, romana, como a religião do estado, auctorisem por lei a continuação desse atheismo legal, desse sacrilegio horrivel?

E serão, em boa logica, e em são direito, as Igrejas lugares proprios para comicios eleitoraes?

Eis o que passaremos á discutir em subsequentes artigos.

S. Luiz: 1865.

R. Lemos.



A CRUZ.

I.

Na fazenda de... da provincia de... o astro do dia espargindo claridade pelas orlas do horizonte, annunciava o amanhecer do dia dois de setembro.

Era uma dessas manhãs encantadoras. E com o correr das horas o astro gigante e rei guapamente derramava seos fulgores, ariventando a natura que estava como que dormente pelos perfumes das papoulas derramadas pela noite; e garboso e gentil ia pouco a pouco transluzindo no immenso azul do céu, qual o turbilhão de fumo que açoutado pelo vento se ergue em palpa envolvendo crepitante e rubicunda chama.

Seos raios ainda na primeira côr do arrebol galhardamente reclinavão-se na infinita amplidão, e caião em longos e

radiantes fios pelos horizontes: tal como a Venus da Fabula quando se appresentando a seo pai celeste e que seos leves cabellos em continua luta com as auras perfumadas fluctuando se esparzião pelos alvos hombros.

O clarão almo calor a tudo dava; e como os raios do sol já projetassem estrellado céu no pavimento retratão.

II.

Nestas horas cujos encantos e magia, cuja harmonia sonora o sabio principalmente de seu leito escuta e aprecia, a natureza acordava e como que surria.....

Nestas horas tressuava uma sonora musica formada pelo canto dos passarinhos, que em compensação de sua fraquesa deu-lhes Deos os mais afinados chilos.

Que horas de enlevos! Trina o Canario, assovia o Vemvem; o Jaó saudoso saindo da moita escura com passo lento vai piando pausadamente pelo vasto leito do bosque.

O Jacú grasna além grimpado no florido Páo-d'arco e voando de ramo em ramo, vai sorvendo o nectar de suas amarelladas flores....

Foi nestas horas de tantos encantos, e que as harmonias tremulão nas selvas, como a estrella luzente palpita lá n'um canto do céu atravez do azul do firmamento; e que o pensamento do homem absorto na contemplação de tantas maravilhas, depois de absorver tudo que é ephemero e passageiro, e conceber tudo podendo deixar de existir, pois tudo se pode aniquillar pelo pensamento sem haver nisso absurdo, immediatamente pela razão intuitiva eleva-se á sublime concepção de um ente supremo typo de tudo quando é bello e grande....

Sim, foi n'estas horas que... oh! meo Deos, como narrarei tão infausta successão?... um innocente e tenro menino erguendo-se do leito em que, havia pouco, dormitava, e com os delicados

dedos ainda esfregando os olhos, se poz só pelos matos a brincar....

Attrahido pelo aspecto risonho da manhã, e amenidade da tepica aragem que caia, vai insensivelmente penetrando o seo da selva.

Colhe uma flor lá de um galho que, baixo, rola no chão varrendo pó, e além lançando os olhos outras vê mais bellas e prasanteiras; eis que logo apoz ellas corre....

As flores com as flores brincão e a innocencia com a innocencia se entretem.

Assim Casemiro, pois é de quem nos occupamos, no afan de tér flores e ainda mais flores colher, mostrando já assim o vacuo immenso que no peito humano existe, o qual só com o infinito se satisfará, e correndo atraz das inconstantes borboletas, interna-se na umbrosa matta, que a semelhança do mar revolto pelo furor das tempestades toda gemia com o retorcer dos ventos, que já se hião desenvolvendo.

Avança alguns passos Casemiro, e eis que logo o rumo perde dos lares paternos, dos tão amados lares.

Oh! meo Deos! que ancia! que agonia... que dor acerba lhe devora o peito que vehemente bate! qual o onda furi-bunda que empellida pelos furações fere as praias e tenta forçar os diques que lhe poz o Creador.

Toda sua alma parece aproximar-se dos sentidos...

E eis que logo cae num delirio, perde a paciencia, escalda-se-lhe a mente, e para logo rolão no pó as flores que tras nas mãos.

Espanto!... oh! dort irrição-se-lhe os cabellos, e um grito espontaneo e aterrador, quasi misturado com choro cresta-lhe os labios, e roçamente entregue alem.

Um só ente sobe-lhe a mente, o ente mais querido deste mundo, e correndo Casimiro pelo bosque vai gritando: mamãi, mamãi? aonde estaes? aonde aonde?

E assim coin admiravel impeto salta moitas, barrancos, mil troncos abalroa,

e mil gritos reboão na floresta ingrata... qual a Anta que perseguida por pertinaz matilha precipita-se dos altos talhados nas planicies dos valles, ou como a corsa que ferida pela mortifera flecha do tapuia corre doida pela immensa campina coberta de duro agreste.

Correndo assim tão precipitadamente, eis que interna um pé n'um grande foço, e estirado jaz a fio na verde relva. Porém nada disso vê, nada sente; pois com presteza se erguendo pelo extenso bosque se deita a correr. Seos sapatos já a muito que voados tinhão pelos ares na carreira insana: e não valendo a verde roupa da branda relva que rasteira veste o leito da selva ingente, ambos os pés do pobramenino são cobertos de rubros sangue.

Já quasi exanime corria com a boca espumante, e ainda gritando: mamãi? aonde estais? aonde? aonde?

Mas ninguem lhe responde, e só o echo que na floresta troa lhe responde mamãi? aonde estais? aonde? aonde? E depois o estúpido silencio que alem muge por toda ella se espalha.

O sol já tinha feito uma boa tirada; e parecia incrivel que tão juvenil corpo tivesse tanta resistencia, porém já era mais o terror que sustentava o pobre perdido do que suas forças.

Mas um cipó em breve veio terminar tanto afan; porque entrelaçando-se-lhe nos pés fel-o baquear como um madeiro decepado pelo robusto agricola.

E Casemiro jaz debruçado sobre as verdes hervas entre a morte e a vida, como que mergulhado em profundo sono, e apenas arqueja.

Voltemos agora, oh! leitor, a contemplar o quadro de uma familia consternada, mas alborotada.

(Continúa).

AINDA O SÉCULO E SUAS LUZES.

I

Quando tomamos a nossa rude pennam para rabiscar duas palavras sobre o sé-

eulo e suas luzes, foi nosso primeiro cuidado fazer sciente aos leitores nossa nihilidade litteraria, e até confessamos que, arrastado por uma magica tendencia, iamos levantar castello em terrenos ignotos.

Já se vê, que não tivemos a louca e exaggerada pretensão de impôr o nosso escripto como saído do bico de uma penna hem aparada, e muito menos como fructo de uma intelligencia *robusta* ou cheia de viço.

Uma cousa sim tivemos em vista, e foi dizer a verdade candida e pura como sôe ser, como a tinhamos bebido em notabilidades litterarias, e conforme as nossas convicções mais intimas.

E pois, como tinhamos consciencia de o ter feito, nunca imaginamos, que viesse algum levantar-se para gritar contra a nossa humilde apreciação, e menos pensámos que fosse um collega distincto por suas qualidades e conbecimentos o que enristasse a lança *procurando estabelecer uma discussão neste terreno para triumphar, não por meio de uma fina dialectica, e belleza de estylo ou forma; mas pela força e imperio da verdade esplendida de fulgores, arrebatando a convicção ao mais emperrado espirito do que se mostrar recalcitrante.*

Respeitamos muito a authoridade e luzes do illustre collega, e se elle «pincellando com a fina e dialectica palhêta de sua robusta intelligencia» houvesse, no seu *breve reparo*, em que *não quiz primar pela plumagem, nem desvirtuar as crenças e convicções alheias*, conseguido por meio de uma discussão calma e reflectida, gerar em nossa alma a convicção de que fomos exaggerado na apreciação que fizemos, desde logo, em transporte jubiloso, ter-lhe-iamos cedido a vidente palma da victoria, e a gloria do triumpho, porque, como o collega, desejamos ardentemente, que seja a verdade a nossa terra da promissão, e a intelligencia, a razão e boa fé o nosso Moyzes. Mas, sem que nos detenhamos em al-

gumas palavras, (que o illustre collega nos prestou; disendo logo na introduccão ao seu *breve reparo* «que se não podia conformar com a *desalentadora* consequencia de que a contaminação é geral ou quasi, de que tudo, ou quasi tudo está pervertido, corrompido e derrancado; consequencia que não tiramos, porque á tirarmos teriamos negado o progresso das artes, da philosophia e da historia,) vejamos quem mostra mais imparcialidade, se o collega, que affeia para chamaro odioso sobre o que dissemos, ou nós que, não confiando em as nossas luzes, mas no solemne testemunho de escriptores avançamos apenas o que elles tem avançado, e isto com as modificações, que julgamos convenientes.

II

O collega, sabemos nós, generoso e amante da verdade como é, não teria enristado a sua lança para arvorar-se de defensor do seculo, e por conseguinte de impugnador de nossas idéas; senão se achasse possuido de razão, mas talvez que, por apologista exaltado *dos soberbos monumentos de gloria que tem levantado o espirito humano*, se deixasse arrastar por essa exaltação, que ingenuamente confessava.

É proprio do homem exaltado, fazer a apothese d'aquillo porque se exalta; e d'ahi vem, por certo, a *dôr e profunda magoa* com que o illustre collega encarou para o seguinte trecho de nossa apreciação:—no meio do progressivo e do bello, no meio desse todo magnifico e sublime sente-se o roçar de um ferro-pelo coração, experimenta-se uma especie de desgosto revoltante, quando, alongando a vista pelo lado material, se volta a contemplação do lado moral: aqui o maravilhoso desce de seu throno, etc. etc.

Injustiça, e sem razão! grita nosso distincto e talentoso collega com tom dogmatico e magistral. Proposições desta ordem, continua elle, nascem naturalmente da prevençào, e má vontade com

que o Sr. Fernandes olha os acontecimentos, que se dão na epocha presente.

Perdão, caro collega, ha ahí um engano de vossa parte, não somos nós que olhamos assim para as cousas, litteratos de primeira plana, pensadores profundos, que se ufanam de não estradar outro caminho senão o da justiça, e nos quaes não ha ahí quem não reconheça independencia, são os que formão esse juizo do seculo.

Ouçamos o testemunho de um dos mais notaveis d'entre elles.—«Este tempo (diz Castilho; e Castilho é um genio) é um grande tempo; grandes cousas tem feito e cousas ainda maiores nos promete: quem ò negará? Mas quem negará tambem que este seculo de grande cabeça e grandes mãos é um seculo sem coração? que todo o seu trabalhar é terrestre? que a felicidade fisica e material, se a essa se pode dar o nome de felicidade, que a vida positiva e a exterior se engrandecem e aperfeiçoam? que a sociedade aprendeu arithmetica e economia? que as precisões naturaes, e ainda a muitas imaginarias se acode com mais apurados meios e mais regalos? que para todos se dizem abertos os caminhos da fortuna? que todos podem concorrer, cada um segundo a sua vontade ou capacidade para o arranjo da ordem publica, e dos destinos mundanos e transeuntes de todos?

Mais é o portuguez (isto é o homem) de hoje, mais contente comsigo, mais composto com o seu estado que o d'ha duzentos annos, d'ha cem annos?

Não me responderão labios, ou affirmalo-hão; mas lá está em todos os corações uma voz da consciencia que murmura «NÃO.»

Pois que falta, perguntaria eu á essas mesmas consciencias, que falta para que tão suadas fadigas desta geração produzam uma sombra de contentamento, que seria ao menos um simulacro de felicidade? falta a espiritualidade, sem a qual todos os commodos e bens são flores sem fragrança, nem virtudes; servirão para co-

roar a vida nos dias de festa, servir-lhe-hão para leitos do regalo; porem não para enlevar interiormente, nem para curar em suas enfermidades.

Vivemos n'um mndo, na praça de comicios, nos tribunaes, nos campos de batalha; na familia não vivemos: derramo-nos pelos outros; não entramos em nós: matamo-nos sobre o que a fortuna dá ou tira, e rimos do thesouro intimo para o qual a fortuna não tem chave, nem a alheia malicia alavanca com que o aliarombe: debruçamo-nos e estiramo-nos quando muito para a posteridade; mas não sabemos do tempo um só fundamento, que remonte o vôo a um estado de permanencia, a um estado sublime e infinito para que fomos creados, pois é intincto procural-o até, dentro na vida onde elle não cabe.

E' um grande tempo este nosso e bratará tempos inda maiores; mas um tempo de felicidade não o é.

Está ahí composto um painel de muitas formosuras, mas são mortas como boas obras sem a fé: imaginai-as cercadas da creença que em nossos velhos se brava; de repente realçar-se-hão todos como os primores d'um painel apenas embebe nos reflexos da moldura dourada.

Ora Castilho principe dos poetas portuguezes, com toda a authoridade de saber, avançava quanto dito fica acim *em pleno seculo XIX*, sem temer que o xassem de exagerado, e muito menos ignorante do espirito do seculo; por que isto seria para um sabio uma vergonha eterna como o mundo.

E pois, consinta o collega, que nos cingamos e abracemos de muito boa vontade o juizo e o pensamento de Castilho e não se horrorise com termos dito que sente-se o roçar de um ferro pelo coração, e experimenta-se uma especie de desgosto revoltante, quando, alongando a vista pelo lado material, se volta a contemplação do lado moral.

Não somos nós, repetimos, e o illustre collega deverá já ter conhecido, os que

debuxamos em nossa engraçada imaginação a sociedade, ou seculo actual, são os homêns mais eminentes desta mesma sociedade.

Ora, para quem não estivesse prevenido, cremos, seria bastante citar este sabio testemunho, mas, para que chistosamente nos não diga o collega: *e sempre o Castilho pelo braço* dar-nos-hemos ao trabalho de citar ainda alguns.

Aimé Martim, de quem o distincto collega nos tem tantas vezes feito a apologia, tratando da harmonia das faculdades moraes e intellectuaes, diz a seguinte. — A educação devereria applicar-se a desenvolvêr simultaneamente estas duas metades do homem; e hoje pelo contrario, applica-se a desunil-as: eis a causa de todos os males da humanidade. O que vedes no mundo? Intelligencias que tendem a fortuna: quer-se ouro para ter praseres, e por que só isto desejado, para isto só nos instruimos: é o fim geral dos nossos estudos e dos nossos trabalhos: tudo se dirige a este alvo, até as especulações transcendentaes da sciencia; e a sciencia que não dá este resultado despreza-se.

Aimé Martim tambem escrevia em *pleno seculo XIX*, e obtinha coroas da Academia Franceza.

Fiquemos por ora em Aimé Martim, e depois talvez appareçamos com gente ainda melhor *pelo braço*.

(Continúa).

A. FERNANDES S. QUEIROZ.

O ADOLESCENTE.

I.

Desperto... que doce encanto,
Quanta luz, quanta harmonia.
Que delicias no murmúrio
Do regato ao fim do dia!
Que mysterio n'esta aragem,
Que suspira entre a folhagem
Da matta virgem da serra!

Que belleza n'estas flores,
N'estes prados que primores,
Nas estrellas quanta luz!
Como é linda a natureza...
Onde estava esta lindeza,
Que me enleva, me seduz?!

Onde estava, que en não via?...
Porque, lua, me occultavas
De teu rosto a poesia?
Porque, tarde, me roubavas
A doce melancholia,
Que me infundes, qu'ora sinto,
Como nunca então sentia?!
Porque tu, oh, fresca aurora,
Donosa qual hoje, outr'ora
Não surgiste aos olhos meus?
Porque tu, cantor alado,
Descantas mais entoado
N'estes hymnos ao meu Deus?
E tu, oh, flor da collina,
E tu, lympa crystallina,
E vós, oh, virgens do céo...
Porque de tantos prodigios
Não me rasgaveis o véo?..

II.

Como isto foi, eu não sei!
Acaso um somno profundo
Dormia eu n'este mundo,
Até que agora acordei?
Ou cego estava... mas como,
Se os meus brinquedos eu via
E o rosto d'outras crianças,
Na mais ridente folia?...
Se minha mãe eu mirava,
Quando ha pouco me afagava
Toda carinhos p'ra mim?...
Se o meu livrinho estudava...
Se a minha lição eu dava...
Pois era cego eu assim?..

Não era, não... mas não sei!
Só me lembro d'esse encanto,
Que misturado de espanto
E até molhado de pranto,
Ai, senti... quando acordei;
Só eu sei qu'ora sou outro,
Que já não amo os brinquedos,

Que por entre os risos lédos
 Me davam tanto prazer !
 Que fujo dos companheiros
 De minha vida infantil;
 Que já não sou mais creança;
 Que depois d'esta mudança,
 Me sinto todo febril !

III.

Ai, muito soffro !.. E porque ?
 Também não sei... mas nos sonhos
 Quantos prazeres risonhos...
 Quanto delírio... e penar !
 Vejo mil virgens formosas...
 Nas faces—jasmim e rosas,
 Nos olhos—ardente olhar...
 Nos olhos nêgros e vivos...
 Nos olhos de vérdre mar !
 Que amorosos me contemplam
 Ás vezes lóucos, ferventes,
 Ás vezes quazi dormentes,
 E sempre com seducção !
 Suspiro,—todo desejos,
 Com séde d'amor e beijos,
 Nas loucuras da paixão...
 Ellas sorriem... que sorrisos !
 Quero abraçal-as... me evitam;
 Quero deixal-as... me excitam;
 Quero odial-as... que amor !
 Depois se vêem-me chorando...
 Attendem... correm... mas quando
 De mim bem perto... me fogem
 O sonho,—as virgens... ai, dôr !

Ai, dôr ! Chorando desperto...
 Meu leito é todo desordem,
 Minh'alma fogo de amor !
 E depois?... Nem mais um riso
 Nos meus lábios como outr'ora !
 Leda seja e fresca a aurora,
 Seja embora alegre o dia...
 Eu seismando sempre triste,
 Em mortal melancholia...
 Como ao pôr do sol=pensando
 Na visão que me fugia !

IV.

Porque ? Não sei ! Mas, apenas
 Acordo do meu seismar,

Vendo um rosto de donzella...
 Ou de seu leve vestido
 Escutando o sussurrar...
 Então... então... estremeço...
 Em meu rosto que rubor,
 Na mente que pensamentos,
 Em meu todo que fervor !

E também quando deviso
 A rosa lá na campina...
 Quando vejo na collina
 Sombria gruta... cercada
 De vérdre selva a brotar...
 Quando ouço na floresta
 Longinqua, mimosa orchest'a
 Em suave melodia...
 E também quando, no prado,
 Encontro na solidão
 Singela e pobre casinha,
 Que por entre a palha esconde
 Muito affecto, e devoção !

V.

Porque, pois, ora m'inflamma
 Aquillo que outr'ora eu via
 Sem a mais leve attenção?...
 O que sinto ?.. Quem me salva
 D'este bem que me tortura...
 D'este mal que me deleita ?..
 Quem me apaga o féro incendio,
 Que me queima... e mata assim ?!
 Oh... fugi ! visões donosas...
 Fugil idéas teimosas...
 Não posso mais... ai, de mim !

Acaso enfermo estarei ?!
 Que sinto, meu Deus, que sinto...
 Comvosco embrevê serei ?!
 Será a morte este mixto
 De goso e dor ?.....
 .. Tenho febre...
 Desvairo... perco os sentidos...
 Como isto foi, eu não sei !

Juvenal Galeno.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—189

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.



ESLEIÇÕES NOS TEMPLOS.

Tratamos sobre os artigos 42 e 95 da lei de 19 de Agosto de 1846, que designão as Igrejas Matrizes do Imperio para o lugar das eleições populares.

II.

O que é Igreja; ou templo ?

É um novo céu em que Deus se digna habitar com os homens: é a casa do Senhor, que a enche com a sua presença: é o lugar onde reside a Divindade de um modo particular.

É, na expressão de um elegante escriptor, um presídio de graças, no qual o Senhor se apraz manifestar a sua bondade, e ostentar a sua misericordia.

Tudo ahi nos falla de seus beneficios: essas fontes sagradas onde recebemos, com a vida da graça o direito inestimavel á herança celeste;

Esses tribunales de reconciliação onde frequentemente somos purificados dos nossos peccados, e curados das nossas feridas;

Essa Cruz adoravel, em que o Homem-Deus operou a salvação da humanidade;

Esse altar, onde é immolado quotidianamente, para nos applicar o fructo de sua Paixão: tão patheticos objectos excitão a nossa gratidão, enchem o espirito de pensamentos santos, e o coração de sensações piedosas.

Eis em poucas palavras o que é o templo christão. A sua guarda e inviolabilidade está confiada aos pastores da Igreja, que, constantes e firmes em manter a sua santidade, tem promulgado, em todos os tempos, leis sabias e repassadas de unção, como soem ser as do corpo docente da Igreja.

Muitos são os Canones dos concilios e

disposições pontificias á respeito. Citaremos apenas por amor á brevidade, o canon do concilio de Trento, (que pela ventura é a assemblea ecumenica mais celebre dos modernos tempos,) de harmonia com o extracto da constituição synodal do arcebispado da Bahia, que constitue o nosso direito ecclesiastico privado:

«Os ordinarios dos lugares banirão das Igrejas toda a sorte de musica, nas quaes ou por orgão, ou simplesmente canto se misture alguma coisa de lascivo ou impuro, assim como *todas as accões profanas, discursos, ou entretenimentos vãos, e negocios do seculo, passeios, clamores e estrondos*, afim de que a caza de Deus possa parecer; e verdadeiramente sêr chamada caza de oração.»

«Ab Ecclesiis vero musicas eas, ubi sive organo, sive cantu lascivium aut impurum aliquid miscetur, *item seculares omnes actiones, vana atque adeo profana colloquia deambulationes, strepitus, clamores arceant.*»

E não queira a impiedade dizer, que os luzeiros da fé, reunidos na assás lembrada congregação catholica, obrarão assim por fanatismo.

Pois se, de animo desprevenido, sondarmos o coração humano, se consultarmos os codigos sagrados de todos os povos, se pesquisarmos os costumes de todas as nações, remontando mesmo á mais alta e veneranda antiguidade, observaremos que o respeito aos templos e ás cousas sagradas é como uma idéa *innata* na humanidade; é um preceito consignado em todo o livro de lei; é uma tradição arraigada nas nações, e sempre reverenciada.

Percorramos os povos do globo; estudemos seus costumes; observemos suas

praticas de religião; compulsemos seus annaes.

Transponha-se o portico da soberba mesquita: observe-se o musulmano: elle, com os seus preconceitos de infancia, guarda as mais sollemnes conveniencias, o mais profundo respeito á sua religião, e ao seu culto.

Vá-se ao pagode do bramene: o mesmo espectaculo aos olhos do observador se offerece: o mesmo phenomeno de crença, respeito, e amor se reproduz.

Entre-se na synagoga: uma multidão de homens e mulheres, de braços cruzados, em sepulchral silencio, absorve as palavras do pontifice, ou sacerdote; não lhes escapa um gesto.

Penetre-se na *predica* do protestante: falla um chefe de seita: é morave, ou quaker: e observa-se milhares de pessoas, á pé ou sentados, mudos e quêdos, verdadeiras estatuas, com a sua biblia *truncada* aberta, saiba ou não ler: essa turba de crentes abafa a respiração para não quebrar o silencio mortuario.

Donde, portanto, nascêra esta conformidade, esta homogeneidade de pensamento entre povos, que profissão religiões tão varias? Será uma convenção? Por certo.

E' a convenção da natureza: é o que chama Cicero—*vox naturæ*. E' que o sentimento religioso, gravado no coração do homem por o proprio Deus, no dizer do Rei Propheta, não deixaria de apresentar na universalidade do genero humano phenomeno identico.

Ora, se povos que adorão idolos, e profissão religiões esdruxulas, na expressão de um escriptor, curvãõ os joelhos ante o que chamão deus; se acatão e reverencião os lugares de suas orações; como não acontecerá na Igreja de Jesus Christo, onde se patenteão objectos de magnitude tam deslumbrante, que se os homens se compenetrassem de sua magnificencia d'elles só ousarião encaral-os com pavor?

Como poderia eximir-se o santo syno-

do de Trento de decretar esta immuniidade do lugar santo, quando as letras sagradas, de ambos os Testamentos, proclamão a Igreja merecedora do nosso respeito e maiores prerogativas?

Ena verdade, as santas escrituras, oraculos do catholicismo, nos offerecem em suas paginas edificantes exemplos e proveitosas lições para o respeito dos templos: como verdadeiros theatros onde Deus se apresenta face á face do homem, e faz resplandecer a sua gloria, e dá inequivocas provas de sua complacencia.

Abrindo os livros sagrados, em cada uma das suas paginas encontramos uma passagem notavel, que confirma a nossa asserção.

Jacob, o venerando patriarcha de Bethel, o primogenito de Israel, favorecido d'uma visão celeste, não trepida exclamar: Quam terrível é este lugar! Esta é a casa de Deus, e a porta do céu.

Moysés, esse homem, que por os eternos conselhos era chamado para uma grande obra, ouve submissoa advertencia do Senhor, que lhe fallava em sarça ardente: Descalça-te: o lugar que pisas é santo!

David, esse rei sabio e penitente, affirma ser o templo a séde de Deus (Ps. 10): que choverão fogos sobre os profanadores do seu templo (Ps. 73.): que se deve penetrar no santuario com temor santo (Ps. 30.): que o Senhor protege aos que se abrigão e honrão o seu Tabernaculo (Ps. 5).

E estas palavras se gravarão em todos os corações. E todas as gerações se mostrarão empenhadas em manter a santidade do lugar onde criam Deus presente.

Chegado á Lei Nova, observamos os Apostolos não pouparem occasião em mostrar qual seja a excellencia do Tabernaculo. S. Matheus, considerando a magnitude dos templos da terra, diz que somente o Divino Mestre á elles é superior.

O proprio Jesus Christo, que, na phrasa do propheta Ageo, faria a gloria do Tabernaculo, reverenciou-o de modo tam brilhante e ostensivo, que, na solem-

feita da Dedicção, expulsou, Elle que era o exemplar de brandura e amor, os profanadores, fustigando-os com azurraque.

«Essa profanação, diremos com a autoridade respeitavel do sabio Marquez de S. Cruz, essa profanação de alguma sorte desculpavel, qual a de vender-se no recinto de um Templo, que não era senão uma figura e sombra fugitiva dos nossos, o que era indispensavel para os sacrificios, bastou para excitar a indignação do mesmo Homem Deus, manso e humilde como era, e mover o zelo que o abraçava, a dispersar e expellir do santuario os que o violavão por um trafico alheio da santidade e silencio, que convém á caza do Senhor.»

A veneração, respeito, e acatamento das Egrejas, por tanto, sobre ser um preceito da lei natural, é préscripto por as letras sagradas de ambas as allianças, como vimos de demonstrar, e jamais poder-se-ha duvidar.

Como, pois, estes princípios forão sempre universalmente reconhecidos, os canones prescreverão o que em Direito Ecclesiastico chama-se *immunidade local*, isto é, abstenção de praticar-se nos templos actos heterogeneos ás suas funcções.

No Brazil, porém, onde o governo politico é protector e amigo da Egreja, este não poucas vezes legisla em materias da competencia exclusiva do poder ecclesiastico, succedendo intervir de modo indebito na economia, funcções, e attribuições peculiares aos pastores sagrados.

Confiado nos reciprocos laços de amizade, o poder civil dispoz dos templos, ou matrizes do imperio, para séde das eleições, arvorando-as em barracas de operações eleitoraes.

«E' facto que o governo commetteu uma flagrante invasão, designando os templos para as reuniões e processos eleitoraes, diz um elegante e profundo escriptor catholico, o sabio Sr. Dr. Raposo d' Almeida; mas a historia registrará como uma culpa da parte do episcopado não ter elle

defendido a casa de Deus dessas invasões, cujas consequencias tem sido as mais deploraveis.

«Se os nossos prelados então, depois, e agora mesmo, antepuzessem ao despotismo da lei a santidade da lei ecclesiastica, e dissessem com o santo e martyr Pio IX:—*Non possumus*; e mandassem fechar os templos á esses Hunos, á esses Atilas de nova especie; de certo que o nosso povo, (religioso etemente á Deus, como é,) nem arrombaria as portas do templo, para ir exercer o seu direito politico, nem consentiria, que os esbirros do governo as arrombassem (1).»

Acompanhamos o illustre escriptor: reconhecemos o arbitrio da autoridade civil, lançando mãos temerarias dos templos do catholicismo para um fim tam antithetico ás suas funcções. Mas permitta que declinemos de sobre o episcopado a grave accusação que lhe faz. Em occorrer da discussão fundamentaremos a nossa opinião.

Resultou, pois, que após tantos annos de experiencia desoladora, e magoa para os bons catholicos, subsista ainda o nefando e sacrilego costume, autorisado por lei, das eleições no recinto dos templos.

E depois de termos mostrado, qual o scopo á que são construidos os templos, o culto de Deus, brilho e magestade desse culto; depois de exhibir a disciplina ecclesiastica, que prescreve a isenção de outro qualquer mister; e arrimar a nossa argumentação em o testemunho universal, e lei positiva, que recommendão veneração, respeito, silencio, e acatamento, nos templos, é palpavel a antithese, quando vemos as massas populares, dominadas de paixões partidarias, olvidadas das maximas e preceitos religiosos, esquecerem-se de Deus, ignorando, se estão em a casa da oração, ou se vagueão em praça publica, offerecendo-se em espectáculo para espectadores impudicos!

(1) Vid. *O Brazil Catholico*, nº 71.

Chegou o momento, momento sinistro, do legislador brasileiro conhecer, que suas conjecturas são verdadeiras utopias. Chegou o momento fatal de ver o cidadão brasileiro falsear as suas rectas intenções.

O fogo das iras politicas creston-lhe a razão. A cegueira, occasionada por os licores, obscureceo-lhe as ideas: não recêa de um inesperado castigo da Providencia; não respeita nem imagens, nem altares, nem tantos objectos santos!

O ministro do Senhor fallou-lhe do pulpito. Elle cerrou os ouvides; ou se ouviu desprezou a sua linguagem. O sacerdote lhe aconselhou a paz, e elle chamou a guerra; persuadiu-lhe o respeito, e elle praticou o desacato!

«Custa, em verdade, a crêr, que o fanatismo politico fascine os espiritos a ponto de se deslembrarem, não já das conveniencias, e dictames de uma honesta educação, mas do respeito e acatamento devido ao lugar santo, praticando actos, que no theatro, e mesmo na praça publica, não seriam permittidos ou tolerados.

«Que idéa faria de nosso catholicismo o pagão, e o musulmano, que nos seus pagodes e mesquitas observam o mais respeitoso silencio e admiravel recolhimento, ao entrarem em nossas Igrejas, e presenciarem no recinto do Santuario essas violentas provocações, essas trocas de atrozes injurias, essas vias de facto, que mais de uma vez tem chegado a ensanguentar o sagrado Pavimento, e que infelizmente constituem durante o dia a triste solemnidade de um acto, aliás tam nobre e respeitavel, e durante a noite, nas portas e dentro mesmo das Igrejas, abertas e devassadas em nome da lei, orgias que revoltam ainda os mais indifferentes, e que fazem lembrar a superstição de certos idolatras, adoradores do sol, que esperavam que elle se escondesse no horisonte para se entregarem á ebriedade e á outros excessos!

«Nem a presença real de Jesus Christo no Augustissimo Sacramento, nem as sa-

gradas Imagens que ornarn os altarees, nem as fontes baptismaes onde recebemos a ineffavel adopção de filhos de Deus, nem as campas onde repousam as cinzas dos nossos maiores, nem tantos outros objectos veneraveis, que naturalmente infundem um santo pavor, lhes merecem attenção alguma »

Eis as palavras de um sabio, cujo nome é uma garantia, o Sr. D. Romualdo. É a voz de um pastor, que ardia em amor por suas ovelhas; de um sabio, que visava no futuro as calamidades suspensas sobre o imperio; de um santo que sabia abominar toda a iniquidade.

Sim: as eleições nos templos é uma iniquidade; é um ultraje á civilisação do seculo; é um escarneo ao culto puro e immaculado do catholicismo.

Vamos demonstrar essas proposições em o artigo seguinte, segurando em uma das mãos os factos religiosos dos povos mais notaveis, e em outra a Biblia.

S. Luiz:—1865.

R. Lemos.

A CRUZ.

III.

Chegada a manhã e que a aurora se debuxava no horizonte, á semelhança das corollas ao desabrochar da flôr; Anna mãe de Casimiro erguia-se do leito, e preparava-se á dispor os negocios de sua casa, pois era viuva.

Porem seo primeiro empenho, como sempre, era derramar seos affagos sobre Casimiro, que tinha por costume encontrar-a ao limiar da porta de seo quarto, e abi receber a benção materna, que lançada nas mais encantadoras horas do dia parece ter a mesma virtude que o orvalho matutino, e que se não fossem os raios do sol, somente era bastante para a mais gigantesca vegetação.

Oh! uma benção materna principalmente no primeiro rosicré da manhã.

quando, pelo commum, o coração humano tem repousado dos labores do dia, e que Deos mesmo parece erguer-se n'um silencio profundo para abençoar a natureza, tem sublimidades que só o pensamento comprehende, mas a penna não descreve....

Pois bem! Anna preparava-se para derramar esse rocio divino e santo, essa emanação do céu; mas não encontrou ao querido Casimiro. Isto, porem, não a inquietou, pois julgou que elle andasse brincando.

Mas o dia crescia... Os passarinhos já menos alegres principiavão a deixar as flores, e se abrigavão aos ramos mais copados, alisando com seus delicados bicos suas macias plumagens: era signal de descanço....

Desde então a ausencia de Casimiro já não é indifferente; a mãe mandando-o procurar pela senzala: não é encontrado; gritão, ninguém responde. O coração materno pulsa com força; porem a esperança, nossa mais fiel companheira fal-o moderar.

Immediatamente manda-se a roça a fim de indagar se tinha por ventura ido com os escravos. Volta o portador: nada, é sua resposta, e neste momento entra um escravo que dá a noticia de ter visto o rasto do perdido em busca do visinho bosque.

Ah! agora bem: parece que já se vão dissipando os raios de esperança que luzião no coração de Anna, pois ao ouvir a narração do escravo cae como se fosse ferida por um raio e o pallor da morte qualha-se-lhe nos membros.

Seu temor, porem, não era vão; visto como esse visinho bosque era, principalmente, onde morava o Cangueú terrivel. Em breve, porem, Anna é restabelecida.

Alguns de seus escravos a rodeavão ministrando-lhe soccorros de vida, e outros já davão passos afim de procurar Casimiro que incontestavelmente se tinha perdido.

Porem, com o restabelecimento de An-

na, as diligencias tomão novo impulso. Aprestão-se tambores, espingardas, e, como é usança do lugar, atirão e rufão os tambores, afim de ver se o perdido se encaminhava aos que o procuravão.

Mas era uma indiscrição; porque este meio pode servir aos adultos, e não para meninos que quando se perdem ficão quasi loucos: tudo lhe é contrario; e ao menor abalo correm fugindo.

Porém todos com as lagrimas nos olhos e a saudade no coração empregarão os meios a seu alcance para descobrir o perdido.

Tudo foi baldado. Passou-se o dia, e ninguem se encontrou. Vem a noite e todos velão nos maiores vexames e fadigas.

Surge o segundo dia. Toda familia estava cadaverica; pois ainda não tinhão tomado alimentação alguma, nem repousado, e estava sempre repassada da mais agra dôr.

Já a luz do dia se vai tornando fusca e chega o ultimo dos que se tinhaõ inter-nado no umbroso silvedo em busca do perdido; mas nada de animador traz, e pelo contrario diz ter-se encontrado com alguns animaes ferozes.

Anna então ao ouvir esta ultima narração cae n'um desfalecimento mortal. O ultimo raio de esperança que lhe restava apaga-se nesse momento, á semelhança de uma luz amortecida que é apagada repentinamente por uma forte rajada de vento.

Ah! que coincidencia fatal!

Naquelle momento o ultimo raio do sol que rasgava as nuvens occultava-se embaceado pelas trevas, e neste mesmo momento o ultimo lampejo da affável esperança esvaia-se do coração materno: trevas era tudo....

Os escravos que tambem idolatravão a Casimiro estavam repassados de dor, e tomando mantimentos se entregarão de novo á ardua tarefa da pesquiza.

Toda casa parecia uma vasta ruina.... Um silencio aterrador qualhava-se por

toda ella, e apenas, *de quando em vez*, ouvia-se um tetrico e frouxo gemido de peito exausto pelo pranto: á semelhança do mocho triste que, vagando sobre vastas ruínas a meia noite quando tudo dorme, solta pausadamente rouquinhos gritos.

E se, como já disse alguém, fosse licito comparar as cousas grandes com as pequenas, eu compararia aquella desolação com as dos filhos de Raquel pelo captivo de Babilonia chorando á borda de seu tumulo.

IV.

Os magnos esforços da familia ficarão frustrados.

Casimiro no dia de sua perdição (já era quasi o meio dia) estando mais desencanado, ouviu o rumor dos tambores e tiros, e levantando-se fugio precipitadamente.

E assim n'um peregrinar dubio e aspero vagueou quatro dias sem tomar refeição alguma.

Era já a noite do quarto dia depois de sua perdição. A lua campeava serena, varando as nuvens que nas azas dos ventos equilibravão-se nas regiões ethereas.

Casimiro já exanime continuava ainda em sua ardua tarefa.

Mas de subito sae n'um espaço completamente limpo. Era isto, para elle, um eden, pois desde que se havia perdido ainda não tinha sahido do denso silvado.

Elle que já caminhava maquinalmente, e com a cabeça inclinada para o peito, á vista desta nova e agradável scena para, e ergue a fronte....

Nesse momento a lua rasga uma nuvem que a occultava; mostra-se radiante; e seus prateados raios reverberão sobre um velho madeiro e deixão ver uma negra cruz....

Uma cruz!.... exclama Casimiro, eu

vos adoro.... e seos tenros joelhos vergão-se aos pés da arvore do Calvario.

Neste momento sobem-lhe á mente as praticas que com sua mãe costumava fazer junto a um oratorio.

Lembra-se das maximas que muitas vezes ella lhe repetio sobre a cruz, e continua assim: Oh! cruz que remistes mundo inteiro não me restituirás minha mãe?

A supplica do innocente despida de vãos atavios, tem maravilhoso effeito.

E immediatamente se lhe appresenta uma mulher trazendo um véo sobre a cabeça: era a imagem fiel de sua mãe.

A principio elle tentou correr, mas reconhecendo atirou-se em seus braços e exclamou: Mamã....

—Não, meo filho, não sou tua mãe, porém farei suas vezes. Toma este licor bebe-o.

Casimiro recebeu e executou o mandato, e desde então sentio-se em perfeito vigor.

Puzerão-se os dous a caminho. Casimiro e a mulher, e ao amanhecer aquelle estava sentado sobre um moirão do curral de sua casa.

Uma escrava que pela manhã saio, casualmente vio-o. Immediatamente correu a dar a feliz nova a sua senhora, que nas vascas da morte já tinha entre suas mãos uma vela de sinistra luz.

Casimiro ao ouvir os gritos da escrava desceio com toda calma e foi para casa.

Sua mãe restabeleceu-se, e interrogado-o depois sobre sua vinda, elle contou a historia que já vimos e que essa mulher o deixara junto ao curral e immediatamente desapareceu.

Ainda hoje ignora-se quem foi essa mulher, mas como nesse vasto bosque ninguém transita, e a fazenda não tem outros senão a vinte leguas de distancia todos creem que foi Nossa Senhora.

RESUMO DA HISTORIA DA PHILOSOPHIA.

I.

A philosophia nascendo da disposição natural do homem, é tão antiga como o mesmo homem. Suas faculdades se desenvolverão á vista de suas necessidades; e tanto estas, como aquellas forão sempre inseparaveis d'elle: logo ainda que não conste por firmissimos documentos da historia, que desde Adão até os tempos dos Gregos se tratassem publicamente nas escolas estas materias, comtudo se não pode duvidar, que os homens *ante deluvianos*, como *post deluvianos* cultivassem as sciencias; pois que aliás seriamos obrigados a julgal-os ou não semelhantes a nós, ou sem uso de recta razão, o que é absurdo.

É certo, porém, que sua sciencia philosophica se não deve considerar em sentido rigoroso, isto é, como sciencia propriamente dita sem outro fim do que conhecer, sem outra occupação, do que o reduzir a sciencia em um todo systematico, ligado, e collocado sobre bases solidas e principios fundamentaes.

Sim; a sua philosophia cumpre ser tomada em um sentido mais amplo, isto é, como sabedoria; não tendo por fim o saber, mas este tendente á pratica, e misteres da vida humana.

É nesta acceção que se pode dizer que forão philosophos os Hebreos, pois que fizeram progressos vantajosos na sciencia dos costumes, e de Deos. E bem que se diga que Moysés, homem de engenhoso e de virtudes; recommendára se o nome á immortalidade pela sua grande erudição em disciplina, mathematicas, as quaes aprendera no Egypto; isto parece ser de alguma forma sem fundamento; pois que consistindo a Arithmetica, Geometria, e Astronomia dos Egyptios não em excogitar theoremas, nem em dissolver problemas, sim em estabelecer e medir os limites dos campos perdidos e estragados pelas inundações do Nilo: é logo consequente que Moysés só poderia d'el-

les aprender o que elles sabião, á excepção do que lhe fosse inspirado divinamente.

De Moysés passou-se á sabedoria, aos Juizes, e Prophetas; mas que, estes e o mesmo Salomão (bem que fossem sabios como testificação os livros santos) alcançassem sua sabedoria por meditação, e pela razão, é que se duvida; antes lê-se que Deos inspirava sempre, e encheria de luzes áquelles, que escolhia para pôr á testa de seo povo em qualquer officio, e o mesmo Salomão confessa no livro 1.º da Sabedoria.

E ainda que a mesma escritura diga que Salomão fôra o mais sabio de todos os mortaes, isto se deve entender em relação ao tempo em que floresceo, aos mais Reis, e á erudição dos orientaes.

O mesmo se deve dizer de Daniel, que aprendeu com os Caldeos, e d'outros; mas em todos estes apparecem vestigiões de erudição com effeito; porém não de philosophia grega.

Esta foi, na verdade, a sabedoria dos antigos Hebreos, até o captiveiro de Babilonia; porque depois elles mesmos misturarão com a sua erudição domestica os systemas da philosophia grega.

§ 1.º Seguiu-se a philosophia barbara ou tradicional, e isto é *oriental* ou *occidental*. De ambas trataremos com precisão.

É necessario, porém, advertir que os Gregos chamavão *barbaros* a todos os que não usavão da lingua grega, ou que não erão educados na litteratura grega: assim como os romanos chamavão *barbaros* a todos os povos alem dos Gregos, e é neste sentido que tomamos aqui a voz—*barbara* á excepção dos Indios.

É tambem preciso advertir-se que a philosophia dos Barbaros era feita mais para espalhar, e multiplicar prejuizos do que para destruil-os.

II.

CALDEOS.

Os orientaes ampliarão seos conhecimentos especialmente physicos.

Os mais antigos dos orientaes são os Caldeos. Estes reconhecão um Deus supremo, uma alma do mundo, que adoravão debaixo do nome de Bál.

Estavão persuadidos que deste tinham emanado espiritos de diferentes ordens, para prenderem a diferentes partes do universo; adoravão pois o sol, a lua e a terra...

Distinguirão-se na astronomia e magia, não só natural, que explorava as virtudes das plantas, dos animaes e metaes, como a therorgica, que invocava os espiritos bons e afugentava os máos.

Sendo astrónomos para observarem o curso dos astros, virão-se na precisão de observal-os para tudo prever, e por isso se tornavão astrologos por necessidade; e da astrologia nascerão mil superstições.

Lião o futuro nos sonhos, no vôo dos passaros, nas entranhas das victimas; fizeram encantamentos, evocações e advinhações.

Os philosophos Caldeos denominavão-se Magos. Chama-se Zoroastre aquelle que elles olhavão como auctor de suas opiniões; mas a mór parte dos nomes erão menos nomes proprios, que titulos que designavão diferentes profissões: Zoroastre, por exemplo significa—observador dos astros—; é logo verosimil que este nome fosse commum a muitos astrónomos; e alem disto a sua doutrina foi formada segundo as circumstancias, obra do tempo, e da credulidade dos povos.

Distinguirão-se tambem os Caldeos na cosmogonia em que disputavão do chaos, das almas humanas que sabirão de Deos, e de um certo Dimiurgo de que Deos se servia para fabricar o mundo.

Ai!

Ai! quantas vezes eu lhe disse:—Cála!... Assim não falles, não promettas tanto; Goza commigo da ventura o riso, Antes, ó bella, que nos venha o pranto.

Constante affecto?... Do porvir quem sabe?... Talvez que um dia... caprichosa sorte!

A mão me negues, que me das agora,
Com teus escárneos me impellido á morte

Ella me ouvindo, murmurava ardente:

«Assim não penses, que me offendes tanto»

«Que ja me sinto submersa em mágoa,

«N'alma a tristeza,—no meu rosto o pranto»

«Sonho querido de ventura immensa,

«E' o meu affecto... viverei sonhando!

«Oh, sempre, sempre te amarei, constante...»

«Se ingrato fores .. morrerei chorando!»

Os annos correm... Se nos vemos hoje,
Ai! que mudança... que desprezo... quanto!
Ao lado d'outro me esqueceu a ingrata,
E eu amo-a ainda mergulhado em pranto

Ceará.

Juvenal Galvão

NOTAS.

Á POESIA O «CANTOR DOS TYMBIRAS.»

—*Ibak*—o paraizo, que suppunham alem das montanhas.

—*Upiára, curupiras, e carahibas* espiritos aquelle dos rios, e estes das florestas.

—*Ygára e paraga*—bateis.

—*Pagá e Piaga*,—augurio, medico, e sacerdote choças.

—*Ocas e tejubaba*,—cabanas; aquellas, paginas; e esta, grande.

—*Caitára*,—cêrea de grandes troncos, que servia de trincheira.

—*Curumim*—menino.

—*Cunhan*,—mulher.

—*Murmurê e borê*,—instrumentos musicaes.

—*Aignan e Anhangá*,—o demonio.

—*Frúldão*,—grande saia de pennas.

—*Jaguar*,—onça.

—*Cauim*,—vinho.

—*Tupan e Tupá*,—Deus.

—*Aoiára*,—mãe d'agua, sereia.

—*Mair*,—francez.

—*Maracá*,—instrumento conhecido, symbolo dos pagés.

—*Japecanga*,—cipó espinhoso.

—*O mysterio divino*,—o maracá.

—Na 3.^a Est. do §. X. rebro-me ao sortilejo empregado pelos pagés nos seus augurios. Consistia em encher do fogo e fumo o maracá (feito de cabaça) e no seu relexo na rocha, os acontecimentos: tambem advinhavam de outros modos.

Em livro darei estas notas mais extensas, acompanhadas de outras, precisas a versos d'este metro.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1868

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

ELEIÇÕES NOS TEMPLOS.

Traços ligeiros sobre os artigos 42 e 45 da lei de 19 de Agosto de 1846, que designão as Igrejas Matrices do Imperio para o lugar das eleições populares.

III.

Se é uma verdade, comprovada por a historia, o dito de Plutarco «de não haver povo no universo sem Deus» outra não menos authentica existe—: o culto de Deus acatado, respeitado e venerado em todas as nações; e o templo de Deus cercado dessas homenagens, que soem tributar-lhe os homens de qualquer crença ou religião.

«Não ha povo, não ha seculo, que assim não pensasse, diz o eloquente Mr Bonlogne; nenhuma nação confiou ao Eterno o cuidado de vingar os seus altares; nenhuma legislação humana existio jamais, que deixasse de punir o violador sacrilego dos templos; ao contrario, o seu primeiro cuidado sempre foi castigar os criminosos de lesa magestade Divina.»

Ena verdade, consultando os registros da historia, forçosamente isso encontra-se. Suba-se mesmo aos mais antigos povos. Abra-se os livros de lei dessas nações vetustas, e o observador se convencerá facilmente do que levamos dito.

Comecemos pelos Judeus. Abramos o código penal desse povo escolhido. Leia-mos o Levitico, que é, em phrase de Mr. Rossely de Lorgues, o código de policia, culto, e costumes mais perfeito, methodico e completo, que por ventura tem regido os homens. O Levitico nos ensina que nos devemos approximar da Arca, e do Tabernaculo do Senhor, com religio-

so terror, e profere sobre o profanador a mais terrivel condemnação!»

E é a ameaça feita por esse Deus de misericordia e bondade, que adverte por um dos seus oraculos, o propheta Ezequiel «que se respeita-se a casa dos grandes, se é inviolavel o asylo de qualquer cidadão, quanto mais respeitavel e digno de veneração não deve ser o santuario do Deus vivo, onde os proprios anjos assistem tremulos, velando com suas azas e rostos na attitude da mais profunda adoração.»

«Ora se o Templo da lei antiga, diz o sabio e venerando prelado da Igreja Paranaense, que não era mais que uma figura e sombra dos nossos, tanto respeito inspirava ao povo de Deus, quanto mais as nossas Igrejas catholicas, onde está habitualmente presente Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo, tão real e perfeitamente como está no céu.»

Passemos á Roma e Grecia.

Ha nos annaes do gentilismo e paganismo avisos e memoraveis lições, que até nós chegarão por o testemunho da historia, em abono do respeito aos templos. Equanto é triste serem dadas por povos que já estão sepultados nas trevas da idolatria, e chafurdados em o lamaçal de seus desvarios e grosseiros erros!

As ouçamos. «Se fordes á Athenas, dizia Plinio o moço, respeitae os Deuses.» E é notavel, que o dito de Plinio em Athenas, já havia sido pronunciado em Roma por Cicero, que affirmava «ultrapassar o imperio romano a todas as nações do universo em piedade e respeito ao culto dos Deuses.» O que talvez fizesse dizer á Montesquieu: «Roma é um haixel sustentado por duas ancoras, a religião e os costumes.»

VOLUME I.

SAN LUIZ, 7 DE MAIO DE 1865.

NUMERO 22.

Ligeiros conhecimentos da historia das metropoles do paganismo, Roma e Athenas, ensinam o desastroso fim, ou morte, que davão a esses impios famosos, sellados com o stygma de *pestes publicas*, e punidos como envenenadores e homicidas. Sabe-se ainda por a historia da lei, que castigava como parricida aquelle que polluia as cousas santas. Sabe-se tambem do verso de certo poeta celebre: «Se os templos não forem respeitados, que desgraças esperaremos?»

Eis a linguagem da historia, que jamais falsêa na exposição dos factos, porque ella é, no dizer do orador romano, a luz da verdade. E o que accrescentaremos após esses brilhantes monumentos, que unisonos, elevão em apotheose o lugar, que a divindade enche com a sua magestade e gloria? Que diremos depois de fallarem as crêças venerandas de tantas nações?...

Apresentaremos, com dôr e coberto de opprobrio, os factos, que desdourão os nossos sentimentos religiosos; que empallidecem os gloriosos feitos da historia patria. Apresentaremos em ligeiros traços o resultado dos fagueiros sonhos do legislador brasileiro, que olhando através d'um prisma, jamais pensava serem as egrejas matrizes tam desacatadas, como são nos vertiginosos dias das comedias eleitoraes do nosso imperio.

Éodia da eleição. Approximarão-se os povos. Epenetrarão já no sagrado recinto. O antigo silencio do santuario foi violado. E os clamores o succederão. O respeito, que tinham os fieis ás santas imagens, aos altares, ás campas de seus maiores, ás especies consagradas, tudo, tudo é esquecido. E nesse alcaçar divino reina a confusão; ouvem-se gargalhadas descompostas; atroão palavras obscenas. A ultima desolação manchou a igreja de Deus.

Não exageramos. Supponha-se o leitor presente em uma das matrizes do imperio nesse dia aprazado para o insulto á divindade, isto é, nesse dia de soberania nacional, de eleição popular. Diga-nos

se o seu coração não se confrange, não estala de dôr, sendo testemunha ocular dessa orgia immunda, dessa diabolica saturnal, no templo do Deus santo, que adora.

O que pensa—d'esses juizes, sedentos de victoria, que desconhecem o concidadão e o amigo, o parente e o visinho, o irmão e até o proprio pae?

E esses homens, recusando das urnas o seu concidadão não praticão um acto de summa injustiça? não roubão a mais bella autonomia desse, que repellem do altar da patria? não insultão a Divindade, commettendo tão atroz crime?

O que pensa—desses varões, que á poucos instantes erão graves, sisudos, e circumspectos em o baile, em os salões dos magnates; e imponentes nas ruas e passeios publicos; e agora, em o templo do Senhor, diante desse Deus Omnipotente, praticam acções escandalosas, e que inspirão nauseabundo asco?

E não lhes sobe o rubor ás faces por os torpes manejos da cabala, e da manipulação de cédulas, e tantos outros expedientes ignobeis? E não se pejão do ridiculo e comico papel, que representão em as comicas scenas eleitoraes? E a consciencia não lhes roe, e os remorsos não os assaltão por zombarem da presença de Deus?

O que pensa—das massas populares? Desses perfis, saciados de odientas paixões e vaporosos licores, que descrevem figuras indecentes, immoraes; que proferem palavras, indignas de serem ouvidas por ouvidos acostumados ao vocabulario dos lupanares...

E quantas vezes o furor partidario não tem obrigado os lados contendores a chegarem-se ás mãos, e depois de um ataque reciproco, de uma luta fraticida, quando cessarão os tiros, as facadas, os clamores, rolão pelo lagedo do santuario corpos desfallecidos, ou inertes, ou inanimados; e o sangue ensopa o pavimento e o fumo escurece o templo; deixando

após a guerra sacrilega—victimas e profanação!

E quantas vezes, postada no vestibulo da igreja, a força armada deixa penetrar a multidão inerte, para d'est'arte evitar um provavel conflicto, e entretanto os animos se escaldão por virulentas discussões, e na carencia de instrumentos proprios para a luta, não trepida a multidão avançar contra os sagrados altares, a despojarem-os do que ha de mais augusto e venerando na igreja do Senhor!

E então o spectaculo é triste e desolador! Reina no Tabernaculo a confusão. As santas imagens, que ornavão e enriquecião os altares, são em mão do votante o que seria um tosco madeiro. A veneranda effigie do Redemptor é obstão de um capanga eleitoral. A effigie da Mãe de Deus, da Augusta Co-Redemptora da humanidade é ludibrio desses nefandos sicarios da Divindade!

E depois de se haver manchado o santo dos santos, quebrado os symbolos magestosos da religião catholica, reduzido á farelos os bustos dos heroes do christianismo, salpicado as paredes do santuario com o sangue dos seus irmãos, e alagado o pavimento com essa effusão sacrilega; depois de tudo haver profanado, e praticado a ultima desolação; o que resta ao povo? O templo profanado, e a crença abalada!

A interdicção sana-se: a Igreja reconcilia-o: os piedosos sacerdotes orão ao Senhor, supplicão perdão, pedem por os desacatos, praticados pessoalmente por o povo, e moralmente por o governo, unico responsavel; porque em suas mãos está antepon um paradeiro ao germen dessas desordens e irreverencias.

Porem, se o templo abre-se ao concurso dos fieis, as crenças do povo permanecem abaladas: Sim: esse povo, que após tanto desrespeito e irreverencia fica como duridoso se esse templo, que hontem sem pejo profanou; o profanará sem remorso amanhã, ou quando o governo do seu paiz

mandar que se o invada e ultraje com eleições, esse povo, dizemos, que acatamento ou respeito poderá prestar ao lugar, que desacata e desrespeita todos os dias?

Nenhum, absolutamente nenhum.

Os habitos inveterados, sugados com o leite no seio materno, ou presenciados desde os verdes annos, praticados por os paes e maiores, esses habitos arraigão-se, e consolidão-se com a idade, sendo morosa, ou inexequivel sua extirpação.

O habito de injuriar o templo é entronós um legado, ainda que legado ignominioso. E a actualidade testemunha essa profanação, abraça e pratica sem rebuço, por que sobre ser habito, é um tributo á memoria das gerações passadas, é um defeito de educação.

E será crível, que a infancia educada nessas maximas, quando a lei outorgar-lhe a faculdade de votar, se não dirija á Igreja com os mesmos intentos, de violar as cousas santas, suffocando mesmo os impulsos de um coração religioso, que lhe aconselha a veneração ao templo de Deus?

Creemos que seguirá as pegadas de seus educadores. A educação e o exemplo são duas molas poderosas: ellas reagem directamente sobre nós. Logo, estradaremos a mesma vereda reprovada.

Eis em ligeiros traços os funestos resultados das eleições em os templos catholicos: o desrespeito, e quiçá a indifferença religiosa. E quando outros motivos não concorressem para terminar-se esse aboninavel costume, bastariam os dous apontados, que fallam eloquentemente por todos.

Temos, portanto, demonstrado succintamente com os factos, sagrados e profanos, a inconveniencia das eleições populares no templo do Senhor.

E para mais luz mostraremos em o artigo seguinte a maneira pela qual o proprio Deus vela a conservação e inviolabilidade do seu templo.

S. Luiz: 1865.

R. Lemos.

AINDA O SÉCULO E SUAS LUZES.

III.

O admiravel Ventura, esse magestoso vulto da culta Europa; depois de haver, em um luminoso discurso sobre a reforma do ensino, provado com a historia na mão e com os mais robustos genios antigos e modernos os grandes estragos causados pelo ensino pagão, deixando o passado para não considerar senão o presente, assim se exprime.

Aquelle que ousasse negar que a immensa maioria dos moços que fazem o que se chama seus estudos tem muito pouco, ou nada de religião, por isso mesmo se declararia voluntariamente cego, e a si mesmo mentira; porque isto é um facto que infelizmente a ninguem é permittido desconhecer, um facto que toda lingua attesta, que todo espirito serio deplora e que mesmo as excepções confirmam.

A força, continúa elle, de ter diminuido as distancias e aproximado as conquistas dos interesses terrenos, tem-se esquecido o caminho e os bens do cén.

Liga-se uma especie de gloria ao cynismo de nada crer e a licença de viver mal. Emfim, a religião como a virtude, a honestidade e a honra, despojadas de toda a consideração, e attractivo são obrigadas a se occultar, e não inspiram senão uma indifferença completa; se é que não são observadas, como palavras vagas de sentido, ou cousas que não tem direito senão a zombaria e ao desprezo.

Renant que não é suspeito, exclama com ar do triumpho: » nossas idéas modernas são um puro reflexo das idéas de Grecia e Roma.

Remusat não tem outra linguagem. Danjou exclama por sua vez: «quem não sabe que a sociedade moderna tem pouco e pouco abraçado as mesmas idéas, sentimentos, gostos, maneira de ser, ver e julgar, da sociedade anterior a J. C.?»

«Só no seculo XVIII, diz um escriptor,

é que principiou a ouvir-se a vós da incredulidade, e isto é um facto novo no mundo.

E' verdade que depois que se deu a ver, correu rapida e chegou longe.»

Dizer isto é dizer o que diz a historia. E basta—Seja esta a nossa ultima citação.

Perdõe-nos o collega se portanto tempo o massamos com authoridades, e fique certo de que se confiássemos em nossas forças jámais teriamos lançado mão destes meios de defeza; porem creia-nos tambem que não o fizemos por luxo, porque a ser assim, teriamos ainda um sem numero de authoridades a appresentar.

Eis illustre collega, os ponderosos motivos e rasões que nos levarão a tirar a *immensidade de conclusões improcedentes que tanto o exasperaram*. Eis porque depois dessas *conclusões* dissemos nós: «o seculo é um gigante material e um pygmeo espiritual».

Ninguem dirá por certo que este nosso juizo foi além do de Castilho, Aimé Martin, Ventura, Renant, Remusat, &, pelo contrario é bem claro que menos do que elles dissemos; e, não nos arrependemos de o ter feito porque fallamos com a consciencia na mão.

Ao menos com o exposto temos a mais firme convicção de ter feito cállar no animo do collega que de certo não quizemos primar pela originalidade, nem tão pouco crear uma sociedade *a nosso geito e talante*.

A pintura do quadro não foi feita por nós.

Temos até aqui encarado a questão de um modo geral; voltemos porem as especialidades ou antes as provas e factos.

IV.

Antes de tudo bom será que scientefiquemos ao collega de não termos jámais imaginado uma sociedade escoimada de vicios e defeitos.

Comprehendemos muito bem a exten-

são e a força do peccado de origem, sem por em duvida a fragilidade humana; portanto neste ponto, como em todos que dizem respeito aos grandes progressos materiaes, em que se tem agigantado a especie humana, estamos de perfeito accordo.

Só porem não podemos ser accórdes, é no pensamento de não ser este seculo inferior em cousa alguma aos XVIII anteriores. Não negamos, que em todos os tempos tenham havido costumes derrancados, proselytismo ao vicio e corôas para elle, porem o que negamos é que haja na actualidade tanta pureza e virtude como pretende o collega; é que em todos os outros seculos, sem distincção alguma tenha havido outra tanta desmoralisação, incredulidade e egoismo.

A razão porque negamos, o collega já deve ter visto, é porque a historia, que é o mais brilhante facho da verdade, o nega, e o negam os grandes homens da actualidade. Aqui é forçoso parar deixando tudo que tem áres de generico para entrar n'outro genero de apreciações, a que somos chamados pelo collega.

Começando pelos theatros, podemos asseverar-lhe que não nos deixemos possuir de furôr e azedume, nem nos lançarmos de corpo e alma sobre elles apelidando-os «*thermometros da civilisação*»; não só porque não era nosso fim lançar por terra os theatros, como porque tinhamos certesa de não ser com furor e azedume que se chega a provar alguma cousa.

Corroboramos, é certo, o nosso pensamento com o bello trecho do principio dos poetas portuguezes, e inda julgamos que alguma razão teve elle para

se exprimir como se exprimiu; porque, se os theatros são uma *valente mola e poderosa alavanca* de civilisação, como elegantemente diz o collega, certamente que não o são para todos.

Serão para o collega, serão para as pessoas de illustração, que sabem distinguir o justo do injusto, o perfeito do imperfeito, o bem do mal, etc.

Em uma palavra, serão para todos os esclarecidos e bons espiritos, porem duvidamos que o sejam, para a população em geral, duvidamos que sejam para a donzella inexperta, para um moço ardente de más inclinações, e para um ignorante cheio de preconceitos. Serão uma *escola onde* os homens esclarecidos avidos do pabulo da illustração, suavizada com as amenidades do recreio affue afim de aprender com proficuidade *as mais severas lições de moral*, porem uma escola popular no verdadeiro sentido da palavra não o são. E não são, porque nelles se vê o vicio descarnado com suas tetricas fauces escancaradas querendo trazer a virtude.»

Não são, porque ahi pelo menos, fingese por em pratica, o adulterio, o incesto, a traição, o parricidio, o infanticidio, e o povo que sabe muito mal distinguir o *a* do *b*, vendo por em pratica perante a sociedade actos de tal ordem, julga que é isto o que todos podem fazer sem criminalidade alguma.

Não são, porque embora a virtude ahi tambem appareça em palavras, candida e louçã como sôe ser, o povo ignorante, a donzella inexperta e o moço mal intencionado não distingue o vicio da virtude, e se distingue deixa-se arrastar, como é muito natural, pelo que agrada mais aos

sentidos, por isso mesmo que lhe custa menos esforço.

Não são, porque ali defende-se e accusa-se igualmente virtude e vicio.

Não são, porque ali se procura a todo transe fazer conquistas amorosas, ou antes illaquear a boa fé da virgem.

Não são, porque ali se consome muito dinheiro, que podia ser applicado com muito maior utilidade á obras pias, á verdadeira educação intellectual, civil, moral, e religiosa de que tanto carece a mocidade.

Não são, porque se não poderá absolutamente dizer, que nos espectaculos é que se aprende a ser virtuoso, a suportar os rigores da vida, a calcar aos pés as paixões, e desprezar as vaidades etc.

Não são, porque o lugar onde as paixões se põem em pleno exercicio, agitando-se, desenvolvendo-se e pondo-se em jogo com a virtude, não é o lugar onde se podem formar bons paes de familia, valentes defensores do christianismo, magistrados, cidadãos e heroínas.

Emfim não são, porque todos os divertimentos publicos e profanos em que se consome tempo, reputação e dinheiro, são in limine prohibidos pela razão e pela moral.

Ora nos theatros se consome tudo isto, logo elles não são uma utillissima escola como pretende o collega.

Não insistiremos mais sobre isto.

Podé o collega continuar a sustentar que os theatros são uma *perfeitissima escola de moral*, e até um *sanctuario respeitavel e imponente*, em quanto nós dissemos com os padres e mesmo com os Castilhos, que são elles um vasto campo para á immoralidade, e uma terribillissima

escola de depravação, pior que muitas das seducções do inferno. Um impio disse «mais prejuizo causão os theatros do que as doutrinas impias.»

Da defesa do adulterio, traição etc. peça o collega explicações a Castilho, que elle lhe dirá, ou alguém por elle se não se defende *in absoluto* a menos de algum modo defende-se.

No numero seguinte apreciaremos dramas, romances e talvez mais alguma cousa.

A. FERNANDES S. QUEIROZ.



RECORDAÇÃO DE ALGUNS DIAS DE JANEIRO DE 1865.

Haviamos promettido á nós mesmos que fariamos, após os folgares de uma reunião familiar, uma recordação do que de mais notavel se passou.

Entre a duvida e a promessa vagamos quando nos deliberamos hoje a traçar algumas linhas em commemoração dos dias 3 a 7 de janeiro, para nós cheios de jubilo e prazer.

Era uma reunião de familia, dessas reuniões tão vulgares mas que são para os indifferentes como passatempo sem valor.

Não era nas solidões, e nem longe desta risonha capital. Mas arredados do bulicio urbano, e despida das etiquetas da praça, hoje tão sedicãs, que longe de augmentar prazer enfastião.

Imagine-se a selecta e bem combinada escolha de convivas, formando grupos de cavalheiros distinctos pelo character e deotes de espirito, e o aggregado de virgens formosas, que distinguão-se pela graça e belleza.

Os innocentes folguedos que costumão trazer a distracção em momentos semelhantes succedião-se com rapidez.

E os hospitaleiros donos da casa desafiavão-se em corresponder á todos os desejos dos convivas.

O objecto principal dessa reunião era um baptisado.—Festejava-se com razão a entrada de um innocente para a grande e universal sociedade de Christo.

Estes dias de uma alegria saudavel serão sempre memoraveis para mim, porque nada agrada mais aos homens, que a companhia dos bons.

S. Luiz—1865.

J. C. S.

—♦—
MEDIACÃO.

Tenho a honra de offerecer minha fraca *mediação* aos dous illustres contendores sobre o seculo e suas luzes, para ver se consigo fazel-os chegar a um *convenio* de paz.

Como não é *sermão encommendado* não estão elles na obrigação de m'o pagarem; serei pois franco no juizo que emittir, pois que entendo que a franqueza deve ser o caracter distinctivo dessas *missões*.

E' minha opinião que o snr. Fernandes da Silva tem *carradas e mais carradas* de razão na sustentação de suas ideias; mas tambem entendo que não era mister que elle aboandasse tanto povo para derrotar ao snr. João Manoel, que a essas horas deve estar com suas cocegas para confessar que o seu *breve reparo* foi um mero *gracejo*.

O snr. João Manoel e o pobre do Beaumarchais, a quem trouxe pelas orelhas para

robustecer sua opinião, devem ter succumbido inteiramente á vista d'aquellè brilhante cortejo de autoridades, que o snr. Fernandes da Silva arregimentou para se defender, e que formariam sem difficuldade nos dias de hoje um luzido e galhardo corpo de *voluntarios da patria!*

Não era preciso tanto estrondo! Bastava a propria autoridade do snr. Fernandes da Silva para que o seu illustre collega, arrependido como deve estar, se dêsse por vencido, e cedesse ao imperio do maior numero, de cujo lado é muito presumivel que milite a verdade nua e crúa; e eu affianço que o snr. João Manoel nunca mais cahirá na estultice de defender os theatros, onde poderá soffrer uma tremenda pateada sabindo apupado e amotinado com vaias e assobios.

Se fosse commigo que sou de bom accommodar, não hesitaria em abjurar essas ideias profanas, com cuja ennuñciação é possivel que se offenda os castos ouvidos dos *pobres de espirito*, a quem está reservado o reino dos céos.

Talvez até o snr. João Manoel já esteja arrependido e a mauhá se decida a abraçar a vida de anachoretismo e contemplação; e então acho bom que elle convide a seu companheiro de derrota Beaumarchais para acompanhal-o em tão beatifica resolução.

Sou ainda de parecer que é tempo de por termo a esta discussão: corra-se o reposteiro a essas ideias caduças, que o snr. João Manoel teve a loucura de querer resuscitar; amaldiçoemos com o snr. Fernandes da Silva este seculo tão cheio de miserias, reneguemos de suas luzes que tantos prejuizos e males tem acarretado á humanidade, e convençamos-nos

de uma vez por todas que o mundo não será jamais feliz senão quando encontrarse em cada esquina milhares de pessoas de joelhos em terra batendo com pedras nos peitos!

E' pois ainda meu parecer, para fazer effectiva minha mediação, que os dous contendores assignem um *convenio* de paz, dando-se o snr. João Manoel por vencido, e dispensando-se o *ultimatum* do snr. Fernandes da Silva.

Abril—30—1865.

G. Lima.

O PASSADO

Offerecido a meu mano V. Fernandes da Silva S.

Pour quoi devant mesyeux revenez-vous sanscesse,
O jour de mon enfance et de mon allegresse ?

Se te lembras, irmão, dos tempos idos,
Desses tempos d'amor, de juventude
Em que tudo sorri com mago enlevo;
Não poderás, talvez, negar que o tempo
Destróe nossa ventura, apaga os risos
E converte almos dias em tristura!

Quem dizer ousára, que a vida nossa
Não foi na grata infancia um mar de rosas ?
Tu bem sabes, irmão, que unidos sempre,
Ora a margem d'um rio, ora n'um prado,
Em brincos infantis—mimosos brincos...
As horas se escoavam e nós sorriamos

Tu sabes inda bem que, quando proximo
Estava já do accesso o rei dos astros,
Ao pé de nossa mãe detidos ambos
Bebiamos instrucções nas meigas frases:
Que vindas do coração,—e amor materno
Muito mais n'alma dizem que um discurso.

Tu bem sabes, irmão, que o pae que tinhamos
Charo pae... de quem só memoria temos,
Porque a sorte não quiz que mais vivesse,
Era terno, extremoso—e afan só tinha
De tornar-nos a vida, um paraíso
Pela brilhante cultura das sciencias.

Tu bem sabes, irmão, que ao vir d'aurora,
Quando doces trinos, maviosos cantos
Em concerto cadente ouvir fasia-m-nos
O Canario; o Conclis e o pintasilgo,
Nós ainda no leito e adormecidos
Sentiamos expandir-se o peito nosso.

Tu bem sabes, irmão, que ao levantar-nos,
Sem na vida scismar, sem ter cuidados,
A primeira expressão que articulavamos
Era sempre pedindo a abençoção santa
De nossos charos páes venerabundos,
Que em nome de Deus abençoavam-nos.

Tu bem sabes, irmão, que quando o zephyro

Mansamente brincava entre a folhagem
Do verde laranja e d'outras fructeiras,
Nós por entre jasmíns, lírios e rosas
Saíamos a colher macios frutos,
Que com doce prazer saboreavamos.

Tu bem sabes tambem que as manas nossas.
Essas manast... oh Deus! p'ra que invocava-m
Cujos peitos por nós só palpitavam
No continuo desejo de apraser-nos,
Procuravam, com quantas forças tinham,
Dar-nos vida, calor, risos, e encantos.

Tu bem sabes, sei eu, que só de flores
Foi outr'ora o sonhar e o viver nosso...
Tu bem sabes... mas ah!... mudado é tudo
Transformou-se em veneno e em fel amargo
O licor odorifero e mel mais doce
Desses dias de amor;... que já lá foram!

Agora nem mais infancia,
Nem mais risos, nem amores,
Nem almos dias, nem rosas,
Nem ledos brincos, nem flores...
Nem mais unidos vivemos!...
Nossa mãe succumbe as dores,
Já nosso pae não existe!...
Restam-nos só dissabores:
A aurora já não é bella,
Nem a canção graciosa
Já não encantam as aves,
E a vida hoje é penosa.

Surgir do leito é já triste!
Cuidado é tudo e scismar,
São nessas frases doridas
Só temos mãe p'ra abraçar:
Para nós não ha mais zephyro,
Nem tem belleza a folhagem,
Nem lírios, jasmíns nem rosas,
Nem frutas nos satisfasem.
De nossas manas os peitos
Não podem mais palpitam.
Poís quem com anjos habita
Não pode ao vivo alfagar.

Eis irmão nossa vida em resumo,
Eis o mundo o que tem para dar,
Eis a lei da natureza eis o fado,
Eis a terra o que pode offertar;

Eis a vida real desta vida
Porque tanto suspira o mortal,
Eis os bens;—eis os gosos... amores,
Eis a nossa partilha a final.

Mas tu sabes, irmão, que na terra
Nossa vida tem de exaurir-se
Ora pois não trepides... marchemos...
Deus é justo... E que mais? Proseguir—se
Sim que aleni do sepulchro teremos
Recompensa de quanto soffremos.

A Fernandes S. Queiroz.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

ELEIÇÕES NOS TEMPLOS.

Traços ligeiros sobre os artigos 42 e 95 da lei de 19 de Agosto de 1846, que designão as Igrejas Matrices do Imperio para o lugar das eleições populares.

IV.

O templo de Deus cercado do respeito e veneração é um bello espectáculo: e ao contrário, isto é, desacatado é um quadro afflictivo. E para a manutenção desse acatamento é mister que o comportamento dos povos se empenhe, por actos coustantes, em reverenciar o lugar santo.

E a propria Divindade vela, de maneira mui pronunciada, em manter a santidade das egrejas, já inspirando aos povos certos sentimentos de piedade, já castigando visivelmente os profanadores da casa da oração.

«Convinha que o Todo-Poderoso desse a conhecer em toda a sua pompa sua omnipotencia, e a santidade, que o distingue, diz o Bossuet brasileiro. Era necessario que o Eterno, cercado seu throno d'um circulo de gloria, e reproduzindo milagres e portentos, forçasse o homem a reconhecer sua miseria, e a baixeza de sua origem.»

«Entrava mesmo no plano de sua misericordia derramar o terror, e a magnificencia nos lugares de sua manifestação, para que o homem não se pudesse illudir com a nobresa de sua extracção; e apparecesse diante de seu Senhor d'uma maneira capaz de merecer a sua compaixão, e alcançar as suas graças.»

E o Senhor cerca a sua morada com magestoso apparato; e derrama sobre o santuario um mystico e mysterioso

ar de sua omnipotencia e grandesa, quando «suggere a Jacob a lembrança de consagrar a pedra sobre a qual repousava a sua cabeça»; quando «ordena ao conductor das tribus de Israel descalçar-se, porque pisava a terra, onde apparecera a visão prodigiosa»; quando «um grito de morte afugenta aos Israelitas apinhados em torno da montanha, santificada por a presença do Senhor»; quando «com uma nuvem espessa envolve o Tabernaculo e o Templo elevado em sua honra por Moysés, e por o filho de David nos valles de Cariathiem, e nas alturas de Sião»; quando «permite ingresso no Santo dos Santos somente ao Summo Sacerdot»; quando «colloca na porta do Santuario um anjo exterminador defendendo a sua entrada.»

E o Senhor patentea que é um Deus, zeloso de sua grandesa e santidade, quando com inesperados e subitos castigos, assigna sua reprobção á actos escandalosos, praticados em sua excelsa presença. A historia da religião os conserva em caracteres salientes como memorandas lições á humanidade.

E na verdade, ainda «depois de quatro mil annos se ouve o estámpido do raio lançado por a mão do Eterno forçado a esquecer sua bondade para vingar os desacatos commettidos na sua casa.»

Eil-os. Ondas de fogo devorão os filhos de Arão, porque tiverão a temeridade de offerecer ao Senhor um incenso reprovado. Oza cahe morto á vista de todo o Israel, porque teve a ousadia de tocar com suas mãos impuras a Arca do Testemunho. Manassés é desthronisado; e soffre, na infamia da escravidão, e no opprobrio das cadéas, o castigo dos attentados exercidos no Santuario. Ozias é coberto de lepra;

VOLUME I.

SAN'LUIZ, 14 DE MAIO DE 1865.

NUMERO 23.

degradado da realza, e separado do commercio dos homens, apenas lança mão do thuribulo reservado ao Summo Sacerdote. Balthasar, no instante em que profana os vasos sagrados, que seu pae trouxera de Jerusalem, vê nas paredes da sala do festim a mão terrivel do Senhor, que traçava a sentença de sua morte e a occupação de seu throno por uma nova dynastia. Antiocho morre nos braços da desesperação. porque imprime no Templo do Deus vivo a ignominia, a deshonra, e o sacrilegio.

A' estes poderiamos adduzir analogos acontecimentos, se estivessemos convencidos que elles são ignorados.

E', porem, infelizmente certo que tam eloquentes exemplos da rigorosa justiça Divina na inevitavel punição d'os profanadores dos templos não os obrigam a retroceder do precipicio, sobre que adejam todos os dias.

E' ainda infelizmente certo que as eleições populares são uma profanação, sendo, como são, feitas nos templos sagrados, acompanhadas dos manejos ignobeis, que soem dar-lhes o caracter hediondo, e disvirtuar as bellas intenções do legislador.

Não queremos discutir «se as eleições populares são uma flagrante mentira do systema representativo; se a consulta da vontade do povo é em geral um escarneo ao mesmo povo; porque a expressão das urnas não é, em geral, a expressão da vontade do povo; mas sim a expressão monstruosa do soborno, da fraude e da cavilgação d'aquelles, que, pela posição que lhes dá a lei, deviam ser os primeiros a respeitar a mesma lei.»

Não: não queremos chafurdar-nos no lamaçal politico, que carecterisa a epocha. Apenas tentamos provar que as Egrejas ou templos, por sua nativa instituição, se não prestão para theatros de scenas eleitoraes. Apenas tentamos mostrar que o dedo da Providencia, se já não marcou, marcará o triste fadario dos miserandos profanadores, como soia fazer em eras remotas.

Apenas se escoarão os tempos na am-

pulheta dos seculos. A lei de Deus permanece em fulgidos caracteres. A Divindade é a mesma. Portanto receiemos os males que por ventura venhão despenhar-se sobre nós. Que a justiça Divina seja tardia, mas irreparavel.

Não se nos appellide de exagerados. Todo o imperio do Brazil sabe que «as nossas Egrejas, no dizer sempre autorizado do venerando Marquez de Santa Cruz em vez de asylos de paz e de caridade destinados ás pacificas assembléas dos fieis, converteram-se em arenas de gladiadores, ou campos de batalha, onde o povo, aliás tão religioso, exercendo mais elevada funcção de sua soberania parece esquecer-se de que está debaixo das vistas do Rei dos Reis, de quem dimana todo o poder, em quaesquer maneiras que elle se ache depositado.

«Oh! quanto não tem magoado os corações verdadeiramente catholicos as deploraveis scenas, que tantas vezes tem manchado esse grande acto nacional, que devia ser o triumpho da razão e da sabedoria!»

«Já não era pouco que a casa de Deus fosse perturbada com calorosos debates injurias e vociferações, que a policia não toleraria em um theatro, ou na praça publica: o mal é rapido no seu progresso, um abysmo chama sempre outro abysmo.»

«Das palavras passou-se logo ás vias de facto, e na falta de armas offensivas, serviram já uma vez as proprias imagens do Crucificado, e os ossos arrancados dos pulchros, violando-se impiamente a religião dos tumulos, tam respeitada entre todos os povos!»

«Quem poderia imaginar que o simple cargo de eleitor de parochia custaria tantos escandalos, e polluiria o sagrado pavimento com a effusão do sangue de nossos irmãos!»

Se, com semelhantes actos, se não commette no Santuario a abominação da desolação, na expressão do Evangelho, ignoramos até onde possão chegar os desastres de um povo.

Todos esses graves crimes, revestidos de circumstancias mais tenebrosas não são sufficientes para arrastar sobre os seus autores os mais violentos castigos? E se a colera, mui justa e razoavel do Senhor se despechasse sobre a cabeça dos delinquentes não seria um acto de inteira justiça? Serião por ventura menores as iniquidades praticadas por os varões castigados por Deu? E não tiverão immediatamente a recompensa de sua temeridade?

E o que pode produzir a vontade do povo, o voto nacional, expresso por um modo tam ignominioso? Qual será o fructo dessa urna, causadora de tanta profanação?

«Quanto é para receiar que, manchada e trahida pela malicia dos homêns, ella não preencha o seu magnifico destino, e semelhante á fatal boceta que, següdo a ficção da mythologia, encerrava todos os males, e em vez dos beneficios que auguramos, chame sobre o paiz immensas calamidades, deixando-nos apenas a esperança!»

As Igrejas, portanto, repellem as eleições populares de seu recinto, porque são um movel da profanação do santuario; e Deus é zeloso de punir os que desatão o seu Santuario.

V

Os interesses sociães e religiosos do Imperio clamão bem alto, contra essa sacrilega profanação dos nossos altares.

E' tempo, pois, dos poderes publicos da nação reconsiderarem nos graves males, que tem acarretado á sociedade e á religião o abominavel costume das eleições nos templos. E' tempo de fazer cessar esse sacrilegio legal, revogando-se as disposições legislativas, que discutimos.

«Urge pôr um paradeiro á tam flagrantés escandalos, accrescentaremos com o sincero escriptor catholico, o Sr. Rapozo d'Almeida; porque isto não importa só uma offensa á Deus, na sua casa, e perante os seus altares, este espectáculo é uma affronta á civilisação do paiz, e uma ver-

gonha, de que nos devemos corar perante o estrangeiro.»

Sé pela ventura os corpos deliberantes promulgarem uma lei abrogando, e abolindo esse divorcio escandaloso, existente entre a lei regularmente das eleições e a religião catholica do estado, harmonizando d'esta arte a disciplina ecclesiastica com a nossa peculiar legislação, por certo que esta se conciliará com o direito publico de todas as nações do universo, com os costumes de todos os povos, ainda d'aquelles que professão religiões esdruxulas.

Será uma acção benemerita, um rasgo de acrysolado patriotismo, um tributo sagrado á fé, á crença, e aos sentimentos religiosos dos nossos concidadãos, e uma reparação honrosa pelos ultrajes que soffre e tolera Deus quotidianamente em o seu Santuario.

Cremos que esta gloriosa e authentica reparação, feita por os novos Licurgos, dará uma impulsão salutar aos costumes nacionaes, e será os pródromos de uma regeneração benefica, hoje, quando se sente na sociedade brazileira o horrivel cancro da indifferença religiosa, esse marasmo moral, que é considerado, por um abalisado publicista europeu, como ostristes preludios das agonias dos imperios. Será mui benefica essa lei, que virá, com firmeza, arraigar no coração do povo a confiança de adorar á Deus presente em as Igrejas destinadas ao seu culto.

Cremos que, com tal medida, será duradoura a paz do estado, a sua prosperidade real, as suas instituições santas; que a escolha dos legisladores do imperio será pacifica, e elles sahirão eleitos, puros de uma gota de sangue, porque cessarão as abominações no templo do Senhor.

Cremos que as familias serão mais felizes, a religião mais atacada, seus ministros mais reverenciados, e Deus mais temido entre nós, se a vontade dos poderes politicos do imperio se decidir a ouvir os lamentos dos verdadeiros catholicos, que

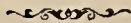
chorão, entre o vestibulo e o altar, as desolações do santuario.

Eis os bens, que a Providencia Divina, por certo, aparelha ao imperio do Cruzeiro. Basta uma palavra vigorosa no parlamento nacional iniciar esta medida de salvação publica; basta esse echo para abrogar-se os artigos em questão, que constituem, por assim dizer, o escuro da lei eleitoral, verdadeira gloria da nossa legislação patria.

Proseguiremos.

S. Luiz: 1865.

R. Lemos:



O HOMEM.

O homem fraco e vil instrumento do creador, lançado ao mundo sem abrigo, sem conhecimento algum de seu ser, vive uma vida incerta cheia de espinhos e attribulações, tendo por pharol uma lei, cujo cumprimento é o seu dever mais sagrado. Mas por sua condição fragil, maculado com o sello do peccaço original que lhe foi legado pelo seu primeiro pai, o homem sae da esphera que lhe traça essa lei do creador, e qual secco madeiro impellido pela impetuosa corrente, deixa o terreno solido, e vae collocar-se na lama do erro, onde ás apalpadellas mal pode sustentar-se.

Geração infeliz, que trazes desde o teu nascimento a tua sentença lavrada para a perdição!

O Senhor fel-o o ente mais perfeito de sua obra, esclareceu-lhe com o facho luminoso de sua sabedoria, para poder distinguir o bem do mal, o justo do injusto. Subordinou ao seu dominio todas as cousas do universo, e formando-o não *obediencia ventri*, mas, como diz o celebre orador romano, «diferente dos outros animaes para admirar a natureza» o tinha escolhido para cargos superiores que não o deste mundo, em uma outra vida cujo conhecimento não é o producto de suas investigações, conhecimento tão difficil quanto escabroso o caminho para lá chegar, a felici-

dade eterna. O homem vê-se em um mar de ideias confusas, quando tenta descobrir o como dessa vida, que, segundo a opinião de um eximio escriptor, «é a mais gloriosa de nossas prerogativas, a mais doce de nossas esperanças.»

Mas que! levado por enganosos deleites, illudido pela lisongeira apparencia do bem temporal pelo licor inebriante dos prejuizos do seculo, deixa-se, como ferro pelo iman, arrastar pelos fortes dictames de seu coração, opprimido pelo fogo de suas paixões loucas e desenfreadas, olvidando assim essas ideias que tanto o embalvão na quadra mais *doce de suas esperanças*.

Neste estado de embriaguez elle sorre insensivelmente té as fezes o amargo calix de mortal veneno, que destruindo a sua organisação o vai definhando, e curvando á borda do tumulo.

As inquietações, os cuidados, a fadiga, que causa uma vida impura, fazem-lhe esquecer o signal de sua pequenez, o cunho de sua nihilidade, o

Memento homo quia pulvis est, et in pulverem reverteris.

E' esta letra que elle traz impressa em sua fronte desde o seu nascimento, que o faz despir-se de seu orgulho, de sua vaidade, e rojar-se no pó, que o faz conscio de sua fraqueza, de sua miseria, confundir-se com os vermes de que só se differença pela *intelligencia*.

Mas que importa tudo isto, quando o homem é entregue aos golpes de uma paixão cega?!... Que importão lagrimas e suspiros, quando não são emanados do intimo do coração, quando a causa que os move não é interna?!

Então o homem torna-se o mais orgulhoso; o fausto, o luxo, todas as pompas ephemerias da vida, são seus objectos favoritos, em que emprega o seu cuidado, os momentos preciosos de sua existenciação; os dias correm com a rapidez do raio; os seus olhos cobrem-se com o pestilente véo da ambição, e elle

cego não prevê as consequências sinistras de tantas illusões.

Assim elle aberra de seus principios, torna como realidades as loucas concepções de seu espirito, e cheio do fogo que lhe incutem na alma tantos fantasmas, concebe ideias gigantescas, realiza planos, cae no fanatismo, na superstição, crêa seitas erroneas e fementidas contra a mais pura das verdades, julgando melhor passar sua vida, que elle chama feliz, e deixar aos seus vindouros um renome.

A lei da consciencia como que desaparece; a virtude, a justiça, a boa fé, o amor á verdade somem-se, pela força de uma protecção cega e desmedida, e offuscão-se pelo brilho do ouro, tirado á viuva, ao orphão, ao desvalido.

Miseraveis chimeras! Ainda não contentes, o homem rodeado de tantos outros, que lhe cavão sua ruina, fomentado por maus conselhos, tenta opprimir aquelle que o seu amor proprio, o seu capricho mal intencionado, indigitou como perverso, porque não quiz concorrer com o seu contingente, sendo avêssô á esta ou áquella idéa, contra o bom senso, contra um character exemplar.

Infeliz! o homem em tal estado! Infeliz! o homem que faz o seu semelhante o alvo dos tiros sarcasticos de seu egoismo!

.....
Ainda não é tudo.

Elle cerra os ouvidos aos justos reclamos daquelles que lhe pedem o pão!... a pobreza!...

O seu coração acha-se empedernido, como o mais duro rochedo, iniquo como a maior das iniquidades, deshumano como o esfaimado leão entre ovelhas. A sua porta está fechada ao pobre, as suas migalhas são preferidas aos cans; mas aquelle despreza as suas ameaças vis, pois tem como seu protector e defensor o mais poderoso dos seres, que teve entre humilde presepio a sua luz, Deus.

Louco! que não vê que aquelle, que elle julga menoscabar com improperios, é o que lhe acarreta o desprezo!

Insensato! que não conhece, quão distante está daquelle que julga ultrajar, daquelle que está destinado a ser o maior no reino dos Céos!

O pejo que hoje lhe cobre as faces, as lagrimas que lhe humedecem as palpebras, as agudas setas que lhe traspassão o amago de seu coração, são laços que mais depressa o unem á bemaventurança.

Mas tudo tem o seu termo. Tudo tem um fim, como teve principio. Deus que fez o homem, não para ter um fim neste mundo, fim temporal, o vem despertar do mortal lethargo em que estava mergulhado, vem salvá-lo do cancro que o consumia o amor mundano—, e com sua mão omnipotente arranca-o do profundo pelago do maior esquecimento em que jazia, e o faz reconhecer o seu erro.

Eis o homem todo perturbado! Eis mallogrados os seus intentos fantasticos eclipsado todo o esplendor de sua grandeza! Não é mais aquelle que tudo ameaçava, é, sim, um manso e pacifico cordeiro de Deus.

Então volta o seu pensamento sobre si mesmo, e ouve uma voz que o reprehende de seus actos, a voz potente da consciencia, absorve-se na contemplação do quadro miraculoso do universo, e cada passo que avança, novas côres e quadros diversos se lhe antolhão. O sol, a lua, as estrellas são os objectos que mais attrahem á sua imaginação.

Neste momento de verdadeiro extasis, da mais viva reflexão, elle conhece uma mão soberana, que tudo creou, e dispoz tão symetrica e harmoniosamente, que preside o tribunal, que ha de remunerar a sua virtude e castigar o seu crime.

Desde então elle esforça-se para poder preencher o seu fim, fere de anathema a todas as cousas visão fagueira de seus olhos, e só trata com a lei na mão de cumprir fielmente a sua missão.

S. Luiz 10 de Maio de 1865.

J. Gonçalves Lima.

HISTORIA DE UMA CRUZ.

A cruz não é só o symbolo da redempção, nem o emblema do martyrio: é tambem o consolo dos vivos e o mais bello epitaphio dos mortos!

N'uma das cruzes que se acham implantadas no cemiterio da cidade de * resume-se a historia de uma virgem bella como os anjos, e vaporosa como uma illusão!

Era uma tarde do dia 2 de Novembro do anno de 1860!

O sol desmaiava seus ultimos raios pelo cumido alcantilado monte da cidade! E o campanario da cathedral, com seus dobres lugubres e compassados, annunciava o dia de finados! E os bons catholicos se preparavam para ir ao cemiterio desfolhar goivos e saudades sobre o jazigo dos mortos!

Um mancebo, pallido como uma sombra do sepulchro, e abatido ao peso de uma idéa negra que lhe rolava na mente, caminhava passo lento para aquella morada de mysterios.

Sua alma enrolava-se n'um panno de luto tão negro como o manto da noite, que já envolvia a natureza! Seus olhos faiscavam centelhas de chólera e de soffrimento, de amor e de saudade! Seu coração batia apressado, e com um pulsar tão violento que parecia querer exceder o ambito das arcadas do peito!

Eram 7 horas da noite! Chegava elle ao cemiterio na occasião em que os fleis o iam abandonando.

Ajoelhou-se ao pé de uma cruz e balbucion por entre dentes algumas palavras de oração. É quando dos cilios requeimados pela febre do amor, se escapam vagarosas duas lagrimas, que exprimiam toda a extensão e intensidade de sua dôr!

E seus olhos se fitam na cruz e sua alma se eleva a Deos!

A natureza jazia em silencio sepulchral parecendo dormir o somno eterno. Nem a mesma

brisa onsava, com sua amena frescura, perturbar o silencio, que reinava n'aquella morada mysteriosa, e que só de espaço a espaço era interrompido por o gemido longo, profundo e doído, que reventava do coração do mancebo! E nem elle onsava tambem articular um só verbo. Era a linguagem muda dos sepulchros, do vivo que conversa com os mortos!

Ao lado do mancebo que permanecia como que transportado a um outro mundo, via-se a modo que de joelhos uma sombra ao pé da cruz! Era a imagem do soffrimento, que pedia perdão a Deos de suas culpas!

Tres horas se haviam escoado lentas na ampulheta do tempo, e o mancebo se conservava em extasis ao sopé d'aquelle madeiro sacrosanto! Quando um vulto vestido de preto e arimado a um bordão que lhe sustentava os passos trôpegos pelo canção dos annos, que pesavam sobre o seu costado, sahe da capellinha do cemiterio, e dirige-se mansa e lentamente para o logar onde permanecia o mancebo—era uma velha, que acabava de dirigir suas orações a Deos.

E a lua vinha a essa hora surgindo das profundezas do oceano, espargindo bella seus alvacentos raios pelos crancos das serranias!

—Quem é, diz ella com voz fraca e amargurada, que ousa profanar com seu balito impuro esse logar, onde habita o meu maior thesouro, o meu mais sagrado penhor, o único bem que me restava, e que me foi roubado após tantos desgostos e padecimentos?!

A esta voz, que lhe soou no coração rouquenha e medonha como a voz dos finados, despartou o mancebo da modorra em que jazia. Aquellas palavras sinistras lhe soaram n'alma tão quentes como brasas de fogo, cahiram em seu coração tão pesadas como gotas de chumbo derretido!

—Oh! vós quem quer que sejais, visão ou realidade, respondeo elle, declarai vosso nome—

quero cónhecer-vos. Não temais que vos offendam. Já que viestes quebrar o silêncio desta morada e inquietar-me em minha romaria, é mister que nos expliquemos.

E a lua passeiava magestosa e bella nos paramos azulados dos céos, cobrindo os montes da cidade com sua luz languida e preguiçosa!

—Perdoai minha curiosidade, senhor, que, além de ser natural ao meu sexo, é filha também do excesso de minha dor, e dos zelos que tenho pelos restos inanimados, que dormem debaixo da lapida sobre que estais ajoelhado. Consenti que me approxime dessa cruz, e que elevando minha alma a Deos, lhe envie fervorosas preces humedecidas pelo pranto da saudade!

A estas frases, que só vertiam amor e soffrimento, e que se entornaram em sua alma como gotas de orvalho a refrescar-lhe o sahara de sua existencia, o mancebo sentio-se profundamente abalado, e soltando um desses suspiros abafados e indefinidos, que exprimem e relatam um longo passado de soffrimentos, e que resumem um poema de dôr e de afflicção, disse:

—Pois bem, senhora: a vossa desgraça me commove e me interessa—abri-me o vosso coração, mostrai-me as chagas que nelle sangram: sou vosso irmão no infortunio: serei solícito em applicar sobre ellas os chumaços que lhes minorem a intensidade. Levantai a ponta do véo que envolve o mysterio desta cruz—narrai-me sua historia que deve ser negra: não temos por testemunhas senão os finados, e a lua que vagueia pela immensidade do firmamento!

E do cantinho das palpebras escorregaram duas compridas lagrimas pelas faces enrugadas da matrona.

E ella desdobrando sua alma do crepe de dôr que a envolvia, começou a narrar a historia da cruz desenrolando mysterios que trazia aferrolhados em seu coração!

E a lua continuava vagarosa o seu passeio pelos paramos azulados dos céos!

—«Houve um tempo, senhor, em que eu era feliz! A Providencia Divina me distribuio, em sua sabedoria, um esposo, com quem minha vida se deslizada deliciosa e aprazível.

«Depois de 10 annos de casados aprouve a Deos dar-nos uma filha, que veio, com seus encantos, tornar mais dulcífiera a nossa existencia. Era o nosso brinco, o nosso encanto e enlevô. Ella sorria para os anjos, que adejavam sobre a sua cabeça, e nós sorriamos para ella.

«Mas ah! no meio dessa felicidade que nos parecia perenne, veio a parca desfechar sobre mim um golpe profundo e de morte.

«Meu esposo morreu! Entrou-me a felicidade por uma porta, e a desgraça pela outra.

«Os meus risos se converteram em pranto, e o meu prazer em melancolia.

«Não era possível que se me riscasse da mente a imagem ingenua, mansa e pacifica do meu charo Simphronio—assim se chamava o meu marido.

«Philomena era a consolação unica que me restava na vida, e ella era bella como os anjos!

«Dediquei-lhe todos os meus affectos, cuidados e desvelos. Fui logo em pequena infiltrando-lhe n'alma o santo temor de Deos, e incutindo-lhe o horror aos homens, para que sua candida innocencia não se manchasse com o halito pestilente da sociedade.

«Instrui-a já mais crescida em idade, com a solicitude de que é capaz o amor estremecido de uma mãe carinhosa, nos santos preceitos da religião do Crucificado. Ao cahir da tarde, assentada ella em meus joelhos, ensinava-lhe a resar a oração ao som compassado das badaladas do campanario que tocava as—Ave-Maria. E eu a amava tanto, porque ella era bella como os anjos!

E a brisa murmurava mansamente por entre a folhagem dos cyprestes.

E a lua já quasi em pino caminhava vaga-

rosa e lentamente pelos paramos azulados dos céus! E a velha com voz tremula e grave continuou sua historia sentimental.

JOAM MANUEL.

RESPOSTA AO MEDIADOR.

Aceitamos, todo jubilo, Sr. G. Lima, a mediação, e até mesmo as bellas ironias e sarcasmos que com tanta graça como espirito e agudeza lançou, assim sobre nós, como sobre o nosso escripto, que nestes bellos tempos, não passa de uma carolice asquerosa e desprezível.

Aceitamos ainda a elegante insinuação, que em termos habeis se dignou fazer-nos.

Em uma palavra, aceitamos a mediação com todas as condições sabiamente impostas pelo prudentissimo e sapientissimo mediador.

Tudo aceitamos, e fazemos-lhe mais a promessa solemniissima de não o fatigar tam cedo com sandices ignaes ás que escrevemos nos ns. 20 e 21 do *Echo da Juventude*, que, sendo collaborado pela habilissima penna do Sr. G. Lima, certo não deveria continuar a ser tambem pela nossa.

Está satisfeito, Sr. G. Lima, ou queria maior paga pelo seu sermão?

Veio do céu com sua mediação, e o mais é que chegou muito a tempo, porque podia ser que, fallando em romance, drama, Renant, Italia, Polonia, luzes, etc. nós provocassemos a ira de Deus, e fizéssemos que os céus enfurecidos vomitassem raios aos milhares por sobre nós, e o universo.

Estão feitas as pazes entre nós e o nosso distincto e talentoso collega Joam Manuel, a quem inegavelmente cabe a palma do triumpho.

Resta dizer ao publico que algum dia, quando não houver perigo de offender a susceptibilidade e fino paladar de alguem, voltaremos á imprensa, para, do mais alto d'ella, dizer ao meos, — que o liberal e franco reconhecimento «dessa grande iniquidade chamada—reino da Italia» por quasi todas as nações civilizadas é uma prova evidente e robusta da

decadencia e enfraquecimento do espirito de religiosidade entre os povos.

Talvez possamos tambem nesse tempo explicar com alguma clareza o sentido em que accusamos dramas, romances, Renant, luzes, etc.

Não é de joelhos nas esquinas batendo com pedras aos peitos, porém é com sinceridade que pedimos se desculpem nossas anteriores faltas.

Estamos tranquillos.

A. FERNANDES S. QUEIROZ.

Melancolia.

Oh! se eu morresse no cahir da tarde,
Da tarde amena, quando a lua vem
Chovendo prata sobre o liso mar,
Trajando as vestes, qu'a pureza tem,

Entam talvez eu merecesse affectos,
D'esses qu' apenas alcancei sonhando;
Talvez um pranto bem sentido, e triste,
Meo frio rosto rociasse brando.

A ti poeta—mais te vale a morte
Na flor da vida — a sepultura, os céos!
Quem sobre a terra te comprehendé as dores?
Teos soffrimentos, quem compreh'ende? Deos!

Sim, venha a morte libertar-me, amiga
Da triste vida, qu'a ninguem commove. . . .
Bem vinda sejas—teo pallor me agrada,
E a crua fouce, que tua dextra move.

E tu sepulchro,—tu gelido, e negro,
Eu te saudó, oh! companheiro pú!
Talvez meos cantos te penetrem o seio,
Pallido affecto, me despenses tú.

Não terá prantos sobre a lisa campá,
Quem peito humano a lhe gener não tem;
Oh! não poeta:—se arvorada chora
Bebe esse pranto, qu'adoçar-te vem.

Inda me resta no correr da vida,
Essa esperanza de morrer. . . a só
Sentida—triste, qu'o soffrer aineiga,
Que segue o homem té fundir-se em pó.

Morra eu ao menos no cahir da tarde,
A hora maga, que se pensa em Deos,
Em que se escuta myst'riosos cantos,
Concertos sacros nos longiquos céos.

Então já queixas não farei da sorte,
Riroi da vida, qu'amargar sentia;
Compensa as dores d'um viver sentido,
Morrer a hora do cahir do dia.

MARIA FIRMINA DOS REIS.

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—1865.

ECHO DA JUVENTUDE.

PUBLICAÇÃO DEDICADA A LITTERATURA.

ELEIÇÕES NOS TEMPLOS.

Traços ligeiros sobre os artigos 42 e 95 da lei de 19 de Agosto de 1840, que designão as Igrejas Matrices do Imperio para o lugar das eleições populares.

VI.

Permitta-se uma digressão.

A Providencia Divina, que vela e cuida das cousas mais insignificantes e mesquinas, aos olhos do mundo, há, de uma maneira prodigiosa, de um modo manifesto, olhado para o Brazil.

«O Brazil, na valente expressão do preclaro autor dos Quadros Historicos, segundo a fé historica d'elle, está predestinado na economia divina para ser o theatro da gloria summa do catholicismo.»

Por certo: permittio Deus que, quando a Europa era abalada por o horrivel monstro da heresia e do scisma, parto exorcizando do impio Lutheró; quando a Egreja, Esposa amada de Jesus Christo, era ameaçada da orphandade de milhares de seus filhos, que se abrigavão á sombra dos pavilhões dos reformados, uma nova geração surgisse no Novo Mundo, para engrassar as fileiras, que a deserção dos renegados enfraquecera.

A Providencia, pois, permittio que uma nação de reminiscencias gloriosas, Portugal, das florestas da America do Sul, fizesse um robusto imperio, e que a arvore da Redempção, a Cruz, lhe desse o nome, e a arvorasse no centro dessas tumbrosas selvas, como o labaro mystico e glorioso dos novos eleitos para a geração do Senhor.

E chamarão cruzeiro a terra hoje Brazil: que, por os eternos e insondaveis decretos da Providencia, era descoberto por

um povo catholico, que lhes legaria em alguma epocha a sua religião. Plantavão-se as sementes da arvore do Golgotha. E as sementes lançadas no regaço d'uma gleba fertil germinavão.

Approximãrão-se habeis operarios, zelosos cultivadores, que trabalhando com denodo conseguirão transformar o terreno grato e sem cultura em delicioso vegetal. E apenas tres seculos se havião decorrido o catholicismo: era uma arvore frondosa, cujos longos ramós projectavam sobre a sua área, e abrangiam todo o ambito do imperio.

A semente acclimou-se; a seiva era pura; a gleba optima; portanto, medrou, desenvolveu e cresceu. A natureza do paiz favoreceu-a. A bondade da semente auxiliou-a.

Assim a religião catholica nacionalizou-se no Brazil, graças os poderosos e ingentes esforços de apóstolos dedicados, e mutua amizade dos poderes, máo grado o facho incendiario da discórdia mostrasse algumas vezes.

A impiedade mais de uma vez quiz tentá-la: dirigio os seus esforços em ordem á baqueal-a; assestou-lhe canhões; os batavos apresentarão-lhe dardos inimigos.

Mas robustos athletas oppuzerão o escudo da fé, e a couraça da palavra; e vencerão. E os inimigos fugirão envergonhados. E a religião triumphou, como sõe triumphar dos seus adversarios.

Assomou um dia, em que este povo reconheceu que se abrigava á sombra da cruz, e que a cruz é a expressão da liberdade: era necessario ser livre: o gigante sacudio as cadeas, e conquistou a autonomia politica.

O Ypiranga fez o Brazil.

VII

Era necessario que ao Brazil se promulgasse uma constituição. Essa constituição devia ser o resultado sasonado de serios estudos, para satisfazer as necessidades dos povos, isto é, da patria.

«Toda a carta, toda a constituição, diz Victor Cousin, não é senão um resumo historico; é o reconhecimento de todos os elementos essenciaes de uma epocha.»

O christianismo era um elemento essencial da epocha da emancipação politica e devia occupar a sumidade da carta constitucional. E assim foi.

E no pacto fundamental do imperio exarou-se o artigo 5º do titulo 1º, no qual, reconhecendo-se a crença dos povos, suas tendencias catholicas, seu ensino, sua tradição, adoptou-se a religião catholica, apostolica, romana, como a religião do estado.

Reconhecer e adoptar uma religião, entendemos nós, como religião do estado, é tornal-a sua para veneral-a, acatal-a, e seguir sem discrepancia os seus dictames; entendemos, que autorisal-a, e jural-a em lei magna do paiz, a carta constitucional, é estabelecer-se uma obrigação; é impor-se um jugo, não só de obediencia voluntaria, mas concorrer, com todas as forças, para a manutenção dessa religião; é, em summa, cercal-a do prestigio e honra, que convem prestar-se ao que é divino.

Adoptando-se estes principios, que serão desenvolvidos diversamente por pessoas de má fé, diremos:

Sendo a religião catholica, apostolica, romana, a religião do estado, e abraçada como tal no pacto fundamental, deduz-se os seguintes corollarios:

1º que ella é a religião dos brasileiros;
2º que ella é a religião do governo;
3º que existe uma lei que isto reconhece;

4º que todos, subditos e governadores, são obrigados em consciencia á respeit-a como *uma lei* do estado.

No primeiro, e no segundo caso está

expressa a soberania religiosa da nação; no terceiro confirma-se essa soberania com uma lei; no quarto, em fim, exige-se obediencia, indispensavel á toda lei, emanada do superior legitimo.

Ora, tudo quanto houver, tendente á destruir e aniquilar, ou enfraquecer e desmoralisar—os resultados que a lei produz, ou a mesma lei—deve ser re-freado, e punido tanto pela generalidade dos brasileiros, como por os órgãos do poder publico.

E' evidente que as eleições populares, feitas no recinto das matrizes, são poderosas alavancas de desrespeito aos templos sagrados; são arietes do derramamento e desmoralisação dos costumes, e enfraquecimento da fé, que convem fortalecer nos povos; são o elemento de discordia, que empede aos povos—conciliar o dever de acatamento aos templos e as suas diurnas profanações.

Logo: por força da logica, e do dever, é indispensavel ao governo, unico competente, afastar de sobre o Brazil, revogando o acto legislativo, essa origem e manancial de males, que presagião a ruina do imperio, e o abalo das nossas crenças.

Demais: uma vez certo, que os brasileiros tem uma religião santa e augusta, como é a catholica, o permittir ultrajar-se essa religião, que todos os brasileiros professão, não é ultrajar a nação, não é feril-a, desrespeital-a em seus mais nobres sentimentos e convicções?

Uma vez certo, que essa religião é a do estado, não é injuriar ao estado, injuriar-do a sua religião? E não pende a responsabilidade dessa injuria sobre os mesmos corpos legislativos, sobre as autoridades constituídas, sobre o proprio throno, por que todos elles prestão solemnissimos juramentos de manter a religião catholica, apostolica, romana?

Ainda uma vez, pois, repetimos, a dignidade nacional acha-se compromettida neste grave negocio, e não é presumivel que os brios de uma nação culta, e os inapreciaveis sentimentos de religião, que

animão os corpos legislativos, continuem nesse estado de torpôr e indiferença em acto, que aliás devia merecêr melhor ponderação.

E' esta uma medida que urge ser decretada por os competentes órgãos do poder e assim esperão aquelles, que tem confiança em Deus; que os nobres senadores, e membros da camara temporaria, longe de contemporisarem com essa iniqua e fatal lei, hajão por bem, attendendo os males pèndentes sobre a nação, dar um corrosivo á essa enfermidade, que ameaça o imperio d'uma lenta sim, mas inevitavel morte.

E não será uma anomalia a existencia de semelhante preceito legislativo, quando consideramos certos usos entre nós?

E', por exemplo, inviolavel o asilo de qualquer cidadão: todo aquelle que pratica disturbios em o lar domestico alheio, será punido por a lei. E viola-se impunemente os codigos divinos, praticando-se na casa do Senhor o que se pejariam praticar nos mais reconditos lugares!...

Um cortejo de honras e isenções circunda os thronos dos reis da terra; a sua pessoa delles é inviolavel; a sua presença respeitada: e a casa de Deus, a Igreja, alcaçar do Senhor dos senhorês, e Rei dos reis, onde tem o seu throno excelso, é franqueada por lei á multidão, para poluil-a com suas profanações!..

Os legisladores todos os dias nos fallão da santidade das leis, do *santuário das instituições*, ao passo que expõe-se ás santas imagens, as venerandas reliquias, ao ultrage e irreverência publica!..

Por certo que estas não são as *immuni-dades*, que os idolatras e pagãos concedião ás cousas divinas, que fazião objecto do seu culto, elles que reservavão para fôro e praças publicas os discursos dos tribunos e as agitações da politica. Por certo que este não é o espirito da Igreja catholica, enunciado por o santo synodo de Trento, cujo luminoso oráculo ja estampamos alhores.

As mais altas conveniencias, pois, re-

clamão um prompto e efficaz meio de arrancar da legislação patria essa excrescência anomala, que profligamos.

E assim cumprir-se-ha uma divida á patria, e aos povos irmãos em religião: á patria, porque ella anhela o seu progresso, pautado por a moralidade de seus membros; e sê na Religião, e em Deus; á ellês, porque venerão as Igrejas, asilos da Divindade, onde as piedosas imagens, as impõnentes ceremonias d'uma liturgia pomposa, a Cruz, symbolo da Redempção o Santo dos Santos, as cinzas respeitaveis dos nossos antepassados; onde, no dizer do chanceller Aguesseau, tudo é cheio da magestade do Deus que se adora.

E assim os laureis gloriosos, que soem cingir venerandas cabeças, adornarão as dos dignos representantes do paiz; e as bençãos da posteridade serão recompensas de tam bella empresa.

VIII

Se o estado deve pèrmanecer em atalaia para velar sobre os materiaes interesses dos povos, o seu cuidado deve ser duplo, isto é, maior, em promulgar são mandamentos, tendentes á melhorar e santificar os costumes; porque estes são o thermometro pelo qual avaliamos da sua civilização: ou, para expresar-nos com um sabio:—a moral de um povo é o pulso, onde a sã politica avalia os symptomas da fraqueza e da força, da prosperidade e da decadencia dos imperios.

A' bem, pois, dos vites intesesses phisicos e moraes, isto é, politicos e religiosos, de toda a nação brasileira, mais de uma voz poderosa, mais de um echo ha repercutido, pedindo a abolição da lei que ordena se fação eleições nos templos. Mas esses clamores mui prudentes são suffocados com o indifferentismo glacial dos poderes politicos, surdos á tam sabias vozes.

Merece menção honrosa o Episcopado brasileiro, essa columna robusta da Igreja. Os prelados do paiz se tem pronun-

ciado contra a abusiva lei, corrupta por a malicia dos homens. Basta lançar-se rapidas vistas em as pastoraes dos Bispos onde lamentão mais de uma vez, que a Igreja de Deus seja de tempos á tempos victima de ferozes assaltos, praticados nos afflictivos dias de conquistas eleitoraes.

O pó do tumulo cobre as reliquias do Santo D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, que, com a piedade de pastor, e heroicidade de Apostolo, fez chegar ao solio do monarcha uma memoria sobre as eleições nos templos. Mas a palavra do Arcebispo não foi ouvida.

O actual Sr. Arcebispo da Bahia em energicas phrases profliga o costume impio das eleições nas Igrejas, na sua segunda pastoral, dirigindo aos seus diocesanos mui salutaes conselhos.

O actual Sr. Bispo desta diocese, em a sua 4ª carta pastoral diz estas palavras: «Não experimentamos quotidianamente a falta de respeito para tudo quanto ha de mais sagrado sobre a terra: a profanação sacrilega dos nossos templos, convertidos em theatros de vaidade, e destinados para as lutas, que chamão politicas, e que tão poderosamente tem concorrido para a ruina da moralidade publica?»

O actual Sr. Bispo do Pará em portaria aos reverendos parochos manda cobrir as imagens de lucto, consumir as especies consagradas, ou afastal-as do recinto das Igrejas matrizes, nesses dias ominosos de eleição, para não serem victimas do desrespeito publico.

O actual Sr. Bispo do Rio Grande do Sul pratica do mesmo modo, temendo, que á face de tam venerandos objectos se pratique a desolação da desolação, por que uma eleição é occasião proxima e opportuna para o ultraje á Deus e aos seus Santos.

E assim os outros membros do brilhante e auspicioso Episcopado do Brazil. É uma prova que não sancionão o desacato arbitrario, mandado por lei. É uma prova que se o Episcopado pudesse reagir até o martyrio o faria.

Portanto, o Episcopado pediu ao monarcha, invocou a sua piedade, excitou-lhe o sentimento religioso; e esta supplica subio os degrãos do throno por intermedio do seu primeiro membro, o metropolitano do imperio.

Portanto, o Episcopado, á nosso ver ainda não merece censura, visto como limitado o seu poder pelos ferreos circulos do regalismo, fez e faz o que pode, e o que pode.

IX.

Vamos concluir.

Pedirão os guardas do deposito catholico; pedirão vozes eloquentes; nós não pedimos: apenas lançamos considerações ou traços ligeiros, delineamos sobre assumpto tam momentoso.

E se supplica é, nós a fazemos em beneficio das familias, dos meninos e do povo em geral.

Supplicamos por as familias, por que sendo ellas como uma Igreja domestica da qual são os paes os pastores e apóstolos, e achando-se elles submergidos nas infrenes lutas partidarias, se esquecem do detrimento, que causão ás suas familias, por o quotidiano exemplo de desmoralisação, que offerecem, polluindo o templo de Deus, onde suas esposas e filhos ouvem os conselhos do sacerdote recebem o corpo de Jesus sob humildes formas eucharisticas; onde receberão-se em os sagrados vinculos do sacramento do matrimonio.

Supplicamos por a infancia, essas vergontes do genero humano, a fim de que desde os verdes annos se acostumem a respeitar o lugar onde recebem as primicias da salvação, e a origem da graça no solemne baptismo. Supplicamos por a infancia, porque «se os meninos, essas tenras plantas não forem opportunamente regadas e fortalecidas com os dictames da religião, ou perecerão desenhadas pela infecção dos máus exemplos e doutrinas, ou não produzirão senão fructos envenenados».

nados, com o opprobrio de suas familias, e deshonra de sua patria.»

Supplicamos per o povo, esse molleso gigante, que (sem as precisas luzes para comprehender a profundeza do abysmo, que preparão com a profanação, *innocentemente* operada, e somente alimentão o seu natural pavor, pavor meitas vezes neutralisado por o vinho e as paixões politicas) trabalha para um futuro terrivel para si, futuro tetrico—o da indifferença religiosa e scepticismo.

Sim: a indifferença, a morte das virtudes, no dizer do Bispo de Troyes, consequencia necessaria da impiedade, má de todos os vicios, vida de todas as paixões, eis o resultado das eleições nos templos!

São as nossas supplicas. Praza aos céus, que um dia, e desse dia já divisemos os horisontes, tenhamos á coptar que—foi um anachronismo, um erro da humanidade fazer-se eleições em templos.

S. Luiz: 1865.

R. Lemos.

A POESIA O «CANTOR DOS TYMBIRAS.»

A nossa patria, que já se vai tornando gigante pela intelligencia, merecerá em menos de meio seculo um laurel perante as muitas nações da velha Europa; e chamará a si sem uma vil usurpação o titulo de uma *nova Grecia*.

O terreno para tanta gloria está preparado, de maneira que ainda a seiva calida por descuido, brota cheia de vigor, como se sobre ella amimasse a delicada e bemfazeja mão do alegre agricultor.

A experiencia tem demonstrado que a intelligencia no terreno brasileiro se desenvolve com rapidez; e com rapidez mostrará o Brazil o seu florão de gloria ao mundo civilisado. Porque se sem constantes esforços, realisão-se mais ou menos os nobres e liberaes fins, que pre-

dominão nos corações brasileiros; se sem haver um verdadeiro esforço para o aperfeçoamento do intellectual, o Brazil prima pelos rasgos de robustas intelligencias, que despertão attenção dos nossos vizinhos, e nos deixão embriagados de contentamento; o que fará quando attingir á seu ultimo gráu de aperfeçoamento!

A gloria do Brazil será infallivel, por que a docilidade de seus filhos, e o dedicado amor pela sciencia, são o prenuncio de um futuro glorioso, que lhe está a sorrir.

Por todos os lados apparecem portentos de intelligencias brasileiras; agora mesmo acabou-se de publicar a poesia o *cantor dos tymbiras*, cujo delineamento revela profundo saber e genio dedicado á linguaagem dos deuses.

O seu auctor o snr. Juvenal Galeno concebendo-a, fez-se conhecido ao mundo *desconhecido*, e deu robustas provas de sua melodia, e da mais insigne proficuidade de que è dotado. O quadro de sua poesia traçado com penna de ouro, tem um deslizar de suavidade, que nos encanta, e faz dar palmas de alegria ao publico apreciador.

O snr. Galeno irmão pela musa do cantor dos tymbiras, ainda quiz prestar-lhe a ultima homenagem com a poesia o *cantor dos tymbiras*, verdadeira e sentida lagrima, que lastima e chora o cantor da *taba*, que como o mimoso passarinho em procura de seu ninho, nas praias desfez-se como vil espuma ao bater das enraivecidas ondas!

Por ella, e em nome da grande tribu do eximio cantor, faz o snr. Galeno desprender das cordas de sua maviosa lyra threnos de corações verdadeiramente doidos; e com vivas cores descreve a alborotada tribu mergulhada n'um turbilhão de dores, pela sentida perda de seu divino cantor.

A escorregadia poesia o *cantor dos tymbiras*, desprende-se dos labios de quem a lê com a mesma doçura que as

aguas a se desluzarem pelo leite de um rio de sedas.

Uma tal poesia em suavidade e originalidade não fica aquem das do cantor, cuja triste sorte lastima com dôr no coração o snr. Galeno.

Pode-se dizer que a poesia o *cantor dos tymbiras*, é o vestibulo de gloria e brilhantismo para seu autor.

Porque se lançamos nossos olhares para o genero de poesia, ahí encontramos a variedade, que é tão applaudida na poesia, de maneira que faz o espirito passar por diferentes saltos, sem que lhe conceda dilação, que o possa afrouxar pela fadiga.

Se d'ahi passamos para o enredo: a profundidade de concepção de um genio agudo e dotado de fertilidade—revela-se; por que sabendo procurar o assumpto, milhor o soube revestir de selectas e delicadas flores, de que só á poetas é permittido usar.

Quando diziamos: que a poesia o *cantor dos tymbiras* era o vestibulo de gloria e brilhantismo para o seu autor, veio-nos á memoria, que era ella antes a consolidação de sua gloria no mundo litterario; bem que ja estabelecida por outros primorosos trabalhos, que não desmentem o terem sahido da mesma penna, que adornar soube a insigne poesia o *cantor dos tymbiras*.

O poeta cearense fez resoar seu echo de dôr, pela perda de Gonçalves Dias; echo de dôr, que nós tambem chamaremos echo de esperança do torrão da Santa Cruz, echo de animação para que o Brazil empunhe seu florão de gloria perante o mundo civilizado.

Avante Sr. Galeno porque tanto lucrará o Sr., como a sua patria.

A gloria bem fundada não estará sujeita aos caprichos do tempo—será esta a vossa divisa.

Confessamos que as poesias do Sr. Galeno nos attrahem como ao iman ao ferro, e insensivelmente nos faz seu entusiasta, do que não nos arrependemos.

Quizeramos fazer uma analyse digna

das poesias do Sr. Galeno, porem vacillando no nosso pouco alcance, cedendo a palma a alguém que mais autorisado esteja, ficando em nós apenas a gloria de iniciativa.

Descalpe o Sr. Galeno se com estas duas palavras, sahidas de um coração que sente verdadeiro prazer em apreciar o merito, ao passo que revolta-se de vêr abocanhado, vamos feril-o em sua santa e louvavel modestia.

S. Luiz—1865.

M. L.

HISTORIA DE UMA CRUZ.

(Conclusão.)

«Eu e Philomena, continuou a velha, eramos felizes! Não desejando condempnar-a somente á leitura dos livros sagrados, quiz tambem que sua alma espantasse nos amenos jardins da litteratura. Comprei-lhe Paulo e Virginia, com que se ella divertia nas horas de recreio e descânço.

«Fiz de sua cabeça o repertorio de idéas simplicés e sãs, fallando-lhe sempre de Deus e de seu immenso poder, e de seu coração o repositorio das mais angelicas virtudes, fazendo-lhe lembrar acções nobres e heroicas d'aquellas sublimes matronas do christianismo; e elle curvava-se docil e humilde aos conselhos que eu com amor desvelado lhe derramava n'alma.

«Assim corriam a minha e a existencia de Philomena. Desoito primaveras entravam-mhe a candida frente de cherubim. E eu a amava tanto!

«Mas ah! senhor, era necessario que eu sorvesse até as fezes o calix do inferno; era mister que eu passasse por mais uma outra prova.

«Philomena era feliz! Mas o anjo da desgraça pairou agourento sobre sua cabeça. A corrupção (não o sei como para mim inda é mysterio!) com seus ardis e alicantinas, pode penetrar o seu leite de innocencia, e conspurcar-lhe as

atracentas roupagens da candura enla-meando-lhe a linda capella de virgem!

E a velha suffocava na fauce o pranto, e o mancebo a acompanhava em sua dor derramando copiosas lagrimas.

E a lua empallidecia seus raios, que descachiam languidos pelas encostas dos montes!

«Philomena viu se desfolharem uma a uma todas as suas doiradas illusões ao vendaval da desgraça, que açoitou rijamente sobre sua existencia.

Cegaram-me, senhor. Não pude encher-gar, nem sequer prever a profundidade do abysmo, para que a conduziam. E ella mesinha imprecavida se deixou grudar no visco que a malicia lhe preparou. Mari-posa descuidosa, adejando em torno da luz, deixou suas candidas azas se cresta-rem no fogo impuro do vicio e das paixões.

«E Philomena se perdeu!

E o mancebo soluçava, e a velha se de-bulhava em pranto!

E a lua escondeo o seu rosto por de-traz de uma nuvem negra, que entenebre-ceu o firmamento.....

«Voltada Philomena á razão, chegou-lhe tambem a consciencia do crime. E ella cravou a cabeça entre os joelhos, e cho-rou como louca sentidas lagrimas de com-punção.

Vira ella com profunda dor murchas em perfumes as lindas flores de sua vida; e ella rebaptisou sua alma no bá-lão do arrependimento.

«Não encarou mais para mim: horri-mente desviou-se de si, e macerava as carnes para a vida á sua alma.

«Applicava-se com admiravel dedica-ção á leitura dos livros santos. Concen-trada em si mesma ella segredava a Deos mysterios que se passavam interiormente; e não os confiava a ninguem.

«Depois notei que suas lindas faces se desmaia-vam, que perdiam o fino carmim, e que eram salpicadas.

«A sua phisionomia se tornava livida e

contrahida, acompanhando a transforma-ção moral, que nella se estava operando. As carnes definhavam pouco a pouco, e se ia debuxando, em seu semblante des-carnado e macilento, a imagem da morte.

«E seus olhos perdiam aquella viveza angelica, e sua boca, a quem desampara-ram os risos meigos de innocencia, aquel-le magico encanto, e seus labios aquelle gracioso carmesim de que eram arrebrica-dos!

«Era um simulacro de belleza!

«Jejuava todos os dias e encomendava sua alma a Deos.

«E suas forças se desgastaram. Era tempo que seu espirito voasse á eternida-de. E seu corpo estendido sobre o leito preparava-se para dar o seu ultimo alento, quando ella me lançou um desses olhares, que traduzem todo o sentimento de uma alma compungida, me pedio a benção e me disse com voz quasi sumi-da: minha terna mãe, perdoa a tua filha, que errou victima de seu orgulho, para não dizer de sua simplicidade e boa fé: perdoa-lhe cá na terra, para que Deos, se condoendo de sua miseria, lhe perdõe tambem na eternidade.... Nisto desce-ram os anjos do céu, e cerraram-lhe le-vemente as palpebras, conduzindo sua alma ao seio do Eterno. e deixando o en-volucro macilento e magro, que aqui jaz, entregue aos vermes que o deviam corroer.

«Eis aqui, senhor, a negra historia des-ta cruz!»

E a velha cahira inanime aos pés do madeiro afogada em pranto a ir fazer com-panhia na eternidade a seu amado Sim-phronio e a sua querida Philomena!

E o mancebo se conservava extatico, immovel e quasi insensivel sem poder mover um passo nem proferir uma palavra.

E a lua conservava sua linda face enco-berta em a nuvem negra, que a enlutára de dor!

Depois, como que acordando de um profundo lethargo o mancebo ergueo os

olhos ao céo e exclamou: Meu Deus! E' verdade que vós escreveis certo por linhas tortas!

Vós bem sabeis que, em um domingo indo eu á capella da freguezia ouvir o santo sacrificio da missa, deparei com um semblante meigo e angelico, que me despertou n'alma o amor mais puro e innocente—e este semblante era o de Philomena. Que tempos depois se espalhára a triste nova de que tinha sido ella victima de uma infame seducção, e que eu protestára vingar, á face dos céos e da terra, a innocencia ultrajada dessa virgem, com quem pretendia fazer uma alliança eterna. Contava apenas nesse tempo doze annos de idade!

Mas ah! Senhor, perdoai-me! Desde já desisto do negro projecto que concebi de tirar a existencia a esse monstro da natureza, que desfez e calcou aos pés a linda capella de virgem, que cingia a candida fronte de Philomena!

Vós sois o supremo juiz—distribui justiça segundo vossa infinita sabedoria, que eu irei carpir longe a minha dor, que não terá fim senão com a morte!

E Florindo ausentou-se do cemiterio merencorio, triste e abatido como se sua alma experimentasse um negro presentimento!

E a lua não mais descobrira seu formoso rosto da baça nuvem, que o occultára, e que ennegrecera o firmamento.

E um moço soltou um piar agudo e agourento, como se fosse um grito de morte!

Oito dias depois os dobres da cathedral annunciavam um passamento! Era a alma de Florindo que se fôra unir á de Philomena na eternidade!

Abril—1848. João Manuel.

Eu te dizia:—Minha vida, escuta,
Ai, nunca esqueças teu leal cantor!

E tu fitando, sobre os meus, teus olhos
Pallida e bella, com gentil langor..
Ai, me tornavas:—Meu amado, escu
Serás tu sempre meu leal cantor!—

Depois sentindo no meu peito o zêlo,
N'alma as angustias pelo teu rigor,
Eu te dizia:—Bella ingrata, escuta,
Assim tu foges do leal cantor!—

E tu fugindo, indifferente, esquiva,
Qual foge a briza, e na corrente a flôr
Ai, me tornavas:—E' teu zêlo injusto.
Amo-te firme, meu leal cantor!—

Depois...depois...desesperado, insano
Vendo-me só...abandonado á dôr,
Eu te dizia:—Que mulher! Te esque
Do que juraste ao teu leal cantor!—

E tu sorrindo com atroz escárneo,
No riso algente de quem foi traidor,
Ai, me tornavas:—Não me culpes...cre
Sou esquecida, meu leal cantor!—

Hoje chorando do desprezo as mago
Chorando os sonhos do trahido amo
Murmuro ás vezes:—Se não fôra ing
Que extremo affecto do leal cantor!—

E tu alegre...e impiedosa passas..
E se me fitas, que mortal rancor!
Mulher, não sabes que perdeste...ai,
Terás quem te ame como o teu cant

Juvenal Galeno

Typ. de B. de Mattos, rua da Paz n.º 7—

